



---

GERANA DAMULAKIS  
(Organização e introdução)

ANTOLOGIA PANORÂMICA  
DO CONTO BAIANO  
— SÉCULO XX —

**ANTOLOGIA PANORÂMICA  
DO CONTO BAIANO  
— SÉCULO XX —**



## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

### **CONSELHO EDITORIAL:**

**DÁRIO AHNERT**

**DORIVAL DE FREITAS**

**ERONILDA MARIA GÓIS DE CARVALHO**

**FRANCOLINO NETO**

**JANE KÁTIA BADARÓ VOISIN**

**LURDES BERTOL ROCHA**

**MARIA DA CONCEIÇÃO FILGUEIRAS DE ARAÚJO**

**MARIA LAURA OLIVEIRA GOMES**

**MOEMA BADARÓ CARTIBANI MIDLEJ**

**PATRÍCIA DA COSTA PINA**

**PAULO DOS SANTOS TERRA**

**REINALDO DA SILVA GRAMACHO**

**ROSANA LOPES**

**RUY LORDÃO NETO**

Organização e Introdução de  
GERANA DAMULAKIS

**ANTOLOGIA PANORÂMICA  
DO CONTO BAIANO  
— SÉCULO XX —**



Ilhéus, Bahia  
2004

©2004 BY GERANA DAMULAKIS  
DIREITOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA CEDIDOS À  
EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
FEITO O DEPÓSITO LEGAL.

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**  
PAULO GANEM SOUTO - GOVERNADOR

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**  
ANACI BISPO PAIM - SECRETÁRIA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**  
ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR  
LOURICE HAGE SALUME LESSA - VICE-REITORA

**EDITUS - EDITORA DA UESC**  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (073) 680-5028 - Fax: (073) 689-1126  
<http://www.uesc.br> e-mail: [editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

DIRETORA DA EDITORA  
MARIA LUIZA NORA

PROJETO GRÁFICO  
GERALDO JESUÍNO - UFC

ILUSTRAÇÃO DA CAPA  
ALENCAR JÚNIOR

**EQUIPE EDITUS**

**DIRETOR DE POLÍTICA EDITORIAL:** JORGE MORENO; **REVISÃO:** MARIA LUIZA NORA; **SUPERVISÃO DE**  
**PRODUÇÃO:** MARIA SCHAUN; **COORD. DE DIAGRAMAÇÃO:** ADRIANO LEMOS; **DESIGN GRÁFICO:** ALENCAR JÚNIOR.

FICHA CATALOGRÁFICA  
ELABORADA POR SILVANA REIS CERQUEIRA  
CRB5/1122

A634 Antologia panorâmica do conto baiano : século XX / organização e introdução de  
Gerana Damulakis. – Ilhéus, Ba : Editus,  
2004.  
366p. – (Coleção Nordestina, 37)  
ISBN 85-7455-060-4

1. Contos baianos. 2. Contos baianos –  
Século XX. 3. Contos – Antologia. I. Damu-  
lakis, Gerana. II. Série.

CDD 869.9308142

# **SUMÁRIO**

## **ESTANTE COM MAIS VIGOR**

Jorge de Souza Araujo

11

## **INTRODUÇÃO DA ANTOLOGIA LITERÁRIA PANORÂMICA — CONTOS DO SÉCULO XX**

Gerana Damulakis

13

## **UM CORPO SEM NOME**

Adonias Filho

17

## **NEM COM UMA FLOR**

Afrânio Peixoto

25

## **NO POUSO**

Alberto Rabelo

31

## **A ÚLTIMA PARTIDA**

Aleilton Fonseca

35

## **RUÍNAS**

Álex Leilla

44

**VOLUPTUOSAS**

Almachio Diniz

51

**A GRINALDA NUPCIAL**

Amélia Rodrigues

57

**SEGUNDO NEGO DE ROSENO**

Antônio Torres

79

**O MORTO ROGACIANO**

Aramis Ribeiro Costa

84

**A DOCE LEI DOS HOMENS**

Ariovaldo Matos

93

**O ASSALTO**

Carlos Ribeiro

101

**INOCENTES E SELVAGENS**

Cyro de Mattos

108

**CHEIA GRANDE**

D. Martins de Oliveira

117

**UM SIMPLES FAROL NO MAR**

Dias da Costa

131

**TESOURAS DE OURO**

Elieser César

138

**O BAILE**

Elvira Foepfel

144

**ÚLTIMA CAÇADA**

Euclides Neto

154

**O VELHO SOUZA**

Flávio Costa

158

**À ESPERA DO TORNADO**

Gláucia Lemos

165

**SORRISO DE VITRINE**

Guido Guerra

168

**VENTO VENTANIA VENDAVAL**

Helena Parente Cunha

174

**FÜR ELISE**

Hélio Pólvora

180

**ARMADO CAVALEIRO O AUDAZ MOTOQUEIRO**

Herberto Sales

192

**O RABO DA SEREIA**

Ildásio Tavares

197

**O SENTINELA**

James Amado

207

**MORTE NO TRAPÉZIO**

João Carlos Teixeira Gomes

218

**O SANTO QUE NÃO ACREDITAVA EM DEUS**

João Ubaldo Ribeiro

225

**DE COMO O MULATO PORCIÚNCULA**

**DESCARREGOU SEU DEFUNTO**

Jorge Amado

238

**A NOIVA**

Jorge Medauar

248

**O MISTERIOSO CASO DA VIDA  
E DA MORTE DO COMENDADOR BOREL**

Luís Henrique Dias Tavares

253

**O PASSEIO DE MARIA**

Maria da Conceição Paranhos

271

**PÉS QUENTES NOITES FRIAS**

Mayrant Gallo

276

**O PECADO VIAJA DE TREM**

Nelson Gallo

281

**O PATRIARCA**

Noênio Spínola

292

**PACCAVI**

Pedro Calmon

305

**CONDE**

Ricardo Cruz

311

**O VENTO NO TAMARINDEIRO**

Ruy Espinheira Filho

320

**UMA MULHER SEM NENHUMA IMPORTÂNCIA**

Sônia Coutinho

327

**JEAN LE CORSE**

Waldir Freitas Oliveira

335

**A DERROTA**

Vasconcelos Maia

340

**A NOIVA DO GOLFINHO**

Xavier Marques

351

## ESTANTE COM MAIS VIGOR

A origem e o destino das antologias literárias no Brasil permanecem matéria explosiva. É próprio delas (na sua enorme maioria, ou quase totalidade) expor lacunas, movimentar desconfortos, animosidades, espicaçar conjecturas sobre escolhas, ausências, dinâmica de organização etc., o que sempre confirmará o óbvio: que todas – absolutamente todas – obedecem ao crivo da razão, do sentimento e gosto pessoal do antologizador, mesmo o mais bem intencionado dos seres. Algumas ficam como marco ilustrativo da produção literária de uma dada geografia humana, cuja evolução psicológica acentua (às vezes, até determina) o manancial de traços estilísticos e temáticos, impondo qualidades expressivas a um cerrado universo de densidades que o tempo não apaga. Outras perfilam um roteiro previsível da rama mais ou menos coincidente das exposições e cacoetes...

Esta *Antologia panorâmica do conto baiano: século XX*, com organização e nota introdutória de Gerana Damulakis, carrega consigo um primeiro valor, inquestionável, que é o da apresentação em perspectiva da prática do gênero conto na Bahia. Sua forma panorâmica talvez devesse apreender um sentido e distribuição diacrônicos, evoluindo do mais antigo ao mais recente contista, justamente para municiar o leitor de um olhar retrospectivo e prospectivo a propósito da evolução estética do conto entre nós – gênero que alcançou um prestígio extraordinário nos anos 70/80 e vem dando ultimamente sinais de combalimento, o que antologias como esta podem reorientar, tornando nítido, ao lado de uma proposta revisora, um signo afirmativo de revitalização. Afinal, novos olhares sempre impõem renovados imperativos estéticos.

A opção de Gerana Damulakis foi pela apresentação dos contistas na ordem alfabética dos nomes, o que, se traduz uma certa convencionalidade de disposição, também terá o mérito de fundir estilos e épocas distintos, reunindo um autor dos começos do século, oriundo das tendências do conto na feição finissecular do 19, como Almáquio Diniz ou Afrânio Peixoto, ao produtor de linguagens mais contemporâneas, a exemplo da voz feminina de Álex Leilla, da presente geração de novos e novíssimos. Os contos exprimem desde um ríctus iniciático e patético, presente no drama sentimental e amoroso no conto (longo demais, lugar-comum demais) de uma Amélia Rodrigues aos modernos experimentos psicológicos, fabulário memorial, imaginário disperso na mais múltipla e polimórfica das experiências, onde a realidade nem sempre é o que mais importa, mas sua transfiguração. Dizemos *lugar-comum* e não apenas do ponto de vista da técnica ou da linguagem, lembrando-nos que a verdadeira essência do lugar-comum é a

sua previsibilidade na expectativa do leitor, o que torna o mais astuto construtor de best-sellers um paxá de sabedoria altamente rentável.

Os méritos desta antologia são muitos, a começar pela variedade de estilos, motivos temáticos, enfoques discursivos, modelagens estéticas, obedientes (na inconsciência dos influxos) às seculares matrizes determinantes do conto, de Tchécov a Maupassant, de Poe a Machado de Assis, passando por outros notáveis brasileiros no gênero, em concepção moderna, como Aníbal Machado, Alcântara Machado, Clarice Lispector, Samuel Rawet etc. O volume não privilegia nenhum deles, mas os impõe ao gosto do leitor, que processará naturalmente sua seleção afetiva em função de cada singularidade de aferição leitora. Alguns se destacam pela surpresa de um quase ineditismo, como é o caso de D. Martins de Oliveira e um conto magistral ambientado nos sertões baianos, “Cheia Grande”. Os demais se nivelam em qualidade e em substância de uma contística que não empalidece se posta em confronto com outras produções do modelo e certamente corrige, como admoesta a organizadora, as já corriqueiras injustiças em publicações de cunho nacional, que compreendem *nação* somente a partir da estreita geografia do maximizado Centro-Sul.

Uma medida se impõe, ao nosso ver, no feito desta obra, que ampliaria o espectro de seu valor incontestado. A atualização da grafia dos contistas mais antigos. Sem que tal lacuna faça supor a *Antologia panorâmica do conto baiano: século XX* perdendo seu prazo de validade, tal preenchimento cobriria de alcance ainda maior o esforço de completar a estante de outras antologias consagradas como *Panorama do conto baiano*, organizado por Vasconcelos Maia e Néelson de Araújo, os *Doze contistas da Bahia* (org. Antonio Olinto), o *Conto baiano contemporâneo* (org. Valdomiro Silveira), o *Moderno conto da região do cacau* (org. Telmo Padilha) etc.

E para não fugir à praxe nem dizer que esta presente antologia não padece de ausências, lembraríamos nomes nela faltantes: Sabino de Campos (autor de *Contos da terra verde*), Néelson de Araújo, Asclépios Ferrer, Santos Moraes, Almir Vasconcelos, Fernando Ramos, Olney São Paulo, David Salles, Marcos Santarrita, Roniwalter Jatobá, Judith Grossmann, Khrisnamurti Góes dos Anjos, Luiz Afonso Costa, Altamirando Camacan, Ruy Póvoas, Oleone Coelho Fontes, Luiz Garboggiani Quaglia...

Mas estes integrarão a próxima, tenho certeza, quando conheceremos novo suprimento de ausências...

Jorge de Souza Araujo  
Escritor e prof. de Literatura

## INTRODUÇÃO DA ANTOLOGIA LITERÁRIA PANORÂMICA — CONTOS DO SÉCULO XX

A proposta deste trabalho é apresentar um painel de contos antológicos que foram publicados no século XX. Haverá faltas, como já é praxe nas antologias, mas a pesquisa colheu nomes e contos importantes da literatura baiana. A justiça também esteve presente; aqui não há ausências justificadas por desafetos, assim como não foram deixados de fora escritores ou escritoras, porque a organizadora não aprecia seu estilo, ou seus temas. A lição sobre do que se trata uma antologia panorâmica foi aprendida e tomada do professor Hildeberto Barbosa Filho, da Universidade Federal da Paraíba.

O ensaísta paraibano, Mestre em Literatura Brasileira, em sua reunião de ensaios críticos *As Ciladas da Escrita* (João Pessoa: Idéia, 1999), define as antologias literárias panorâmicas como aquelas que objetivam dar uma visão global da produção literária local, desde os seus momentos iniciais definidos (começo de um século, por exemplo) até o momento de sua publicação, ou outro momento datado pelo organizador. Tais antologias assumem o caráter meramente documental quando, na verdade, seu objetivo não vai além da preocupação em reunir os autores e seus respectivos trabalhos de um ponto de vista sistematicamente cronológico e evolutivo. A pretensão, portanto, é cobrir a produção literária como um todo dentro de um século. Ainda com Hildeberto Barbosa Filho, temos a divisão das antologias

literárias panorâmicas em documentais e didáticas; ambas são maneiras lógicas de se ter acesso ao *corpus* literário de uma determinada sociedade ou de uma determinada época, pois que devem ser motivo de consulta preliminar a qualquer estudo. Seus serviços como documento histórico-literário respaldam a pesquisa especializada.

Ainda se pode dizer das antologias que elas dão uma visão sistemática de conjunto, uma visão primeira sobre determinada produção literária, com suas características e contornos específicos; daí, sua indiscutível relevância. Por outro prisma, se considerarmos a dificuldade de acesso às fontes históricas e críticas e a falta de dinamismo do que Hildeberto Barbosa Filho chama de “sistema literário”, ou seja, a política editorial com suas tiragens mínimas, com as ineficazes distribuição e circulação, que resultam na falta de divulgação dos livros e autores, então, contando ainda com a inexistência de segundas, quanto mais terceiras ou quartas edições dos livros, o que se conclui é que a primeira (e única) edição se esgota e vira raridade.

Nesta panorâmica podem-se encontrar algumas raridades e, seguramente, muitos contos antológicos; antológicos no sentido que os gregos usam: inesquecíveis. Mas, em suma, o que tornará um conto antológico é o tempo, é a lembrança através do tempo e, assim, ele alcançará o rótulo de conto inesquecível. Ênfase que é razão de orgulho a inclusão das raridades. O leitor atento saberá identificá-las.

Apesar de vir produzindo contos de qualidade literária há um século, a contística baiana não tem tido a divulgação e a notoriedade que merece, haja vista a sua exclusão nas antologias que pretendem mostrar o melhor do conto brasileiro. Excetuando-se os escritores que residem no Centro-Sul do país, não encontramos um autor baiano nas listas daqueles que escreveram as jóias do século XX. Mas a Bahia segue praticando o gênero com qualidade inquestionável desde Xavier Marques, nascido em 1861, na Ilha de Itaparica, e há cada vez mais contistas; é certo que o conto é o gênero mais realizado depois da poesia. A Bahia é tida como a terra dos poetas; atualmente, é, sem dúvida, também a terra dos contistas.

Alguns dados sobre a situação no tempo e no espaço estão apresentados, mas não foi levantada porque, para tanto, dá conta da biografia e da bibliografia a *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, editada pelo Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras.

Gerana Damulakis

## UM CORPO SEM NOME

Adonias Filho

Eu a vejo e parece que vem de longa viagem. O Largo da Palma, tão quieto e assim vazio de gente, talvez seja agora o mais tranqüilo recanto de Salvador da Bahia. A tarde se acaba, é verdade, mas a noite ainda não chegou. E porque me encontro aqui, quem sou, isto não importa. O que realmente conta é que estou na esquina de Bângala, de pé e a fumar, buscando trazer a paz do largo para mim mesmo. As árvores, as lâmpadas fracas nos postes de cimento e o vento manso. O largo seria apenas isso se não fosse a mulher que vem tropeçando muito, talvez bêbada ou uma epiléptica, quase a alcançar a escadaria do pátio da igreja. Cai, estremecendo, em silêncio .

— Misericórdia! — exclamei, já a correr, aproximando-me.

E, mal me debruço para acudi-la, não tenho dúvida de que está morrendo. Dois ou três minutos de vida, no máximo. E penso que, se tentar erguê-la, morrerá em meus braços. Debruço-me um pouco mais esforçando-me por levantá-la. Os olhos se escancaram, e respiração falta, uma golfada de sangue preto. E, porque sei que está morta, recoloco-a no chão, com cuidado, como se temesse feri-la.

Então, erguendo-me, sem saber como se formou e de onde tantas pessoas teriam vindo, vejo a pequena multidão.

— Que foi? Como foi? — as perguntas que escuto.

É possível que toda aquela gente estivesse na igreja. É muito possível porque, ao correr para socorrer a mulher, no Largo da Palma não havia mais que duas ou três pessoas. Sim, saíram da igreja e tanto assim que todas as portas estão abertas. E a maior prova, é que, agora ao meu lado, o próprio padre acaba de chegar. Vendo a mulher deitada, morta, pede a um velhote — o sacristão, talvez — que vá buscar algumas velas. Aqui permaneceço, sempre a fumar, à espera das velas e da Polícia. Sou a testemunha e, se ela morreu em meus braços, tenho que dizer como aconteceu.

Há a bolsa de couro, no chão, ao lado do corpo. Usada, gasta, suja. Aí, junto aos pés, é como uma parte do corpo que deve guardar os pertences da mulher. Lenço, batom, pente, perfume e mesmo algum dinheiro. A carteira de identidade, certamente. O endereço, claro. A minha curiosidade, porém, não será satisfeita enquanto a Polícia não chegar. E, se tenho que esperá-la, revejo mais uma vez, com detalhes, o que já vi: a mulher no calçamento, morta, indiferente ao mundo.

O silêncio, agora. Calaram-se os rádios e, na multidão em redor, ninguém falava. É a morte, eu sei, a morte que sempre assusta os vivos. E, porque os pombos e as árvores estão quietos, o próprio Largo da Palma parece respeitar a morta. As velas, já acesas, em torno do corpo. Magro é o rosto, as órbitas fundas, os cabelos grisalhos, a boca murcha com três cacos de dentes. Os braços tão secos quanto os seios e as pernas. O vestido tão imundo que difícil saber se azul ou cinza, enorme e frouxo na cintura, descosido nas mangas. Tudo isso me diz que houve fome e muito cansaço.

— E por que a Polícia demora tanto? — a voz, que escuto, é de mulher.

Escuto a voz, é verdade, mas é como se não a ouvisse. A morta, ali no chão, me leva tão longe no tempo que revejo o corredor,

estreito e comprido, na penumbra. O fio vinha do alto e a lâmpada tão fraca que era menos que a luz de uma vela. Oito ou dez quartos, de um e de outro lado, como cárceres numa prisão. Ali as mulheres se deitavam com os homens e, quando o colega do armazém me levou pela primeira vez — para que, pela primeira vez, me tornasse homem no corpo de uma mulher —, vi alguém como esta que acabou de morrer no Largo da Palma. Rude, muito mais velho do que eu, aquele colega. E por isso veio sem preparação o convite me fez:

— Você quer ir a uma casa de mulheres?

O pequeno salão embaixo, a escada que levava ao corredor e aos quartos no andar de cima, tudo num sobradinho da Ajuda. Gordalhona e esbranquiçada, sempre com uma rosa vermelha nos cabelos compridos e ruivos, cercada e protegida por três grandalhões, aquela dona mandava na casa como uma rainha. Explorava as mulheres e as bebidas. Ao chegarmos, logo nos sentamos e bebíamos a cerveja já com duas mulheres, em nossa mesa a pobre veio dos fundos. Uma pobre dentre as mais pobres do mundo, eu pensei.

Tinha precisamente esse corpo e esse rosto, o mesmo vestido e os mesmos sapatos, em tudo igual à morta, que aqui está nas pedras do Largo da Palma. Tinha um pouco mais, é certo. E isso porque, se tinha um xale em torno do pescoço, não tinha uma bolsa de couro. Conversas em tom alto, risos, o fumaceiro dos cigarros. E de repente, ao aproximar-se da porta da rua, a caftina fechou a saída com o corpo de cem quilos para exclamar aos gritos:

— Escute aqui!

Todos se voltaram, agora em silêncio, e viram que a pobre se encolhia como querendo desaparecer. Os braços caídos tremiam as mãos, os olhos suplicavam. Sobreveio, então, a tosse.

— Olhe, escute aqui! — a caftina gritava. — Se você não arrumar um homem, vai dormir na rua. Dormir e morar na rua! Entendeu?

Lágrimas e a tosse, envelhecida e feia, um esqueleto de tão magra. Tuberculosa, talvez. O colega, que parecia conhecer a grandalhona de perto, cochichou-me que assim eram expulsas as mulheres já sem atrativos. Aquela, pelo que se via, já não tinha coisa alguma, nada, nem mesmo uma cama para dormir. Esperasse, esperasse um pouco, que a cena prosseguiria. Acendi um cigarro, sentindo-me tão humilhado quanto a pobre, e logo a caftina acrescentou:

— É melhor sumir de uma vez. Sabe? Você já não dá no couro! — e, com a voz sempre alta, correndo o olhar pelo salão, indagou — Algum homem, aqui, que queira esta mulher?

Não podia dizer que fosse um homem como o colega e os outros que ali estavam. Sentados, bebendo e fumando, quase todos tinham mulheres nas mesas. E os que não tinham, dando de ombros, mal se moveram nas cadeiras. A pobre, de pé, o xale em torno do pescoço, quanto mais se esforçava para conter a tosse, mais tossia como uma tísica. Não, eu não podia dizer que fosse um homem! Não podia mesmo porque acabara de fazer dezoito anos.

— Vá , vá embora! — a caftina exclamou, expulsando-a.

Dezoito anos, pois, a minha idade. Junto, abraçando-me, a mulher que me levaria ao quarto e tão jovem que teria a minha idade. Loura e bonita, os cabelos corridos, os lábios finos, os seios pequenos e cheios, muito azul nos olhos. Não a vi, nem a ela nem ao amigo, quando me levantei. E, ao levantar-me, já gritava:

— Eu quero esta mulher!

Hoje, quarenta anos depois, ainda revejo o assombro na cara da caftina. Avancei para a pobre e, segurando-a no braço, a levei, não para a escada que conduzia ao andar de cima, mas para a rua. No Terreiro de Jesus, meia hora depois, sentados em um dos bancos da praça, vi de perto o seu olhar vazio. E ouvi, para não mais esquecer, tudo o que disse:

— A morte deve ser melhor que a vida — beijou-me a mão e ergueu o rosto. — Deve ser muito melhor mesmo porque não há medo nem fome

E, se é a hora das crianças no Largo da Palma, por que elas aqui não estão? O corpo nas pedras e as velas acesas, aí está a resposta. Eu, que o conheço na intimidade pois nele vivo há mais de vinte anos, sei que está é a hora das crianças. Vêm de todos os lados — das ruas mais perto, dos becos e das ladeiras — para a gritaria nas brincadeiras. Compram pãezinhos de queijo, saltam e correm, substituem os pombos no pátio da igreja. Agora, porém, a morta no calçamento as expulsou e, sem as crianças, como que ocupa o largo inteiro.

— A Polícia está chegando — alguém avisa.

A pequena multidão recua, o círculo é o mesmo, a curiosidade em todos os olhares. Apresento-me aos policiais porque sou a testemunha. E digo que vi quando ela entrou no Largo da Palma, tropeçando, para morrer em meus braços. O inspetor ordena que a ponham no rabeção e pede-me para acompanhá-lo ao necrotério e à Polícia. Desfaz o pedido, porém, ao saber quem eu sou. Não há necessidade em acompanhá-lo e, já que me apresentara como testemunha, seria avisado, qualquer dia, para o depoimento. Afinal, como era fácil verificar, um caso tão simples que não chegava a ser um caso.

— Eu a vi cair e morrer — digo, espaçando as palavras, como a convencer o inspetor. — Tenho, agora, a minha curiosidade e, por isso, gostaria de ir com o senhor.

— Isto não custa nada — o inspetor responde. — Vamos!

Aqui estamos, agora, no necrotério. O médico, que vê a morta ainda na maca, fita-a com curiosidade muito maior que a minha. E, como a adiantar o exame e o laudo, observa secamente:

— Tóxico.

— Foi no que pensei — o inspetor diz. — E no que pensei logo a vi, lá, no Largo da Palma.

Nua na mesa de mármore. O inspetor, para buscar-lhe o nome e inscrevê-la no registro do necrotério, abre a bolsa de couro. A mulher, a sua bolsa, um caso simples. O caso poderá ser simples mas, para mim, não há vidas simples. Não é improvável, pois, que tenha havido alguma coisa maravilhosa, mesmo fantástica, na vida que se

acabou no Largo da Palma. E talvez as revelações, começando com a identidade, se ampliem no que o inspetor possa encontrar na bolsa.

— E então? — eu pergunto ao inspetor.

Estamos na ante-sala onde o médico realiza a autópsia. O inspetor, enquanto aguarda o resultado, abre a bolsa e a esvazia pondo todos os objetos na mesa. Não, não há carteira ou documento que estabeleça a identidade da morta! Não é pouco, porém, o que se encontra. Um pente, um lenço de linho, um maço de cigarros e uma nota de dez cruzeiros. E não é pouco porque aqui também estão uma caixa de fósforo e uma saboneteira de plástico. Na caixa de fósforo um pó branco que o inspetor logo reconhece como cocaína. E, para nossa surpresa, mais de dez dentes de criatura humana na saboneteira de plástico.

O momento exato em que, abrindo a porta, o médico reaparece. Tem as mãos nas luvas de borracha e não esconde a satisfação por ter acertado, à primeira vista, ser aquele um caso de tóxico. Aproxima-se e, ao ver a caixa de fósforos com o pó na mão do inspetor, diz sem hesitação:

— Tóxico — e repete — foi o tóxico.

O inspetor repõe os pertences da morta na bolsa de couro e, levando-a consigo, pede ao médico que não demore em enviar oficialmente o laudo. Antes de sair, tendo-me ao lado, avisa aos funcionários do necrotério que por falta de identidade, o corpo deve permanecer na geladeira para o reconhecimento.

— No gelo, pois, até o prazo da lei — estas, exatamente as palavras do inspetor.

Hoje, dois meses após a morte da mulher, o Largo da Palma já esqueceu o porquê, velho como é, não tem memória para todos os acontecimentos. Não deve sequer lembrar-se de quando levantaram as casas mais baixas e estreitas, estas telhas tão pretas quanto o tempo, com o verde e o azul em tintas fortes ocultando as cicatrizes e as rugas. E, certamente, não se lembra de quando foram plantadas as árvores e

chegaram os primeiros pombos. Vendo-o agora, nesta penumbra que sempre avisa a aproximação das noites na Bahia, com a igreja vazia e os sobradinhos em silêncio, penso na mulher que morreu em meus braços. Ela, a pobre, pareceu-me que vinha de longa viagem.

Muito perto estou da “Casa dos Pãezinhos de Queijo” e, talvez por isso, o ar cheira a trigo. Há, porém, o incenso que vem da igreja. E não tenho dúvida de que esta mistura de trigo e incenso foi o que atraiu a mulher para morrer, aqui, no Largo da Palma. Ontem, quando encontrei o inspetor na Rua Chile, quase dois meses após o meu depoimento na Delegacia de Polícia, ele me informou das principais conclusões do inquérito.

— Era aquilo mesmo — o inspetor disse. — Uma viciada em tóxico.

— E que mais? — eu indaguei. — Como se chamava? Alguém a reconheceu?

— Não ninguém a reconheceu! Foi para o cemitério como a morta do Largo da Palma. Apenas isso

Calou-se, o inspetor, por um momento. Fitou-me nos olhos, um pouco desconfiado, como se eu já não tivesse percebido que ele pintava os cabelos. Um policial idoso, quase na aposentadoria e que, por isso mesmo, deveria ter longa convivência com o mundo e os mistérios. Um homem dos detalhes, sem dúvida. E tanto que, sem que eu perguntasse, esclareceu as dúvidas que subsistiam.

— Ela tinha o tóxico em todos os poros — ele disse. — O tóxico que corria no sangue. Uma viciada!

E, por temer que ele esquecesse, indaguei:

— E a saboneteira com todos aqueles dentes? Vocês, da Polícia, conseguiram decifrar o enigma?

— Ah, sim, a saboneteira!

— Decifraram? — perguntei novamente, insistindo.

— Os dentes eram dela mesma e isso ficou provado — o inspetor respondeu. — O que jamais se saberá, porém, era porque tomava-os ao dentista para colecioná-los. Os seus próprios dentes!

E, despedindo-se, acrescento :

— Foi tudo que conseguimos apurar.

Agora, desfeita a lembrança do inspetor, fechada a “Casa de Pãezinhos”, já o incenso não escapando da igreja, a noite avançou tanto que os gatos não tardarão a aparecer. Eu os conheço, esses gatos. No verão, quando o mormaço baiano me acorda muito antes da madrugada, venho à janela para vê-los. E naquelas poucas horas se tornam os donos do largo porque os homens e os pombos estão dormindo. Sim, eles os gatos, estão chegando agora. Saem das esquinas e de alguns telhados para o encontro de todas as noites. E assim, vendo-os do meu canto, mais uma vez penso na morta.

Pareceu-me que, ao entrar no largo, vinha de longa viagem. Certeza tenho agora de que vinha de tão longa viagem, mas de tão longa viagem que a morta não a interrompeu. Em delírio, já criatura de um mundo que não o nosso, entre cores e luzes, a morte não a matou porque morreu fora do corpo. E, por isso, não morreu no Largo da Palma.

In: *O Largo da Palma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, 102 p.

Adonias Filho (Itajuípe, BA, 1915 — Ilhéus, BA, 1990).

Obras, entre outras: *Corpo vivo* (1962); *O forte* (1965); *Luanda Beira Babia* (1971).

## NEM COM UMA FLOR

Afrânio Peixoto

Quando, às cinco e meia, ia entrando na Lalet, saíam José e Stela, que me fizeram a acolhida amável de sempre.

— Chegou tarde, disse ela, para assistir a uma cena de romance, não dos que você imagina, mas dos que a vida improvisa. Olhe, o seu amigo ainda está comovido...

De facto, José estava pálido e o gesto ainda trêmulo.

— Pois vamos tornar a tomar chá, e vocês me contarão...

Não aceitaram. Tomaram um carro e me meteram dentro dele. Tive de ouvir a história, em vez de meu chá. O romancista é um *repórter* sentimental.

... Estavam tranqüilamente, entre chávenas e torradas, sentados a uma mesa próxima, onde se achava só um cavalheiro, se acercaram duas senhoras. Notaram que apesar das maneiras e compostura de *gentleman*, ele não se levantara, á recepção, e apenas indicará, ás recémvindas, duas cadeiras próximas.

Uma delas, mais moça, quasi bonita, abriu a bolsa e tirou um papel, desdobrando-o, como lhe mostrando a letra, ou assinatura. O sujeito meteu a mão á carteira e daí tirou também um papel.

Trocaram os dois papéis e a senhora imediatamente rasgou o que recebera, em pedacinhos, que encerrou depois na sua bolsa. Isto feito, chamou a atenção do cavalheiro, que lhes vai ao encalço e, no corredor central, á altura da balaustrada, atingindo-as, com a mão aberta aplica, á que lhe falára, o castigo infame e bárbaro de, umas sobre as outras, bofetadas... Ela as recebe todas, sem gritos, sem reação, apenas mais apressada, até á porta, concertando o cabelo e o chapéu, e ganhando finalmente a rua. A outra mulher, dama de companhia talvez, limitou-se apenas a agarrar a mão da companheira, para ganharem um veículo. O homem deteve-se á porta, e volvendo, encontrou já próximos, numa expectativa de agressão, vários homens, até José, que só não intervierá pela rapidez da scena e inermidade da ofendida, que apressara o seu castigo, não reagindo a ele.

— Imagine, interrompeu Stela, se o homem está armado e investe contra os que o cercaram. José estava na frente...

— Amanhã os jornais diriam que um marido enganado, depois de castigar a esposa, lhe havia alvejado o amante, e estava o José *classé* D.Juan...

Após um meio sorriso sem graça, o “ex-futuro Don Juan” continuou:

— Cada qual, sem palavras, em alguns segundos, recuou para o seu lugar; o combate cessára, por falta de combatentes; não iríamos protestar agora, se a interessada recebera sem protesto; mas o pseudo *gentleman* leu em todas as faces a mesma reprovação tácita... “Bárbaro! Numa mulher não se bate, nem com uma flor!”

O homem compõe-se, paga o seu débito, e vai sair, quando nos mira, e, de chapéu na mão, se aproxima. José levantou-se. Para dele ouvir:

— Cavalheiro, não nos conhecemos. Não conheço a ninguém nesta sala. Mas, ao menos, a alguém, quizera justificar-me, uma vez que não posso falar para todos; excusar-me da violência, desta scena penosa.

Oferecemos uma cadeira e o homem continuou a falar, feita uma pequena pausa emotiva. Era um carioca exilado, de há muito,

em contínuas viagens, desde que lhe falecera a mulher cujo luto ainda trazia, “traria sempre”, disse ele, abaixando os olhos e a voz, numa contrição afetiva. Desfizera a casa, e até uma filha entregara a um colégio, na Tijuca. O Rio lhe era a esposa, e esta desaparecera. Fora buscar distrações no mundo. Cartas, presentes, cuidados, visitas rápidas ao passar pelo Rio e a filha ia ficando moça, galante, exigente. Mas sem a mulher, já sem amigos, não bastava esse carinho, para prendê-lo. Nova viagem...

“Agora, porém, fora decisiva a exigência dela, da filha por uma casa, um lar, onde ela pudesse, solícita, cuidar-lhe da velhice próxima ou viesse a achar por uma vez, a felicidade de amar. Não era justo passar a vida num colégio... ou de déu em déu...

Tomara casa, dama de companhia e se instalara luxuosamente com essa filha. Costumes modernos, *dancings* nos *clubs* de *sport*, cinemas, banhos em Copacabana, uma multidão de raparigas e de rapazinhos em torno... “Sobretudo se aproximára, até passar dias e noites em nossa casa, esta que me viram castigar, há pouco não me pareceram convenientes. Tentativas amáveis para comigo, proteção dispensada a minha filha para passeios, encontros, festas. Indaguei quem era, e soube: família não recomendável, muito “saída”, vários *flirts*, e auxiliar de *flirts* de varias amigas. Uma intrigante.

“Chamei a atenção de minha filha para essa companhia que lhe não convinha: tive, em resposta, defesa calorosa, obstinada, lagrimosa, mas a continuação das relações desaconselhadas... A uma ousadia maior em minha casa, vários rapazinhos convidados por ela, á minha revelia, e que encontrei no meu lar nas delicias desse alcoolismo crepuscular que chamam “cocktail”, acompanhado de “encostos” e “pegações”, - o que os americanos chamam a *petting-party*... me fizeram significar-lhe que não lhe queria mais as relações. Ficava-lhe proibida a minha porta. Entretanto, vi-a uma vez aqui, na Lalet, com minha filha... Cena doméstica, revolta, rebeldia, lagrimas, promessas, e, com certeza, reincidência. Outras scenas e finalmente, um dia destes, uma carta: deixava-me, em busca da felicidade, com

Fulaninho de tal, que sabia não quereria para genro, mas era o seu amor... Ia viver a sua vida...

“Avaliem o desespero a um tal acontecimento. Um chamado ao telefone. Era a amiga, que me pedia para ouvi-la. Não me guardava rancor. Desaconselhara a minha filha a este passo. Agora, um escândalo, polícia, seria desastre maior. Já se certificára do engano. “Ele”, porém, era um “pirata”, um “bandido”, “gigolô profissional” — textual... é a terminologia delas e da época — e exigia vinte contos, para desaparecer... Era preciso salvar fulana, minha filha, sua amiga, e se os tivesse, dava-os, contente. Não pensasse numa *chantage*. Enviar-me-ia um recibo dessa quantia, que seria resgatado por outro recibo de minha filha. Era a salvação dela... Se não cumprisse, poderia chamar a polícia, e ela havia de responder pela *chantage*. Dava-me o endereço.

“De facto, horas depois recebo, por um portador, um envelope, com o prometido recibo, dela, da amiga... Reflecti. Era certamente *chantage*, clássica. Talvez não. Tenho perdido muitos vinte contos. Não quis, por minha filha, ser poupado nestes. Mandeilhe um cheque, em troca do recibo.

“Ontem, ao telefone. Tudo estava arranjado, despedido o sujeito; queria dar-me o recibo da minha filha, a trôco do próprio. Não iria á minha casa, de onde fora enxotada. Onde? Ela mesmo alvitrou: no Lalet, ás 5.

— Mas é um lugar público? — Não faz mal, melhor, troca dois papeis e mais nada. Nem será preciso uma chicara de chá...

“Assim foi. Por isso não me viram levantar, para acolhê-la, a ela e a sua dama de companhia. Abre a bolsa, retira o papel, entrea-bre-o, e vejo e assinatura de minha filha. Da carteira retirei o seu recibo e trocamos os papeis. Ela rasga o seu em pedacinhos e antes de levantar-se, para sair, chama a minha atenção, para o “meu” recibo. Li-o. Minha filha recebia vinte contos. — que lhe enviara eu, — para as despesas de viagem, na companhia do seu “camaradilha” hoje, pela manhã, a bordo do “Asturias”, diretamente para a Europa...

“Datado de ontem. Compreendi, num instante, como fora ludibriado. Como talvez essa creatura fizera tudo isto, para se vingar de mim. Como me desviara minha filha. Como ainda, para escarnecer de mim, aqui viera, pensando que neste lugar publico estaria protegida, pelo medo do escândalo, contra o castigo merecido. Já ia saindo. Vou-lhe ao encalço, e ainda tive a oportunidade de algumas bofetadas, recebidas passivamente, evitando ainda esse escândalo, prevenido. Vejam que espécie de mulher..

“Só então atentei na sociedade, que assistira a uma cena de ignominiosa violência. A revolta de todos caiu sobre mim e, tanto me pesa, quanto me vexa. Ao menos, simbolicamente, em um, quero, desabafando-me, tentar uma excusa. Daí esta narrativa. Peço-lhes perdão”.

Calara. Houve uma pausa embaraçada. José, comovido, não atinava com um desfecho. Stela murmurou:

— O senhor tem todas as excusas. A perda de uma filha, nestas condições, justifica todos os desatinos...

O homem perfilou-se e encarou a moça.

— Não quis ficar com a reprovação pública, sem tentar uma justificação, ao menos perante alguns... Não quero, tão pouco, minha Senhora, a piedade destes, perante quem me justifiquei...

“A fugitiva não é minha filha. Uma criança dos Expostos em má hora recolhida, por minha mulher, cujo desaproveitado instinto materno, isso fez, contra o meu parecer. Mostrei-lhe os inconvenientes dessas adopções. Donde vêm tais criaturas? De origem, pelo menos, moralmente suspeita. Tais pais, tais filhos. A herança é a antiga fatalidade, é um fado, moderno e eterno. Inevitável. Porque nos insurgimos contra o pecado original, que persegue e pune os pais nos filhos, se a hereditariedade é lei da natureza, que reproduz e tortura, nos filhos, aos pais?

“A educação, se tanto, corrige, altera, mas não muda. Essa veio não se sabe de onde, e vai não sei para onde... Minha querida mulher sofreria, se visse para ver isso: o amor tem desses enganos. Minha razão acha justificativa às velhas prevenções. Apenas, desperdicei

carinhos, cuidados, dinheiro. Mas foi um acto de amor, ainda, áquela a quem mais amei... Não me arrependo.

“Não aceito, pois, a sua piedade, generosa; mas não quizera ficar com a reprovação da minha violência. Aquelas pancadas foram bem dadas e bem recebidas...

Fez-se uma pausa, desabafada, irônica, mas ainda constrangida. O cavalheiro levantou-se, saudou respeitosamente a Stela, e perguntou a José:

— Pode informar-me se “dei” muito, deveras?

— Pareceu-nos... disse o rapaz, num sorriso constrangido... Pancadas no rosto, recebidas sem reação, bem aproveitadas, ao que sei agora.

O homem fez um gesto desanimado. E terminou, em voz baixa, para José:

— Mau... Diz um provérbio espanhol: “Podes bater em mulher, se queres boa amante; mas não batas muito: não te largará nunca...” Estou ameaçado. Aquela vai ficar apaixonada.

In: *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1934, v. III - Ano III, nºs 4 e 5, junho – dezembro, 1932.

Afrânio Peixoto (Lençóis, BA, 1876 — Rio de Janeiro, RJ, 1947).

Obras, entre outras: *Maria bonita* (1914); *Fruta do mato* (1920); *Bugrinha* (1922).

## NO POUSO

Alberto Rabelo

Vocês não crêem porque nunca viram!

Também eu fazia mofa, quando ouvia falar em semelhante abuso. Hoje, porém, ninguém acredita mais do que eu; e não lhes vou contar história de caboclinho, a pedir tabaco e a saltar num pé só, como as caiporas que muita gente tem encontrado. Nunca fui homem que me assustasse com o grito da piangú, esvoaçando estonteada pelos caminhos escuros, e fazendo refugar a minha besta passageira!

— E digo, porque vi com estes que a terra fria há de comer. Falando assim, Simão Pedro indicava os próprios olhos, e arregaçava as pálpebras inferiores, mostrando as esfumadas escleróticas de sexagenário.

O lume da pequena fogueira dava de frente no rosto do velho, e acentuava, na clareza viva da luz, as linhas severas daquela rude feição.

Parecia vasada em bronze a pequena cabeça de emaranhado cabelo, a pele queimada pelas soalheiras, e a barba curta e reta, dura, como se fora talhada de um só golpe.

— Eu tive, em meu poder, quando moço, uma rapariga, que morreu doida. Bonita, como aquela, eu nunca vi, minha gente! A

criatura, que fazia de minha casa um lugar de paz e de alegria, de um dia para outro, perdeu o juízo.

A princípio, mansa, obedecia; e não houve mezinha que não tomasse a coitada! Depois, furiosa, fugia pelos caminhos, dormia pelas estradas, ao relento, voltando à casa raramente. Disseram que foi feitiço, “coisa feita”, por ciumadas...

Continuando a narrativa, o tropeiro esboçava em sua rude linguagem a cena muitas vezes repetida, quando, aos sábados, seguindo os caatingueiros que passavam, a louca se encaminhava para a vila.

Parada, ao meio da feira, imóvel como uma figura de pedra, dos andrajos lhe surgiam, como duas flores de carne, morenos e palpitantes, os seios admiráveis de frescura e mocidade.

Os homens iam e vinham propositadamente, retirando, uns, o olhar de falso recato, para depois, e furtivamente, fitar. Mais atrevidos, outros, paravam a pouca distância, a contemplar com insolência e cupidez aqueles dois frutos gêmeos, que também ali se expunham à gula dos transeuntes, anunciando sob a seda maravilhosa de sutilíssima penugem a alvorada da maturação.

E assim a louca ficava, até que outra mulher, por piedade ou por pêjo, num decidido protesto, tirava o seu próprio xale ou o pano do tabuleiro para cobri-la.

— “Cansei, “continuou”. Mas durou pouco a infeliz”.

Uma manhã, toparam-na morta nas pedras do adro, junto à porta da igreja. Fiz-lhe o enterro, e o coração descansou daquele sofrimento. Eu nunca vi coisa assim!

Em frente ao lume, os companheiros de jornada e os que, por acaso, ali também pernoitavam, bebiam-lhe as palavras.

Longe, nas mangas, pastava a burrama.

Às vezes, o som claro do sincerro, retinindo ao pescoço da “madrinha”, denunciava a maior ou menor proximidade da tropa.

Ao meio da rancharia, numa tripeça feita de agulhas de ar-rocho, fervia, chiando, a panela do café. Simão Pedro retirou do lume um tição, soprou com força a alva camada de cinza que o cobria, e,

aproximando a brasa ao seu cachimbo repleto, chupou demoradamente a taquara.

Espalhou-se no ambiente o cheiro forte daquele fumo mineiro.

E tendo cuspidado para um lado, continuou:

— “Ando nessas estradas desde menino, quando tudo era um matão duro e cerrado. Do Sítio Novo ao Rosário só se encontrava figura de gente no Caldeirão. Havia ali uma pequena casa de adobes, dentro de um cercado, onde dormiam as cabras. Tudo o mais era um ermo...

Havia eu chegado de uma viagem, onde fui mais o patrão, na compra de uma boiada; e para estancar a saudade, logo bati, ao chegar, à porta de uns amores que me prendiam.

Os galos ameudavam, quando deitei a cabeça fora...

O sereno da noite havia ensopado a carona que eu esquecera de virar do avesso. Impaciente, a pata chapeada da besta feria lume no lajedo. Um lençol de neblina acompanhava a curva do rio, que corria ao fundo da casa, e a lua, que se ia enublando, descia na serra, branca e sem luz.

Montei; e dando de rédeas à qualtralva, desci por um atalho à procura da estrada. Não tinha adiantado vinte passos na escura capoeira, quando falo me arrepio!”

E arregaçando a manga da camisa, apresentou aos companheiros o rijo braço, dizendo: — “Vejam! Não me deixa mentir; até parece uma lixa!”

Mas, de novo, a gargalhada se ouviu. Parecia vir agora de mais perto, do lado direito, clara, cheia, como se a pessoa ou o demônio estivesse ali junto a mim.

— “Pensei logo, na alma penada da infeliz”.

Num instante, passou-lhe pela lembrança a recordação de um passado escondido no fundo da memória, quase perdido no esquecimento do tempo.

Os olhos, de arregalados, pareciam saltar da cara como querendo iluminar o fundo escuro donde vinha aquela coisa sinistra,

quando, do intrincado da brenha, surgiu uma forma branca, que mais e mais se aproximava.

Num forte arranco a besta refugou, soprando alto; e ao chegar-se a visão, sempre a gargalhar e pronunciando-lhe o nome, o caboclo perdeu os sentidos e tombou no chão duro do caminho.

— “Quando voltei a mim, curtia uma febre doida, e levei banzeiro um tempão. Mas, agora, “fechei o corpo”, rapazes”.

E desabotoou a grossa camisa de algodão encardido, deixando ver o patuá.

Todos os olhares se cravaram no precioso amuleto!

Preso a um sujo cordel, pendia-lhe do pescoço uma pequena bolsa de couro, onde estava a milagrosa oração que preserva dos maus encontros...

Tendo mostrado aos companheiros, acomodou-a sobre o largo peito, fechou a camisa; e levantando-se, para sorver à porta, o café espumante e cheiroso, que o companheiro lhe entregara numa cuia cheia, o tropeiro indicou novamente os próprios olhos, como fizera ao começo da narrativa, e concluiu:

— Vi com estes que a terra fria há de comer.

In: *Contos do Norte* — Contos Regionais Baianos nas Lavras, no Sertão, no Recôncavo e no Litoral. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1927.

Alberto Rabelo (Cachoeira, BA, 1883 — Rio de Janeiro, RJ, 1928).  
Obras: *Prófugos* (1916); *Contos do Norte* (1927).

## A ÚLTIMA PARTIDA

Aleilton Fonseca

Num mais que de repente, Linco ia se levantar dali de um pulo, com sua risada de mangação. A certeza nos aliviava, por hora, de uma dor mais funda. Pois se ele era tão fingido, nos metendo cada susto! Era só um esperar, os adultos se preparassem, que nem precisava apinhar a sala de tanta gente para o maior efeito. Ele estava de baixo do lençol, bem quietinho, sobre o banco de madeira rústica. A gente queria ver de perto, era difícil.

Linco era assim mesmo, imprevisível, sempre que presepan-do coisas. Na maré, que corria ao fundo de nossas casas, ele inventava ondas. De uma vez das tantas, tomávamos um banho num fim de tarde. De mergulho em mergulho, ele sorveteu-se nas águas; nós esperamos que voltasse à superfície... e nada! Caímos em desespero:

— Linco sumiu, gente!

— Ele se afogou!

Os companheiros tremíamos de assustados, quase nem to-mando o ar correto, a gente escarafunchava as águas, nos mergulhos de busca. Abríamos o olhos, que ardiam, mais do que salinados, já com as lágrimas brotando.

— E agora?

Um silêncio nos assaltou, a maré nos pareceu monstruosa, doida para nos engolir também. Mergulhar daquele jeito afoito dava logo um cansaço. A gente precisava boiar juntos, de mãos dadas, desfadigar. Então ouvimos o desgramado, que saboreava a maior gargalhada, se enganchando nos galhos do manguezal. Ele prendera o fôlego, nadara por debaixo, voltando à tona escondido nas ramagens. Tudo isso um apronte só, o tihoso, para colher de nós uns risos sem graça entre a raiva e o alívio.

Agora, ali na sala, cadê que não se denunciava logo em nova traquinagem? Acontecera de supetão, correremos à casa de Linco, depois de um certo rebuliço havido por lá. De logo a gente não dava passagem ao real, ele deixasse de manha! Isto já estava para lá de um despropósito. Era um demais, pois olhem o estado da mãe, coitada!

Estávamos atordoados, acotovelando-nos entre os adultos. Encostados à parede, a gente se firmava na ponta dos pés. O manhoso se levantaria dali, — é claro! — dando o maior susto no povo. Era o caso para umas boas risadas. Linco estava para além das margens, no seu exagero. Depois, depois...

Mas, que manchas eram aquelas, de um modo avermelhado, ensopando uns quantos pontos do lençol? A gente espichava-se em mais um apuro de prestar atenção. Linco, ali debaixo, encoberto, a mãe dele se desconsolava num canto, amparada no abraço da irmã. Dona Aurora se revelava em desespero, uma noite imensa invadia seu rosto e já clareava o nosso entendimento. Houvesse mais coração para tanto pulo, a gente se via à beira de um choque. Mas como podia ser isso com ele? E com cada um de nós também podia, pois lençol, banco e sala todos tínhamos em casa.

Era um sábado. E amanhã haveria o jogo de bola, nosso time todo montado nos acertos de Linco. Era a final do campeonato de bairros, que a gente mesmo organizava para distrair os domingos. Ponta da Pedra, nosso esquadrão azul e branco, trajando as camisas que a Prefeitura nos dera, por pedido escrito e insistências de Linco. E o

adversário não era mole! Enfrentar as feras do Malhado, uns até mais velhos que nós, e bons de bola, era fogo. Mas Linco bem que traçara uma tática nova. Como líder e goleador, garantia que íamos ganhar o troféu. E até fizera aposta de honra, contra o dono do time inimigo. Quem perdesse teria de tomar banho no rio, todo nu, calado, sem poder revidar a gracejos nem gozações.

Agora, porém, eis que Linco... Mas como foi? Por quê? De déo em déo, a história se desatava nos sussurros, mas para a gente não assentava por certo haver o amigo em tal estado. Ele tinha ido à praia desafiar as ondas que se espatifavam nas pedras. E acabara recolhido naquela situação.

Este fato era o difícil aceitá-lo, aquilo é que não podia! Linco desistisse do mau gosto, fosse dormir mais cedo que amanhã haveria um jogo duro. O time do Malhado não alisava, com suas jogadas e tramóias, dava de seis a zero na gente com facilidade. Mas, isso, só se Linco não jogava. Era quando ele ia cumprir a ordens da mãe, fazer lição de casa, estudar para as provas, sem outro jeito de escapar.

— Primeiro a obrigação, depois a distração — era o lema de casa.

Sem Linco nosso time era pato. Com ele sobravam as diferenças. Sob o seu comando a gente não se intimidava. Ele arranjava sempre uma das suas mais novas artimanhas. De cochicho em cochicho nos dava todas as dicas, nos colocava na função certa em cada parte do campo. A gente perdia por placar apertado, sem fazer feio. Outras vezes íamos vencendo, com sorte e com jeito. Foi assim, de gol em gol, chegamos à decisão do torneio, para surpresa de todos.

De uma outra vez, estávamos abatidos no aperto de cinco a zero, numa partida de seis. Era justo contra o temível Malhado. Perder de seis a zero, uma lavada para dúzia e meia de gozações! Nosso craque esmoreceu, comentava alto para todos:

— O jogo está perdido, não adianta! — e atirava a bola para o lado, atrasava-a para o goleiro.

Linco era o único jogador de nosso time que inventava medo aos adversários. Mas, naquela altura do jogo, parecia preso por um

cansaço. Perambulava em campo, quieto, sem dar parte na disputa. Os caras do Malhado relaxaram, deram por ganho o combate. Era só questão de a qualquer momento marcar o gol de misericórdia e ir mergulhar no rio, zombando de nosso “timinho”. Eles começaram a fazer firulas, com toques desconcertantes e às gargalhadas, dando um banho de olé na gente. A platéia de fora se deliciava. Os demais meninos de nossa rua, entre aflitos e conformados, se contorciam. De repente, apertamos a marcação, a bola deu rebote e foi quicando de flerte com Linco. Ele a tocou como quem não quer nada e, sem mais nem menos, inventou um chute torto e certo. No ângulo. Esse gol nem o comemoramos, dada a indiferença do próprio artilheiro.

— É o gol de honra — ele murmurou cabisbaixo.

Os meninos do Malhado nem sequer se assustaram. Continuaram desperdiçando as chances de vencer, mais interessados em nos dar aqueles dribles, colocando a gente na roda de bobo. Lá vai, de novo a bola lhes escapava. Linco apanhou a sobra e lá se foi nas fintas; deu um chute, agora chocho e enviesado, deixando o goleiro com cara de besta.

— Esse é para a goleada não ficar muito feia — ele comentou, sem alarde.

A coisa ficou por conta. O pessoal do Malhado se ressabiou, atirando-se todo ao ataque, seis a dois ainda renderia uma boa pilhéria. Já o nosso goleiro, mais animado, se pôs a subtrair os graus dos piores ângulos. E a bola passava raspando, mas não entrava. Eu, reles zagueiro, com as canelas ardendo, me afogava no suor. Chutava para qualquer lado, procurando acertar as moitas de capim bravo, que dava tempo de respirar um alívio. E Linco, rente ao meio de campo, estava só que olhava o jogo acirrado sobre nossa defesa, num desinteresse de irritar. Lá um lance, a bola rebateu em minha cabeça e se foi aos caprichos de Linco, num contra-ataque fulminante. Ele rompeu nas costas de um zagueiro que perseguia as suas pernas serelepes. Não houve senões, o goleiro avançou firme, mal-encarando, Linco ziguezagueou-lhe um drible e o plantou na lama, com a bola na rede.

Cinco a três era já um acinte, os caras do Malhado endureceram de vez, dando-nos rasteiras e pontapés explícitos. E já se desentendiam em campo, trocando entre si uns feios xingamentos. Linco, sempre em surdina, de cócoras em campo, colhia uns matinhos e os mastigava, todo matreiro. Num avanço da defesa, o Malhado quase lavrava a fatura, mas nosso goleiro operou a mágica com as pontas dos dedos. A bola sobrou na minha frente, eu a chutei a esmo, sem querer encontrei Linco e já fui vibrando contrito, o gol era questão de segundos... pronto! O jogo em quase que empate. Cinco a quatro feria a honra do Malhado. Eles deram a nova saída, com as caras entufadas. O jogo passava dos limites. Nessa demora, as cigarras já nos recomendavam recolher a bola, a tarde já se ia turvando.

Já entendíamos o plano de Linco: ele se fazia de morto para ser visitado. Os malhadenses discutiam forte, erravam passes, os afobados, numa ânsia de nos liquiudar de vez, com o sexto gol. Armaram um abafa sobre nós, chutaram um petardo venenoso, nosso goleiro espalmou para escanteio. Linco intuiu o lance e recuou para nos ajudar. A bola alçada à nossa área, ele a matou no peito e a pôs no chão em desabalado rompante. Os caras, desesperados, gritavam para os da defesa:

— Pega! Agarra! Não deixa!

Qual o quê?! Linco rodopiava, deixando os zagueiros para trás, pulava para escapar de uma rasteira, se retorcia todo mole para fugir dos agarrões. E pimba! Entrou com bola e tudo, deixando o goleiro órfão e humilhado, prestes ao choro. Eis aí, mestre Antônio: o jogo estava empatado! Os “craques” do Malhado caíram de suas torres, fulminavam-se uns aos outros com raiva e nos assassinavam com o olhar. Culpavam a defesa e o goleiro, que maldiziam os atacantes. A gente nem tico nem taco! Era só tocar a bola, de olho nas treitas de Linco.

— Quem fizer um gol ganha! — o maioral deles vociferou o óbvio.

A gente conspirava em silêncio. O Malhado se perdia de vez em campo. Mas insistia, desordenado, em busca do último gol. Nossas pernas se multiplicavam, na resistência. Mais tarde, um menino vinha decretado com um aviso. A mãe de Linco o estava chamando,

era a ordem de ir para casa. A gente queria aproveitar a chance de vencer, mas sem ele no ataque não dava.

— Vamos ganhar logo, que eu estou de partida... — ele disse, bem animado.

Linco correu até a defesa, pediu a bola ao nosso goleiro. Levantou a cabeça com ímpeto e irrompeu contra o time do Malhado. Ele sorria e avançava. Eu o segui de perto, vibrando. Na minha frente desenhava-se um zigzague: driblou um adversário, dois, três, quatro... Arremeteu contra o goleiro deles, que saía do gol fechando o ângulo. Linco parou, como só ele parava, deu um toque sutil e saiu de lado. O gol estava diante dele, entregue e escancarado. Houve ali uma expectativa, o jogo já terminava. E ele me ofertou a bola: — Terto, faça o seu gol! — Eu, simples zagueiro, jamais provara aquele sabor. Então eu mesmo rolei, bem de levinho: e a bola foi sorrir no fundo da rede.

Todos corremos para ele e gritávamos gol e nos abraçávamos, era a virada de seis a cinco. O invicto Malhado enfim derrotado, diante da platéia surpresa ao redor do gramado. Contra a nossa festa, o líder deles jurou vingança, de cara amarrada:

— Na próxima vocês vão ver!

Saíram de campo sem graça, mais que inconformados. A gente degustava a justa vez de zombar:

— Oh, timinho de patos!

E agora? Amanhã era a final, contra o ferido time do Malhado, cheio de brios pela revanche, com um ressentimento bairrista demais. Prometiam nos bater de seis a zero. Eis que chegada a hora, Linco naquele pior estado. A par de tanta tristeza, as nossas lágrimas prosperavam, renovando-se nas lembranças daquelas glórias repassadas. De nossa parte, era a vez primeira de enfrentar esse tipo de jogo, totalmente vencidos. E cada um de nós compreendia, a seu modo e tanto, o quanto gostávamos daquele menino. No entra-e-sai da sala, ninguém podia efetuar o total que sofriamos. Sem o nosso amigo, sentíamos o vazio de uma enorme parte de nós mesmos. Tínhamos muita pena de Linco não jogar aquela última partida. Ele, com tanta

espera e vontade, planejara a grande vitória. Um ou outro de nós se arriscava, em meia voz, para o maior silêncio dos pares:

— E o jogo de amanhã?

— ...?!

Primeiro concordamos que não haveria o jogo. Os caras do Malhado tinham de compreender o respeito devido a Linco, o motivo de força maior. Aliás, que jogo teria graça para nós, naquelas circunstâncias? Estava então acertado. Passava de meia-noite, de qual a qual íamos tombando de sono. Cada um procurou seu caminho de casa.

No domingo, pela manhã, nos reuníamos em frente à casa de Linco. Vinha então a embaixada do Malhado em nossa petição, naquele uniforme grená desbotado de sempre. Cadê nosso time? Era hora do jogo. Logo explicamos o fato, eles se concentraram no silêncio, com algumas perguntas esparsas. Depois entraram para ver o nosso amigo, já composto entre flores, perfilaram-se com respeito e tristeza. Não havia ânimo para a partida, com tal desfalque em nosso coração.

Todos de volta ao terreiro, daí batíamos uma bola solidária, numa roda de pé em pé, comungávamos a dor daquela tragédia. Num momento em que a bola resvalou da roda, fugindo de controle, os amigos do Malhado lançaram uma proposta:

— Vamos jogar a partida — um deles se aventurou, meio que experimentando.

— Não dá — cada um de nós respondia, em seqüência perfeita.

Eles insistiam que jogássemos em homenagem a Linco. Haveria um minuto de silêncio. Eles queriam o jogo, mas não lhes víamos nenhum sinal de revanche. Era razoável, de olhar em olhar nos entendemos: a gente jogava. Mas, com uma condição: seria a partida de um só gol. Quem marcasse primeiro ganhava o torneio, com respeito, sem festa nem gozação. Esse jogo de futebol não podia demorar, pois sabíamos que, logo mais, Linco seria levado para outro campo. E todos o acompanharíamos em sua última partida.

— É nosso último jogo. Sem Linco, o nosso time acaba — alguém murmurou e todos acenaram que sim.

Vestimos o uniforme do time, em azul e branco, para o jogo final. A camisa de Linco ficou estendida no chão, próximo ao campo, invocando a sua presença. O juiz, que vinha do bairro Pontal, depositou o troféu sobre a camisa dele. E nos convocou ao meio do gramado. Depois do minuto de silêncio, que varou mais que sessenta segundos, demos a saída de bola e nos pusemos em disputa.

Era um jogo estranho, sem o mínimo ânimo de ambas as partes. O pessoal do Malhado nos dominava, mas chutava sem força, parecia que sem querer marcar o gol. Dava vontade de parar a partida, largar aquilo de mão, ir velar os últimos momentos de Linco. Após longos minutos madorrentos, os nossos oponentes improvisavam de novo:

— Vamos disputar para valer, gente!

Outro de lá lançou um ajuste: o troféu ganhase o nome de Taça Linco. E o tento da vitória seria o “Gol Linco de Ouro”. De pronto concordamos, isso trazia um novo significado, valia a homenagem de nosso esforço. Abraçados em campo, reafirmamos a senha da vitória que o próprio ausente nos ensinara. Em seu nome, nos renovávamos com a vontade de vencer.

A partida reiniciou-se com outro espírito. O Malhado mostrava-se bem melhor, correto e persistente, em busca do gol. Para nós, restava resistir e lutar por honra, pois agora sentíamos Linco entre nós, suas palavras de incentivo e ensino nos alcançavam, minando de nossa memória.

Mas o empate persistia em zero a zero, quase à hora de Linco partir. Eu me senti tocado pelo desejo de oferecer aquela taça ao amigo, antes que a luz do mundo lhe fosse apagada para sempre. Então deixei minha posição de defesa, me postei no lugar em que ele ficava, no todo que arisco, ao largo dos lances do jogo. A bola haveria de me procurar ali, com saudades do seu preferido. E enquanto aguardava o momento, eu imaginava um lance, um jeito dos que Linco sabia.

Os companheiros pareciam entender a tática, pois embarcaram num modo manhoso de chutar a bola, sempre que conseguiram, com muito esforço, tomá-la dos craques do Malhado. Do meio de

campo, eu via o terreiro da casa, o povo já ia se aglomerando para o enterro. Os outros meninos, tão entretidos, não perceberam. Eu, sim, pois alheava-me da disputa e fiscalizava o movimento das pessoas minuto a minuto. Era urgente encerrar o jogo, que Linco estava de partida. Baixou em mim uma agonia, era uma tristeza, deu-me um aperto no peito, as lágrimas suadas me queimavam os olhos. Gritei, dentro de mim mesmo:

— Linco, não pode ser! Levante daí, venha jogar com a gente!

Corri até a defesa, pedi a bola ao nosso goleiro. Levantei a cabeça com ímpeto e irrompi contra o time do Malhado. Eu sorria e chorava. Na minha mente desenhava-se um zigzague: driblei um adversário, dois, três, quatro... Arremeti contra o goleiro deles, que saía do gol fechando o ângulo. Parei, como só Linco parava, dei um toque sutil e saí de lado. O gol estava diante de mim, solidário e desamparado. Houve ali uma expectativa, o jogo já terminava. E eu lhe ofertei a bola: — Linco, faça o seu gol! — Então eu mesmo rolei, bem de levinho: e a bola foi chorar no fundo da rede.

Aleilton Fonseca (Firmino Alves, BA, 1959 — ).

Obras, entre outras: *Jaú de bois* (1997); *O desterro dos mortos* (2001).

## RUÍNAS

Álex Leilla

*No interior da minha miséria eu não ignorava  
a presença da volúpia, de uma ponta de furor.<sup>1</sup>  
(Diário de um ladrão: Jean Genet)*

Acima de tudo, tentava com loucura ignorar ruídos do corpo. Andou um tanto pra espantar os mosquitos, mas sentiu mais ruídos e pontadas e teve que parar. Não reclamava ainda, ria manso, um riso de cara cortada ao meio: uma face inocente, a outra, escárnio.

Cuspiu na podridão do beco. Cospe sempre nos lugares onde dorme. “Vagabundo”, disse mecanicamente, e o olhar foi achar, não sabe por quê, um rosto rosado, delicado, no outro extremo da rua. Quis avançar, sacou a navalha, mas uma vez próximo, retrocedeu. Inquietou-se: tirar dele o quê?

---

<sup>1</sup> Tradução de Jacqueline Lawrence

Estupidamente, vasculhou o outro: relógio, casaco, botas, boné.  
Sexualmente: lábios sequinhos, sequinhos, poucas curvas,  
quadris... Um rapaz!

Caiu-lhe a navalha ao chão, abaixou-se e foi fulminado:

— Você pode me ensinar o caminho mais fácil pra pegar a  
Duque de Caxias, meu amigo?

A morte.

— Estou rodando este bairro há horas...

O sorriso.

Sentiu metralhadoras a um palmo. Não soube contar quantas rajadas vieram.

Apesar de tudo, abriu os lábios feios e maltratados.

— Estava indo na direção certa, é só seguir em frente, direto.

— Ah, tá. Obrigado, amigo.

“Mas eu sou um ladrão, um vagabundo...”

Um galo cantou feliz. Ele odiou que sua felicidade fosse assim negada, odiou as miragens que extraía dela, empurrou outros desejos com uma dolorosa pressão do pé contra o asfalto. Novas pontadas. Deu vontade de cortar fora o dedo com unha encravada. “Oito dedos pesam menos”. Mas olhando o espaço vago do outro anular, arrancado há muito tempo, desistiu. Nem era tão ruim se sentir encravado, pensou.

Quando o carro do rapaz sumiu na esquina, ele partiu-se intimamente em mil distorções.

Agora sabia que nada faltava lhe acontecer. Nem chuva, nem fome. A grande ferida começou a tomar espaço, a tomar-lhe o sangue, a visão. Quis, depois de dias, percorrer a cidade atrás daquele rosto belo. Mas também quis com a mesma eloquência, mutilar-se a fim de dissolver esse desejo. Quis jogar pedras nas casas dos outros, assustar as mocinhas nos pontos de ônibus, e também, nesse período, tinha sonhos dos mais magníficos aos mais tristes.

Via-se vestido de decência, de respeito, de aceitação, penetrando nas tais camadas, nos tais lugares distintos, dos quais esteve sempre afastado, dos quais jamais conhecera um milímetro sequer.

Tinha essas idéias absurdas e vagas, que antes não costumava ter. Percebia a obsessão agigantando-se sobre seus trapos, seus restos de músculos e cérebro. Queria evitá-la, mas junto com ela ia a vontade de estar nos amanhã e neles ser visto, daí a impotência diante dele, da obsessão, acabar por mantê-lo inerte e desnordeado.

Fugiu do que já era rotina. O possível e estabelecido, mesmo que lhe chegasse em forma de aventura, tornava-o prisioneiro do que não queria mais fazer parte. O que é um coração aventureiro afinal? Só o via bater desesperado por feixes de água e sumo de frutas roubadas na feira, nos mercadinhos baratos dos subúrbios e do centro.

Mastigou uma lasca de madeira bem fina, juntando muita saliva para que não lhe arranhasse a garganta quando fosse engolir. Percebeu então que era isso o seu respirar sobre calçadas, sob o céu violentamente aberto: algo feito lasca de pau que ele engolia silenciosamente, diariamente, com um pouco de cuspe e nenhuma vontade, gesto de reversão.

Minusculamente, preso ao estômago, aos membros cansados, elaborou uma infinidade de mudanças e dormiu vesgo de tanto querer olhar deitado pro início da rua, a fim de descobrir de novo aquele rosto belo, alvo, delicado.

Seu amigo das noites chuvosas chegou e foi se encostando nele, morrendo de frio. Ele o aceitou sem nenhuma piedade, nenhuma emoção, simplesmente acolheu-o, ajeitando-o em suas pernas, assim também as manteria aquecidas.

Uma senhora veio andando esnobe na esquina e caiu quando atravessava a rua molhada. Ele riu do tombo e da roupa emporcalhada, roupa bonita, que a ele pareceu enorme capricho. Ela o olhou com ódio, mesmo distante ele percebeu seu ódio fácil, frouxo. Gritou-lhe uns palavrões enquanto a via se afastar dentro da quase noite, então pensou que assim o mundo estava em paz.

A noite veio e longa não o deixava dormir. Quando a chuva cessou, ele empurrou o animal e ergueu-se vagaroso. Mas o bicho grudara-se novamente às pernas dele sem aceitar ser tirado do aconchego.

— Sai, porra, por isso que eu não gosto de cachorro...

O animal choramingou, estava desprotegido.

— Some, peste...

Foi saindo irritado pela rua molhada com o cachorro lhe seguindo o passo. “Pois que venha, murmurou, que me siga, eu pouco me importo”.

Foi numa ruela que viu o outro, lá na luz da avenida. Já havia esquecido de procurá-lo, conformara-se aceitando a perseguição mental na qual a imagem daquele transformara-se. Acostumou-se tantas vezes a outras alucinações — de banquetes, de casas confortáveis, de cidades mais humanas, de pessoas próximas —, ele já vivia de rebater de segundo em segundo miragens e mais miragens, forçando-as a voltarem diluídas pro poço escuro de onde afoitas saíam, sem fazer o menor esforço para resolvê-las, expulsá-las de vez. Por isso pensava torto embaixo do céu, que mal havia em querer aquele corpo? Era só mais uma, só mais uma...

Mas então ele via de novo o rosto belo e rosado e as ruínas de que seu ser era formado — corpo, cabeça, passado, presente — foram sopradas fortemente. Comprimidas. Espalhadas. Ele sentiu que tudo era aceso em fogo muito baixo dentro de si. Baixo por que não tinha mais energia alguma ou baixo por que estava transitando por terrenos estranhos? Havia uma leveza vinda do outro e como ele nada podia entender sobre leveza, ia se tornando aflito, descontraído. teve dificuldades em manter-se de pé quando de pé tentara ficar.

Um lindo rosto, ele pensou, que conversava ou brigava? — achou que aquilo bem que poderia ser uma briga — com uma mulher, e depois que esta se afastava nervosa num táxi, voltava-se confuso pro céu escuro e chuvoso de Maceió.

Poderia chamá-lo e lhe dizer o quanto sabia de noites e céus e chuvas e frio e escuridão de Maceió, tanto que o belo rosto não precisava voltar-se assim para contemplá-los, bastava deitar-se ao seu lado sob a marquise, e mudo escutar o respirar, o obscurecer, o esbravejar, o doer e o calar que a rua e a cidade todos os dias davam.

Como lhe dizer: venha, eu sou a lepra de Maceió! Como?

Antes que o outro jogasse no chão o cigarro e o apagasse com o pé muito bem amparado em couro e meia de algodão, antes que ligasse o carro e fosse novamente se esconder em outros domínios, ele precisava abordá-lo, tocá-lo, estar próximo, de frente. Nem que fosse apenas pra cultivar com precisão a imagem...

— Me dá um...

O rosto bonito se precipitou a fechar a janela do carro. Assustado, ainda perguntou:

— Um o quê?

— Um cigarro...

— Ah — fez o outro aliviado e, rindo breve, estendeu-lhe o maço — Pode ficar.

O carro foi ligado.

O rosto não se lembrava de um dia ter solicitado uma informação a um vagabundo maltrapilho?

Era a coisa mais bonita e mais doída que a vida lhe trouxera até então. Como gritar-lhe: te quero?

Disse num desespero:

— Você não é de Maceió, né?

— Não — fez o outro detrás do vidro — Não sou daqui.

Podia agarrá-lo, sufocar aquele rosto contra o peito. Aspirou o cheiro gostoso dele que impregnava a noite e entristeceu-se envergonhado dos trapos que vestia, do homem que era.

Percebeu, na inquietação do outro em ir embora, o medo. O estranho medo do desconhecido.

Por quê? Espera...

— Tchau, amigo...

Amigo? Não houve reação. A falta de clareza da avenida engoliu o carro.

Ao deitar-se sob a marquise, ele pensou nas últimas imagens que lhe vinham às enxurradas e que não mais eram de banquetes, casas, conforto, mas de corpos colados, suados, entregues. E esse

foi o pior de todos os desejos, porque tinha a impressão de lhe sobrar somente tristeza e menos coragem, e menos instinto, e menos vida.

Não dormiu.

Começou a clarear e seus olhos se perdiam dentro de tanta luz. O sol principiava a sua destruição sagrada: iluminar, pôr em evidência as dimensões do feio e do belo de maneira uniforme.

As coisas escapavam das prisões mentais e eram diluídas pelo sol. Como queria amar aquele rosto! Não sabia como, mas queria, e as imagens de corpos em fusão continuavam a pipocar feito bolhinhas pela rua, pelo ar. Foi ao mar, o que fazer, com quem falar? O encontro de seus ossos com a água verde do mar. Não obteve nenhuma resposta e achava que a cidade era culpada de tudo que desejava e não conseguia ter, apalpar. Era obra dela, dessa cidade esverdeada, pequena, mentirosa.

Deitou na areia da praia. Ficava vendo uns meninos brigando a poucos metros do limite Ponta Verde-Pajuçara.

Não entendendo mais coisa alguma dentro nem fora de si, chorou. E foi um choro curto, quase sem água. “Nem chorar eu sei...” O que lhe acontecia assim tão cedo, por que não se achava nem mesmo nos lugares que costumara considerar somente seus?

O belo rosto do homem que não era nem podia ser seu, surgiu, riu, molhou-se nas ondas, misturou-se na areia, saiu correndo, rolando praia afora e desapareceu da claridade.

De uma coisa soube, embora não fosse fácil saber de coisas naquele instante: que a paz não era adorno nem pano caro, nem teto nem comida, mas o fim dos tormentos que desejos e miragens traziam a cada novo minuto. Mas de onde tirar um fim para isso? Do mar é que não era, da rua também não. O que mais saberia ele além de mar e rua? Precisava limpar os olhos e procurar e ele estava cansado, mantinha as mãos inertes ao longo do corpo.

Apertou um joelho contra o outro, sentando-se na areia. Olhou os carros na avenida. Cuspiu voltando-se outra vez pro mar. E de repente uma crise de risos: que história é essa de se apaixonar!???

Riu alto: era apenas um mendigo e mesmo assim a mente não o deixava em paz!

Decidiu que se encontrasse tal rosto, tal rapaz novamente, faria algo. O quê? Ora, vai se saber! Pro diabo com tantas perguntas e tanta indecisão. Um absurdo ver aquele cara ostentar tamanha beleza, um absurdo! Ia contra as obsessões e ruínas de seu ser, chocavam-se, era caco de vida e caco de morte pra tudo que era lado.

Repousou no próprio braço, retendo o resto de oxigênio que havia: fechou os olhos, forçou a vida a correr sem ar. Soltou-se renovado. E o que havia em si de mais completo e sagrado – uma certa violência contida – enfim despertou. Ele riu o seu riso pela metade e, amolando o canivete na calçada, sentiu-se mais capaz.

In: jornal *A Tarde*, caderno *Cultural*, 14-12-1996.

Álex Leilla (Bom Jesus da Lapa, BA, 1971 — ).  
Obras: *Urbanos* (1997); *Obscuros* (2000).

## VOLUPTUOSAS

Almachio Diniz

No rés-do-chão de um palacete, coadas as luzes do sol por arrendados *stores* pálidos, Helena fazia sono à hora da sesta, quando Maria Angélica a surpreendeu adormecida.

A recém vinda impregnou o ambiente de essência de íris, enquanto uma voluptuosidade enervante empurpurava a linda cabeça desmaiada de Helena...

Um beijo sobre os lábios da desacordada mulher, fê-la despertar com um frêmito de prazer...

— De onde vens tu, Angélica?

— De encomendar flores...

— Flores?!

— Não te recordas de que Sophia se casará amanhã, à noitinha?

— Sou uma esquecida.

— E ela é credora de nossas gentilezas...

— Das minhas, especialmente.

— Encomendei orquídeas e crisântemos.

— Que gosto! De minha parte vou mandar-lhe duas magnólias.

— Belas flores, realmente. Mas, a natureza esmerou-se no chiquismo das orquídeas. Uma catiléia é um pedaço de lábios excitados por dois beijos.

— Não lhes acho graça.

— Ó exigente!

— Flores do mato. E já notaste que quase todas elas são lilases e roxas? Ou que se enfeitam com estrias e matizes dessas duas cores melancólicas?

— Descobres coisas...

— Mas, não é?

— Realmente.

— E como vais presentear uma noiva com flores lilases?

— É a moda, é o chic, é o dernier-cri...

— Olha! Nas minhas bodas, manda-me flores alvas, muito alvas, crisântemos, rosas, cravos, magnólias... Compreendeste-me?

— Se não! Agora, coisa notável: eu te vejo com as faces pálidas e os olhos muito brilhantes...

— De verdade?

— Sim. Sonhavas?

— Nem me lembro! Parece-me que sim. E tu estás intencionalmente corada...

— Apanhei muito sol.

— Os teus olhos estão pisados e lânguidos...

— É de fadiga do caminho... Desde cedo na rua, exposta, Helena, ao calor que abrasa e ao sopro canicular que afeia os penteados...

— Já tinha reparado: os teus cabelos estão desmanchando-se...

— E eu os consertei no espelho de Esther.

— Andaste lá, hein? Já havia desconfiado... Quando te vejo amolentada, assim, tenho razões para me enciumar... É muito descuidada a Esther. Cuida mal das vestimentas das amigas. Olha o teu cinto, Angélica...

— Está mal posto, a fita está retorcida...

— Nem reparei...

— Disto não és culpada, por certo... Eu não te deixaria sair daqui tão mal-amanhada. É de causar vergonha.

— Foi a pressa, Helena.

— E no teu ombro a seda está nodoada...

— Nodoada?!...

— Sim! Vêem-se duas curvas vincadas como os bordos de uma... Nem sei mesmo que diga... Parece-me que te morderam o ombro?!...

— Quem o poderia fazer?

— Esther.

— És ciumenta! Fica sabendo: foi no jardim quando eu encomendava as flores. Deve ter sido água de rosas, Helena, que aqui caiu... Estás satisfeita?

— Muito pouco. Quando muito, iludida, minha flor, mas não convencida...

— Tu me censuras, e eu que te surpreendo com um esquisito fogo no olhar úmido?... Terá sido algum sonho delicioso... A tua voz mesmo é arrastada como a quem se fatigou num excesso de venturas...

— Que venturas podemos, posso ter?

— Em sonhos podemos ser venturosas como jamais seremos na vida real.. Morfeu capricha em povoar-nos a mente com espetáculos espantosos. Há vezes em que, se eu pudesse, esmagaria quem me desperta... E outras ocasiões, quando volto a mim sem provocação, sou pronta a espantar-me porque me acordei e não morri no meio do prazer sonhado...

— Há sonhos, efetivamente, que se não deveriam acabar... E não sentes calor, Maria Angélica?

— Algum.

— Neste caso...

— Que fazes?

— Dispo-me. Não me imitas?

— Pode ser. Passarei a tarde contigo...

— Despe-te, pois... Tira o casaco... Desafoga o colo desta gola assoberbante... Não tens jeito?... Chega, que te libertarei...

- Tira os alfinetes.
- Usas um bom pó de arroz, Angélica.
- Ui! Helena!
- Que foi assim, ardilosa?
- Espetaste-me as carnes...
- Também é uma ruma de alfinetões...
- É para segurar bem.
- Tens uma pelugem de arminho...
- Ai!... Assim não... não...
- Que tens, rapariga?
- Beijas-me, Helena, com uns lábios quentes e gulosos...

Só me deste vontade de...

— Ui!... ui!... ui!... Fazes-me um *frison* de arrepiar-me os pelos...

— É para vingar o teu beijo...

— Por que me olhas assim, Angélica?

— És de uma alvura surpreendente, minha amiga. De teu corpo rescende um perfume originalíssimo que me entontece...

— Aprendi a perfumar-me com as gregas. Li num livro que uma beldade se cobria de perfumes para agradar aos amantes. Eu o faço para atrair as amigas como tu... Uma grega banhava as pernas numa bacia de prata em que se confundiam os aromas do nardo de Tharsos e do metofion do Aigipte. Nas axilas atritava mento e sobre as pestanas e nas pálpebras marjolana de Kôs. Ao depois, a escrava defumava-lhe os cabelos desenestrados com espirais de incenso, que combinava admiravelmente não só com a essência de rosas de Phaselis que lhe embalsamava a nuca e as faces, como também a bakkaris que se lhe derramava sobre os rins. E, por fim, entre os seis, sorria o célebre oinanthê das montanhas de Chipre... Sei perfumar-me, Maria Angélica...

— Bem se lhe pareciam as gregas, tuas mestras...

— Entre os seios, inda há pouco, deixei correr um fio lânguido do irresistível Royal-Begonia, e nas axilas pus algodões embebidos na essência de rosas... Nos meus cabelos derramei óleos de sândalo, para

contrastar com as evoluções das essências de jasmims que perfumam as minhas vestes...

— E na posse de tudo isto praticas uma má ação, Helena!

— Qual?

— Essa de referires tantos perfumes e não me dares nenhum a provar... És avarenta, como ninguém, e eu cobiçosa de gozar...

— Vai ao meu tocador e gasta do que quiseres...

— Teria graça!

— Por que assim?

— Gosto das flores nos vegetais, das essências nos corpos das mulheres. Quero experimentar com o olfato o odor único que se desprende das tuas carnes...

— Tens desejos masculinos, minha querida!

— E é o que me faz lamentar: junto de uma graça não ser um Adonis, junto de uma Helena não ser Cupido... Se eu pudesse embriagar-me com os teus perfumes e desmaiar de prazer entre os teus prazeres, seria mais feliz do que Syrix, louca de paixão, Byblis, única na insaciabilidade, ou Mnasidika, macia como um veludo... Helena, tu és uma perfeição...

— Mofadora!

— Mofar eu de ti?!...

— Não te abrasa o calor?...

— Sim... Intoleravelmente...

— Safa o colete... Assim... Que lindo corpo, Maria, e quantas seduções na tua plástica vista através da transparência das gazes... Bem dizem os homens, sábios no sensualismo pagão, que o nu de véus é mais provocante do que o nu sem disfarces... Há qualquer coisa de místico, de irreal, na mulher encoberta pela semi-fluidez de um tecido fino... Se eu te não conhecesse os segredos todos de tuas lindas curvas, te rasgaria agora, impiedosamente, o véu de tua nudez...

— Já sentiste, Helena, um prazer maior do que esse das carnes livres do arrocho de um colete ditatorial?

— Quantas vezes?!

— Tu brincas, mulher divertida...

— Provo-te com a citação: despirei o meu colete e não me sentirei mais provocada do que contemplando as tuas formas semi-nuas...

— És bárbara, Helena! Como encarceras um tão lindo quadril dentro dos opressivos liames de um colete... Ah! Como eu daria a vida por ser morena! O ventre alvo é uma desilusão, mas o trigueiro, como o teu, é um incentivo. Parece o tegumento de um fruto e provoca o instinto mais calmo...

— Não te agrada a minha nudez?

— Inteiramente. Agora, vê lá se te não impressiona mal a brancura do meu ventre...

— Ao contrário, Maria Angélica: é uma grande corola de pétalas alvas desenvolvida de um peluginoso cálice de ouro... É maravilhoso o teu contorno... Dignas formas para a perpetuidade de uma tela ou de um retrato...

— Deixarias tu que fosse apanhada a tua nudez?

— E por que não?... Sei que fascinaria... Queres fotografar-me?

— Que egoísmo leviano!

— Acha-o?

— Sim... Fotografemo-nos...

— Adorável!... Como não irradiará no *cliché* o contraste de nossas peles, o macio sombreado de um trópico sobre a tentadora alvura nevosa de um pólo...

Os olhos das duas mulheres vestiu-se com uma luz líquida como uma solução de pérolas e opalas.

Os seus lábios permutaram cariciosos beijos.

E, horas depois, Maria Angélica e Helena, retratadas por uma aia, desvendaram as suas abrasadoras nudezas à inveja de Esther...

In: *Mundanismos* (contos): Coimbra: F. França Amado, Editor, 1911.

Almachio Diniz ( Salvador, BA, 1880 — Rio de Janeiro, RJ, 1937).

Obras, entre outras: *Eterno incesto* (1902); *O diamante verde* (1910); *Mundanismos* (1911).

## A GRINALDA NUPCIAL

Amélia Rodrigues

Georgina costurava, à luz do seu pobre candeeiro de petróleo, junto à mesa colocada ao centro da salinha.

Costurava até maia-noite. Só então, cansada, a vista turva e as pernas entorpecidas, ia deitar-se e dormir, ou... pensar nele.

Ele!... E continuava o sonho, que os poetas dizem cor de rosa, sonho que enxotara, sorrindo, durante a costura, para não passar fora do fio do bordado sobre o linho finíssimo, ou não perder a contagem dos pontos no *filet* enfeitado a labirinto, que lhe saia das mãos como teia de aranha alvíssima e sem igual.

Artista principalmente em flores artificiais, fazia-as para chapéus e vestidos de baile, violetas, *églantines* e botões de rosa, em gaze, em seda, em veludo, em cambraia fina, pintadas, arranjadas com tanto gosto e arte que se diriam vindas de Paris.

E tinha, agora, muito boas freguesas, a quem queria contentar.

Ralhava-lhe a mãe por aqueles serões prolongados.

— Não te mates a trabalhar, Georgina. Estás tão magra!...  
Vaes ficar feia!

— Ao contrário, mamãe! Assim é que estou elegante!  
— Que esperança! O que estás é cheia de rugas, corcunda, parecendo uma velha mais velha do que eu.

Georgina ria-se, perdidamente.

— Ora, esta!... mais velha, do que mamãe?... Tem graça!

— Olha que, se ficas para aí feia e velha e corcunda, o Octavio não casa mais contigo; manda-te plantar abóboras.

— Quem? o Octavio? Oh, mamãe! Não faça dele semelhante conceito. Que absurdo!

— Por que?

— Porque Octavio não é como os outros.

— De que massa, então, é feito esse príncipe azul? Dize lá. Pinta-lhe o retrato moral. Uma perfeição, não é?

— Nem mais nem menos. Ele é firme! É de bronze! É de ouro! É...

— Lá vai a lista dos metais todos. Olha que não te saia de chumbo, em vez de bronze e ouro!

— Não sai, não senhora. Ele ama unicamente a minha alma, sabe, mamãe?... A minha alma!... Esta almazinha forte, que a senhora moldou pela sua.

— Lisonjeira!...

E Georgina beijava a mãe, num transporte de ternura, feliz, feliz com o seu amor e a sua inabalável confiança.

E, antes de recolher-se a dormir, ia à janela da sala, que ficava fronteira à dele e donde o podia contemplar curvado sobre os livros, numa febre de estudos que nada interrompia.

Depois, no seu quarto, ajoelhava diante de um grande crucifixo posto na parede, beijava uma medalha de Nossa Senhora que trazia ao pescoço, e encomendava à Mãe celeste o futuro daquele a quem tanto amava. Que o fizesse feliz, muito feliz!... sempre feliz!...

\* \* \*

D. Sofia e Georgina viviam de um pequeno montepio que lhes deixara o falecido chefe da família, uns apertados 100\$000 rs. mensais, que não resolviam o problema do aluguel de casa e passadio.

Durante os últimos quatro anos da vida do pai, frequentara a rapariga um bom colégio, onde aprendera sobretudo labores de agulha.

Quando se viu sem recursos, valeu-se de suas aptidões e pôs-se a trabalhar.

Muito lhe custou, a princípio, obter freguesias. Vendem-se no Rio tantos artigos desse gênero, é tão fácil mandar buscar no estrangeiro quantos primores se desejem, que o trabalho nacional fica depreciado e posto em segundo plano.

E Georgina gastava os sapatos andando, mostrando flores, bordados e rendas que levava consigo, de balde.

Certa ocasião, pedia ela trabalho numa casa de *lingerie*. Sentia-se esgotada de forças e paciência. Como sofria!...

Vencera-se o aluguel mensal do seu cômodo, um sótão desconfortável e sujo da rua General Polydoro; não arranjava com que pagar, e o proprietário não admitia demoras...

O dono da loja recusou. Tinha a casa cheia de obras primas...

Ao lado exterior do balcão estava uma moça de 18 anos, que escolhia roupa branca. Ouviu tudo. Examinou as amostras de Georgina; admirou o trabalho perfeito; apiedou-se do ar triste da costureira, e convidou-a a ir a Botafogo, ao palacete de Sr. Manuel Ferreira, de quem era filha, dando-lhe imediatamente uma encomenda de camisas bordadas.

Que felicidade, meu Deus!... Acabou-se, enfim, a luta! Georgina conseguiu penetrar num meio rico e elevado, onde se fez conhecida e achou muita costura.

Fez para a família Ferreira os maiores primores que os seus dedos de fada sabiam produzir, e pôs-se a amar aquela boa gente, sobretudo a Olga, a sua gentil e generosa protetora.

Ainda assim os ganhos não davam para a vida folgada. Os gêneros alimentícios encareciam, as fazendas da mesma forma... E ela gostava de vestir-se bem, no limite de sua humilde condição; queria que a sua mamãezinha tivesse sempre um vestido decente para sair à rua...

D. Sofia, simples e lhana, ainda robusta e bem disposta, moirejava nas labutas da casa para poupar criada, e as duas viviam assim, no seu cantinho escuro, mártires ignoradas e heróicas da virtude, em quanto pelas avenidas brilhantes passavam, sorrindo, as bem-aventuradas do mundo...

\* \* \*

Numa linda manhã de abril, Georgina arranjava, às janelas do sótão, alguns vasos de plantas, crisântemos, begônias, cravos e avencas, que eram a sua única distração. Colocados no telhado, em baixo, aquilo floria, dando a ilusão de um jardim.

Alguém tossiu, nas imediações. Ela ergueu os olhos e viu, à janela exatamente fronteira, uma formosa cabeça de rapaz, que a contemplava atentamente.

Corou e retirou-se.

Mas daí em diante, todas as manhãs, aquele olhar doce e profundo, sério e respeitoso, brilhava para ela entre as brumas róseas da alvorada, como se fosse um sol a nascer...

Era Octavio.

E quem era Octavio? A florista informou-se, conversando com a inquilina do prédio.

Era um estudante de direito, um desses pobres de talento que, arcando com maiores dificuldades, à força de aplicação e perseverança, chegava a galgar o cimo de suas legítimas aspirações.

Filho de um negociante falido, ficara órfão aos 16 anos, sem vintém, mas já tendo o curso ginásial. Logo depois morreu-lhe a mãe e... começou para ele a agrura da existência desamparada. Queria estudar, a todo transe. Apenas uma velha tia lhe mandava de Minas

um dinheirinho, de vez em quando. Dava lições particulares e fazia escritas comerciais, para comprar livros e não morrer de fome. E agora viera morar para ali, em pensão barata...

Essa história tão simples, tão semelhante à sua, comoveu o coração da jovem.

E os traços nobres e firmes do Octavio, o seu ar de melancolia serena, os seus olhos sombrios e expressivos, a sua tez marfinizada pelas vigílias, o bem que a vizinha dizia dele, tudo encantou Georgina.

E o amor veio, naturalmente...

Chegou o dia em que os dois se falaram, um Domingo de sol, desses que fazem as delícias do inverno.

Ela vinha da missa, com a mãe, e ao entrar na rua deram de rosto com o estudante, que parou e tirou o chapéu, saudando-as.

— É o nosso vizinho? — perguntou D. Sofia, com a sua natural simplicidade e franqueza.

— Sim, minha senhora, o Octavio Rocha, — respondeu, inclinando-se.

— Estimo conhecê-lo. Ótimo estudante, ouvi dizer.

— Faço o que posso, para chegar, um dia, a ser alguém.

— Tem toda a razão. Gosto disso. Trabalhe, que a vitória é dos que lutam. E... se precisar de alguma coisa... estamos ali defronte, não tenha cerimônias...

— Obrigado, D. Sofia.

A viúva estendeu-lhe a mão, que ele apertou sem acanhamento dessa apresentação espontânea no meio da rua.

Georgina, acanhada, calada, apenas inclinou a cabeça e saíram-se.

Dias depois vinha ela de Botafogo, tendo entregado costuras no palacete Ferreira.

Chovia a cântaros. O seu pequeno guarda-chuva não a abrigava bastante, e teve de recolher-se a uma sapataria conhecida, enquanto passava o aguaceiro.

Octavio estava lá.

Falaram-se. Achou interessante a sua palidez, as suas feições de linhas gregas, os seus modos reservados, aos quais só o olhar escuro, rutilante no fundo das órbitas, dava vida e significação.

Ah, o olhar! O olhar é o abismo que o maior número de corações atrai e devora.

E a confiança se estabeleceu. Dois pobres a demandar o futuro, nessa *struggle for life* que é a partilha e o desespero dos enteados da sorte!

A simpatia foi intensa. Georgina sentiu que a sua alma entrava toda naquela outra alma aberta para recebê-la... e que essa alma a fecharia dentro de si, como as valvas da concha o molusco... e que aquele herói do trabalho e da perseverança ia ser o seu senhor...

Saíram juntos da sapataria e seguiram para a rua General Polydoro... e Georgina, chegando em casa, contou a sua mãe aquela primeira palpitação de amor... e de esperanças.

D. Sofia viu, ao longe, um triunfo. Se eles chegassem a casar-se!... Octavio formado, com o talento, a energia moral e atividade que possuía, faria carreira magnífica... e estaria acabada toda aquela existência de privações... e Georgina teria um lugar na elite social!...

Quanto o merecia ela, essa menina valente e pura, a sua *prata sem liga*, como lhe chamava! Esposa do Dr. Juiz de Direito da comarca... ou do sr. Deputado e *leader* da câmara...

E a mãe soltava a imaginação por aí além, enquanto a filha apenas sonhava a glória, a incomparável glória de ser amada!...

\* \* \*

Octavio começou a visitar as duas vizinhas aos domingos e quintas-feiras, das 7 às 8 horas da noite.

Eram momentos deliciosos. Georgina interrompia o trabalho. Vinha uma bandeijinha de chá com biscoitos finos. Conversavam. Riam. Contavam episódios da infância e do colégio. Octavio conhecia Olga. Seu pai fora amigo do capitalista Ferreira... Menina muito *chic*...

Uma noite Georgina notou que ele estava abatido e tossia.

D. Sofia interrogou:

— Que tinha? Ficava até muito tarde agarrado aos livros... exatamente como Georgina às costuras... acordava cedo...

E ralhava-lhe, como à filha:

— Por este andar o senhor não se forma! Fica no meio da viagem, estirado no chão, a modo de lagarta que não virou borboleta!

Octavio ria.

— Paciência! Que fazer senão estudar, D. Sofia? Eu não tenho outro ideal na vida senão obter um pergaminho.

— Só?... perguntou a viúva, maliciosa...

— E depois, naturalmente, casar-me.

— Já tem noiva?

— No pensamento. Enquanto não acabar o curso não me comprometo com ninguém.

— Está direito.

Mas os olhos do rapaz diziam mais do que as palavras... e Georgina esperava.

Octavio piorou. Aquilo, realmente podia ser fatal. Se ele ficasse tuberculoso... coitado!...

Conferenciaram as duas.

— Mamãe, eu acho que o que ele tem é só fraqueza! Quem sabe se o alimento que lhe dão é bom e abundante? Com certeza pratos mal preparados. Tem fastio... E agora, em véspera de exames, estuda até de madrugada. O organismo dele debita-se...

Dessa conferência saiu uma dessas delicadezas de que só o coração feminino tem o segredo.

Resolveram mandar ao estudante, todas as noites, um bulezinho de chocolate espesso, feito com leite e ovos, fatias de pão-de-ló, *sandwichs*, qualquer coisa de reconfortante e saboroso...

E todas as noites, às 10 horas, ia um velho africano, morador no prédio, levar a Octavio a bandeja, coberta com uma alvíssima toalha de rendas...

Georgina redobrou o trabalho para fazer face à nova despesa. Meu Deus! Quanto custa ao pobre o aumento de alguns vinténs nos seus gastos diários!...

Mas a costureira não sentia o sacrifício. Ao contrário! Aquelle acréscimo de fadiga era um acréscimo de doçura. Se tudo estava traspassado de amor!

Octavio recebeu o Dom precioso com agradecimento profundo.

— Já vou melhor, Georgina — disse-lhe na visita seguinte, enquanto D. Sofia andava pela cozinha, preparando o chá. — Parece que você adivinhou que eu não podia engolir o jantar da pensão réles. Como lhe pagarei tantos favores?

— Não me deve nada, Octavio.

— Devo, sim. Posso afirmar que lhe devo a vida!

Olhou para ela com um dos seus olhares carregados de fluidos íntimos, suavemente poderosos... olhares em cujo fundo havia um pedaço do céu, uma faísca elétrica fulminante e tranqüila...

A moça nadava em delícias supremas. Sorria, satisfeita.

Ele abaixou a voz, e, lentamente, num tom de mistério sugestivo, continuou:

— Mais tarde, quando me formar...

Parou, medindo as palavras.

— Olhe, eu não queria adiantar nada agora, mas... as coisas falam por si. Você é a única mulher que... me pode fazer feliz.

Ela sacudiu um pouco a impressão absorvente, e gracejou:

— Preparando-lhe chocolates e sandwicks, não?

— Não, teremos cozinheira para isso.

Fizeram silêncio. Ela, de mãos frias, brincava com um livro que estava sobre a mesa.

— Responda. Acha que há em mim... pano bastante para... um bom marido?

A pobre apaixonada baixou os olhos... e julgou ver que as plantas de suas janelas se abriam todas, de repente, em milhões de flores... e que as estrelas do firmamento lhe entravam todas pela sala a dentro...

— Sim!...— respondeu.

— Pois então... muito bem.

— Posso comunicar à mamãe?

Ele refletiu um instante. Depois murmurou, encolhendo os ombros:

— Por que não?

A costureira teve a sensação de crescer, de subir, enquanto o seu coração batia, descompassado, mas doce, doce... como se o mergulhassem num óleo tépido e rescendente de aromas... e teve a impressão de que o mundo inteiro se volatizava em névoa d'ouro longínqua... e se transformava numa figura só, esplêndida, imensa, inconfundível: Octavio!

\* \* \*

E a vida desses três entes tão pobres, tão fatigados da luta material, correu encantadora por muitos meses, semelhante a um ribeiro entre relvas e musgo, onde o sol põe reflexos de prata e a lua se espelha a sonhar.

No ano imediato Octavio terminou o curso, e recebeu o aspirado diploma de bacharel em direitos.

Foi um dia de júbilo inefável. D.Sofia e Georgina prepararam um pequeno festim.

Quando ele chegou, à tarde, sério, solene, bem encadernado na roupa e calçados novos que comprara à crédito, apresentava mais do que nunca a linha correta, a distinção de um fidalgo de raça.

Acolheram-no sob uma chuva de sorrisos e pétalas de rosas; deram-lhe os mais ardentes parabéns.

Jantou com elas, pela primeira vez, numa intimidade encantadora.

D. Sofia embebia-se nele, exultando de ternura simples, viva, toda maternal. Desejaria beijá-lo, como só o faria sua própria mãe, se viva fosse.

Depois da refeição e do café, ofereceram-lhe charutos finos, e ele, aspirando a fumaça deliciosa, sentiu-se bem, gozou a alegria suprema de se ver tão amado.

— Agora o que tenciona fazer, dr. Octavio? — perguntou a boa senhora.

— Trabalhar ainda, D. Sofia. Trabalhar sempre! Hei de atingir o fim que me propus ser alguém!

— Espera colocação para breve?

— Não, senhora. É tão difícil! Vou advogar. Já redigi mesmo um anúncio, que aparecerá amanhã no Jornal do Comércio. Infelizmente... não tenho proteção. A proteção é o trunfo do jogo. Sem ela nada se faz.

— Mas o seu mérito...

— Mérito não vale nada em nossa terra, D. Sofia. Ah, se eu tivesse uma recomendação para o comércio...

Calou-se e suspirou levemente, quebrando a cinza do charuto num cinzeiro improvisado.

Ao despedir-se, em caloroso aperto de mão agradeceu as gentilezas todas com que as duas senhoras o tinham cumulado, nos seus últimos anos de estudo, o conforto recebido naquele ninho d'alma, onde encontrara afetos iguais aos do lar paterno, que já não tinha...

Horas depois, a sós com a mãe, Georgina refletia.

— Mamãe... creio que agora é que Octavio vai começar a verdadeira luta. Lembra-se do que ele disse sobre a necessidade de arranjar proteção?

— Lembro-me. É tal qual. Como suou teu pai, antes de obter emprego bem remunerado!... Levou anos e anos a pedir empenhos!

— Eu estou excogitando um meio.

— Tu?

— Eu, sim.

— Vamos a ver.

— Olga, mamãe.

— Olga?...

— Sim. O Sr. Ferreira, como mamãe sabe, tem muitas relações na alta roda e no comércio carioca. Se Olga se empenhar com o pai em favor de Octavio, ele lhe arranjará colocação ou causas. Que diz, mamãe?... Aprova?

— Boa idéia, Georgina. Boa idéia!...

— Amanhã mesmo falo a Olga. Tenho de levar-lhe uma guarnição de rosas para um chapéu.

— Magnífico, menina. Vai!

— Estou certa de que Olga não me negará. E, demais, o pai de Octavio foi amigo do senhor Ferreira...

— É verdade! Nem me lembrava! Não nega, não. Vai!...

A noite foi toda de castelos no ar. O sonho arrojava-se ao alto em florescências gigantes.

Georgina imaginava Octavio na tribuna do júri, defendendo réus. Ouvia-lhe a voz sonora, melodiosa, voz de orador nato, voz de artista, a ressoar em largos âmbitos, fazendo vibrar os corações todos. Imaginava-o aclamado pelas multidões, rico, feliz, de triunfo em triunfo, e ela pelo seu braço, em toda a plenitude da alegria, a dizer ao mundo inteiro:

— Estão a vê-lo?... Gostam dele?... Pois é meu!... só meu!... Conquistei-o à força de amor!...

\* \* \*

Tudo correu como se previra. Georgina falou a Olga, sem lhe dizer contudo que o talentoso advogado era seu pretendente, e a filha do capitalista, pouco perspicaz e muito preocupada com a *toilette* para a estréia de uma nova companhia no Teatro Municipal, não prestou atenção ao rosto da impetradora, inflamado de interesse.

Talvez não pensasse também que um rapaz formado em direito pudesse ser noivo de uma costureira qualquer, sem atrativos e mal vestida.

Olga era muito graciosa, mas de espírito absolutamente vulgar. Gorducha, clara, usando muitos recursos da arte de embelezar-se,

olhar requebrado, cabelo em grandes ondeios de louro bronzeado, inteiramente fútil e sem cultura, pertencia a um grupo de pessoas que não apresentam saliências boas ou más, e formam a grande massa banal das mundanas.

Todavia cumpriu a promessa feita a Georgina. Exigiu do pai que protegesse o Dr. Octavio Rocha.

O Sr. Manuel Ferreira quis ver o homem.

Viu-o, e ficou encantado. Reconheceu-o Era o filho daquele seu amigo português, o Antônio Rocha, coitado. Não pudera valer a seu pai, no caso da falência... Então diplomara-se, hein?... Queria conquistar posição, meter ombros ao futuro?... Faria o que pudesse para lhe dar a mão.

Octavio desdobrou, junto ao velho capitalista, todo o seu jeito natural para agradar. Foi distinto, simples, superior. Deu uma amostra, sem fanfarrice nem pedantismo, das torrentes de eloqüência e saber de que dispunha.

O burguês milionário apresentou-o a alguns amigos, não por carta, mas pessoalmente. Convidou-o a ir ao palacete às quintas-feiras, seu dia de recepção.

Octavio aceitou o convite e... e pode dizer como César: *Cheguei, vi e venci.*

Deram-lhe causas a defender. Ganhou a primeira. Ganhou a segunda. Ganhou a terceira. E, ganhando processos, ganhava dinheiro. Parecia que a roda da fortuna se lhe tinha virado de maneira assombrosa, e que a rainha das fadas lhe tocara a fronte com a varinha de condão.

Que diferença!

Georgina e D. Sofia gozavam com aquele êxito maravilhoso. Não esperavam tanto! E, modestamente, continuando a vegetar na sombra, pediam a Deus o abençoasse sempre.

Octavio agora pouco aparecia. Ocupadíssimo! Não tinha um minuto de seu! Mudara-se para o Catete, onde estava a montar o seu escritório de advogado. Colaborava em dois ou três jornais, precisava

de ir a festas, a *sports*, ao fórum, a repartições, ao Assírio, a toda a parte, para conhecer tudo e fazer-se conhecido. Um vai-vem exaustivo!...

E Georgina laborava sem descanso. Fizera dívidas, para o tratamento do estudante;urgia pagá-las. Demais, convinha não perder tempo, e algo preparar para o noivado. Não havia ainda pedido oficial à mãe, porém claro que não tardaria a vir.

Nas poucas horas que as encomendas lhe deixavam, bordava o seu pobre enxoval, em cambraia de algodão e morins.

A grinalda é que devia ser de seda; isso sim!

E numa caixa guardava o material para ela, todo especial, e ia preparando com vagar os botõesinhos de laranja, em bolinhas minúsculas de algodão alvíssimo, que a seda tinha de recobrir.

O vestido... de seda também. Oh, mas Octavio daria com certeza o vestido e o véu de gaze... fino, longo, branco como as névoas do vale e as espumas do mar...

Porque tardava esse pedido oficial?

E vinham os raciocínios explicativos, confiantes, impregnados de afeição. Octavio não podia ainda realizar o casamento. Obtinha triunfos, sim, mas o dinheiro ainda era pouco. A montagem do escritório, que despesão! Aluguel dos cômodos confortáveis, ao Catete, mobília boa e tudo o mais...

Uma tarde ele chegou, serenamente apressado, esplêndido no seu terno de casemira cinzenta, feito do melhor alfaiate, exalando um Coty discreto e delicioso. Estava forte, corado, elegantíssimo, unhas muito brilhantes, o rosto cheio de animação. Não era já aquele Octavio pálido, a tossir, inclinado como um lírio na haste...

Tinha de viajar, no noturno de luxo, para São Paulo, a negócio de uns clientes. Questão intrincada. Precisava de examinar no local. Não sabia quanto tempo ficaria por lá. Um mês, talvez dois...

Era a primeira ausência.

Georgina tinha os olhos tão cheios d'água que não podia fitar o advogado, e não viu o olhar triste de desdém que ele circunvagou

em torno da salinha, das cadeiras velhas e do tapetesinho desbotado... e que depois repousou nela...

D. Sofia, sempre otimista e ingênua, sugestionada pela visão da felicidade da filha, já perto, quase a realizar-se, também não viu...

E ele se afastou... e Georgina chorou a noite inteira, em cima do travesseiro, que as lágrimas ensoparam.

Comparou-se, pela primeira vez, com o brilhante rapaz. Ele... agora dominante, mais belo do que nunca, herói vencedor, e ela, como sempre, humilde folha amarela, amarrotada, caída no chão, morrendo à minguá de seiva...

São os contrastes, os horríveis contrastes da sorte e das circunstâncias inevitáveis...

Parecia-lhe que entre eles se cavava um abismo e que ela ia encher de lágrimas esse abismo...

Mas não!... Terrores sem base, pressentimentos loucos. Era apenas um choque nervoso, o choque da primeira saudade... Octavio não se parecia em nada com os outros homens. Não havia razão alguma para receios tolos, pueris, indignos daquele nobre caráter...

De São Paulo ele escreveu postais de uma banalidade como só postais a podem ter.

Carta, veio uma, tão delicada e gentil quanto fria.

\* \* \*

E os dois meses passaram...

Um cartõesinho de Olga chegou pelo correio, convidando a moça a ir ao palacete.

Foi. Olga recebeu-a radiante.

— Sabe?... vou casar-me.

— Sim? Parabéns!

— E quero que você faça a minha grinalda.

— Oh, quanta honra!

— Qual honra! O enxoval vem brevemente da Europa. E quase não preciso de enxoval. Tenho tanta coisa!... Os vestidos vão ser feitos aqui mesmo. Porém a grinalda... não achei nada que me agradasse. E o casamento tem de ser já. Sigo logo para São Paulo. Faz?... Uma coisa linda, fora do comum... Invente qualquer maravilha.

— Inventarei.

— Venha ver o que já tenho.

Abriu os armários, no quarto de vestir, e Georgina viu, deslumbrada, quanto o luxo e o bom gosto podem realizar.

— Ainda não lhe perguntei quem é o noivo.

— Ah, o noivo... Sabe? Devo ser-lhe muito agradecida. Paguei a grinalda pelo dobro do valor, para lhe provar o meu agradecimento.

Georgina sorriu, sem compreender patavina.

— Que relação tem isso com o seu noivo?

— Tem, sim. Foi você quem me deu. E que noivo bonito!

— Eu?...

Ela caía das nuvens. Não decifrava semelhante enigma.

— Você, sim. Pois não adivinha?

— De modo algum.

— O meu noivo é o Dr. Octavio. Parzinho igual, hein? Conhecíamos-nos desde meninos, mas já o tinha esquecido. Ele é que nunca me esqueceu. Assim afirmou. Veja cá esse colar de pérolas que papai comprou hoje... e este relógio de pulso que Octavio me trouxe de São Paulo... e mais...

Volitando como borboleta, ela puxava as gavetinhas da *coiffeuse* e retirava escrínios de veludo...

Georgina segurou-se a um móvel para não cair. Lívida, fria como um cadáver, pensou que ia morrer. Pôs a mão sobre o coração e viu tudo a dançar em redor de si...

Nesse instante se ouviram sons de música. Uma banda marcial passava na rua. O ruído da pancadaria era tão forte que dominou tudo.

Olga deixou os escrínios e correu à janela.

— Georgina... venha ver!... venha ver!...

Georgina não se mexeu. Quando a música passou, Olga voltou e notou a alteração das feições da costureira.

— Que tem, Georgina? Está tão desfigurada!... Sente-se mal?

— Um... pouco...

— Venha sentar-se. Que está sentindo?

— Quase... nada... Tonteira...

— Quer tomar alguma coisa? Um pouco de chá... ou café...

— Não. Obrigada.

— Isso é alguma indisposição de estômago.

E, rindo:

— Você come muito, Georgina?

Achou graça em si própria e riu outra vez.

A costureira balbuciou, como se estivesse a bater com os dentes de frio:

— Preciso... de ir... para a casa...

— Quer um automóvel? É melhor. Vou telefonar.

— Não. Posso andar. Irei a pé.

— Pois vá. E olhe a minha grinalda. O casamento é de hoje a três semanas. Uma beleza, sim?

— Sim.

Ela respondeu sem saber o quê.

— Adeus, D. Olga.

— Que “adeus” esquisito. Nem que a gente fosse para o outro mundo! Você há de ser sempre a minha costureira! Conte com a nossa amizade, aqui ou lá. *Au revoir*, Georgina. Obrigada pelo grande presente. E não fique doente agora, sim?

Abraçou-a um pouco estouvadamente, no patamar da escada, sem a menor suspeita de que a estava ferindo e matando, sem o menor interesse pelo seu estado de saúde...

Era quase noite, noite fria de inverno. Caía uma chuvinha impertinente. No céu cor de chumbo nem uma estrela brilhava, mas as lâmpadas elétricas começavam a luzir, iluminando a cidade.

A costureira saiu do palacete, semelhante a uma sonâmbula, cozendo-se com as paredes das casas e as grades dos jardins, tendo apenas um resto de tino para evitar os bondes e autos.

Passou pela entrada da rua em que morava e não a percebeu. Seguiu para a frente, sem parar.

Deu de face, com violência, num muro úmido, escuro, alto, — o muro de cemitério de São João Batista. Escorregou, perdeu as forças e caiu no chão.

Passava um homem do povo, talvez operário. O homem parou, a observá-la. Ergueu-se a custo, atordoada, molhada pela água do chão, pondo as mãos no muro para se equilibrar.

— Esta criatura será cega? Pensou o operário.

E dirigiu-lhe a palavra:

— A sra. para onde vai?...

— Vou... para casa.

— Mora por aqui?

— Moro... não sei. Onde é que eu estou?

O operário mirou-a da cabeça aos pés, entre compassivo e duvidoso. O olhar da desventurada estava morno, meio desvairado.

— É maluca... ou bebeu, pensou, dispondo-se a deixá-la.

Ela recobrou um momento a lucidez mental

— Estou... doente...

— Ah! Bem! Quer que chame a Assistência?

— Não! Não! Moro na rua General Polydoro.

— Já passou por ela. Tem de voltar para trás. Isto aqui é o cemitério!...

O cemitério!... Tinha esbarrado no cemitério!... Oh, se ela pudesse entrar... deitar-se entre os mortos... e não sair mais!...

— Quer que a leve até a sua residência?

— Obrigada. Vou sozinha. Tive uma tonteira... mas... vai passando. Muito agradecida.

Por um esforço de vontade reagiu, firmou-se nos pés, recobrou a energia e caminhou para casa toda encharcada de chuva, ardendo em febre, tiritando de frio!...

\* \* \*

Meia-noite. Georgina, nos braços de sua mãe, estirada, não chora e não fala. Apenas de instante a instante fortes estremeções lhe sacodem o corpo alquebrado.

Recusou, com terror, quando a mãe falou em chamar o médico.

— Não! não! não!

— Mas... que tem minha filha?

— Nada!

— Georgina, pois já não contas tudo a tua mãe?

E beijava-lhe os cabelos esparsos no travesseiro, e beijava-lhe as faces ardentes de febre, inquieta, angustiada, sem saber a causa daquela doença súbita... em que suspeitava intensa dor moral.

Finalmente um grito respondeu às perguntas maternais.

— Octavio, mamãe! Octavio... vai casar... com Olga!...

E, enfim chorou. Um pranto convulso, um pranto de tempestade, um pranto de morte: a morte de seu amor!...

E D. Sofia estreitou-a ao peito, e as lágrimas das duas se confundiram.

Ah, coração de mãe!... porque não nos basta o coração de nossa mãe para nos amar, e procuramos outro... que nos fere sem dó?

De madrugada Georgina acalmou-se. A febre declinou, as crispções nervosas cessaram, os soluços deram lugar a uns fios de pranto silencioso, a escorrer pelas frentes lentamente e ela encolheu-se, quieta, debaixo da colcha de algodão grosso, em que a mãe a envolvera toda...

Apenas, de vez em quando, um suspiro longo lhe saía do peito opresso.

Às 5 horas da manhã ela disse, baixinho, como num sopro:

— Mamãe, já estou melhor. Vá dormir. Vá, mamãe.

— Não, Georgina. Fico contigo.

— Vá, mamãe. O pior já passou.

Os olhos pisados da pobrezinha brilharam, abrindo-se numa expressão singular. Não sei que pensamento atroz acudiu à mãe desolada.

— Georgina... minha filha... dizes... oh... dizes... queres morrer?

Ela fechou as pálpebras e murmurou, devagar, num suspiro mais longo:

— Morrer... seria a felicidade... agora! Sim!... morrer...

— E deixar tua mãe... sozinha e desgraçada? Tua mãe... que...

Os soluços a interromperam.

— Não, mamãe. Não tenha susto. Eu sou cristã... vou ser forte. Forte!... ouviu, mamãe?...

Calou-se um pouco, recolhendo as idéias, para exprimir-se claramente. E continuou:

— Então... para que é que a gente é cristã? Só para os momentos mornos da vida?... quando não há grandes alegrias... nem grandes dores?... Não, mamãe! É justamente... é sobretudo nas grandes dores... que a fé deve salvar. Não é, mamãe? Suspirou fundamente e prosseguiu:

— Morrer... seria o desejo da natureza... A gente está cansada da vida... como eu agora... e pensa em descansar... Mas... não! Resistir é melhor. É mais nobre. Deixando-se morrer... a gente não sabe para onde vai. Não, mamãe. O pior já lá se foi. Fique tranqüila. Eu quero ser forte!... forte!... forte!...

— Oh, sim filhinha! Tu és forte! És cristã!

— Olhe... o dia vem rompendo. Não ouve o rumor da rua? Se eu pudesse dormir...

— Queres dormir, mesmo?

— Quero. Apague o candeeiro. Sim?

D. Sofia beijou-a outra vez, acomodou-lhe a roupa do leito, e saiu, fechando a porta de manso.

Dormir!... Ela não podia dormir.

Quando a mãe se afastou, levantou-se da cama, tirou da parede o crucifixo e ajoelhou-se, com a cruz negra entre as mãos.

Por uma clarabóia fronteira a luz da manhã entrou, muito tênue, e veio até a imagem ensangüentada.

E Georgina colou os lábios secos e trêmulos aos pés traspassados do Senhor... e gemeu aí, gemeu, gemeu, nesse único refúgio das misérias humanas...

— Só vós, ó divino desamparado, só vós me podeis salvar!... Salvai-me, Senhor!... Vêde como eu estou... Daí-me forças!... Daí-me coragem!... Tende pena de mim, Jesus! Vinde em meu auxílio... depressa... senão eu morro!... Fazei que esta infeliz não sucumba!... o golpe corta fundo... dói muito... dói... dói... Deus de piedade, salvai-me!... Fazei que eu viva... para a minha mãe!...

E nova explosão de soluços lhe subiu à garganta... e novo fio de lágrimas... — que pérolas se lhe podiam comparar? — correu dos olhos da triste e umedeceu os pés do crucificado...

\* \* \*

Três dias depois, muito fraca, esquelética, reergueu-se, apurou-se como a planta após o vendaval.

Foi ver a caixa onde guardara a seda, os arames finos, o retroz verde claro, todo o material para a sua grinalda nupcial, e pôs-se a trabalhar.

A mãe espantou-se.

— Vais fazer isso, Georgina?

— Sim, mamãe. O prometido é devido; eu prometi! E... Olga não tem culpa de nada!...

— Mas, pobrezinha... é demais!

— Escute, mamãe...

... e, com um sorriso mais triste do que o rictus da morte:

— Se eu não posso... e nunca mais poderei aproximar-me dele... ao menos alguma coisa de mim se aproximará. Pode ser que ele toque nessa coroa... em que os meus dedos tocaram. Era minha coroa!... eu ponho-lhe dentro a minha alma...

— Estás a delirar, Georgina?...

— ...e ele a sentirá... quem sabe?...

E as lágrimas desciam-lhe nas faces cadavéricas, e gotejavam, uma a uma, na blusinha velha que ela vestia.

— Farei outra... igual... para mim... para quando eu morrer. Não; há de ser esta. A outra igual, será... para ela. Porque eu nunca me casarei, mamãe. Nunca!

— Minha filha!...

— Mamãe, era natural que as coisas sucedessem assim. Que direito tinha eu ao amor de Octavio? Ele precisa de fazer carreira...

— Ambicioso!... ingrato!...

— Não, mamãe. Ambição justa! Ingrato por quê? A culpa toda, se houve culpa, foi minha. Eu é que não me enxerguei, não me lembrei da minha inferioridade, quando comecei a adorá-lo. Tomei a nuvem por Juno...

— Inferioridade!... Quando se quer bem realmente...

— Não discutamos isso. Ele nunca me pediu sacrifícios. Eu é que os fiz, porque quis. Casar comigo... seria contra os seus interesses... e ele é um homem que vai para a frente como os generais na guerra, sem ver os destroços que lhes ficam debaixo dos pés!...

— E tu achas isso direito?

— Acho natural e é bastante. O verdadeiro amor não é egoísta, e o meu... foi... é verdadeiro. Não o amei por mim, oh, não!... Amei-o por ele, mamãe! Admirei o seu talento, os seus sentimentos nobres, a sua energia de ferro... a sua beleza. Teve ele culpa disso? Não teve. Não me pediu nada, mamãe. Posso exigir que se sacrifique por mim?... Oh, não!... Pedirei a Deus por ele... sempre!... sempre!... Viverei com a sua lembrança. Que ele seja feliz, muito!... Isso me basta.

E os botõesinhos brancos se agrupavam deliciosos... e as flores de laranjeira nasciam deslumbrantes, sobre hastezinhas de um verde pálido, entre os dedos magros da florista...

Depois de pronta, a grinalda ficou uma maravilha, exatamente como Olga a desejava. E Georgina fez a segunda, inteiramente igual.

Contentíssima, generosa, a noiva milionária mandou trazer por um criado a retribuição: 200\$000 rs.

A princípio Georgina quis devolver aquele triste dinheiro, que lhe tremia nas mãos; depois resolveu aceitar.

— Ela ficaria surpreendida desse desinteresse... numa precisada como eu!... Além disso... para que obrigá-la a dever-me esta gentileza?...

E, com amargura de fel nos lábios, sufocando o coração, engolindo o pranto:

— Não!... não!... devo ser paga e bem paga!... É, — para ela — o preço... de Octavio!...

E deu os 200\$000 rs. à Irmã Paula, para a primeira noiva pobre que lhe aparecesse.

In: *Do Meu Arquivo*-Contos e Phantasias. 2. ed. Amélia Rodrigues (BA): Livraria Editora N. S. Auxiliadora, 1929, 281 p.

Amélia Rodrigues (Santo Amaro, BA, 1861 — Salvador, BA, 1926).  
Obras, entre outras: *Filenila* (1883); *Bem-me-queres* (1906); *Do meu arquivo* (1919).

## SEGUNDO NEGO DE ROSENO

Antônio Torres

— Patrãozinho, me dê uma prata.

— Pra que você quer dinheiro, homem? — disse o menino.

— Me dê uma prata para eu tomar uma.

— Não vai trabalhar? Papai está te esperando.

— Eu vou, mas é tomar uma.

— Tome duas e caia longe de vez — disse o menino, pondo as duas moedas na mão do homem e se retirando.

— Deus te ajude, patrãozinho.

Era terça-feira e era o fim de tudo — e o último ser vivo do mundo estava caindo de bêbado, nem bem o sol havia raiado.

Agora não havia mais missa, nem feira, nem barraca, nem pão-de-ló e a rua voltou a ser o que sempre foi: uma solidão única.

O menino percebeu isso ao acordar. Como o padre, todos haviam retornado a suas casas de verdade, fazendolas e casebres miseráveis das redondezas que, se somadas, davam mais de sete léguas. Até tio Ascendino, o último dos beatos (o bêbado não contava), tinha abandonado o seu posto e retornado à sua marcenaria. Agora só lhe restava o caminho da roça. O pior não era a solidão. Era a fome. E

assim, com as tripas roncando e esfregando os dedos nos olhos para limpar a remela, o menino foi descendo para a venda de Josias Cardoso. Ia comprar um pão de água e sal ou mesmo um pão de milho. Agora podia comprar o que quisesse, porque as três notas que o padre lhe dera compravam muitas coisas. Mas ia devagar. Lá na roça seu pai o aguardava com uma enxada.

Felizmente não sobraram apenas o menino, o bêbado e o dono da venda. Também havia Nego de Roseno e sua fubica parada na porta do armarinho. A fubica era um pouco mais do que o veículo que transportava uma pança negra cheia de níqueis dos roceiros. Era o único orgulho motorizado do Junco – e o prêmio justo para um homem que passara toda uma vida carregando suas mercadorias no lombo de um burro. O menino também estava fascinado com o progresso desse homem e chegava mesmo a invejar-lhe a liberdade de poder rodar para cima e para baixo na boléia daquele caminhãozinho que, mesmo quebrando e atolando nas estradas, acabava sempre chegando a algum destino. E talvez fosse isso o que ele estivesse querendo dizer, nesse momento. Imóvel dentro do armarinho, como se fosse mais um dos caixotes que Nego de Roseno tentava mudar de posição, o menino agora admirava a maneira delicada como ele, um homen-zarrão desengonçado, arrumava os frascos de cheiro nas prateleiras. E foi então que Nego de Roseno falou. Queria alguma coisa? Queria, sim. Aquela camisa ali, quanto é?

Custava mais do que o dinheiro que ele tinha, mas Nego de Roseno deixou pelo dinheiro que ele tinha.

— Seu pai é um bom freguês — disse. — Vou lhe fazer um desconto.

Seu pai. Agora precisava inventar uma boa mentira para contar em casa. Por que demorou tanto? Porque...

Talvez levasse uma surra.

Mas tinha dois pães numa mão e uma camisa nova na outra – e isso, por enquanto, era o que importava. Uma camiseta branca, de mangas cavadas (diferente, moderna), a primeira coisa na vida que

comprava com o seu próprio dinheiro. Também não mandou pôr os pães na conta do pai, como das outras vezes. O problema é que sua alegria não estava sendo maior que o seu medo. Quem mandou demorar tanto?

Quando chegou à marcenaria, tio Ascendino ainda cantava benditos. Era um velho muito só que vivia rezando e praguejando contra as maldades do mundo. Tio Ascendino parou de cantar, parou a enxó, ajeitou os suspensórios e mandou um caminhão azul para o menino.

— Fiz este para você. Gosta da cor azul?

O menino ofereceu um de seus pães para o tio e tio Ascendino aproveitou para fazer um café. Enquanto esperava, e agora com uma alegria redobrada, por causa do presente, trocou de camisa.

— Só está é um pouco folgada – disse tio Ascendino. – Mas não faz mal. Quando lavar, ela encolhe. E você está crescendo.

Esquecido do tempo e da enxada e da possibilidade de uma surra, o menino conversou muito, como se fosse um bom companheiro para o tio.

— Essa terra só se alegra quando tem missa, não é?

É a pura verdade – disse tio Ascendino. – É uma pena só ter missa de tempos em tempos. Já estamos precisando de um padre que more aqui, celebre missa pelo menos todos os domingos.

— Também acho – disse o menino.

— E você, quando vai para o seminário?

— Não sei, não, tio.

— Quando vejo você ajudando o padre, tão bonito, fico pedindo a Deus para ver você um dia metido numa batina. Ia ser o maior orgulho deste lugar. Mas talvez eu não viva tanto para ver isso.

Há uma certa hora no Junco que dá para se ouvir um carro de bois cantando do outro lado do universo. Entre 11 da manhã e 3 da tarde o sol treme e até as cigarras param de piar. O menino ia pela estrada atento aos buracos. Atento ao barulho das rodas de seu caminhãozinho, que ele empurrava com uma forquilha.

O presente do tio também serviu de perdão para a sua demora. O que não lhe perdoaram foi o fato de ele ter dado o seu dinheiro numa camisa que não valia nada. Burro. Burro e besta. Seu pai ordenou:

— Volte lá e devolva isto. Traga o dinheiro de volta.

Tinha que voltar à rua. Não havia outro jeito. No caminho, pedia a Deus que lhe jogasse na frente três notas que ganhara do padre e que agora se encontrava nas mãos de Nego de Roseno. Se isso acontecesse, ele poria a camisa fora e voltava para casa sem ter que enfrentar o dono do armarinho. Era uma humilhação ter que se desfazer de um negócio que fizera por sua livre vontade. Mas se Deus não o iria socorrer, muito menos Nego de Roseno. Pediu o apoio de Dirce, com os olhos molhados. Dirce não se moveu. Pediu o apoio de Neguinho, que um dia havia caído aos seus pés, no meio da rua, durante um ataque de epilepsia. Neguinho também não disse nada. Que espécie de homem ele era?, perguntava Nego de Roseno. Comprava uma coisa e depois se arrependia? Além do mais, a camisa estava melada de suor. Em casa, além da enxada, agora o aguardava uma nova bateria de ameaças e descomposturas. E esse incidente iria perturbar-lhe o sono durante um largo tempo da sua vida.

Como no dia em que Neguinho se jogou no tanque velho e morreu afogado, para se vingar de um tapa que levava do pai. Em seus sonhos, o menino via Neguinho se debatendo e espumando no chão, com os olhos arregalados e suplicantes, como se estivesse lhe pedindo socorro. Essa cena iria se repetir noites a fio, por mais que o menino rezasse pela alma de Neguinho.

Só muito depois, quando a camisa já estava rasgada e não servia mais para nada, foi que ele deu o caso por encerrado.

Uma noite seu pai voltou um pouco tarde da rua e ficou conversando com sua mãe. Estava contando a respeito do que ouvira uns homens dizer sobre o menino.

— Estava eu, Josias, compadre Zeca e Nego de Roseno.

O menino ficou de orelha em pé. Ainda não haviam se esquecido daquela coisa.

— Aí Nego de Roseno disse: dá gosto ouvir aquele menino falar. Aquele menino é um homem — contava o velho. — Os outros, todos, disseram a mesma coisa.

Agora, sim. Seu pai estava orgulhoso.

O filho dele era um homem, segundo Nego de Roseno.

In: *Meninos, Eu Conto*. Rio de Janeiro: Record, 1999, 82 p.

Antônio Torres (Sátiro Dias, BA, 1940 —).

Obras, entre outras: *Um cão uivando para a Lua* (1972); *Essa terra* (1976); *Um táxi para Viena d'Áustria* (1991).

## O MORTO ROGACIANO

Aramis Ribeiro Costa

De pé, ao lado do caixão, Rogaciano admirava, desconsolado, o próprio corpo. Estava um defunto horrível! Quase não se reconhecia, naquela cor de cera e com aqueles chumaços ridículos de algodão nas narinas. Felizmente não lhe amarraram, também, um pano segurando o queixo com um nó na cabeça, o que seria, aí sim, o supra-sumo do ridículo. No demais, até que não estava mal. Haviam-lhe posto a melhor roupa, embora fosse um terno comprado há dois ou três anos, uma camisa social branca e uma gravata de seda. Não era a sua predileta, mas tudo bem. Não se pode ter tudo. Olhou os sapatos, unidos, um ao outro, na posição vertical, e esboçou um ar de riso: seus velhos sapatos sociais pretos. Como duraram, aqueles sapatos! E estavam, ainda, relativamente novos. Ao menos não faziam vergonha. Mas também só os usava em ocasiões especiais, uma solenidade, uma festa. Agora chegara o fim deles: iriam apodrecer debaixo da terra, junto com os seus pés, que eles sempre protegeram. Isto se não fossem roubados pelos ladrões de cemitério. No resto, igualmente, não havia o que reclamar: barbeado, as pálpebras bem fechadas, as mãos com os dedos entrelaçados sobre

o peito, as flores compoem o caixão, tudo certinho. O próprio ataúde, se não era dos melhores, também não fazia feio. Enfim, não era rico, não deixara quase nada além do apartamento em que moravam, não poderia ter um caixão muito caro. Nem ele fazia nenhuma questão disto. E, de pé, ao lado do esquife, Rogaciano olhava o próprio cadáver.

Mas, afinal, de que morreria, que ele não sabia? Até a véspera não sentia nada, estava forte, tomando o seu *scotch on the rocks*, saudável, apesar da rinite alérgica que jamais o abandonara, e dos seus cinquenta anos bem vividos. Com esforço tentava reconstituir cada minuto antes de morrer. Estaria dirigindo? Teria sido algum acidente de carro? Atropelo? Algum desastre aéreo? Examinou o corpo, à procura de algum sinal de acidente. Não havia. Pelo menos nas partes descobertas, cabeça e mãos, não havia. Não lembrava de ter sentido nenhuma dor forte no peito, o que poderia sugerir um infarto. Decididamente, não lembrava. Não lembrava de nada que lhe pudesse ter ocasionado a própria morte. Era como num sonho. E, também aí, Rogaciano sentia-se confuso: era como num sonho tentando orientar-se, ou era como na vida tentando lembrar um sonho? Seria a própria vida apenas um sonho, e nada mais que isto? Neste caso, a morte seria o seu despertar! Mas isto contrariava tudo que Rogaciano sempre pensara, pois, sendo um materialista convicto, acreditava que a vida era tudo, não havendo mais nada além dela. Agora, que estava morto, olhando o próprio corpo estirado naquele ataúde e coberto de flores, via que não era. Não sabia o que lhe aconteceria dali por diante, se veria a face de Deus ou do Diabo, mas sabia, com certeza, que ainda existia de alguma forma, apesar de morto. E não pôde deixar de sentir-se contrafeito com isto. Não apenas por ver-se contrariado em sua teoria, da vida inteira, como por não achar graça nenhuma naquela continuação. Tudo que ele era, tudo que ele acreditava, tudo que ele sonhava e queria, estava relacionado com o mundo terrestre e com a sua forma material de homem e de escritor. Que sentido teria continuar? E continuar onde? Como? Para ser o quê?

Angustiado, Rogaciano tentava ver-se em sua nova forma imaterial, e não via nada, pois, sendo apenas energia, não podia nem

mesmo ver-se. E chegou a achar graça nisto: sabia que estava ali, sabia que estava de pé ao lado do seu próprio defunto, e não podia ver-se. Como era canhoto antes de morrer, pela força do hábito levantou a mão esquerda, mexeu os dedos, estalou-os. Nem viu a mão, nem viu os dedos, nem ouviu o estalo. E, no entanto, sabia que tudo isto havia acontecido. Ridículo! pensou. Absolutamente ridículo! Enfim... também provavelmente teria se achado ridículo, se pudesse ver-se no instante em que nascera - filosofou. E Rogaciano surpreendeu-se com a própria calma. Afinal, não queria morrer. Tanto que, embora não soubesse a sua *causa mortis*, podia afirmar, com segurança absoluta, que não se suicidara. Não que fosse contra o suicídio. Pelo contrário. Sendo um escritor, e sem nenhuma sujeição religiosa, via cada pessoa como personagem principal e, ao mesmo tempo, autora da própria história da vida, cabendo-lhe o direito de conduzi-la e terminá-la como melhor lhe aprouvesse — desde que, naturalmente, não prejudicasse outras. Mas é que, no seu caso pessoal, efetivamente não se determinara a isto, e tal gesto nem ao menos lhe passara pela cabeça. Logo, não se matara. Então, de que morrerá?

Ao pensar na vida como uma história, Rogaciano lembrou-se, aborrecido, do romance que estava escrevendo. Um longo e trabalhoso romance, de mais de trezentas páginas. Estava quase todo pronto, faltavam apenas os dois últimos capítulos. E, pela primeira vez depois de morto, sentiu uma grande, uma profunda e sincera contrariedade. Não era justo que lhe acontecesse aquilo. Aquele romance era a sua obra-prima, jamais havia escrito nada que se lhe pudesse comparar. Iria consagrá-lo, transformá-lo no grande escritor que, na verdade, ele não fora. E ele o deixava incompleto! E, incompleto, não valia nada... de que vale um romance sem os dois últimos capítulos? Não era justo! repetia, em pensamento, inconformado. Sabia que não era o primeiro, muitos, muitos outros morreram deixando trabalhos importantes, às vezes os seus melhores, inacabados. Mas seria isto um consolo? Não, não era. E nada o poderia consolar. E suspirou profundamente, espantado por não ouvir o próprio suspiro.

Cansado de mirar o seu corpo inerte, Rogaciano voltou-se, pela primeira vez, para a sala. Que lugar seria aquele? Pareceu-lhe o velório do próprio cemitério, mas logo desinteressou-se disto, e passou a observar as pessoas em torno. Não havia nem quinze. Cinqüenta anos de vida, escritor com alguns livros publicados, administrador de empresas, funcionário graduado e competente, e nem quinze pessoas no seu enterro! *Sic transit gloria mundi*, considerou, verificando que a morte não lhe apagara da memória as poucas — e vulgaríssimas — frases que sabia em latim. À volta do caixão algumas poucas coroas de flores, tamanho médio: três ou quatro. Passou os olhos mortos pelos dizeres dos cartões, pregados ostensivamente às flores, de forma que pudessem ser lidos: inexpressivos, convencionais, medíocres, como quem havia mandado. Desistiu de ler, voltou às pessoas em torno.

Quem primeiro lhe chamou a atenção foi a mulher. Esmeralda vestia-se toda de negro, um vestido que ele próprio lhe dera, escondia os olhos nuns grandes óculos escuros, que também ele lhe dera, e passava, repetidamente, um lenço no nariz, dando a impressão de que chorava. Mas ela podia enganar àquelas pessoas que ali se encontravam, não a ele. Embora ninguém soubesse, nem os filhos, eles estavam separados, na própria cama, há muitos anos. Ela já não sentia mais nada por ele, nem ele por ela. Conviviam socialmente, convenientemente e, na verdade, por último, mal se suportavam.

Uma suspeita — terrível — ocorreu-lhe: teria sido envenenado por Esmeralda? Seria fácil para ela colocar veneno no seu prato, e ele teria morrido dormindo, enquanto sonhava com as pernas de Jucilene. Mas logo voltou atrás, reconhecendo a crueldade do seu próprio juízo: Esmeralda não era uma assassina, nem tinha motivos maiores para matá-lo. Porque afinal, se continuavam morando juntos e dividindo a mesma cama, apesar de não terem mais nada um com o outro e, até, já nem mais se suportando, era porque assim lhes convinha. Enquanto conviesse, morariam. Quando não mais, sem brigas nem mágoas, iria cada um para o seu lado. Para que matá-lo? Para herdar? Riu-se, divertido. Grande herança! Um apartamento simples

de três quartos, sem nenhum luxo, um carro médio de três anos de uso, e um terreno que ninguém queria comprar e que ele jamais conseguira localizar. Fora este todo o bem material que ele pudera adquirir. Valeria a pena matá-lo por isto, ainda mais sendo, como ela já era, dona da metade de tudo? Seguramente não.

De Esmeralda, o seu pensamento voou para as outras mulheres da sua existência recente. Não tinha nenhuma amante fixa. Apenas as suas conquistas de fim de tarde, mulheres que vinham e iam, como os próprios enganos da vida, sem maiores compromissos e muitas vezes sem sentimento algum, e que jamais o impediam de dormir em casa, mantendo as aparências. Esmeralda, aliás, sabia dessas aventuras, que somente lhe quietavam a carne ainda intensamente ávida, e não dava sinais de importar-se. Nem poderia. Se não tinham mais nada, um com o outro? Ocorreu-lhe uma dúvida: e ela, teria algum amante? Observou-a atentamente, procurando, com o seu olhar de morto, desvendar o que, enquanto vivo, não havia percebido. Mas não chegou a conclusão alguma. Tanto podia ter como não, as mulheres, quando traem, o fazem sempre com muita competência e dissimulação — tanta, que nem o olhar de um morto pode perceber. Mas ele quase podia garantir que ela não tinha amante algum. Esmeralda jamais interessara-se, verdadeiramente, pelo sexo. Desde a primeira vez — e ele fora o seu primeiro homem — nunca demonstrara nenhum entusiasmo, fazendo por fazer, simplesmente fechando os olhos e abrindo as pernas, na mais absoluta indiferença pelo que estava acontecendo em cima dela. Teria tido algum orgasmo, em toda a sua vida? Com ele, pelo menos, não lhe parecera.

Sim, lá estava Esmeralda, toda de negro, com os grandes óculos escuros escondendo os olhos, passando o lenço muitas vezes no nariz, como se chorasse, fingindo-se a viúva desconsolada. Bem, pelo menos continuava desempenhando o seu papel até o fim, conservando as aparências. Não era isto que ambos faziam, quando ele estava vivo? E Rogaciano sentiu-se envergonhado de haver compactuado com aquela situação. Como era que ele, um intelectual, um

livre-pensador, um homem de idéias largas e abertas para todos os assuntos, concordara com semelhante farsa durante anos e anos? Enfim... os vivos têm razões que nem eles explicam, e que os mortos não podem entender. E já que lembrara das suas amantes fortuitas de fim de tarde, onde estavam elas, que não lhe tinham ido ao sepultamento? Teriam, ao menos, sabido da sua morte? E onde estavam todas as dezenas de mulheres que ele amara ao longo de toda a sua vida, as suas parceiras de tantos prazeres de amor? Por que não estavam todas ali, à volta ao caixão, debruçando-se em lágrimas sinceras? Tornou a suspirar, o seu suspiro silencioso de morto, concordando consigo que, mesmo morto, imaginava desatinos.

De Esmeralda passou à filha, abraçada ao namorado. Pelos olhos e nariz vermelhos, parecia que Tatiana havia chorado um pouco — e de verdade. Mas, naquele exato momento, estava muito bem consolada pelo moço que aproveitava a sua fragilidade para abraçá-la e beijá-la. Salafório! Provavelmente não estava sentindo nada pela sua morte, apenas queria levar a sua filha para a cama. Se é que já não levara. Observou-os mais atentamente, concluiu: é, já levara. Próximo, o filho conversava com dois colegas de faculdade, como se estivessem, os três, numa reuniãozinha social, só lhes faltando o copo de uísque numa das mãos. Rogério estava tranqüilo, nem parecia que havia perdido o pai. Era o seu temperamento, nunca se abalava com nada, achava tudo muito natural. Vestia o de sempre, o traje que ele usava para tudo e qualquer coisa, como uma farda: uma calça *jeans* desbotada ao extremo, uma camisa barata de algodão, e um par de tênis que, provavelmente, havia sido branco, quando novo. Nem mesmo para o seu enterro tivera a decência de vestir algo melhor.

Rogaciano considerou ambos os filhos com um misto de ternura e arrependimento. Amava-os verdadeiramente, muito embora houvesse demonstrado mal esse amor. Neste ponto, justiça lhe fosse feita, Esmeralda só merecia louvores: fora, sempre, uma mãe exemplar. Ele não. Ultimamente pouco conversava com eles, e jamais conversas íntimas. Não soubera compreendê-los nas fases mais

difíceis das suas vidas, e que eram a adolescência e a juventude. De sorte que, conquanto os amasse, eram-lhe quase dois desconhecidos. E Rogaciano refletiu que, se havia fracassado como marido, falhara muito mais como pai. Suprira-lhes as necessidades materiais, mas não lhes dera o que mais deveria ter dado, e que eram a sua inteligência, a sua compreensão, o seu carinho. Mas isto, também, já não podia corrigir, àquela altura. E deixou-os.

Olhou um pouco mais à volta, aquele ambiente sombrio, com aqueles círios ardendo. Quem mais estava presente? O presidente da empresa, seu chefe, o calhorda, não comparecera. Mandara uma daquelas coroas de flores, com dizeres inexpressivos. Que tremenda desconsideração! Representando a empresa ali estavam apenas Jesualdo e Malaquias, o primeiro do departamento financeiro e o segundo do setor pessoal. Jucilene não fora. E isto era o que mais o decepcionava: Jucilene não fora! Estava, também, ali, com um semblante pesaroso, um senhor de cabelos grisalhos cuja fisionomia não lhe era estranha, mas cujo nome ele não recordava. Sabia que o conhecia, que até haviam tido, em alguma época, uma convivência qualquer. Mas quem seria? Não lembrava. As outras pessoas eram um velho amigo de infância, realmente sentido, um vizinho que ele mal cumprimentava, e dois ou três parentes não íntimos, dois dele e um de Esmeralda, e que ele não via há algum tempo. Ninguém mais.

Entediado, Rogaciano foi saindo da sala do velório, disposto mesmo a ir embora dali, e não ver mais nada. Mas, lá fora, teve uma grande surpresa. Sentada, sozinha, num dos bancos de cimento da alameda contígua à sala, estava a sua secretária, Jucilene, esforçando-se, em vão, para conter o pranto convulso, que a sacudia inteira. Era alta, bastante alta, bem mais alta do que ele, loura, de olhos castanhos, lindíssima, dona das pernas mais bem feitas que Rogaciano já vira, e ele seria capaz de morrer outra vez para tê-la possuído. Era a sua fixação erótica mais constante, várias vezes amara outras pensando nela. Mas, não sabia bem por que, talvez por ela ser tão bela e tão séria, talvez por ser tão mais nova, podendo ser sua filha, talvez por ela ser tão mais alta do que ele, talvez por tudo isto e mais o receio de ser rejeitado pela

própria secretária, o fato é que jamais tivera coragem de convidá-la para sair. Perplexo, descobria, com a sua nova intuição de morto, que ela o desejava também e mais: amava-o. Pela segunda vez, desde que morrera, sentiu-se profundamente frustrado e aborrecido. Como os vivos são preconceituosos, burros, covardes e cegos! exclamou, embora nenhum som saísse da sua garganta imaterial. Mas, curiosamente, já não sentia mais nenhuma atração por Jucilene. Achava-a bela, apenas, como se admirasse uma paisagem. E perguntou a si mesmo, constrangido: será que os mortos, como os anjos, não têm sexo? Mas, então... era menos um motivo para continuar. E mergulhava, entristecido, nessa nova e sombria reflexão, quando notou que o seu enterro saía. Lá ia o caixão carregado por seis pessoas, seguido das poucas outras. Jucilene, a belíssima Jucilene, procurando, inutilmente, enxugar as lágrimas, levantou-se e seguiu o pequeno cortejo.

A princípio Rogaciano pensou em ir embora. Aquilo tudo era-lhe indiferente, parecia até que nem se tratava dele. Na verdade, custava-lhe crer que era o seu corpo que ia ali, naquela urna escura e triste, carregado por aquelas pessoas, seguido por aquelas outras. Mas, como não tinha mesmo nada para fazer, e ainda não se havia libertado da sua insaciável curiosidade de escritor, foi andando atrás do grupo. Enquanto andava, sem querer, ia repassando toda a sua vida, como nunca a repassara antes, com tanta nitidez e tantos pormenores. Vinha tudo: infância, adolescência, juventude, mocidade, idade madura. Escolas, namoros, formatura, empregos, casamento, lançamentos de livro. Revia seus entes queridos, que já se haviam ido. Revia, sobretudo, a si mesmo, seus sonhos, suas ambições, suas idéias, seus sentimentos, suas muitas horas diante da máquina de escrever, tentando ser o grande escritor — que acabara não sendo. Ia lembrando, lembrando, como se estivesse escrevendo um livro de memórias, onde não precisava mentir, nem se fazer mais belo do que fora. Achava graça de algumas coisas, arrependia-se de outras, mas não tinha saudade de nada. Era como se nada mais do seu passado e do seu mundo lhe pertencesse.

Mesmo assim, surpreendeu-se quando o cortejo seguiu por um caminho diverso do que devia ir, e parou diante de uma cova

provisória, das que são usadas por um tempo definido, devendo os restos ser transportados para outro lugar, depois desse tempo. Lembrou-se de que ali, naquele cemitério, que agora reconhecia perfeitamente, havia um jazigo perpétuo, que ele próprio comprara, e onde estavam sepultados os seus pais. Sempre acreditara que aquela seria, também, a morada definitiva do seu corpo. Por que não o enterravam lá? Esmeralda e os filhos sabiam — ou deviam saber — da existência desse jazigo. Haviam esquecido? Haviam. Em lugar de enterrá-lo, gratuitamente, na sua cova definitiva, junto aos restos dos seus pais, ainda gastavam dinheiro naquela provisória. Não que ele desse muita importância a isto. Pela sua vontade, até preferia ser cremado. Mas, já que possuíam o jazigo perpétuo, comprado não sem sacrifício, por que colocá-lo ali, naquele? Era incrível! Como são imprevisíveis os caminhos — da vida, e da morte... Mas nada podia fazer, a não ser olhar, olhar, com o seu olhar de morto. Olhar aquele enterrinho medíocre, com aquele pinguinho de gente, nenhum discurso, nenhum choro verdadeiro, além das lágrimas escondidas de Jucilene. E voltou a sentir um total desinteresse por tudo. Mais uma vez sentiu vontade de ir embora. Porém ficou até o fim. Viu o caixão ser posto na cova provisória, a campa ser fechada e vedada pelo pedreiro, e as pessoas se afastarem, lentamente — algumas apressadas — sumindo-se pelas alamedas do cemitério. Até que ficou sozinho, o que, na realidade, já estava, desde que morrera e, talvez até, antes de morrer. E agora, que fazer? Para onde ir? Olhou em volta. Rogaciano sentia um enorme cansaço de tudo. E, com uma má vontade infinita, saiu andando, rumo a uma eternidade que não lhe interessava absolutamente, e da qual ele, mesmo depois de morto, não sabia nada a respeito.

In: *A Assinatura Perdida*. São Paulo: Iluminuras, 1996, 118 p.

Aramis Ribeiro Costa (Salvador, BA, 1950 — ).

Obras, entre outras: *Uma varanda para o jardim* (1993); *O mar que a noite esconde* (1999); *O fogo dos infernos* (2002).

## A DOCE LEI DOS HOMENS

Ariovaldo Matos

*C'est la douce loi des hommes  
De changer l'eau en lumière  
Le revê en réalité  
Et les ennemis en frères.*  
Paul Eluard

Era gostoso caminhar, os pés descalços sobre a areia úmida, espiando o sol que ia nascendo, bem longe, atrás das palmeiras e do farol de Itapuã. Estava como num encantamento, mais ou menos igual ao daquela tarde em que, na colina verde de Mont'Serrat, senti o corpo trêmulo da primeira namorada. Ou quando, uma manhã, descobri o mistério e a maravilha de um sorriso, o sorriso do meu primeiro filho.

Assim eu caminhava.

Tudo desapareceu quando vi o homem sobre a areia. Esqueci o sol e o mar, as espumas que se desmanchavam na praia também esqueci; como se tudo desaparecesse. Como se a vida sumisse de repente e, substituindo-a, surgisse a morte.

Ele estava caído sobre a areia. Já não me recordo, exatamente, se andei ou se corri. Lembro que procurei socorrê-lo, mas logo o vi morto, ou melhor, tive a impressão de que estava morto. Voltei a ouvir o mar, e, de novo reparando nas espumas que se dissolviam a seus pés, imaginei que talvez fosse um náufrago ou um suicida. Estava vestido, dos sapatos à gravata.

Agora, tantos anos passados, já não lhe recordo a fisionomia. Relembro alguns dos traços essenciais. Mas, os detalhes configurativos, esses elementos tão definidores, eu os esqueci. Não era velho. Talvez uns 28 ou 30 anos. Um pouco magro, mas não o bastante para ser notado. Numa palavra: era um homem comum, sem nada de extraordinário, um desses homens que fazem a multidão e nela se integram. Sei, ademais, que era sereno, sem angústias aparentes. De sua serenidade jamais hei de esquecer.

Apalpei-lhe o peito, buscando o coração. Queria saber se estava morto. Ele, então, sorriu. Espantei-me. Devo ter revelado terror, porque procurou tranquilizar-me:

— Fique calado!

Baluciei qualquer coisa e ele, de novo, sorriu. Um sorriso calmo, espontâneo, um sorriso que seu rosto tornava necessário, um sorriso... Não sei bem explicar: direi apenas, sem temer exageros, que nenhum outro rosto poderia sorrir como o dele. Sem beleza, mas sereno, algo infantil, um pouco feminino talvez.

Ainda deitado, com os olhos no céu, pediu-me:

— Por favor, jogue fora esta caixa. Jogue no mar.

Em uma caixinha de pastilha. Fiz-lhe a vontade e ele suspirou. Depois, disse:

— O senhor nunca me viu.

Confirmei, batendo a cabeça.

— Talvez — acrescentou — o senhor nunca mais me veja.

— Depende...

— Não, o senhor jamais me verá novamente. Salvo...

— O quê?

Sorriu uma vez e disse com misteriosa certeza:

— De qualquer forma, o senhor jamais me esquecerá.

Levantou-se, sacudiu a roupa e pediu que eu o acompanhasse. Obedeci, e quando, na curva da estrada, um ônibus apareceu, ele falou com rapidez:

— Por favor, diga-me seu nome e endereço.

Mas uma vez obedeci. Atônito, voltei à praia e, ao chegar onde o tinha encontrado, vi-me com um embrulho nas mãos, um embrulho que ele me tinha dado.

Agora, o administrador do cemitério, as famílias dos que morrem, os médicos que são legistas, meus parentes, com exceção, apenas, de minha esposa — agora, talvez eles pensem que sou um louco.

Antigamente eu não lia, nos jornais, as notícias de crime. Sempre as odiei. Entendo que, apresentadas com sensacionalismo, mal escritas, desumanas pelos objetivos que perseguem, elas estimulavam novos crimes. Sobretudo se se relacionam com suicídios.

Contudo, depois que o encontrei, eu devorava essas notícias, atento aos seus menores detalhes, e sempre que lhe presumia a participação, num crime ou suicídio, notadamente suicídio, eu ia pessoalmente verificá-lo. Ah! Quantas vezes me reencontrei, sofrendo terrivelmente nos espetáculos degradantes das necropsias! Quantas vezes senti, contra meus olhos, dezenas de olhos que me feriam, nos enterros a que compareci, intruso e desvairado, querendo encontrá-lo.

Nunca me disseram, jamais tiveram a audácia da menor alusão, mas eu sentia que os parentes tratavam-me como a um estranho, sem naturalidade, e, por cúmulo de azar, o administrador do cemitério veio morar em minha rua, a todos falando que eu, mais de uma vez pedira-lhe que abrisse os caixões de modo a permitir-me ver, com meus olhos, os rostos dos mortos.

É mesmo provável que meu filho mais velho ache estranho — ou melhor, achasse estranho — que eu lhe desculpasse tudo, até mesmo folhear meus livros, tudo enfim, menos tocar, sequer tocar,

naquele embrulho. Foi como uma maldição. Agora, felizmente, já estou livre. Repito: reencontrei-me. De novo sou um homem tranqüilo, de novo compreendo o velho Gorki afirmar a nobreza da palavra homem, a beleza de seu significado.

Creio que, até agora, não me fiz entendido, como desejo. De modo que é melhor contar a história, passo a passo, tal como as coisas sucederam.

Já assinalei, que, quando ele partiu, no ônibus, fiquei de posse do embrulho que me havia entregue. Talvez não me tenha dito nada. Na realidade, tenho a certeza que não falou. Mas, dominou-me a convicção — de onde nasceu, não sei — de que eu não deveria abrir o embrulho antes que mo ordenasse. Assim decidi, não obstante estar igualmente convicto de que jamais o tornaria ver.

E guardei o embrulho como se fora um objeto sagrado, não o violando. Assumira, comigo mesmo uma obrigação natural, sem imposições, senão as que me ditavam a consciência e, talvez o coração.

Alguns anos se passaram, não sei quantos. A partir daquele fim de madrugada, quando o encontrei, perdi, em certa medida, a noção do tempo. As semanas foram dias, os meses foram os anos. Anos de angústia e desespero, dias e noites terríveis ao longo dos quais, sem razões que o conhecimento explicasse, transfigurei-me, perdi a tranqüilidade, o bom humor, entregando-me a prolongados momentos de solidão, essa solidão que nos conduz a olhar para dentro de nós mesmos, valorizando cada detalhe, cada minutência. Mas, não era a solidão calma que permite a análise ponderada, a valorização consciente. Era um exame turbulento, produzindo angústias, crescente intranqüilidade, porque, nada, absolutamente nada, explicava a mudança do meu comportamento. Não explicava porque aqueles rápidos minutos em que o conhecera tinham sido tão poderosos e tão significativos, exigindo-me tanto. Não explicava a certeza com que ele me falara (“... o senhor jamais me esquecerá”) e o motivo porque, como um tolo, obedecia; e, obedecendo, modificava completamente a minha vida. Às vezes exprobrava-me, tinha ímpetos

de agarrar o embrulho e atirá-lo ao fogo, libertar-me. Mas eram ímpetos passageiros; e, logo após, a lassidão voltava, as angústias vinham em seguida — e eu me prostrava àquela incerteza, àquele estúpido desespero. Essa hesitação passou a marcar minha conduta, em tudo, durante dias, semanas, meses sucessivos, e eu tinha consciência de que minha esposa sofria comigo, sem saber da origem de tudo aquilo e mais sofria porque ignorava o remédio que me poderia salvar. Ela apenas sabia do embrulho, sabia que ali estavam os motivos de meus sofrimentos, nada mais. Quanto de tortura suportou, sem uma palavra de protesto, sem um gesto de recriminação! Presumo o que não imaginou, e, imaginando, o que não desejou fazer para ajudar-me, inutilmente.

Uma noite, a vi inteiramente mudada, como se soubesse de tudo, como se ela própria tivesse vencido a angústia. Surpreendi-me, sobretudo porque ela sorria com desvelo. Perguntei:

— Alguma coisa?

— Sim, uma carta — e de novo sorriu.

— Onde?

— É dele!

A princípio revoltei-me e quase gritei:

— Quem mandou abrir?

Muito calma, como um médico a convencer um enfermo, ela respondeu:

— Você sempre me autorizou a abrir suas cartas.

Veja: nada distingue esta das outras. O envelope comum, o seu nome e o endereço escrito a máquina, nada que...

Consegui dominar-me e pedi:

— Perdão...

Ela sorriu, seus olhos azuis brilharam de alegria. Caminhou em direção ao meu gabinete. Depois de entregar-me a carta, pretextou algo (não me recordo o que) e saiu. Com sofreguidão comecei a ler... A carta? Vou transcrevê-la:

“Amigo...

Você receberá, dentro de pouco tempo, notícias minhas. Não se inquiete. Pesa-me o remorso de ter transformado sua vida, tirando-lhe, talvez, um pouco, de calma, acrescentando, às suas preocupações cotidianas, uma outra preocupação. Vi-lhe os gestos, naquela aurora, junto ao mar. Vi-lhe o terror, mas não apenas o terror, nos olhos, quando você me julgou morto. Vi que você não procurou saber quem eu era, quem eu sou, para socorrer-me. Compreendi, então, que você vê no homem, antes de tudo, um semelhante. Não direi que pessoas como você sejam raras. Ao contrário: acredito, e minha experiência de vida o comprova, que todos os homens são bons. A vida — essa vida que vivemos — é que os modifica, por força de razões as mais diversas. A índole, como fenômeno próprio de cada pessoa, é uma ficção, desde que se isole essa pessoa do conjunto social. Na praia, o primeiro que me encontrou — era noite ainda — apalpou-me o coração, não para senti-lo bater, para encontrar vida ou morte. Buscava-me o bolso, e no bolso a carteira. Levou-ma. Um outro, ao ver-me caído, murmurou — “um afogado!” — e correu, tomado de medo. Creio que não falou a ninguém. Depois, você apareceu. O primeiro, um ladrão; o segundo, um coarde; o terceiro, um homem.

Por isso eu lhe confiei o pacote. Não sei porque, tinha a certeza — devo continuar a tê-la? — que você não o abriria buscando seu conteúdo. Explico-lhe agora: são cartas. São cinco cartas. Repito: tenho certeza que você não as violou, não as leu, e essa certeza provém de uma suposição que me anima: a de que você e eu somos, de certo modo, iguais.

São cinco cartas de um suicida. O suicida fui eu. Será que você considera o suicídio como um ato de covardia? Creia-me: Existem momentos em que somente a morte salva, somente a morte remedia. Pensei ter vivido esses momentos, e busquei, na praia, a morte. Talvez deva dizer que sou um ex-suicida. Porque sobrevivi àqueles momentos. Imagine isto: um homem constrói toda a sua vida acreditando numa certeza, a ela se sacrificando,

matando sentimentos profundos, sufocando desejos, justificando erros. E, de repente, todo o mundo que construía, no plano ideal, explode. A certeza era uma farsa. Talvez um cínico, diante de tal problema, dissesse: “bem, amanhã é outro dia...” Talvez um calculista frio, mestre na análise de sentimentos e imune a paixões, um a um, todos os aspectos do problema, considerasse suas causas e suas conseqüências, permitindo-se uma autocrítica percutientíssima, no fim do que se consideraria disposto a outra, repetindo Camões “muda-se o ser, mudam-se as substâncias...” Eu não. Porque sou como o poeta, eu sou todo coração!

Por que sobrevivi? Por que não caminhei águas adentro, atendendo ao que alguns dizem ser o chamado do mar?

Não me creia louco. Escute: quando eu buscava a morte no mar, no mar havia vida. Compreende? No mar havia jangadas, nas jangadas os pescadores, havia lua no céu, o vento batia nas folhas dos coqueiros, eu ouvi cantigas de crianças, de todas as crianças do mundo eu me lembrei, desejando que se dessem as mãos e cantassem a cirandinha... Foram momentos magníficos e eu renasci para a vida. Volvi-me todo para mim, apaixonado, apaixonado...

Compreenda: não era aquele o momento de morrer. Não era aquela a minha morte.

Não me quero alongar mais. Se, porventura, você for como eu — assim acredito — toda essa explicação será desnecessária. Você também se voltará para dentro de si e as coisas aparecerão claras, lúcidas.

Um abraço, um caloroso abraço. Recomende-me à sua esposa. Têm filhos? Se vocês os têm — desejo que sim — façam com que cantem rodas, cantem a história do cravo e da rosa, façam com que compreendam que a suprema alegria da vida é a de poder sonhar sem dormir, sonhar como eu sonhava, naquele começo de dia”.

A carta não trazia assinatura, senão um garrancho, um J imenso, seguido de um a ou um o. Não sei bem. O que é importante, todavia, é o seu PS. Assim:

“Queime as cartas, todas as cinco cartas”.

Queimei-as e, quando o fazia, minha esposa reapareceu. Ainda sorria, e como eu sorrisse também, olhando o fogo muito belo, ela perguntou:

— Ele parecia doente?

Respondi:

— Não! Ao contrário...

— Lembro-me daquela madrugada. Falei mesmo que você cometeria uma imprudência se saísse, para a praia, apenas de “short”. Recordar? Depois você voltou, trazia e embrulho, todo machucado. Não fizemos o nosso passeio...

Interrompi-a:

— Sairemos agora!

Os garotos — são três — dormiam. Andamos como namorados, de mãos dadas. A lua iluminava a praia, o mar cantava suas canções, o vento batia nas palmeiras e elas dançavam. Nem por um minuto ousamos falar. Belo é o mundo do silêncio, quando se ama. Os olhos libertam toda a sua riqueza de expressão, as mãos valorizam ao máximo os seus movimentos, um simples gesto substitui todo um poema. E, depois, a calma invade tudo, o mundo desaparece — apenas ficam os amantes, as águas, a noite, a natureza.

In: *A Ostra Azul*. Organização Guido Guerra. Salvador: Artes Gráficas, 1998, 254 p.

Ariovaldo Matos (Salvador, BA, 1926 — Salvador, BA, 1988).

Obras, entre outras: *A dura lei dos homens* (1960); *Os dias do medo* (1979);

*Colagem (desvairada) em manhã de Carnaval* (1981).

## O ASSALTO

Carlos Ribeiro

Dez horas da noite. Marcos espera o ônibus no ponto próximo ao Clube do Bahia, na Boca do Rio. Horário ruim aquele para Marcos esperar o ônibus. Você sabe, Salvador não é mais aquela cidadezinha provinciana dos anos 60/70. Somente no último final de semana, nada mais nada menos que 12 coletivos foram assaltados. Em um deles, o cobrador foi morto com um tiro na cara. Em outro, um tiroteio entre os assaltantes e um policial civil resultou em sete pessoas feridas, incluindo um bebê e uma anciã que saltou do veículo em movimento, quebrando as duas pernas e sofrendo rachaduras na bacia. Outra mulher, mais gorda, ficou entalada na janela e só pode ser libertada cinco horas mais tarde, graças à ajuda de um maçarico.

Só rindo, pensa Marcos. O diabo é que em muitas dessas tragédias cotidianas há quase sempre uma nota humorística que torna a coisa toda um tanto inverossímil: anciãos que encontram forças para saltar de um ônibus em movimento, maridos que fogem às pressas deixando mulheres e filhos para trás, gente correndo para um lado, gente gritando para outro, uns se espremendo em janelas,

outros se esbarrando em cercas, outros ainda metendo os pés em poças de lama. Só rindo.

Marcos se lembra de dois assaltos hilariantes ocorridos com amigos seus. Um deles, um conhecido maestro, foi abordado de chofre, numa praça em São Paulo, por um homem armado, que o abordou aos gritos de: “Passe a carteira, corra e não olhe pra trás!”. Assustado, o maestro entregou uma carteira de cigarros que levava à mão e fugiu em disparada, sem olhar para trás. O assaltante, paralisado durante alguns segundos pela surpresa, correu atrás dele, em seguida, gritando: “Essa carteira não! Essa carteira não! Quero a outra! A outra!”. Mas o maestro não voltou para entregar a outra carteira.

Em outro assalto, no bairro de São Cristóvão, próximo ao aeroporto, um amigo de infância, publicitário e jornalista, acordou no meio da noite, com o ruído da porta da frente da sua casa sendo arrombada. Vendo que não tinha outra saída, gritou para um cachorro imaginário: “Calma, Rex! Calma, Rex!” e latiu, engrossando a voz o máximo que pôde: “Au, Au, au”. O efeito foi imediato: a porta parou de se mexer, passos rápidos ecoaram na varanda e o portão com força, na noite, lá fora. O bandido nunca mais voltou.

Presença de espírito e sorte, pensa Marcos. Isto é que é preciso ter: Presença de espírito e sorte. Mas quantas outras histórias não tiveram um final assim tão feliz?

A rua está deserta. Apenas Marcos e duas mulheres esperam o ônibus. Marcos acende um cigarro, jurando que aquele será o último. Dá duas baforadas, joga-o no chão e pisa nele com raiva. Uma das mulheres olha para ele com ar de censura, como se dissesse: então é assim que você faz com a sua cidade, sujando-a toda, você não recebeu educação da sua mãe, seu animal? Marcos olha para ela, de relance, com raiva, mas depois afasta esse pensamento da cabeça e diz pra si mesmo: Estou ficando velho. Este mundo não é mais para uma besta velha como eu, que passou a vida inteira fumando e sujando as ruas sem nunca pensar que estaria fazendo algo errado, mas agora, olha para os lados, agora me sinto como se um milhão de olhos

ficasse o tempo todo me vigiando, me censurando, me lembrando que não valho porra nenhuma mesmo e que o mundo não perderia nada se um vagabundo metesse uma bala nas minhas fuças. Sacode a cabeça como se quisesse afastar aquelas idéias, como quem afasta moscas de uma bicheira. Olha de novo para a mulher e vê que é apenas uma mulher comum, como qualquer outra, deve trabalhar em alguma dessas churrascarias de terceira classe, que se multiplicam na orla marítima, deve estar voltando para casa, agora, para cuidar do marido bêbado e dos filhos famintos, então por que ela o olhou com aquele olhar tão altivo, tão carregado de censura, se não tem nem onde cair morta?

A mulher pega um ônibus; a outra, com cara de beata, olha-o de relance, como se tivesse medo dele, como se não quisesse ficar ali sozinha com ele, àquela hora da noite, como se ele fosse o próprio Satanás, e pega o primeiro ônibus que aparece. Marcos fica sozinho, um pouco impaciente. Logo em seguida chega um velho arrastando um saco pesado, que coloca pela porta da frente de outro ônibus, entrando em seguida pela porta do fundo e Marcos olha o relógio. Quando o ônibus sai, fica uma nuvem de fumaça preta que se dissipa muito lentamente. Marcos sente a fumaça impregnar-se em seus poros, nos seus cabelos, nas suas narinas, uma podridão das maiores, pior do que aquilo só o caminhão do lixo, que merda, ele resmunga, sentindo crescer dentro de si uma revolta pelo péssimo serviço de transporte da cidade, por aquela porcaria à qual se referem pomposamente como “o sistema de transporte urbano da capital”. Lhufas. Pensa nos políticos, esse monte de bosta, que nunca faz nada de concreto para melhorar a vida do povo; e pensa em si mesmo como um pária: um saco de carne e ossos com o rosto marcado e os cabelos grisalhos e roupas amassadas, um homem fracassado que, aos 52 anos de idade, continua dependendo de transportes coletivos e que não faz nada para mudar esta merda! Se ainda vivesse há alguns anos, num tempo em que as pessoas acreditavam que podiam mudar o mundo. Lamentava não ter peito para liderar um movimento revolucionário e dar um fim àquele

nhém-nhém-nhém de neoliberalismo e de democracia social, vejam só o que esses merdas ficam inventando para enganar esta vasta população de mongolóides. Também pudera: 200 milhões de palhaços cuja principal distração é assistir programas de auditório, dançar músicas ridículas, ler escritores esotéricos e autores da moda, como esses sabichões da... como é mesmo o nome? Psicolinguística? Não, Neurolinguística, vê se pode, pelo amor de Deus, todo mundo reprogramando as suas mentes vazias pra encher as burras desses mauricinhos que, em qualquer país sério do mundo, seriam mandados embora a cacetadas, mas não existe mais nenhum país sério no mundo, até a França, vejam só, até a pátria do Existencialismo homenageia escritorzinhos de ocasião, até o clero, cuja vanguarda era dignamente representada por nomes respeitáveis, como os de Dom Hélder Câmara, Paulo Evaristo e Dom Pedro Casaldáliga, dá lugar agora a esses padres dançarinos, que levam a multidão a ficar por aí pulando feito pulgas e cantando baboseiras sem fim, oh meu Deus, ou sou eu que estou ficando para trás, rançoso, rancoroso, amargurado? Deveria também largar de lado essas idéias antiquadas e saltar também para o meio do palco, deste feérico show business e buscar a minha fatia do bolo deste mundo globalizado? E onde está a merda desse ônibus que não aparece? Olha o relógio mais uma vez, olha para os lados, sente um silêncio estranho. Deseja que o seu ônibus apareça logo, mas ele não dá as caras. Vê então um homem que se aproxima, com um “ar” distraído, a uns 50 metros de distância. Logo atrás dele, dois outros homens, um branco e um negro, sobem a rua, aproximando-se do abrigo onde ele está. Sente o impulso de correr, mas... para onde? Por quê?

Calma, pensa. Não há de ser nada...

Os homens aceleram o passo, cada vez mais e, a uns 30 metros, abordam o sujeito. Conversam alguma coisa, não dá para ouvir o que dizem, parecem pedir um cigarro, o homem verifica os bolsos, como se procurasse algo, desiste, gesticula, os dois parecem impacientes, apontam para algum lugar do outro lado da rua, parecem nervosos, um deles coloca a mão no bolso, retira alguma coisa, é uma

arma, é uma arma, oh meu Deus, pensa Marcos, olhando para os lados, sem saber o que fazer, eles vão matá-lo! Um deles, o de pele mais clara, dá um tapa no homem, um tapa forte na cara, como se batesse com uma tábua grossa. O outro avança e dá uma coronhada na cabeça; falam alto, agora, já dá para ouvir o que dizem. Querem que entregue a carteira. Xingam o homem. Gritam com o homem. Esvaziam-lhe os bolsos, arrancam-lhe o relógio, mandam-lhe tirar os sapatos e a camisa – estão berrando agora, e ele consegue pensar; ele quer pensar, quer raciocinar, quer articular alguma palavra, alguma ação, mas a única coisa que consegue fazer é tentar se esconder atrás da pilastra de cimento do abrigo, e olhar. Vê outro tapa, outra coronhada, um pontapé na canela. O homem sapateia, com as mãos estendidas na frente, num ar de desamparo, patético. As mãos do homem parecem dizer: vejam, eu não vou resistir, eu sou um pobre diabo que nem merece morrer. E o homem fica esperando levar outro chute, a qualquer momento. Abaixa-se um pouco, como se quisesse ajoelhar-se. O outro aproveita para atingir-lhe a cabeça com a sola do pé, e pisa-lhe o pescoço, enquanto o outro grita:

— Tire as calças! Tire esta merda logo ou eu vou pipocar a sua cabeça, ta me ouvindo? Eu vou pipocar sua cabeça! Agora! Agora!

Marcos fecha os olhos. Ouve o estampido. Ouve passos e as vozes, agora bem mais próximas. Discutem entre si. Um quer ir embora, parece ter medo; o outro quer terminar o serviço. O serviço. O serviço. Que serviço? Precisamos apagar o cara, diz o homem. Ouve passos. Sente agora um objeto, frio encostar-se à sua frente. Alguém ri. É um riso nervoso aquele, pensa Marcos. É um riso de medo. É um riso de desespero. Ele mesmo sente vontade de rir, mas fica apenas ali, desamparado, com os olhos fechados, esperando o tiro, Já não sente medo ou terror. Sente apenas resignação, ou melhor: uma profunda pena de si mesmo. Sente-se pequeno, insignificante.

— Espere — diz o outro. — Deixa ele. Vamos embora, porra, vamos embora!

Marcos abre um pouco os olhos e vê, à sua frente, um homem inquieto que se agita para um lado e outro. Sente vontade de rir quando recebe um murro forte no ouvido. Cai sobre a calçada ouvindo sons desconexos. Parece estar vivendo uma alucinação, uma *bad trip* provocada por uma droga forte e ainda desconhecida. As imagens que lhe vêm aos olhos agora são confusas — manchas pretas alternadas com luzes intensas, que se embaralham, impedindo-o de ver qualquer forma mais familiar. Tenta levantar-se uma, duas vezes e despenca de lado entre o asfalto e o meio-fio. Fecha e abre os olhos; percebe agora o som dos gritos alucinados dos homens e — como temia — um disparo: um tiro seco. Em quem atiraram? Pensa. Está tão confuso que não consegue saber se foi ele quem recebeu o tiro. Sente, entretanto, a sola do tênis que o empurra para o lado, e ouve a voz:

— Vamos embora! Deixe o babaca! Você não ouve, porra! Deixe o babaca!

— Filho-da-puta — berra o outro. Atira mais uma vez. O outro o puxa pelo braço.

— Vamos. Vamos.

Marcos relaxa o corpo; fecha os olhos. Ouve os passos distanciando-se. Parece ouvir ainda a respiração alterada do moribundo, um suspiro, silêncio. Depois, longe, muito longe, um carro passando, latidos e mais nada. De repente lhe vêm à mente imagens que há muito tempo esquecera ou das quais nunca tomara conhecimento: sua imagem refletida no espelho na casa antiga de uma namorada, no Politeama, em 1982; um vagabundo que lhe pedira dinheiro (e que ele não dera), há remotos 20 anos; um menino (ele mesmo) sobre uma jaqueira no interior, surpreso com a idéia de que um dia iria morrer e tentando adivinhar como seria; morreria pilotando um avião, em pleno Atlântico, como um herói; seria alguém na vida, um homem importante, e muitos chorariam a sua morte; o rosto dos seus pais, avós, bisavós e todos os seus antepassados refletidos em espelhos, que se sucediam interminavelmente, no tempo, e todos lhe sorriam. Pensa que todos eles estão mortos, e isto lhe parece ao mesmo

tempo extraordinário e banal. Extraordinário porque todos aqueles seres foram, um dia, como ele mesmo, seres reais, pessoas que viveram, pensaram, sentiram e morreram. Banal porque não existe nada mais banal, pensa, do que isso: nascer, viver, crescer, sentir, morrer. A única diferença entre ele e os seus antepassados é que não deixaria descendentes. Isto, somente isto, o faz sentir-se triste. Pensar que, no futuro, no momento supremo da morte, ninguém pensará nele – e ele não terá para quem sorrir.

In: *O Visitante Noturno*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Funceb, EGBA, 2000. 113 p. (Coleção Selo Editorial Letras da Bahia, 58).

Carlos Ribeiro (Salvador, BA, 1958 —).

Obras, entre outras: *Já vai longe o tempo das baleias* (1981); *O homem e o labirinto* (1995); *O chamado da noite* (1997).

## INOCENTES E SELVAGENS

Cyro de Mattos

Rede extensa de neblina toalha os cacaueiros. Rasteja a névoa no terreiro, esfumaçada nas matas distantes e nas serras. No telhado da despensa o galo branco, asas colhendo força, o gesto inflado nas batidas, clarinetadas soam fortes e se perdem sanguinolentas no tráfego da madrugada.

Entre trabalho e apreensão, manhã se inicia nos movimentos conhecidos.

Assanhadas as galinhas ao redor da mulher. Olhos severos inspecionam bicos famintos, disputam o espalhado pela única mão de milho. A mulher recua com o triste movimento de cabeça, de sua boca o cuspe sai violento, barrufa o olho da franga pedrês, a mais faminta na danação das aves. Ela passa as mãos descarnadas nos cabelos com alguns fios brancos, boca a desgraçar resmungos, lamento contínuo em seu remoer de ventos ásperos, sem um pingo d'água não ia ficar um só bicho no terreiro. O sol vinha queimando tudo quanto era plantação rasteira e alta, cacaueiro com os galhos secos, virando árvore esquelética em seus ares fúnebres. Muitas roças de cacau com sua folhagem cor de ferrugem. Esfomeados os porcos estão grunhindo

no chiqueiro. Retorcem as focinheiras nos pés das estacas, a terra seca esburacada, lá dentro somente sanha e fome. O constante bater daquelas queixadas, em seu trincado perigoso, de dentes que rasgam, estremece o rosto de rugas da mulher, à noite como sombras horrendas aparecem em pesadelo, ameaçam olhos assustados que se acordam trêmulos. A noite escura, abafada, segue cortada pelo vôo dos morcegos.

Perto do chiqueiro, o homem está desleitando a vaca, o curral pequeno feito de estacas velhas, arame enferrujado, zinco furado, frágil demais o cercado para em sua construção rústica resistir ao tempo. O leite quentinho e bom, bendito, mãos calosas puxam e repuxam as tetas da vaca, fornecendo sempre meia lata de querosene. Ergue-se o homem da posição sentada e fica a observar os vazios da vaca, procurando no silêncio em volta alguma coisa que explique aquele milagre, como consegue Borboleta fornecer tanto leite com o pasto todo seco. Mãos mansas, agradecidas, alisam agora o dorso da vaca, barbela e cabeça acariciadas lentamente. Boca sofrida traz um tom comovido de voz baixa. Borboleta é vaquinha que nenhum dinheiro paga, sempre prestimosa no leite dia após dia, meia lata de querosene para, como ajuda divina, aliviar tamanho suplício. Para enfrentar esse passadio penoso, duro, de tantos meses de estio onde verde só se vê em passarinho cruzando o céu na fuga repentina.

A vaca desce a ladeira do curral que dá para o pasto da represa, somente um pouquinho de água no leite, o homem a olhar a rês pisando vagarosa, sem muita firmeza os movimentos. O bezerro ao lado, buscando o úbere pelancudo, inquieto porque só encontra pouco leite nas tetas da vaca puxadas e repuxadas. O baque na cancela do oiteiro desperta a atenção do homem voltada para a inocência mugida do bezerro. O filho move os olhos espertos para onde o pai está olhando agora.

— Vem gente. Dá idéia de Seu Dorinato e outro homem.

Pelo lado das serras a neblina vai diminuindo. Matas, cacauzeiros, capoeiras, pastos, a terra recebendo os primeiros raios de um sol que surge quente, a paisagem logo mais iluminada em sua atmosfera estranha, abafada, de lâminas afiadas, ventre e lombo ressequidos.

Os dois homens chegam limpando o suor do rosto. O mais alto solta o bom-dia no rosto aborrecido: a sujeira no telhado da casa, os cacaueiros desfolhados, as árvores grandes da chácara com as folhas amarelcidas, o ar parado, a vaca procurando capim no pasto seco .

— Só mesmo os credores me faziam vir aqui nesse momento — diz o homem de estatura alta, nariz enorme, acrescentando que quem vendeu cacau antes da safra, para entregar no futuro, vai enfrentar tempo feio para efetuar os compromissos, com tanto sol e tudo seco ninguém vai ver um só bago de cacau na época da colheita.

Pensativo:

— Só se vê fazendeiro vendendo roça de cacau e ninguém arrisca a compra nem por baixo preço.

A seu lado o homem que veio comprar os porcos: alpercatas de sola grossa, camisa por fora das calças, queixo de ponta no rosto vermelho, os olhos frios, quase imóveis, neutros.

— Onde estão os porcos ? — pergunta ele.

— Onde estão, Abdias ? — a pergunta repetida na voz que infunde respeito.

— Magros, Seu Dorinato, mais de mês que comem quase nada.

Após acender o cigarro feito com fumo enrolado na palha de milho:

— As trovoadas não demoram, as águas caindo tudo melhora, os porcos pegam a engorda cedo.

Com a voz calma:

— Digo isso porque vi um minador na serra deitando um fio d'água pela terra seca.

— Não quero mais criar porco aqui na roça, ainda mais com esse tempo seco e até os compromissos pequenos crescendo.

Os homens caminham até o chiqueiro, irascíveis os porcos lá dentro, dentes trincando fome, a manhã prossegue em suas lâminas de calor intenso.

O comprador com os olhos sagazes:

— Esses bichos nem podem sentir cheiro de gente.

Sem qualquer interesse:

— Pior que a magreza vai ser o transporte deles até o embarque de caminhão na estrada.

— Não é problema isso.

— Como vai ser possível?

— Abdias sabe guiar os bichos.

O comprador faz os cálculos, examina os porcos atentamente, olhos saltados das órbitas no gesto de repulsa e desprezo.

— Posso até fazer uma proposta por esses famintos.

— Qual?

— Fico com todos na base da arrobação.

— Impossível ! Só pra engorda devem ser vendidos.

O comprador tranqüilo:

— Só na arrobação mesmo.

— Quantas arrobas você dá por eles?

— Duas , um pelo outro, dando 80 arrobas as 40 cabeças.

— E qual o seu preço por arroba?

— O mesmo preço que é pago na região.

— Negócio fechado com as 40 cabeças.

É quando com a voz tímida interfere Abdias.

— 39 , Seu Dorinato.

— Como?!

— O barrão pintado é do meu menino, compra que ele fez na feira.

— Como é mesmo?

No ar febril a pergunta vibra, cobre de afronta um rosto perplexo, aloja na garganta sua massa oculta de espanto, humilhação e zanga. **Quem já viu naquelas bandas animal ter como dono filho de capataz ou roceiro?**

— Pois foi.

— Pois é, o porco de seu menino também está vendido.

Olhar tenso, meio distante o menino, coração batendo medo. Desconfiado escutou toda a conversa dos homens, revestiu-se

a fisionomia de sombras pesadas e silêncio aflito. A venda do barrão pintado com os outros porcos repercute como uma dor forte no peito, tonto ele sente um enxame de abelhas zumbindo nos ouvidos. Levanta-se no corpo sem equilíbrio, pernas trôpegas, mãos apalpam sólida escuridão em busca de um ponto firme, algo salvador que o livre do espaço perigoso trazido por aquela decisão terrível. Por que seu barrão pintado foi se meter no meio daqueles bichos famintos? Toma aí, porco feio, desobediente, por castigo vai ser também vendido. Pensamentos vão passando como magoados gemidos, mugidos presos, os passos agonizados que enfim encontram nos fundos da chácara a velha mangueira. Lugar escolhido como refúgio e abrigo, quando alguma coisa errada acontecia e o deixava bastante aborrecido. Olhos ariscos movem-se agora sem brilho, numa paisagem íntima circulam sem vida, irrespirável em seus ângulos cinzentos, ausentes de ventos afoitos, naturais e límpidos. Como nunca havia acontecido. Naquelas trilhas e atalhos que palmo a palmo se foram acumulando alegremente. Ladeiras e estradas repetidas de sustos esplêndidos, nas travessuras coloridas de um menino e um porco, bicho de estimação que era tido como tesouro insubstituível.

Sem riscos luminosos de momentos cálidos, ingênuos, flutua nesse instante a paisagem suas ondas solitárias, de tristeza e lamento.

(Fora naquele dia cheio de brilho. Céu azul com nuvens alvas formando bichos mansos, naves de algodão, enormes cogumelos. Chegando da feira, logo se apressou em retirar os caçuás do burro, o leitãozinho acomodado no fundo de um deles. Brilhavam a todo instante olhos espertos, admirados com o leitãozinho amarrado pelas pernas, o focinho nervoso, dentes trincando e esganiçando gritos. Desamarrado, ergueu o focinho trêmulo, quase se batera nas pernas do menino, farejou um monturo de lixo e passou a tomar conhecimento de todos os pontos do novo território. Lá se foi na carreira espandogada, ligeirinho, gozoso, roliço.

— Corre, bichinho, passa a conhecer seu terreiro.

Naquele mesmo dia recebera nome de gente, rapidamente passou a ser as preocupações, os cuidados e os caprichos do menino.

Sua comida mandioca e milho verde, a água sempre mudada, a dormida foi arranjada com um abrigo construído atrás do galinheiro. O leitãozinho foi crescendo — dias, semanas, meses —, e a cada dia mais apegado ao menino. Simples era a linguagem usada pelo dono para ganhar a afeição dele, palavras doces escorriam por lombo e barriga, cheias de alegria para quem chegava com o focinho irrequieto. Todo sujo por andar em terra remexida. Todos viam aquelas cenas, andavam eles lado a lado, embora alguns roceiros permanecessem incrédulos com a situação estranha de um porco andar cada dia que passava mais unido ao menino. Nas roças de cacau, nas caçadas de passarinho, nas armadilhas para pegar bicho-de-carreira, nas pescarias de ribeirão ou na represa, eles dois. Na capetagem de aventuras costumeiras. Era o porco que nem cão de caça ou de guarda? Ou era um bicho encantado com a força de alguma magia que nesse mundo não se explica? Sabia o menino que o inverno era cálido, o verão tonto de azul com suas maravilhosas surpresas. Aquele porco caçador, esquisito, treteiro, não era mesmo dessas coisas que só acontecem em cabeça de menino sem juízo? Quando eles dois desciam para a feira, aos sábados, o povo não acreditava no que os olhos estavam vendo. O menino chamando, o porco atendendo, o menino fazendo compras, o porco ao lado quieto, o menino andando, o porco seguindo.

— Fim dos tempos, pessoal, é que nem artimanhas do demo! — de uma das barracas de verdura a voz grossa e barulhenta, perdia-se entre outras sorridentes.

Porco Bimba tinha o pêlo arruivado, manchado de pequenas bolas pretas, as pernas fortes e compridas. Seu corpo pesado até certo ponto grande para um porco mestiço. Rapidamente se alastrara sua fama de bom reprodutor, porca houvesse na fazenda e nas cercanias. Certa vez brigara ele de igual para igual com uma cobra enorme. Chamara para si atenção do inimigo peçonhento, que traíçoeiro já tinha o bote preparado para ser lançado nas pernas do menino. Renhida travou-se a porfia, a luta equilibrada porque soube o porco usar paciente sabedoria.

A cobra com os botes precisos, sucessivos, buscando um corpo roliço, ele se esquivando com voltas e recuos para cansar o inimigo terrível. E mais lances perigosos eram enviados de um corpo que se arrastava insidioso, pespeguento, que às vezes parava, erguia-se, encolhia-se, dilatava-se no bote mortal para um alvo cheio de malícia, corajoso, grunhindo. E outro bote era evitado pelo porco, o capim todo amassado, trilhas na terra remexida.

O menino no galho da jaqueira, aflito:

— Corre, Bimba, pelo amor de Deus!

Os duelantes desapareceram numa ponta de capoeira, os matos secos estalando, o porco soltando fortes grunhidos naquela guerra danada, que incrível ia crescendo chão a dentro. Que fazia tudo ao redor permanecer em silêncio. No cair da tarde, visivelmente fatigado, aparecera o porco no terreiro. A língua de fora, fios de baba pela boca, o sangue ainda quente. Talvez soubesse que a grande vitória foi salvar seu dono do bote venenoso de um inimigo traiçoeiro. Na guerra se não foi vitorioso, também não saiu vencido. Então nova fama passou a ter naquelas léguas, agora a de brigador invencível, com o seu dono a dizer aos quatro ventos que ele era melhor que cão de caça, não respeitava onça parida, alma penada, noite escura, cobra gigante, relâmpago, trovoadas, ventania.

O verão entrou pelas outras estações, prosseguiu seu calor de brasa viva, terra seca e água quente. Os roceiros entristados com a paisagem definhando, semblantes desolados quando apareciam diante dos patrões. Falavam sobre a paisagem quase sem vida, cacauzeiros secos, estradas com a terra empoeirada, criação de aves e animais sem comida, ribeirões morrendo. Abdias falara que se o tempo continuasse naquele impiedoso castigo, o porco ia cair na faca, melhor ser abatido do que ver o bicho com as costelas de fora emagrecendo.

— Onde anda esse porco, menino?

Susto danado:

— Nem faço idéia, pai, há dias que ele anda sumido.

E com os olhos assombrados, fios de medo na espinha e no peito, foi logo escapulindo, tinha certa confiança que seu segredo nunca

seria descoberto. O porco estava bem guardado no esconderijo que ele encontrara entre as pedras no outro lado da serra. Dias depois o pai recuara daquela intenção, a todos o porco causava pena logo que apareceu no terreiro. Afastado de seu dono, sem as travessuras costumeiras, não conseguira permanecer no esconderijo muito tempo. Faminto, sedento, somente nele ares de bicho triste e esquecido. **E antes nunca tivesse aparecido, que até morresse de magreza lá no esconderijo. Porque entendeu de sair de onde estava tão protegido? Por que não ficou no esconderijo mais tempo? Toma aí, porco besta, o que você arranjou agora, vai ser vendido com os outros, pesado na balança, castrado pra engorda, repesado pra abate quando o toicinho fizesse dobras no couro e a gordura balançasse nas papadas e pra quem botasse os olhos em cima logo lambesse os beiços de usura e zapt faca afiada neste bicho lerdo e gorduchento ... )**

Decide então abandonar os pensamentos cheios de medo. Ergue-se no gesto confiante, o coração batendo célere. Os homens já iam próximos à cancela do oiteiro, quando ouviram o forte barulho trazido pelos porcos. Ruídos de bicho na sanha querendo derrubar tudo que encontrasse pela frente. E assustados retornam os homens na carreira ligeira. Encontram os porcos querendo fugir todos ao mesmo tempo. O menino em cima do moirão segura a portinhola aberta do chiqueiro. Porco Bimba e outros seis conseguem fugir na carreira enfurecida. brilha de alegria o rosto do menino.

— Espere, pestinho, já acabo com a festa.

O tiro derruba o menino para dentro do chiqueiro, na queda brusca logo o corpo passa e ser disputado pelos porcos famintos. No salto relâmpago impele-se o pai para dentro do chiqueiro, cai no meio dos porcos já com o facão a desferir golpes sucessivos: na queixada, na perna, na estaca, no focinho, na terra, na orelha, no arame, no lombo, na papada. E, após desferir golpes enceguedidos, consegue enfim o pai retirar do chiqueiro o corpo do filho. Difíceis agora os passos numa dor que penetra veias, coração e nervos. As pernas cambaleiam, com esforço respira, nos braços o corpo do filho.

— Por que, por que isso?

— Por que seu menino quis se meter comigo?

O resto do dia o calor forte, tudo como se fosse irromper de repente numa fogueira grande, abafado o ar brilhando intensamente. A tardinha, porém, chega com as primeiras nuvens cinzentas, pouco a pouco negras, algumas de tão pesadas quase não se movendo. Deita a noite escuridão por todos os cantos, o céu sem estrelas em seu peso de túnel infinito, o tempo armado para ventos fortes e aguaceiros. A princípio é uma chuva oblíqua, rala, cai aos poucos com os pingos batendo fraco no telhado. O homem acende o candeeiro, a chama irrequieta fazendo sombras disformes na parede, gemidos da mulher se confundem com os chios dos morcegos. Asas sedosas que passam num vôo baixo, de arrepio e medo. Lá fora, com o andar arrastado o homem atravessa o terreiro, a chuva engrossa na noite empretecida que é cortada por relâmpagos sucessivos. Os pingos como balas de chumbo batendo no chão. Intumescidas as veias da terra com a força da chuva trazida pela noite negra. Na pobreza das vestes aquele vulto magro, todo encharcado, passa pelo curral e segue em direção ao chiqueiro.

Ali ele permanece sentado num pedaço de cocho feito de tronco de jaqueira velha, a madeira lascada pelos porcos na fuga enfurecida. Os olhos molhados. Mãos calosas cobrem um rosto solitário e triste.

Na vastidão da noite que segue escurecida, com ventos fortes, relâmpagos e aguaceiros.

In: *Berro de Fogo e Outras Histórias*. Ilhéus: Editus; Salvador: Edufba/Fundação Casa de Jorge Amado, 1997, 162 p.

Cyro de Mattos (Itabuna, BA, 1939 — ).

Obras, entre outras: *Os bravos* (1979), *Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras*; *Dois Narrativas Rústicas* (1985); *Os Recuados* (1987), *Prêmio Jabuti (Menção Honrosa)*.

## **CHEIA GRANDE**

D. Martins de Oliveira

Esta história foi inspirada pela Bíblia ao próprio protagonista. Os fatos se repetem de maneira impressionante e, se os personagens mudam, têm, muita vez, os mesmos nomes. Como prova disso, cá está o Sr. Noé, varão honesto e justo, que vivia ali no rio São Francisco, na graça de Deus, lavrando a terra.

As coincidências que se vão desenrolar tiveram naturalmente causas complexas, porém a mais forte foi, sem dúvida, a de um vigário ter batizado um menino, certo dia, com o nome fatídico de Noé.

É mesmo natural que, atingida a idade de ouvir histórias, os pais lhe tivessem contado a tragédia do dilúvio universal, não como uma espécie de submersão da Atlântida, mesmo sem iguais conseqüências, interpretada com exagero por um povo que desconhecia o resto do globo, e tida como um castigo divino pelo espírito religioso da época, quando não passava de um cataclismo natural, explicável cientificamente. Era a narrativa banal dos catecismos que o pai de Noé lhe repetia, certamente concitando o filho a imitar seu homônimo, justo e bom, a fim de ser considerado entre os homens e ganhar o reino dos céus...

É de se supor a impressão causada ao pequeno pelas descrições do espírito e destino do patriarca de quem herdara o nome. Dizem mesmo que passou a ter um fraco, logo explorado pela família. Assim que se fazia traquinas, os parentes sabiam a maneira prática de aquietá-lo: lembravam-no de que Noé nunca cometia peraltagens ou não gostaria da brincadeira, bastante se tornava para que o petiz ficasse mansinho como uma pomba.

Desta forma, à proporção que se desenvolvia, a mais e mais se identificava com o xará.

Chegou a época do casamento e, com ele, vieram-lhe três filhos. Para maior confusão, receberam os nomes de Sem, Cam e Jafé.

Ao primeiro foi dada, mais tarde, a profissão de carpinteiro, e saber-se-á como esta escolha de trabalho foi uma verdadeira inspiração paterna.

Cam ajudara o pai na lavoura e Jafé celebrizou-se como vaqueiro.

Com a velhice que lhe sobreveio, Noé, longe de perder a preocupação de imitar o salvador da animalidade, bem ao contrário, esforçava-se por tomar aquele ar patriarcal dos profetas da antiga Palestina: criara a barba, usava o clássico bordão dos peregrinos e aprazia-se até em vestir, como paródia infeliz da bela túnica oriental, um chambre longo de brim. A esperança de tornar-se um eleito agradava-lhe o misticismo e ele era constantemente encontrado pelos matos, de joelhos, olhos postos no céu, rezando ou martirizando a carne magra com espinhos de mandacaru... Por último, sua mania havia culminado: começara a fazer prédicas de bárbara moral religiosa, recomendando a regeneração e anunciando um dilúvio!

Contava que Deus lhe aparecera em sonho e disse que em breve haveria uma inundação no mundo inteiro, a fim de castigar novamente a humanidade! Mais uma vez se arrependera de haver criado esse bípede incorrigível e mesmo a estupidez dos outros animais. Precisava reformar a criação, porque estava tudo pior do que antes do dilúvio universal.

Todo mundo o escutava com a mesma indiferença da lenda bíblica, e alguém até apresentava o argumento de que Deus prometera não mais extinguir pela água os seus pobres viventes, e que o símbolo da paz — o arco-íris — era sempre visto bebendo nas lagoas.

Noé respondia arbitrariamente que isso ele prometera se os homens se tornassem bons, mas como não se verificou tal coisa, como a sua maldade se agravava sempre, o castigo se repetiria...

O povo do rio São Francisco já se acostumou com as suas enchentes mais ou menos periódicas, esse outro flagelo que se alterna com as secas freqüentes do Nordeste. Algumas inundações se tornaram célebres (como as de 1833, 1845, 1858, 1877, 1896, 1906, 1919, 1926) pelas grandes avalanches de água que cobriam vastas extensões daquele vale.

Os sertanejos sabem vaticiná-las por sistemas tradicionais que a crença popular conserva sem contudo se socorrerem da meteorologia ou do emprego de instrumentos astronômicos.

Os métodos dos matutos poderão ser falhos, mas a verdade é que gozam de prestígio no meio e são aplicados de longa data.

Noé os conhecia, como bom sertanejo que era, e se serviu deles para prova certa de seus desígnios junto aos sertanejos, exagerando-lhes a crença...

Segundo um critério inexplicável, no sertão, os doze dias iniciais de janeiro representam os meses em ordem cronológica; conforme declaram esses dias, relativamente ao clima, decorrerão os meses respectivos. A 11 e 12 de janeiro, correspondentes a novembro e dezembro, caíram chuvas torrenciais, e Noé estava bem certo dessas probalidades; incontestavelmente, ter-se-ia um bom verde, que seria próspero, se não fosse outro sinal: o alteamento assombroso do rio naqueles dias simbólicos.

Dessa observação, nasceu no cérebro de Noé a primeira idéia de uma enchente próxima e que se foi tornando cada vez mais perigosa em seu bestunto, principalmente depois de 19 de março, dia de São José. Essa data serve de padrão aos sertanejos para a previsões climáticas e, é sondando as doze horas do dia solar, que se têm espelhados os meses subseqüentes. Durante toda a tarde caíram fortes bâtegas;

assim se confirmava a predição anterior e surgia o indício de que janeiro, fevereiro e março, seriam muito chuvosos também.

A idéia da enchente passou a ser no cérebro de Noé a de uma formidável inundação; o seu subconsciente ficou trabalhando até que um dia forneceu-lhe o sonho profético, interpretado por ele como uma inspiração divina sobre o dilúvio.

Tal como teria acontecido, necessariamente, ao visionário do “gênesis”, pois custa acreditar-se naquela entrevista cara a cara com um Deus concreto, arrependido de sua obra, queixoso ao próprio homem de o haver criado com instintos tão maus, que todo aquele aguaceiro não lavou nem conseguiu afogar.

Leitor, não menoscabeis o Noé contemporâneo sem ter primeiro examinado o Noé da Antiguidade. Ambos malucos interessantes para os estudos de psiquiatria. Em todo caso, que responsabilidade terá um personagem de lenda? Serve, apenas, para explorar a tolice humana. É verdade que são os grandes malucos que dominam na história dos povos...

Ao nosso Noé falta, porém, o espírito de originalidade. Sua pobreza de iniciativa levou-o ao papel de simples espelho, colocado em outra época.

E ei-lo que empreende também a armação de uma arca, não com a madeira de Gofer, mas com um cedro indígena, cortado das matas brasileiras, uma pobre construção semelhante às barcas do rio São Francisco, ignorando o papel triste que a própria arca de Noé, de 300 côvados de comprimento, faria ao lado dos submarinos ou dos grandes transatlânticos triunfais...

Os sertanejos riam-se da embarcação, quando sabiam a que se destinava, e tinham a superioridade de não atirar pedras ao novo Noé...

\* \* \*

Chegou o mês de novembro de 1918.

O sol incendeia as matas do fundo do sertão, desnudando as árvores postas em esgares de sede, queimando e requemando a terra.

No céu implacável, só mesmo os urubus lutuosos, aeroplanos ou algum gavião, batendo as asas do galho seco onde grasnava, zigueza-gueia em perseguição de uma rara jandaia, emigrante tarda e infeliz.

Nas últimas cacimbas, a atmosfera como um esponja bebeu a linfa da vida; as ipueiras e tanques ressequidos gretam-se e exibem nos leitos, como cicatrizes de martírio, os derradeiros rastros dos animais sedentos, que ali foram farejar a lama.

Toda a fauna fugiu do incêndio, da fome e da sede das caatingas para as margens do grande rio, onde os viventes, pelo menos, encontram o que beber. E ah! Sempre aqui existe muito mais do que isso, porque o rio São Francisco é como o sagrado Nilo dos desertos sertanejos, onde se há de encontrar sempre uberdade e fartura!

É aqui, ainda, onde a lavoura, impossível por essa época longe do rio fecundo, nos cáusticos areais distantes, nas caatingas adustas, sustentam-se de qualquer sorte, com a ausência das chuvas, nos lameiros providenciais, onde o ribeirinho planta o mantimento para a família pobre e sustenta os mercados.

Cam estava absorvido com sua plantação de lameiro em uma ilha arrendada ao pai, poucas tarefas, apenas o suficiente para o sustento da casa. Entretanto, seu coração está cheio de susto, o espírito inquieto. É que seu pai, tendo previsto um dilúvio, a colheita se retarda pela inclemência dos céus abrasadores: o milho embonecado precisa de chuva; o melancial necessita de água, o mandiocal ainda não está bom à arranca e só tem manipuera.

O incansável roceiro rega as plantas, carregando em vasos água do rio, num trabalho penoso e desesperado, tentando o sustento da vegetação, enquanto Deus não abre o manancial celeste.

E apesar das promessas e das práticas supersticiosas de deitar sal ao fogo, mudar de local os santos, nem uma nuvem, um nimbo sequer derrama sobre a plantação uma sombra fugaz.

Contudo começa o rio a encher... É que tombaram os primeiros aguaçais em suas cabeceiras ou nas dos afluentes, lá para as bandas do Sudoeste.

As barrancas, que o rio, alteando-se, molha, dessedentam-se com tal ansiedade que produzem um **glu-glu** de deglutição gulosa e criam espumas, como se fossem rãs que as fabricassem, grossas, duradouras e amarelas. Começam a descer, no arrasto da correnteza, folhas de cíduas, toros de madeira, garranchos mortos, caídos pelas praias na quadra seca; desgastam-se dos ramos os “golfos” ou camalotes, que seguem de roldão ao impulso dos remansos...

Os sertanejos, então, observam os prenúncios eminentes da “cheia grande”: os jacarés vão fazer os ninhos no recesso das caatingas; o João-de-barro fabrica sua casinha na árvore alta, onde o rio não chegue; assanham-se marimbondos e formigas; uma ave estranha, batendo as asas grandes e moles, aparece cantando um lúgubre estribilho, que o matuto interpreta assim: **três-pote-três-pote; um-côco-um-côco.**

Cam ainda alimenta a esperança de que as águas baixem de nível e as chuvas venham em tempo de salvar-lhe a plantação.

E ei-las que chegam repentinas no horizonte, precedidas pelo carrilhão das trovoadas. De súbito, escurece uma banda do céu e as carruagens das nuvens negras lá vêm rolando, tiradas pelos ventos, alastrando todos os quadrantes... Os coriscos dançam no ar como cobras de fogo ilusionistas...

O “inverno” chega como um déspota e, ao invés de ser acolhido com alegria, é recebido com medo.

Um temporal tremendo se desencadeia como para atirar longe as cinzas da seca!

E, passada a tormenta, Cam sai do casebre com um sorriso feliz nos lábios, corre ao lameiro para observar a viridência da plantação beneficiada pela chuva. E, só surpresa... Lá chegando, pára um instante; põe as mãos às cinturas e os olhos se lhe encham de lágrimas: o milharal quase todo acamado pelo ímpeto do vento furioso. Louvado seja Deus! Mais um pouco de coragem e há de salvar alguma coisa. E ei-lo que pega da enxada, chega a terra para os pés de milho e consegue equilibrar alguns, de novo.

O nível hidrográfico oscila, ora subindo dez, quinze, vinte centímetros diários, ora experimentando pequenas baixas, que trazem um pouco de esperança ao espírito de Cam. Se o rio esperasse mais quinze dias, a colheita poderia ser farta...

Mas a atmosfera é sempre carregada, num contraste renitente com as canículas do verão. Rebentam os diques das nuvens em aguaceiros diluvianos...

Em dezembro, o rio incha e alaga a plantação, da noite para o dia, quase que num assalto.

Agora, não há outro jeito: é arrancar tudo, seja como for; o milho verde, a melancia e a abóbora em foga, o mandiocal cheio de manipuera... E Cam, vendo a sua desgraça, o serviço de um ano inteiro perdido num momento, não se lastima; reúne os parentes para a lida e mesmo a esposa vai ajudá-lo na roça para a salvação do que Deus for servido.

O trabalho é dentro d'água e ali estão todos o dia inteiro, os pés mergulhados, na terrível faina de uma colheita forçada e ingrata. E à noite, corpos enregelados, dobrados de fadiga, inquietos com a comichão gostosa das frieiras, não descansam. É preciso fazer a raspagem da mandioca e tratar do fabrico da farinha, antes que ela se torne "puba"; é necessário levar à cidade as canoas com palha, melancia e milho, para serem vendidos por qualquer preço.

E a "invernada" toma um curso regular de chuvas, que caem às mesmas horas da tarde ou da noite, sempre com trovoadas fortíssimas e raios que acepillam árvores e árvores.

Renascem nas caatingas os riachos há tanto com os leitões esturrados; os brejais se derramam; os tanques se atestam; açudes sangram; ressuscitam rios e braços, e todas as águas se comunicam, para tributarem-se aos afluentes ou ao grande rio, que sobe assustadoramente.

Cam terá em breve que se retirar com a família da choupana de carnaúba, erguida no cocuruto da ilha, a única parte que o rio ainda não alcançou.

Sua roça já desapareceu na voragem e árvores altas bracejam na água, afogando-se.

Ele ainda persiste ocupado com o fabrico da “farinha de tapioca”, na esperança de que talvez não seja preciso mudar-se, acreditando pouco ainda na profecia paterna.

No entanto, é chegado Noé... Terminada a construção da barca, cujo trabalho fora executado pelo carpinteiro Sem e outros ardorosos crentes no dilúvio, recebeu ela o batismo de “arca de Noé”, cujo nome estava escrito em letras vermelhas dos dois lados da proa.

Era uma embarcação esquisita, de casco muito largo, com uma tolda longa de popa à proa.

Se na barca de Noé I, deixaram de ter entrada muitos animais menos felizes, cujas ossadas os fósseis arquivaram e os arqueólogos reconstruíram depois, constatando espécies antediluvianas, hoje desaparecidas; na de Noé II, só mesmo ingressaram os animais domésticos, ou melhor, as eleitas crias de seu quintal.

Justificava-se dessa camaradagem com o sonho, no qual Deus lhe recomendara entrar para a arca com a sua casa; no mais as pessoas sem seus haveres e que se tivessem arrependidos dos erros, para que não pagassem os justos pelos pecadores.

Cam foi convidado por seu pai para bordo da “arca”; ele relutou, dizendo que precisava terminar os trabalhos da lavoura, porém, com esperança de que não fosse necessário mudar-se.

Era chegado, então, 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, e Noé convenceu o filho com uma nova experiência curiosa, conhecida demais pelos sertanejos, esta, até certo ponto, explicável cientificamente. À noite de 12 para 13 expôs, ao relento, sobre uma pedra, seis torrõeszinhos de sal; estes diriam dos meses subseqüentes, em ordem de colocação. Na manhã seguinte, cada qual dava a previsão do tempo para o mês correspondente. Quase todas as pedras se deliraram em lágrimas de Santa Luzia, naturalmente porque, à noite, o ar estava úmido. Aos matutos, entretanto, isso revelava uma quantidade extraordinária de chuvas, pois nenhuma estava intata, o que significaria tempo seco.

Noé fez um estardalhaço da experiência, dizendo-a um sinal da Divindade, em verdadeiro, em verdadeiro sermão, que impressionou vivamente os circunstantes. Com efeito, Cam e família meteram-se na “arca”; dentro de poucos dias, sua cabana era levada pela torrente, e da ilha só se via a cabeleira verde de alguma árvore alta.

O velho pai foi tratar da salvação de Jafé, o qual se entregava à labuta terrível da fazenda onde era vaqueiro à beira do rio.

Indiferente às chuvas, lá saía todas as manhãs, encourado, seguido por alguns outros vaqueiros ajudantes, a fim de amparar o gadoilhado e cheio de bicheira pela proliferação dos moscardos nessa época. É preciso, quanto antes, promover a retirada da “criação” da fazenda para outra mais alta, inacessível às águas; em breve, todo o terreno se tornará alagadiço e os animais perecerão chafurdados nos atoleiros.

Reunida a boiada em certo ponto, é necessário fazer-lhe a travessia, enquanto o rio não é ainda tão largo e a correnteza tão impetuosa que não permita a fuga para a outra margem, livre da inundação.

E Jafé se lança a uma canoa e guia o rebanho, aboiando, aboiando, para que ele o siga obediente. Grande multidão de cabeças e lombos multicores se agita à superfície do líquido elemento, movendo a galhada; as vacas mugem, chamando os filhos, e a vaqueirada, sobre as canoas ligeiras, tange cuidadosa e pacientemente o gado, que vai nadando, tocado para a outra margem, à voz de uma interjeição sempre repetida: **ecô! ecô! ecô! ecô!**

Luta heróica, cheia de sacrifícios, no desempenho de um dever que ninguém incita a cumpri-lo e que o próprio patrão talvez desconheça, essa a vida de vaqueiro, essa a vida Jafé!

De repente, Noé com as suas profecias... Tentou em vão convencer o filho de que deveria ocupar um lugar na “arca” com a sua família.

Jafé recusou-se num gesto digno, dizendo que não abandonaria o serviço de seu amo e, caso houvesse o tal dilúvio, preferiria morrer defendendo sua criação, cumprindo seu dever. Noé fez, então, uma predica algo diluviana, de que nada valiam os bens terrenos e o dever único do homem era o de adorar a Deus, como se ele fosse um bobo fátuo.

A algaravia converteu, entretanto, alguns dos vaqueiros ajudantes, que pediram um agasalho na barca, mas Jafé, arrancando da bainha um facão, prometeu morte a quem abandonasse o serviço. Ninguém ousou deixá-lo e Noé, cheio de indignação, lançou uma praga ao filho (os profetas sempre rogam pragas!), pedindo a Deus que o matasse afogado aos poucos, numa agonia lenta de quatro dias, depois de ter visto morrer todo o rebanho! E partiu, dirigindo ao leme a pesada embarcação, sereno, a barba branca esvoaçando ao vento...

Na cidade esperava-o o filho dileto, Sem, o carpinteiro.

Aqui, já começou o alarme dos habitantes. A princípio, o rio cobriu todas as praias, insinuou-se pelos plainos, galgou o cais e a pouco e pouco inundava as ruas...

Os moradores iam pedir refúgio aos amigos ou parentes, cujas casas não foram ainda invadidas pelas águas.

Quanta vez uma família se recolhia despreocupada, o rio ainda distante da habitação, e, alta noite, acordava aos sobressaltos com uma inundação inesperada, móveis boiando por dentro das salas. E eram gritos nervosos de mulheres e crianças, a confusão, a falta de transporte, a ausência de ser acalmado e resolvido... Aqui, um prédio desaba sinistramente sobre as águas invasoras, causando desastres, esmagando pessoas; acolá, ouvem-se gritos de doentes, pedidos de socorro de alguns paralíticos abandonados, vozes de animais domésticos em alvoroço; mais adiante, revira uma canoa, que despeja toda a carga de pessoas e trastes sobre a correnteza e soam braços nadando, na ânsia de evitar os sinistros maiores.

E sobre toda a desordem, a chuva se despenha, o temporal destelha as habitações, a trovoadá estremece os corações cheios de pavor!

Ninguém mais se aquieta; cessam as ocupações diárias; cada família trata de promover a sua mudança que, não raro, se repete várias vezes, fazendo ela mesma o transporte de seus objetos, já indiferente a preconceitos sociais... É o “salve-se quem puder”...

E o rio avança, e começa o êxodo da cidade, espécie de Veneza periódica. A população vai para as fazendas, para as caatingas ou então

para um alto próximo à cidade, onde surge, repentinamente, em poucos dias, um vilarejo, cujas construções de palha de carnaúba ou telha foram erguidas às pressas, acrescidas depois de apêndices, sem obedecer a plano de urbanismo algum, caòticamente espalhadas ou imprensadas entre oitões, fretes ou quintalejos, que deitam para todas as direções, formando um labirinto de espaços irregulares, desarruados ou formando mal arruando-se para o outro lado, onde o levantamento foi mais calmo, porém de qualquer sorte, refletindo de maneira impressionante o estado de espírito do povo que levantou o **craal**, a vila do êxodo, insegura, aturdida, nevrótica, adoudadamente...

Foi aproveitando de toda essa confusão, que Noé, inspirado, predicava ao povo sobre o seu sonho, sobre os sinais que as experiências sertanejas lhe revelaram, e misturava observações de sociólogo bronco sobre a guerra, as pestes, as fomes, para deduzir que tudo isto não passava de avisos da Providência sobre um dilúvio, um fio de mundo iminente...

Que todos se arrependessem dos pecados, porque o inferno e o purgatório estavam com todas as portas escancaradas, à espera dos que se entregavam ao luxo, desprezando as palavras do profeta, pois Deus dissera que o mundo não haveria de chegar ao ano 2000... A alma de Antonio Conselheiro ressuscitava com a mesma monstruosidade.

O pregador terrífico tornara-se verboso. A atenção do público despertava-lhe o arroubo de uma oratória arrepiadora, e ele começava a dominar os espíritos que o não compreendiam e eram incapazes de examinar-lhe os absurdos de lógica.

Oferecia, então, a “arca” a quem se arrependesse dos pecados e acreditasse em suas profecias. A pouco e pouco, ela se foi enchendo de gente ignorante da plebe, a quem Noé impunha um regime de rezas e jejuns, providenciais pela exigüidade de alimentação.

Em março, quando a enchente de 1919 ultrapassou a todas dos dois últimos séculos, naquela zona, e só era comparável à de 1792, a maior de que tem notícia a tradição sertaneja – em março, já não havia mais lugar para os que procuravam a embarcação sagrada.

Então Noé teve a idéia salvadora de batizar outras barcas, chamando assim, para elas, a proteção divina, numa solenidade religiosa cujo ritual ele inventou para impressionar e que terminava sempre por fazer uma reboque da outra.

Entretanto, chegando os meados daquele mês, os céus se iam limpando, as nuvens negras desertavam e o azul lavadíssimo esplendia no tropicalismo do sol, na doçura dos luars claros e das estrelas diamantinas...

O rio atingiu o nível máximo; suas margens, que se não enxergam, raíam pelas florestas, longe tocando as abas dos morros distantes. Por léguas e léguas, terra adentro, estende-se o vastíssimo lençol líquido, invadindo tabuleiros, mergulhando ou improvisando ilhas, rasgando baías, afinando promontórios, distendendo braços, submergindo cidades, acoçando a fauna, espavorida, desanimada, desenfundada, que, por um fenômeno conhecido, explicável pelo medo e pelo sofrimento em comum, se torna de instintos mais brandos, procura a proximidade dos homens e admite uma promiscuidade impossível em outros tempos, sem o esmagamento dos animais mais fracos pelos mais fortes.

O rio porém estacou a marcha. Conserva a mesma altura por alguns dias de ansiedade. Depois, as águas se tornam muito frias, as gaivotas reaparecem com a sua curiosa pescaria; são os sinais da próxima vazante.

A princípio ela se manifesta tímida, logo, num retrocesso de águas que baixam na mesma fúria com que se haviam levantado.

Isto não impressiona o patriarca, que continua remoendo, em sermões quase idênticos, a profecia tola do dilúvio.

No espírito da gentilha da “arca”, começou a nascer uma ponta de descrença muda e que ia crescendo à proporção que o nível das águas caía.

Cego pela sua idéia obstinada, Noé, longe de salvar a situação dizendo, por exemplo, que suas rezas teriam abrandado a cólera de Deus, insistia ainda com as mesmas palavras ameaçadoras,

afirmando que a Providência queria experimentar, com aquela vazante aparente, o grau de crença de seus adeptos... Que todos esperassem a nova enchente e a submersão total do mundo, bradava terrível.

Entretanto, o rio continua a se estreitar no leito, como uma sucruuíba que se estreitasse, afinando-se, depois de estrangulada a presa.

As ilhas vão reaparecendo, os espaços bloqueados de terra, ressurgem árvores cadavéricas; a erva apodrecida vem à luz; as cidades renascem das espumas. É o tempo dos miasmas, das febres, dos mosquitos, das pulgas, de vários insetos daninhos, das sete pragas...

Voltam aos poucos as famílias para suas habitações, repovoando a cidade abandonada e de novo comunicam-lhe o movimento, a atividade, a vida.

Chasqueados por todos os que viram a “arca”, enxergando interesse a cuidar, roídos de fome pelos jejuns intermináveis, os fanáticos, quase sem distinção, já não alimentavam a menor crença no dilúvio prometido.

Mas, ninguém tinha a coragem de externar-se, desmascarar o embusteiro, com medo de que algum castigo tombasse sobre sua cabeça (quem saberia lá?) ...

Aguarda-se uma oportunidade para a revolta. E esta rebentou, fatalmente. Deu-lhe causa, entretanto, fato inesperado.

Um dia em que fazia sua habitual pregação noturna, Noé, com uma vibração incomum, dizia do estado a que fora reduzida a terra por causa dos erros dos homens: Deus fora obrigado a castigá-los; já nenhum ente existia, a não ser os que sua “arca” sagrada havia salvo. E o delírio se prolongava em afirmativas doidas, de que não mais existiam feras, nem doenças, nem imoralidades e um novo mundo surgia para obedecer à vontade onipotente de Deus. Ele lhe havia ordenado que saíssem todos da “Arca”, crescessem e se multiplicassem; dali em diante, os homens não mais seriam maus e sequer precisavam de comer ou de beber, como se fosse possível homens bons com os mesmos instintos ou em jejum eterno com os mesmos estômagos...

Os assistentes se entreolharam famélicos, e um dos fanáticos, ainda gordo, que sempre gozava da fama de comilão e beberrão, apostrofou ao profeta, apontando-o furioso:

— Este homem está maluco! Ele é um doido varrido! Quem pode lá passar sem comer nem beber!

Era a voz do estômago que falava, mais forte que a da razão, e por isso, ecoou fundo nos corações... Fez-se a balbúrdia. Cada qual pensou em seus haveres perdidos; houve vozes pedindo o linchamento do desgraçado Noé, mas Sem e Cam protegeram o pai, dizendo que ele sempre foi sincero e bom...

Dispersaram-se os fiéis. A barca foi encalhada, imprestável que era para a navegação, mais tarde tornou-se ponto de **rendez-vous** para os namorados vagabundos.

In: *Histórias da Bahia*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963, 318 p.

D. Martins de Oliveira (Barra, BA, 1906 — Rio de Janeiro, RJ, 1974).  
Obras, entre outras: *Marujada* (1936); *Os romeiros* (1942); *Procuro o menino* (1976).

## UM SIMPLES FAROL NO MAR

Dias da Costa

O farol mandou, lá de longe, numa saudação amistosa, a sua rajada vermelha de luz e se apagou em seguida. A noite estava clara, mas a lua não brilhava no céu povoado de estrelas. A cada um daqueles lampejos rubros que vinham do outro lado da baía, numa faixa púrpura deslizava fugitiva pela superfície das águas tranqüilas. O silêncio da noite era apenas acariciado pelo espraiar das ondas preguiçosas na areia da praia. Os grilos não cantavam na noite e, como no verão, não havia o coaxar rangente dos sapos na lagoa do fundo. Envolvido pelo silêncio, anestesiado pela paz absoluta das coisas em torno, Carlos permanecia atento e imóvel, os sentidos alertas, captando sofregamente as sensações daquele momento que jamais se repetiria em sua vida. Ouvia o marulho das ondas, sentia o cheiro do mar penetrando-lhe as narinas, recebia na face a carícia da brisa fresca, saboreava o gosto acre do cigarro que lhe pendia dos lábios, vagueava devagar os olhos pelo céu imenso, numa consulta ansiosa às estrelas que cintilavam infatigavelmente. Mas, não foi por muito tempo que pôde fugir de si mesmo. Uma a uma, as recordações foram voltando traço-eiras, roubando-o ao encanto do mundo em volta, para fazê-lo reviver

o passado, aquele terrível passado que lhe aparecia agora como um pesadelo, ao mesmo tempo muito distante e muito próximo. Era esse passado que ainda o escravizava, estirando as garras poderosas por cima daquele mar tranqüilo, para vir empolgá-lo, mesmo ali, dentro do silêncio da noite acolhedora como um berço.

Há seis meses, em vez da luz das estrelas, tinha por sobre a face macilenta (sempre que um intervalo de lucidez rompia o tumulto do delírio) olhos ansiosos que procuravam os seus olhos, lábios crispados em expectativa carinhosa e angustiada. Eram Beatriz, Edmundo, Elvira ou Jaime, ou todos juntos, que via sempre, infatigáveis, debruçados sobre o leito. Lembrava-se da lâmpada oscilando sombras suspeitas no texto alto, sombras que o delírio povoava de duendes estranhos. Parecia que todas as extravagâncias de sua imaginação realçadas anos a fio, tinham aproveitado aquelas horas de fraqueza, aquelas horas de luta entre a lucidez e a loucura, para subir-lhe, do mais fundo do ser, transbordando em visões alucinantes e desvairadas. Às vezes eram monstros desconhecidos, escancarando fauces enormes, ou eram mulheres de longos braços mirrados e oscilantes, ventres desmedidos, seios enormes e peles marcadas pelas mais grotescas tatuagens. Outras, eram lugares ermos e desolados, charnecas tristes, ou abismos vertiginosos, com luzes pálidas escorrendo em granitos violáceos. Outras, ainda, eram pessoas que conhecera antes, ou fatos antigos de sua vida, projetados numa tela deformante, transformados em caricaturas ridículas e hediondas. Mesmo agora, tão longe já desse tempo, sentia um frio mau correr-lhe pela espinha, o coração acelerar o seu ritmo, à simples lembrança daqueles dias povoados de pavores. Sim, o passado estava ali, estava com ele. Lembrava-se ainda de quando regressara, do último apelo desesperado que lançara às próprias forças alquebradas, para chegar até a casa, a sua casa, que parecia fugir sempre para mais longe diante de seus passos hesitantes e trôpegos. Os dias de tortura, de fome, de inquietação e de humilhações, depois da luta febril sustentada por tanto tempo, tinham-no transformado naquela ruína, naquele feixe de nervos esfrangalhados, que

se arrastava teimosamente, mobilizando as últimas migalhas de energia ainda existentes no corpo macerado. Fora com as mãos crispadas, os maxilares contraídos, os ouvidos zumbindo e um clarão rubro dançando diante dos olhos, que subira os poucos degraus finalmente alcançados e batera à porta. Depois, foi o vazio absoluto por um tempo sem medida, até o tumulto vertiginoso do delírio sem fronteiras. Pouco a pouco os períodos de lucidez foram ficando mais longos e, afinal, sonos sem sonhos lhe permitiram repousos de há muito esquecidos.

Quando veio a convalescença, os dias decorreram tranqüílos e doces, com pequenos passeios ao sol, longas conversas sem rumo fixo e leituras espaçadas e leves. Foi então que a velha cidade, com as agulhas de seus templos apontadas para o alto, as ladeiras serpeando pelas encostas empinadas, os prédios centenários, atravancando horizontes, os recantos de praias lavadas rebrilhantes de sol, os ruídos noturnos de atabaques quebrando a calma dos sonos seguros, as vozes arrastadas de gente que trazia nas veias a mistura de raças diferentes, foi então que tudo aquilo que antes já conhecia criou um encanto novo e mais profundo para a sua sensibilidade afinada e renascente. Um sentimento mais forte de ternura para a gente simples que vivia ali, de compreensão para os seus erros, de piedade humana, para os sofrimentos que a castigava, encheu-lhe o coração purificado pela tortura. E então começou a compreender que era por demais sem importância tudo o quanto sofrera comparado com a soma dos sofrimentos todos daqueles que viviam à sua volta. E foi essa compreensão que lhe deu forças para obedecer ao comando que lhe veio através de Beatriz, Jaime, Edmundo e Elvira, reunidos em conselho. O momento não lhe permitia cuidar de outra coisa que não fosse restaurar o corpo destroçado pela tormenta que enfrentara. Tinha que viver, pelo menos durante seis meses, longe de tudo, afastado de qualquer luta.

E há meses estava ali, familiarizando-se com o mar amigo que cantava em torno da ilha, tornando-se dia a dia mais forte, pescando ao sol nos arrecifes batidos pelas vagas, fazendo longas caminhadas pela mata verde, integrando-se na natureza poderosa e protetora. Mas,

nada disso era o mais importante. Agora, no momento em que tinha de decidir, é que sentia o quanto Mariana se tornara um grilhão difícil de quebrar em sua vida. Antes, nunca esperara que a união nascida do encontro ao acaso se transformasse naquela necessidade permanente de contato mútuo, na atração cada vez mais forte, que se estava transformando na finalidade única da vida de ambos. Quando a possuía pela primeira vez, estranhando a naturalidade com que se entregava, sem exigir nada em troca e, ainda, quando essa posse se repetira, vezes sem conta, sempre encontrando-a desinteressada e amiga, acolhedora no abandono, reconfortante na ternura de todos os momentos, não supusera sequer que ela tanto viria a pesar naquele momento decisivo de seu destino.

Sob a luz das estrelas, ali, à beira do mar, bastava fechar os olhos para vê-la em todos os seus traços, os olhos verdes em contraste com a pele morena, o nariz levemente arrebicado, as orelhas pequenas e bem feitas, a boca sensual, de lábios grossos e úmidos. Seu corpo ainda não se saciara do calor de sua carne moça. Não se cansara dos seios empinados, do ventre macio, das coxas firmes e nervosas, da harmonia dos gestos flexuosos, da curva das ancas robustas, da cintura surpreendentemente delicada. Bastar-lhe-ia, naquele momento, transpor mais uma vez aquela porta e despertá-la para tê-la de novo nos braços, para ser docemente embalado pelo seu carinho, para sentir no rosto o calor de seu hálito e perceber-lhe nos olhos o convite mudo para o grande amor sem reservas. Depois, a sua voz velada dir-lhe-ia, no momento supremo, as palavras entrecortadas que tão bem conhecia e que sempre reacendiam os desejos que moravam em seu corpo agora restaurado e sadio.

Mas, apesar de tudo estar como antes, alguma coisa acontecera que tornara tal retorno impossível. Seria realmente impossível? As estrelas estavam brilhando, o mar se alongava pela praia deserta e silenciosa, o farol enviava, lá da Ponta da Barra, a sua luz vermelha que era uma saudação amiga. Mariana estava tranqüila e feliz e a paz estava em todas as coisas em torno.

Então, por que voltar? Ficando, teria toda a vida simples e boa que lhe oferecia aquele canto ignorado do mundo. Ali teria as

longas horas de preguiça, nas tardes claras, olhando as velas dos saveiros correndo de leve no mar sossegado, empurradas pelo sopro amável do nordeste fresco. Teria as noites de lua plena, com as marés grandes galgando os barrancos, esboroando terra, comendo bocados da ilha, num trabalho lento e persistente de destruição. Na praia e sob a lua, haveria vozes cantando, haveria sambas, modinhas dolentes, ou crianças esganiçadas cantando rodas.

No inverno, seriam os dias pequenos, a chuva batendo nas telhas, o sudeste assobiando terrível, o grande mar vazio de velas brancas se levantando em vagalhões coléricos, homens embuçados em grandes capotes de sarja azul saindo para a chuva, o cachimbo fumegando nas mandíbulas apertadas, reforçando cautelosos as amarrações frágeis dos pequenos barcos acorrentados. Nas manhãs leitosas de neblina, ficaria à janela, vendo passar os pescadores do sul da ilha, de calças arregaçadas, exibindo jarretes musculosos, trotando pela praia molhada, curvados ao peso dos cofos abarrotados de peixe fresco.

À tarde, vindo da cidade, chegaria o vapor de Itaparica. Satu sairia no seu saveiro de vela remendada para receber passageiros escassos. Os coqueiros agitariam as palmas no alto, farfalhando ao vento. Nuvens esgarçadas desenhariam animais fabulosos no campo sem limites do céu azul.

E ele, imerso naquela paz de coisas e homens, seria apenas um ser a mais, um ser infinitamente pequeno, mas infinitamente feliz, sem problemas e sem rancores, sem cóleras e sem sonhos, voltando à vida primitiva que lhe permitiria apagar as cicatrizes de sua alma conturbada e que restituiria ao seu corpo o vigor perdido.

Voltar, seria deixar tudo aquilo que estava à sua volta, seria retornar aos dias agitados e extenuantes, às noites intermináveis e povoadas de temores, à expectativa de tragédias a acontecer a qualquer instante, descobrindo uma traição em cada gesto, suspeitando de uma armadilha perigosa em cada palavra. Retornar, seria trabalhar sem descanso, mesmo quando as forças estivessem no último limite, enfrentar interesses em choque, esclarecer com paciência evangélica as mais absurdas

incompreensões. Regressar, seria talvez experimentar de novo os suplícios de antes, o horror das grades irremovíveis, as macerações do corpo covarde para o sofrimento físico, os interrogatórios alucinantes, a tortura permanente em suas formas mais cruéis e desmoralizadoras.

No entanto, a carta para Mariana estava no seu bolso e, agora, sem apelação, teria que decidir. O saveiro de Leonardo estava lá embaixo, na Gamboa, com o mulato no leme, esperando por ele. O apelo dos amigos, vindo da cidade, não admitia adiamento. Sem a sua presença imediata, todo o trabalho teria sido inútil e ninguém melhor do que ele sabia quão difícil seria tudo recomeçar. Mas, afinal, que importância poderia ter o fracasso de seu trabalho? Valeria a luta o sacrifício de sua felicidade? Maquinalmente acendeu um novo cigarro e ficou aspirando de leve o fumo que não divisava na escuridão. E, de repente, vindas em tropel, umas sobre as outras, como nos passados delírios, visões se misturaram vertiginosas nos seus olhos cansados. De súbito, ele já não estava ali e uma força mais poderosa do que a sua vontade obrigou-o a rever coisas que se esforçava para não enxergar.

Homens sofriam em todos os quadrantes do mundo. A morte, nem por um só instante, deixara de pairar sobre a terra, em todos os continentes. A ganância e a cobiça criavam escravos e forjavam grillhões para as grandes massas dos desamparados. Nas fábricas de todo o mundo, operários mal pagos eram obrigados a trabalhar no fabrico dos engenhos de destruição e de terror. Braços de homens famintos se erguiam, aqui e ali, pedindo pão, paz, justiça e trabalho. Mundos hostis e inconciliáveis se enfrentavam, ameaçando os homens com hecatombe de choques homicidas. Um sopro de loucura provindo do medo varria o mundo inquieto, sob o olhar complacente de deuses decrepitos e venais.

Então, que direito lhe assistia de recuar agora, porque era feliz, porque as coisas más que aconteciam não estavam acontecendo sob suas vistas? Como decidir, como resolver, naquele instante, sem possibilidade de adiamento?

Mais uma vez, o farol vermelho, lá da ponta distante da Barra, lhe enviou a sua luz poderosa que acariciava de leve a superfície

parada das águas adormecidas. A paz que estava nas coisas todas não se modificou. As estrelas não deixavam de cintilar, nem as ondas mansas deixaram de lambem, preguiçosas, a areia branca da praia. Mas, mesmo sentindo que nada em torno deixara de estar como antes, soube, de repente, com uma certeza que o surpreendia, que essa paz tão cedo não poderia morar em seu coração crestado pelo vento tórrido da grande tempestade. A paz não era ainda para ele, ainda não poderia ser para ele.

As estrelas estavam brilhando, o mar estava sossegado, as vagas espriavam, mansas, na praia sem ruídos. Dentro de casa Mariana estava dormindo, talvez sonhando. Agora não havia grilos cantando, nem o coaxar dos sapos rasgava a noite da lagoa no fundo. Os coqueiros estavam apumados e tranqüilos, com as palmas rendilhadas decorando a noite quieta. A paz era absoluta sob as estrelas. Mas essa paz não era possível para ele. E isso lhe dizia o farol, lá de longe, do outro lado da baía, enviando a mensagem de seu clarão vermelho que deslizava de leve pela superfície das águas paradas.

Leonardo estava lá embaixo, o saveiro pronto, o cachimbo brilhando na escuridão da noite agora sem mistérios.

Carlos olhou as estrelas, olhou o mar imóvel, olhou o colar de luzes da cidade defronte, abarcou, num último olhar, o pequeno mundo que procurava prendê-lo. Então, decidido de uma vez, esperou que o farol brilhasse de novo e novamente se apagasse. Depois, abaixou-se devagar, enfiou a carta para Mariana por baixo da porta, ergueu-se num repelão e estirou os braços longos para distender os músculos entorpecidos. Só então, sem olhar para trás nem uma vez, marchou em passos medidos pela praia, procurando o saveiro pequeno de Leonardo, enquanto no céu as estrelas continuavam cintilando infatigavelmente.

In: *Histórias da Babia*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963, 318 p.

Dias da Costa (Salvador, BA, 1907 — Rio de Janeiro, RJ, 1975).

Obras: *Canção do beco* (1939); *Mirante dos Aflitos* (1960).

## TESOURA DE OURO

Elieser César

Também sou de profissão barbeiro. Ainda menino, aprendi o ofício com meu pai, Quintino Arembepe dos Santos, Tino Arembepe, por quase meio século o maior especialista do “Tesoura de Ouro”. Depois de muitos anos de cabelos, barbas, bigodes, costeletas e cavanhaques bem-cortados e cuidadosamente aparados, meu pai comprou essa barbearia que agora me pertence. Respeitado por fregueses do povo e autoridades, Tino Arembepe era mestre-de-obras, arquiteto, engenheiro, escultor e ourives na arte de embelezar as pessoas pelo trato da barba e dos cabelos. Não embelezava todo mundo, é verdade. Muitos clientes saíam do “Tesoura de Ouro” com a aparência pior do que ao chegar, apesar do serviço caprichado de meu pai; mas aí, a culpa era da Providência, que distribui pelo mundo feições desiguais. Não adianta: se o sujeito é muito feio, corte de cabelo nenhum dá jeito; alguns até ajudam a realçar a feiúra, pelo contraste entre o penteadado bonitinho e o rosto desajeitado. Digo por experiência de ofício. Meu pai me ensinou a manusear a máquina zero (ah, pelei muitos cocos com ela...) e outras mais modernas. Hoje, a máquina está

aposentada; é tudo na tesoura, moderninho. Homem agora não quer os cabelos muito curtos. Muitos preferem uns cortes de frescos, desses que a gente vê na televisão: os cabelos partidos ao meio, penteados para os lados, cheios no topo da cabeça e rentes na base do pescoço. O que posso fazer, se o freguês é quem manda? É corte de fresco? – penso com minha tesoura então lá vai: tec, tec, tec, tec, tec, tec, e eu podando a juba do pirobo. Gosto do meu trabalho: amolar a tesoura e a navalha, friccionar o pincel no potinho com o creme de barbear, cobrir a queixada do cliente com a espuma, retirá-la com a lâmina, como um marceneiro ao polir a superfície de uma madeira até ela ficar lisinha e (barba já feita), queimar o local com loção; cortar e fazer o pé do cabelo e, por último, tascar o talco no cangote do freguês. Outro dia discuti com um rapaz que não queria me deixar colocar o talco após o corte. Faço questão, é a marca registrada do barbeiro, é a nossa etiqueta, insisti. O fedelho quis chiar, mas terminou concordando. Já cortei todo tipo de cabelo: carapinha, blequepáuer, lisos, longos e ralos. Não tenho preferência por nenhum deles; qualquer um cai na tesoura (tec, tec, tec, tec, tec, tec); afinal, se cabelo fosse mesmo bom, a terra comia. Havia um advogado, Simão Rubens Gonçalo que, apesar de careca, era um dos meus clientes mais assíduos para fazer o cabelo. Pois não se deu, mesmo calvo de nascença, esse Simão Rubens tinha a mania de colocar uma peruca na cabeça lisa e, toda semana, me pedia para lhe aparar os cabelos. Vinha sempre com uma peruca diferente. Devia ter uma coleção delas; excentricidade de rico, pois o tal Simão Rubens tinha muito dinheiro. Na primeira vez em que sentou na minha cadeira de barbeiro, pensei que estivesse de gozação. Quem já viu aparar uma peruca e ainda mais numa barbearia? O advogado instalou-se na cadeira, bocejou e disse: “tenha a bondade de aparar-me essa incomodatícia cabeleira”.

Engasguei. Incomodatícia, pode até ser (pensei com minha tesoura), cabeleira, jamais. Tratava-se apenas de uma peruca vermelha que lhe caía tão bem quanto uns óculos de sol num rinoceronte. Cortei-lhe mesmo assim os falsos cabelos, com muita cautela para a peruca não cair ao impacto de uma escovada mais forte. “Tem um

bonito cabelo, senhor”, elogiei, após o serviço. Simão Rubens sorriu, deu-me uma boa gorjeta, ajeitou, com pequenas apalpadelas, sua cabeleira ao espelho e saiu satisfeito. Voltou toda semana à barbearia, durante cinco anos e meio, até a sua morte. Morreu envenenado por um tônico capilar que comprara no Marrocos e com a cabeça não mais pelada e sim coberta de pústulas enegrecidas, derivadas da solução mágica que não lhe dera a cobiçada cabeleira, mas a morte prematura e humilhante. Os inimigos de Simão Rubens zombaram do coitado: morrer daquele jeito, com o coco em perebas, diziam, impiedosos. O vaidoso advogado foi enterrado com uma peruca importada de Paris, que pertencera a um nobre da corte de Luís XVI, o guilhotinado, como noticiou um jornal escandaloso. Pobre Simão Rubens. Era um bom cliente; Oxalá tenha conseguido no outro mundo a bela cabeleira que tanto desejou nesse. O maior orgulho de meu pai foi ter cortado os cabelos do presidente João Goulart, pouco antes de sua excelência fugir do país, com medo dos milicos. Por insistência do senador Fenelon Filho, de quem sempre cortava os cabelos e fazia a barba na Bahia, Tino Arembepe fora a Brasília, acompanhar, no tribunal, o julgamento de uma ação trabalhista contra o “Tesoura de Ouro”. A viagem, que o fez cagar-se no avião (conto esse detalhe porque essa é uma história verídica e, quando se fala a verdade, não se deve omitir nada), foi paga pelo senador, em cujo apartamento meu pai ficou hospedado. Ao chegar ao Distrito Federal, Fenelon Filho (que Deus o conserve na santa paz), soube que o barbeiro oficial do presidente da República quebrara a perna, ao brigar com a mulher que o corneava, justamente no dia do corte de cabelo presidencial. Por privar da intimidade de João Goulart, o senador acabou levando meu pai para tão honrosa tarefa. O presidente não tinha lá muitos cabelos, mas mesmo assim, aquele corte foi a maior glória profissional de Tino Arembepe. Depois do serviço, ele até pensou em pendurar a tesoura. Estava realizado. Voltou de Brasília com a indenização ganha, e consagrado por várias reportagens em jornais. O “Diário de Notícias” da época estampou: “Tesoura de Ouro corta os cabelos do Presidente Goulart”,

confundindo a razão social do salão em que meu pai trabalhara com o nome do barbeiro. “A Tarde” foi mais longe: publicou uma fotografia de meu pai, sorridente, aparando os cabelos de sua excelência, envolto num avental de barbeiro como um freguês qualquer. “Foi o melhor cliente que já tive, elogiou Tino Arembepe”, complementou o jornal. Guardo a sete chaves os recortes dos jornais da época. Com o dinheiro da indenização, meu pai abriu sua própria barbearia. Para ela vieram muitos clientes do “Tesoura de Ouro”, que só a Tino Arembepe confiavam suas preciosas cabeças e queixadas. Trabalhamos quinze anos juntos, até meu pai morrer. Morreu de câncer no estômago, repetindo em sua agonia, que se fosse para o céu apararia de bom agrado, as madeixas luminosas dos anjos, ou, em caso contrário, se Deus o castigasse com o ácido do inferno, empunharia sua tesoura para cortar as crespas asas do demônio. Enterrei-o com a sua inseparável tesoura. Fregueses antigos e novos foram ao sepultamento dele. Depois da morte de meu pai, mudei o nome do estabelecimento. De “Barbearia Pai e Filho”, o ponto passou a se chamar “Barbearia Béveli Rio”, nome americano, muito apropriado para esses tempos modernos e de muita estrangeirice. Deu certo. Depois de “Béveli Rio”, a clientela até aumentou. Qualquer dia desses coloco um menino para me ajudar (meus filhos não querem saber de tesoura, desejam ser doutores, o mais velho já está até na faculdade). Ensino o ofício ao garoto e lhe pago qualquer mixaria. Também tenho fregueses importantes: médicos, vereadores, deputados, jogadores de futebol, desembargadores, jornalistas. Uma vez cortei os cabelos de Francisco Cuoco. Ele estava de férias em Salvador e veio à minha barbearia. Sentou na cadeira, com afetação de galã, e pediu que lhe aparasse os cabelos, já ultrapassando os ombros. Não precisava mais deles compridos; acabara de filmar a novela em que necessitava de uma vasta cabeleira. Pode deixar, Seu Francisco. Sabe, minha patroa assiste todos os dias à sua novela. Peguei a tesoura, borrifei com água os cabelos do ator e fui cortando: tec, tec, tec, tec, tec, tec. Ele não deixou-me fazer o pé do cabelo. Tudo bem, o senhor é quem manda. Troquei a tesoura grande por uma

menor e – tic, tic, tic, tic, tic, tic – aparei os fios mais pontudos para deixar a cabeleira certinha. Depois pus o talco no cangote do artista. Pronto, Cristiano; quer dizer, Seu Francisco; é que eu também assisto, de vez em quando, “Selva de Pedra”. Pedi um autógrafo ao ator. É para Alzira, minha patroa, ela gosta muito do senhor e do Tarcísio Meira, só não aprecia Tony Ramos, acha enjoado. Cuoco rabiscou sua assinatura num lenço de papel, pagou o corte e foi embora sem agradecer, nem dizer “até logo”. Gente metida, essa de televisão, pensei com minha tesoura. Gosto de tomar umas pingas, mas somente nos dias de folga. Barbeiro que se preza, não deve andar por aí bebendo, a torto e a direito, à vista ou fiado, a fim de não correr o risco de tremer as mãos ao usar a navalha. Graças a Deus, em muitos anos de ofício, nunca cortei ninguém; somente uns beliscõezinhos com a tesoura, num momento de distração (alguém me chamando, uma mosca azucrinando o ouvido...). Certa vez quase dou uma navalhada num sujeito. Foi num bar. Tinha ido beber num dia de descanso. O homem estava bêbado e disse que todo barbeiro é viado, pois passa o tempo todo alisando a cara dos clientes. Respondi que aquele procedimento era necessário para deixar a barba bem escanhoada e a cabeleira apilada. “Bicha! Todo barbeiro é bicha”, berrou o ébrio. Muita gente segurava o riso no bar. Pai de família, cumpridor dos meus deveres conjugais e extraconjugais, não podia engolir o desaforo. Quatro mãos me seguraram. O borracho foi empurrado para fora do bar. Tropeçou, se apurrou, cambaleou e ainda preseçou: “alisa homem, hic”. Fiquei vermelho de raiva. Nunca mais o vi. Foi a sorte dele. Chamar de viados todos os representantes de uma profissão honrada, enobrecida pela tesoura de Tino Arembepe e de tantos outros barbeiros... Tomara que tenha morrido de cachaça. Agora eu estou aqui, nesse calor infernal, nesse tédio de quatro da tarde. Dia fraco. Só um bigode para aparar e ainda por cima ralo. Alzira querendo televisão nova; os meninos, dinheiro para viajar de férias escolares. Eu não quero tirar a reserva da caderneta de poupança, o investimento é bom e o governo garante. Oba! Aí vem um cliente; vasta cabeleira. Pego maquinalmente a

tesoura. Se for para tosar, é só dar as ordens, penso avançando em direção ao freguês, tesoura engatilhada, saboreando de antemão o corte: tec, tec, tec, tec, tec, tec...

In: *O Escolbido das Sombras e Outras Histórias*. Bahia: Editora BDA, 1996, 126 p.

Elieser César (Euclides da Cunha, BA, 1960 —).

Obras, entre outras: *O azar do goleiro* (1989); *O escolbido das sombras e outras histórias* (1996).

## O BAILE

Elvira Foeppe

A vida escolar acabara sem ter sido preciso inventar uma série de mortificações, um privilégio, um luxo de infância, suntuosidade gorda nas palmas das mãos sérias. Ainda não adulta (sabia pouco dos mortos), saía pela manhã, encobrindo o próprio nome, raras formas pálidas, raros fragmentos de luz em meio a árvores e casas. Desloca os dedos que unidos por minutos lembram blocos de cimento. Caminhava pela tarde ganhando nova cor nos ombros, assistindo crescer as frustrações numa ondulação mórbida e rara. Um padre, com sua batina negra e tez pálida, olhos escancarados, voz embotada, sobretudo, posição esplêndida, um padre segue pela manhã rumo igreja, rumo fiéis. O coração tranqüilo e escarlate igual a flor berrante. Dois negrinhos também passam rumo mundo, as sobranceiras hirtas e hostis, batendo rua e rua, as mãos de calos grossos, o calor, este tom de horror. As mãos negróides e grandes se assanham no ar iguais a insetos grandes. Comõem gloriosos brinquedos comuns. Em noite insólita ela descobrira o segredo de se tornar límpida, sem traços extravagantes da menina de rosto branco, braços brancos, vigilante cheirando a poeira e marisco

administrando coragem. Quando culpada ganhava importância sonhada servindo-se duma linguagem impiedosa, cuidava do traje matinal, cuidava da face clara, uma gema deslumbrante, cuidava de tudo, mentir e sorrir, uma orelha contra o menino, uma orelha contra a mulher, uma orelha contra a amiga, uma orelha contra o desconhecido, e via tudo, paisagens e paisagens de colorido normal e doce. Busca a verdade.

O pai conversava sempre, dando palmadinhas nos ombros, palmadinhas nas costas, palmadinhas nos braços, é nosso amigo, não precisa inventar nada para agradecer, é nosso amigo, novos mundos para o pai, está envelhecendo, os rins tão ruins e trêmulos e cansados. O pai conversava, notas de um comportamento repisado e só e idêntico, ele ria e ria, gozado do mundo. Vinham imagens nos olhos pretos, imagens minerais, imagens vegetais, imagens animais, um cúmulo de burrice, um dispositivo quase mecânico em festividade, nas pontas dos dedos um dinheiro livre, dedos que esfregavam o assoalho aos sábados, a sujidade penetrando unhas e cabelos, ela pouco doméstica resmungando, o pai rindo e rindo, todos concordando com ele. Estuda cada um em suas lutas íntimas, em portas, esquinas, avenidas, ruas, cada um, em suas ambições, em seus mistérios. Ela também emudece os lábios em hinos do passado, está forte e compõe sua garganta de novos sons mundanos.

Renunciar ou viver, o dilema crescendo feio como nódoa na parede, então queixava-se de tudo, da mãe surda, do irmão educado em outra cidade, das meninas ruins, dos meninos agressivos, dos avós mortos, queixava-se de tudo, por vezes insuportável, ela num tédio grotesco e nu, de olho sempre aberto espiando e remirando coisas rastejantes, coisas difíceis, coisas perigosas, coisas gordas, coisas coloridas. Ambiciosa, estudando que: as serpentes são gluttonas e matam; que cinor é instrumento musical dos hebreus, que brivana é égua, que cupim, o mesmo que formiga esbranquiçada, que difnóia, harmonia a duas partes, que cafangoso é cheio de defeitos, que opala é pedra quartzosa, de cor leitosa e azulada, que moganho é ajuntamento, grupo, que libela é pequena moeda de prata, que jagança é o mesmo que diamante. Eis tudo. Ela é toda tecidos e pele branca e medo.

Dias mortos, eis o passado. E ficou de guarda para descobertas, estradas e estradas percorridas com mocinhas já diplomadas, ela estudando tudo, os junhos todos passados nas costelas sem verniz, a mãe anormal, em seu mundo de silêncio, insubordinada, morna, afetada, a face crespa, arrostando escrúpulos em surdina, contudo em salões de baile, flores, margaridas, rosas, cravos, girassóis, brilhantes como se molhadas de óleo e música, música, a mãe surda, ela todavia em exames de geografia, explicando melancolicamente, num fanatismo de doente, os rios de longo curso, de largas margens, os rios das cidades eternas; as ilhas também, as maiores, as menores, as habitadas, as selvagens, a geografia em hora de jantar, em hora de dormir, em hora de almoço, o professor em certos dias a resmungar:

— Que você tem, está doente? menina precisa ir ao médico, esta cor branca, este ar de morte nos olhos, este silêncio, estou dizendo, precisa ir ao médico.

Foge de todos. O açougueiro quer vender sua carne, o pescador o seu peixe, o pintor o seu quadro, o escritor o seu livro. Sim, desloca-se de todos, corta lenha, põe sopa no fogão, lava pratos, costura camisas, eis a vida sem resposta – não dá importância, adquire habilidade objetiva, estuda posições domésticas, escapa dos murmúrios das vizinhas, elas têm narizes grandes, cabelos feios, riscos de cor escura enfeitando braços e pernas, o íntimo galhofeiro, perverso, não dá importância, ela criando pequenas paixões com a segurança de um bicho que não teme morrer. Contudo, por vezes crises de ódio no silêncio, cedo odiando as meninas da casa ao lado, todas de sua idade, todas indo ao baile aos sábados. Ela ainda não, o pai cuidadoso em engenho de hesitação, ela sem pedir, sem a naturalidade dos filhos comuns.

Em fins de setembro (era setembro, não?), sim, liberdade casta atravessando partes do corpo já ruminando exageros, já inquieto, já rompendo passividade, liberdade perplexa despertando violência, tudo difícil para cada escolha pessoal, ela já se perde incapaz de mudar as luvas de uma mão para outra como se dessemelhantes fossem entre si, e não são? impaciência em conquistar o pai para o baile

dos sábados, onde iam meninas vizinhas, e a visita às primas ricas? aos domingos, somente aos domingos, esforço e devoção, ir à casa das primas ricas aos domingos, a despeito de aridez, de pouca ternura, todas bonitas e falsas, e convencidas, olhando demais para seus vestidos e seus sapatos, medo de se atordoar entre as primas ricas, de unhas polidas e sobranceiras finas, depiladas, ela agastada de sonhos impossíveis, jamais concebendo fartura para seus dias, pupilas de inveja sobre os sapatos de verniz, sobre os bibelôs claros, sobre os tapetes coloridos, sobre os quadros grandes, sobre os livros encadernados, coloridos, ela se perdia cada vez mais, assídua e estranha, tímida e perspicaz e indócil, triste e temerosa, um animal sem nome, elas rindo e perguntando: “quantos anos você tem?”, ou “você já cursou o 2º ginasial?”, ou “você parece pequena para sua idade, ou os vestidos estão curtos demais”? ela não respondia, a língua se escondia na boca, selvagem, era decepcionante, assunto seu, assunto seu, mas tomava chocolate com bolos, esfregava os dedos no lenço, sujos de manteiga, olhava as primas e a noite chegava e o domingo morria e ela ficava livre, testemunhas adiante, ela se comovendo demais, demais, até às lágrimas, até às lágrimas, até a inanição. A coragem ainda nos cotovelos, o pai distante mas dirigindo seu domingo na casa das primas ricas.

A primeira vez que falara francês achou sua voz diferente, chegou perto do espelho grudou lábios no vidro, pronunciou enfaticamente as sílabas difíceis, repetiu palavras, uma, duas, três, dez vezes, aconteciam formigas perto, miudinhas formigas no chão, nas paredes. Ela era escandalosa, escandalosa mesmo, sorria obstinada como se exposta ao vento, perturbadora de danças e orações, no entanto o aprendizado do francês era feito diariamente, solenemente, os sons escorregando na sala como borracha diluída no fogo, para não hesitar ela abria o livro audaciosa e igual uma faca brilhante ferindo tudo, inventava sem acomodar-se, uma batalha mortal, os dentes também se gastavam como se rompessem pedras. Outros por perto observavam-na, então rude sua voz, davam sorrisos, sim, estava exausta demais para se comover, a rudeza sim na pele como sinal de velhice precoce. Ainda sem dançar nos

sábados, ela agita cabeça, agita braços, agita pernas sem dançar ainda, mal suporta o corpo sem passos de dança.

Mas quando cresceu mais: rins, estômago, coração, seios, foi ao baile, ao primeiro baile, vestida de amarelo, dum amarelo de laranja madura, o primeiro homem chegou, não disse nada, fez gestos, convulso à medida de seu silêncio, de sua hostilidade, não gostou do homem, parecia valente ali no salão como animal que agride sem tocar, fez que não viu o homem, seus gestos de mãos grandes, poderosas, sorriu a outro que passava e quando deu pela coisa estava nos braços do estranho que afinal nem gestos fizera, aí então ficou feliz, frente ao homem, acompanhando seus passos, numa religiosidade sagrada, ritmicamente dócil sem disfarçar alegria, mas homem austero sem risos continuou implantando desprezo nos olhos, indiferente, dançando, dançando como autômato sem descobrir coisas, como se não gostasse nada. A dança continuou, o homem continuou, ela continuou, a música continuou. Idealismo nas pontas dos dedos, o corpo desliza claramente sem amor, sob sons melodiosos, as pontas dos pés leves impacientes se locomovem brilhantes, consagrando o baile. Paciente como nunca, esperou terminar a música, então deixou o homem austero, escapuliu tímida como bicho escuro, crescera como vegetal, sorrira como menina e pensou: — “a coisa não vai bem, será?” “isto é um baile!” chorara tanto, sábados e sábados quando as meninas vizinhas saíam perfumadas, de vestidos novos, rosados e azulados, de sapatos brancos ou de sapatos novinhos e coloridos, de cabelos enfeitados com fitas e cachos, “Isto é um baile?”, escancara os olhos, escancara a boca, é ainda silenciosa na festa, observa os movimentos todos, assim como se estudasse glândulas num cadáver. A orquestra volta a tocar, sons se esparramam no salão enorme, ela escuta, dedos nos cabelos, temerosos como se grávidos estivessem de sons e expectativa.

Ritmo exasperado, passos desordenados de muitos, ela espia homens e mulheres que se apertam fatais e riem fatais. “Isto é um baile?”, a pergunta se instala na pele e permanece como um sinal

escuro, ela vestida de amarelo olha os homens que estão sozinhos ainda, os pares se sacodem perto como animais sadios e unidos, ela ainda uma novata de olhos tristes, angústia nasce no peito, volumosa e dorida, aí permanece algum tempo como rosa rosa, como rosa nova, peso de flor pequena — a noite continua, o baile continua, ela continua. Suspira, vozes aqui, vozes ali, vozes no jardim, vozes na rua, vozes dentro dela, iguais a cordões de buzinas desiguais. Uma cerimônia festiva, o baile, as amigas perto, as vizinhas, perto, os parentes, perto, o pai perto, escolhendo música, escolhendo ritmo fica só por vezes, homens passam, olham, passam, olham, ela esconde pupilas necessariamente agitando coração somente. Um homem, porque o cansaço envelhecesse pernas, sorria somente, dedos segurando como de úisque, contudo mirando tudo, enxergando tudo, visível como um animal que come. Os pares pareciam se amar, tal a voracidade com que os braços se corrompiam em posse.

Há heroísmo trabalhando no íntimo, a noite continua, ela continua, o baile cresce igual a um cogumelo terrível. A hora é de picardia no rapaz moreno que beija a mulher loura, incoerente e audaz, fazendo todavia gestos para ela, sorrindo, sorrindo por trás dos ombros da loura, isto é certo? Ela se desconcerta, mas fixa pupilas no homem, as pontas dos dedos elétricos e hostis mexendo na gola do vestido como se arrancassem fios do tecido, nervosas e poderosas, o homem continuava e continuava a rir e como se dissesse: “o que nos une é a nossa idade, é a nossa força”, ela sem benefícios. O homem olhava e olhava, a moça loura sorria inocente debruçada sobre o homem, ela implicava, implicava, desviava o olhar, o tempo passava, a música passava, a noite se esquentava como se incendiada de velas e velas.

Ela bebia cerveja, o pai bebia cerveja, as vizinhas bebiam cerveja, uma moça de verde sorria para ela como se perguntasse: “quantas horas são?” ela sem resposta, a moça de verde parava de sorrir e se ia para mais longe, dura como uma espiga, fazendo barulho com os pés, poderosa e exigente. Ela também, com vontade de saber: que horas são, mas sagrada como se fosse morrer.

Adiante alguém falava: “comentávamos sobre você, querida”, o sorriso tão grande quanto a face: e como alguém que se instala no prazer, o corpo se mexia sob o ritmo da música, homens olhavam, ela olhava, a disformidade de um rapaz chamou-lhe atenção, tinha perna de pau, os olhos azuis brilhavam como pedras raras, fitava-a, a respiração crescendo em som e movimento, se aproximando mais e mais, o coração sem dominar o próprio exagero de querer. A música mais forte, o homem mais perto, ela se foi, os primeiros passos foram difíceis e terríveis, era como se a cada movimento da perna de pau seu corpo temesse o golpe, uma estranha sensação de piedade dominando, um homem bonito sofrendo, a perna direita com seu ritmo oco no chão, seu ritmo de madeira redonda que pode machucar seu pé a qualquer instante, se sua teimosia criar obrigações no seu corpo leve, no seu corpo novo. Ela tem pena, a dança continua, o homem continua com seu passo direito sólido e demorado, o pé redondo e insensível tocando o chão encerado e luminoso, fazendo figura no assoalho que lembra parede de espelho. Ela se protege contra este pé de madeira, maciço e poderoso que acompanha seu dono, num ritmo quase seguro e lúcido. Há harmonia nos passos do homem, no seu pé esquerdo de carne, no seu pé direito de madeira, apenas o som é disforme e inquieto, divergente da música que enche o salão. Olhos de brilho doente, mãos suadas, escapa-se fora em energia e ruína, o homem queima por dentro como gás ruim, os olhos de todos seguindo os dois, sacudindo timidez, ela inatural, esquece que é notícia em vozes baixas, nada mais que um grande coração humano, o homem é luxo ali no baile, inventa desperdício de tudo, outra história nasce macia e é púrpura o pescoço do aleijado. A experiência cresce, ela é como fruta suculenta, doce, santa. Um homem civilizado com ossos visíveis, face de orgulho tenso, imóvel, parada como se lambuzada de verniz barato. Tem pupilas longe, ela vez por outra sente mais perto aquele redondo pé de madeira quase tocando seus sapatos abertos, onde as carnes nuas suam mais, fingindo alegria ela ri para afugentar o horror. O tempo se demora entre os dois, ela invejando moças bonitas

apertando olhos de prazer, bem vultuosa a hora; o íntimo a dizer – “não o vejo, eis tudo, não o vejo”, o corpo acompanha o ritmo do homem, não o ritmo da música, torpemente infame desejando rapidez, os nervos já em pedacinhos, nenhuma fala que desse identidade ao homem, é apenas homem limpo, vaidoso. De repente, tudo pára: o homem, a moça, a música, as moças bonitas, o baile. A voz do aleijado surge mansa, mas cremosa como se muitos grãos de farinha trabalhassem o som: - “obrigado”, desaparece para o canto da sala, olhos humildes para alguns a dizerem: - “não façam troça de mim”, um vento gelado toca nos ombros, aparece sua carne com grossos botões redondos, a batalha terminou. Cenas se repetem, um desvio da noite, ela tinha encontrado sua realidade compósita, as vidraças espantam, ela espia mais rumo de música, rumo de homens, o baile pondo corpo em evidência, monstruoso, palmas de mãos para baixo, suadas, suadas, nervosas, nervosas. Lá fora a terra escura respira como gente insone, esfomeada, calcula paciente sua fome que devora mortos, bichos, plantas, um violento apetite tornando-a mais negra e poderosa. Ali dentro, luzes e luzes, tudo lembrando ouro, prata, ouro, prata, pura irradiância ela em glória e terrível como se coberta de sol, em dores contudo os músculos inabitados.

Sons de flauta, sons de piano, sons de bateria, sons de saxofone, sons de pandeiro, por vezes silêncio, e sons de órgãos, lembrando cenário de igreja branca, branquíssima em algodão virgem. Ela de terço branco, cabeça pendente, olhos cansados. Logo mais, sons violentos de violão, tudo recomeça, passos e passos, ela espia, esfregando lépida mão contra mão, a boca qual repolho enfunado, pupilas tímidas sim, expectantes, não solúveis. Pensa arrogante: - “não me deixarei manobrar por estes homens, não serei a escolhida, escolherei, quero aquele”, o sonho dura pouco, ela artificial qual geléia dourada, um homem chega perto, recurva-se a estudar seus pés (pensa), esquisito homem, recurva-se mais, suas palavras são chumbo na sala: “moça, podemos?”, somente isto e mascando, cara de estudante, roupa apertada nas pernas, roupa apertada nos ombros, ele encolhido como sardinha, olhos buliçosos, ela iluminada e clara e vaidosa e virgem e muito.

Agora nos braços do homem que dança leve e saltitante, inventando manobras no corpo tão elástico e tão rico, ela sua mais, a experiência agradável faz de seu corpo um instrumento em néctar puro.

Mãos sensitivas não tão discretas, não tão finas, em afinações, lembrando estrelas brilhantes, um homem calvo, silencioso, seu corpo gordo, cuidadoso andando pelo salão, os olhos injetados e miúdos, orelhas grandes e um grande pomo de adão subindo, descendo, subindo, descendo, um copo de gin, festejando outros heróis dançarinos, ele não. O ritmo agora é sacudido e apressado, alguns no salão parecem acrobatas, pernas e joelhos cativamente se expondo em ginásticas difíceis, ela olha, sorri, vibra, então um novo ritmo, lento, espichado, longo, injetado de lascívia e silvando, silvando, um rapazote passa, ela sorri, ele sorri, passa, um homem louro passa, ela fixa séria, ele intrigado, passa, outro surge, moreno, ela sorri, outro adiante, mais outro adiante, todos se mexendo exuberantes, pés experimentados, ela com vontade de ser desonesta, cínica, informal, mundana, correr pelo salão, mostrar-se fêmea franquizada, provavelmente rica, provavelmente bonita, fazer discurso com ancas, pupilas e seios. Manchada de luz, manchada de sombra acaba por dançar com qualquer um que nem sequer olha, nem sequer sorri, desconfiada e triste a repetir baixinho: “isto é um baile, isto?” jamais sonhando assim enormemente em torção de corpo, dor nos pés, olhos ardendo com luzes em quedas regulares, não tem amigos, parece ali um objeto de beleza, um simples objeto de beleza. E queria pela coragem atravessar toda a noite, ir ao fim, ao fim, a última a sair, a última a fechar olhos para o sono, tão em deusa se condensa a memória que despertaria iria levantar um grande painel colorido, ela mais que borboleta, mais que gaivota, mais que pássaro em futuro consciente, este baile já de mistério desvendado.

Todos os interessados ali em rodopios, o olho dela em chamas, uma histórica noite, a boca do estômago queimando com o gin branco, leitoso, opaco. O nariz brilhando, esponja de pó sobre células sujas, um cruzado para direita, um cruzado para esquerda, os passos irrompem mascarados ela realizando uma façanha, golpe nos rins,

ela acompanha um homem como se rezasse um credo, as pernas céleres deslizando, os saltos dos sapatos sem quase tocarem o chão, plena de ímpeto, plena de energia, plena de luz. Estranho como a dança se modificava com o par, uns pareciam arrastá-la igual a se levassem uma cabra ao matadouro, sem compunção, sem indulgência, senhores de tudo, robustos contra móveis e paredes. Outros, ah! que gosto, que longo prazer, suas pernas em floreios, a excitação atingindo nádegas, coxas, ela airosa e requintada com um jogo de pés em volúpia e estertor.

In: *O Moderno Conto da Região do Cacaú*. Organização Telmo Padilha. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1978, 271 p.

Elvira Foeppel (Canavieiras, BA, 1923 — Rio de Janeiro, RJ, 1998).

Obras: *Chão e poesia* (1956); *Círculo do medo* (1960); *Muro frio* (1961).

## ÚLTIMA CAÇADA

Euclides Neto

*A meu pai, Patrício, velbo caçador de paca.  
E a seu cão, Piau,  
inseparáveis companheiros, ambos no céu.*

Sentiram o lampejo no olhar um do outro. Entenderam-se tão bem que não precisaram palavras. Quem seria mais amigo entre os dois? Dizem que o cão é mais leal que o dono. Não entre Surubim e o velho Clemente. Empatava na sinceridade.

Bastou aquele olhar amoroso, para que puxassem uma longa conversa, lembrando caçadas. Prosa antiga, meio lilás, de muita saudade.

Há seis anos viviam naquele quarto. O homem, velho, em cima da cama, entrevado de um lado pela doença que passou, sofrendo seus dias, que se iam escorrendo dolorosamente. Uma vez por dia levavam-no à varanda a quentar sol.

Surubim, depois que o dono adoeceu, não arredava pé da sua cabeceira, em uma guarda consoladora.

Quiseram proibir a sua presença. Levaram-no para longe, a mais de dez léguas. Ele voltou e veio uivar à porta, terça-noite, lágrimas pingando. O doente acordou, pediu por tudo que não deixassem o companheiro sofrer tanto. Botaram-lhe um cambão, amarraram-no no fundo do quintal. Roeu daqui, esticou de lá e a teimosa amizade trouxe-o de volta.

Houve até quem falasse em matá-lo, pois constava que fora mordido por uma cadela doida. Pura desculpa para eliminá-lo. O velho Clemente ouviu uma ponta da ameaça e apelou na sua fala de palavras tortas, babadas, difíceis de serem entendidas:

— Deixem meu bichinho ou morro mais ligeiro. É o único amigo paciente, que não me larga quando fico sozinho, dia e noite. Os outros são visitas, chegam, demoram um pouco, por caridade, e vão embora.

— Está fedendo a rabugem, pai. Tem pulga, bicho-de-pé. Não quer deixar ninguém encostar na cama e mordeu a enfermeira que lhe aplicava a injeção — disse a filha.

— Mas, por tudo, larguem meu bichinho aí. Não morro sem comer uma paca, levantada por ele e atirada por mim com aquela espingarda do torno.

Surubim ficou, definitivamente, na camarinha, alforriado, botando sentido ao seu parceiro, este já com os olhos assustados com a morte, que o tocaiava. O paqueiro anda com as suas vilides profissionais, orelha rasgada pelos dentes dos perseguidos, lanho fundo no pescoço. De castanho, ficou ruço, cabeça de tapioca, feito o dono. De tanto as pessoas verem-no ao lado do doente, já os achavam parecidos. O velho Clemente com feições bondosas de cachorro, e Surubim apresentava um quê de rancor humano.

O lampejo, naquele instante, continuava no olhar dos dois. Entenderam-se. O velho deve ter catingado a cheiro de quando ia caçar, só percebido pelo companheiro. Um ficou encandeado no olhar do outro, fixos, na compreensão do que se diziam, silenciosamente. Surubim terminou vendo o amigo com a espingarda e pulou em cima da cama, ganindo, voltando de novo ao chão, correndo até à cozinha,

retornando, no esparrame de cachorro alegre. Novamente voltou ao colo do velho Clemente, puxando-o, mordendo o cano da arma, latindo sempre, acuado, rindo com a cauda, disparando até o terreiro em tal velocidade que lá escorregou, batendo os quartos no chão, riscando-o com os presunhos crescidos por falta de uso, voltando em cima do corpo, enlouquecido de felicidade. Iam caçar!

A vontade do bicho se fundiu tanto na do homem que este já estava de capanga e cartucheira ao ombro, facão ao cinto, chamando:

— Cá, nego!

Madrugadinha. O sol rasgando as entranhas da noite, melando de pitanga as partes nascentes. Surubim saiu na frente vadiando, farejando o amigo, mordiscando seu rolo. Entraram na capoeira, pegaram a serra.

Para o focinho arguto e competente de Surubim, a paca podia deixar o faro há três dias. Seu prazer era sentir o cheiro perfumado de folhiço, já fermentado, no rastro de uma paca-açu, que alegria de cachorro se mostra também assim. Fungou em buraco de calango-fudião-do-zói-azu. Correu embaixo de vôo nambu, bestando, gastando liberdade, que ele não agasalhava fidalguia de muita emoção e risco, nos encruados.

Lá adiante, baixou o focinho, farejou competente, fungou enérgico, desentupindo as fuças, troteou um pouco, levantando os olhos, como se procurasse uma referência de partida, pegou a trilha, que parecia um pequeno túnel no trançado de cassassá, chão limpo, escovado, sem um talo ou cisco que dificultasse a fuga. Para tanto a paca é caprichosa. Pode estar morta de fome, se topa um gravetinho seco de cambará, corta-o com a dentuça. E aquela passagem, já funda, pertencera aos seus antepassados de muitas eras. A bichinha andara ali há duas madrugadas. Tinha caído uma uluvaia-da chuva, dificultando. Não era nada, não. Daria nos tamos. A batida, certa. Até encontrou rastro fresco, da véspera, na passagem do riacho. Ganiu, anunciando.

O velho Clemente estimulou, avisando que estava preparado:

— Ê... ê... pum! Ê... ê... pum!...

Pequeno silêncio. Surubim falou acuado:

— Q'ê... q'eu... q'eu...

Novamente o caçador:

— Ê... ê... pum!

Sabiam que em pouco a caça escapularia pela espinha. Paca não é inocente de ficar no oco de pau d'alho sem prevenir saídas de emergência, prevendo dificuldades. De fato, espirrou num pulo, jogando pra cima a folhagem seca da tapagem falsa. Surubim conhecia tudo e deu carreira, batendo ganido.

O velho Clemente armou a espingarda, ficando a braça e meia da trilha, bem embaixo.

Lá vem, lá vem. Ouviu o grugruhar do animal em disparada, aflito: ér... crér... crér... Aproximava-se rápido. Os olhos do caçador emocionado na passagem, por onde riscaria a perseguida, coriscando. Mediu um coito para cima e uma chave para a frente do corpo da caça, descontando a velocidade da carreira, tudo visando à volta-da-pá. A roda de chumbo cabeça-de-macaco seria pá-casca!

Há quem diga que houve um tiro. Tanto que correram ao quarto de onde vinham os latidos angustiados de Surubim, que já não eram mais na batida da paca. Olhava seu dono, que foi virando a cabeça, tentando segurar o braço esquerdo com a mão sã, derreando o corpo, suando muito, até que deitou-se, meio de bruços, desgovernado, dormindo na mira.

Foi a última caçada do velho Clemente com o seu amigo Surubim.

In: *O Conto Baiano Contemporâneo*. Organização Valdomiro Santana. Bahia: EGBA, 1995, 211 p.

Euclides Neto (Ubaíra, BA, 1925 — Salvador, Ba, 2000).

Obras, entre outras: *Os magros* (1961); *O patrão* (1978); *Os genros* (1981).

## O VELHO SOUZA

Flávio Costa

Naquele dia, como em muitos outros, como em todos — desde que lhe descobriram um enorme aneurisma na aorta e fora obrigado a aposentar-se, o antigo sócio-gerente de “Arthur Souza & Cia.”, tecidos em grosso, após a primeira refeição transportou-se vagarosamente para a varanda do lado do mar, onde, como já era seu costume, acomodou-se na cadeira-preguiçosa para um pouco de repouso e a leitura dos jornais da manhã.

Era um dia excessivamente iluminado e o mar estendia-se à sua frente tão azul e puro, que o velho comerciante, com os jornais sobre as pernas, hesitou um pouco antes de folheá-los e se ficou mais tempo do que das outras vezes naquela muda contemplação, a vista perdida num ponto vago, todavia além dos dois ou três coqueiros que enfeitavam a encosta de poucos metros antes da praia. Conquanto não ventasse propriamente, pelo menos com a intensidade que era normal naquele lugar desguarnecido, os coqueiros agitavam molemente as palmas, misturando o farfalhar preguiçoso ao rumor das ondas lá embaixo. A superfície das águas estava calma, quase parada,

divisando-se apenas de movimento o reflexo do sol no dorso das pequenas ondas e, aqui e ali, pontos brancos de espuma que pareciam deslocar-se até a praia, sumindo por momentos e, logo, reaparecendo mais adiante, sob o céu sem nuvens.

O velho Souza respirou fundo a manhã de verão, sentindo no corpo já gasto alguma coisa que lhe pareceu o antigo vigor de quando era jovem e corria livremente pelas praias. Há quanto tempo! Mas a recordação não lhe trouxe melancolia. Esqueceu mesmo, logo em seguida, aquela efêmera impressão e, se lamentou alguma coisa, foi não haver naquele momento exato um veleiro cortando as águas para completar sua paisagem. Quem haveria de dizer que o velho Souza algum dia pudesse emocionar-se à vista de um barco... Uma vida tão apressada e cheia de números, como fora a sua, evidentemente nunca dera margem para essas pequenas descobertas e, mesmo que houvesse dado, estaria já tão corrompido em seu verdadeiro ser, que não teria percebido nada. Como nada percebera a vida toda. Tinha sido preciso aquele ócio forçado, o contato prolongado consigo próprio e a natureza para que recuperasse um pouco a antiga pureza da infância, perdida há anos.

Mas não resistiu muito tempo àquele estado. A pressão dos jornais nas pernas era como um chamado à realidade e ao mundo palpável. E esta solicitação para o mundo de todos os dias fê-lo conjecturar que ainda estava muito preso a ele para desligar-se assim, impunemente...

“Que novidades trarão os jornais?” pensou. Depois que se aposentara, o velho Souza passara alguns dias, semanas mesmo, um tanto desnorreado. Não é facilmente que se mudam os hábitos, sobretudo quando estes, depois de décadas, já se tornaram uma segunda natureza. A viagem cotidiana para o escritório da firma, as tardes cheias de cálculos e conversas profissionais, a articulação de golpes que ficariam famosos – tudo isto era a própria razão de ser do velho Souza, a justificativa e mesmo a finalidade de sua existência. Não admira que nos primeiros dias de repouso o comerciante se tenha sentido

linearmente líquido. Como passar os dias em casa, sem faturas, sem transações, sem os mil acontecimentos diários da vida comercial? O mau-humor e o aborrecimento tiveram livre curso nas primeiras semanas. O que mais o irritava era a inércia forçada, a impossibilidade de mover-se, agitar-se entre mercadorias e papéis, ativamente, como fizera toda a vida. Aborrecia-se. E o aborrecimento era um sério perigo para o seu aneurisma, que poderia rebentar de uma hora para outra... Mas não havia outro jeito senão adaptar-se do melhor modo possível àquela situação nova. E isto procurou fazer o negociante, embora tendo de lutar um pouco contra o próprio temperamento, que de modo natural o impelia para a atividade. Desgostava-o sobretudo a ausência de método na sua forma atual de gastar o tempo. O velho Souza fora um homem que, ao acordar, já sabia exatamente como ocupar o seu dia: as horas todas divididas entre o expediente normal do escritório, visitas a gerentes de bancos, conversas com clientes e mais uma infinidade de pequenas coisas, o que lhe dava uma íntima e confortadora satisfação. Saber-se homem ocupado era saber-se útil. Útil à sua firma. Útil a seu país. Era natural, portanto, a sua tortura ao notar que de uma hora para outra havia se tornado um inerte, um homem que consumia sem nada produzir. Urgia encontrar um derivativo. A solução mais à vista seria afastar aquela aparência de vagabundagem (nem que fosse apenas aos seus próprios olhos), iludindo-se com a imposição de uma disciplina. E passou a ocupar-se em dividir o tempo, distribuir convenientemente as horas do dia entre os seus afazeres mais importantes no momento: comer, dormir, ler e meditar... Depois de acertado isto, entrou a convencer-se de que aquilo era o justo prêmio (não o aneurisma, mas a vida leve e despreocupada, aquela preguiça boa) por seu antigo e infatigável labor comercial. E acabou por concluir que, afinal, podia entregar-se sem remorsos ao que ele já estava considerando umas férias deliciosas. Não tinha nenhum fantasma econômico pairando sobre si e a casa quieta (a mulher morrera há muito e filhos nunca os tivera), à beira daquele mar tão belo, como agora começara a descobrir, era um convite mais

que tentador a que ele deixasse a vida desenrolar-se suavemente, sem coisa alguma a atrapalhar a fuga silenciosa.

“Que novidades trarão os jornais?” pensou ainda uma vez o velho Souza, acomodando-se na cadeira preguiçosa e desdobrando as folhas. Lamentável era a primeira página cheia de notícias assustadoras de uma nova guerra. O ex-gerente não se interessava em política internacional, nem conseguia atinar com a importância que poderia ter para o mundo a viagem de “Mister Fulano” à Europa ou o discurso pronunciado na véspera, em Paris, pelo “premier Sicrano”. Um discurso, afinal, onde não se dizia nada de novo, ou de interessante, como podia verificar facilmente pelo texto que o jornal reproduzia: frases surradas e vazias. Era o mesmo que essas intriguinhas familiares transportadas ao plano internacional...

O velho Souza virou a página, aborrecido, e alguns anúncios lhe caíram sob os olhos. Passe suas férias nas montanhas suíças, sugeria um deles. Paisagens geladas de inacreditável beleza e os mais excitantes esportes de inverno! Um brilho passou-lhe pelos olhos, mas apenas por um instante. Depois, sorriu, um tanto triste. Que tolo! Antes, quando pudera, nunca lhe tinha vindo à cabeça a idéia de viajar... Nossos aviões o transportarão em menos tempo — e com mais conforto e segurança. Qual! Virou a página à procura dos artigos de divulgação científica. Era uma leitura que já havia sido particularmente grata ao negociante. Hoje, menos. Mas ele ainda a procurava com um certo interesse. E já se preparava para ler quando descobriu mais acima, em destaque, o anúncio de sua firma: Tecidos em grosso. Recebemos partidas regulares das melhores fábricas do sul do País pelos menores preços. Uma infinidade de padronagens para todos os gostos. Façam suas compras em nossa Casa. Arthur Souza & Cia., estabelecidos desde 1920.

O comerciante releu a propaganda e meneou a cabeça. Estava péssima, na verdade. Teria que telefonar mais tarde ao gerente e dizer-lhe para mandar substituir aquilo por algo mais leve: menor número de palavras e mais sugestão. Qualquer coisa assim como o

anúncio das férias na Suíça. Talvez até ele mesmo pudesse redigir a propaganda; estava um pouco entendido no assunto, agora que lia tantos jornais e revistas... Poderia, por exemplo, ser este: Abasteça sua loja em Artur Souza & Cia., a casa que veste a Bahia desde 1920. Ali estava. Poucas palavras, um mundo de sugestões! Demais, seria preciso acrescentar o h de Arthur...

O velho Souza levantou um pouco os olhos da página impressa, que ficara olhando sem ver enquanto divagava, e mirou o céu. Azul, azul! cerrou as pálpebras, defendendo-se da claridade, e depois levantou-as cuidadosamente, olhando o mar. Lá longe, bem na linha do horizonte, uma ponta de vela avançava firmemente. “Um veleiro!” pensou. E o ex-sócio-gerente ficou visivelmente emocionado com a sua descoberta. De fato, parecia um veleiro de verdade. E era tão raro um autêntico veleiro cortar aquelas águas! Na maioria das vezes, passavam por ali velhas barcaças, um misto de barco a vela e navio a vapor, mas que não mereciam nem mesmo um simples olhar, tão deselegantes pareciam. O velho Souza colocou mais uma vez os jornais dobrados sobre as pernas e encostou a cabeça no espaldar da cadeira-preguiçosa, procurando acomodar-se melhor para assistir à passagem do barco. Seus olhos se fixaram no ponto distante, e ele ficou a divagar, imaginando o quanto perdera de sua vida naquele escritório de “Arthur Souza & Cia.”, que já lhe parecera o próprio mundo, ou, pelo menos, o que havia de aproveitável no mundo. Pensasse então como agora e, há alguns anos, poderia ter passado a gerência a outro (como afinal fora obrigado a fazer), embarcando num belo navio para conhecer meia dúzia de países. Num dia de sol como aquele, colocaria uma espreguiçadeira junto à amurada do tombadilho e olharia o mar, tão bem acomodado como em sua própria casa, como naquela sacada mesma onde se encontrava. Ainda haveria o suave balanço do casco enorme para embalar o cochilo e talvez visse algum lombo escuro de tubarão, ou, quem sabe, simples peixes-voadores. Os peixes-voadores voariam realmente? Bem que poderia ser verdade, como lhe garantiram, anos atrás, amigos mais familiarizados com os

mistérios do mar... Davam eles um pequeno salto à flor das águas, e depois planavam com segurança vários metros, mergulhando outra vez adiante, já bem distanciados de algum provável perseguidor. Era um meio de defesa como outro qualquer, sabia-o: o súbito desaparecimento desnor-teava os peixes maiores, que vinham atrás. Mas de qualquer modo um espetáculo belo de se ver. O velho Souza, que se tinha esquecido momentaneamente de seu veleiro, procurou-o no horizonte. Tinha avançado um pouco, mas o vento estava fraco e a marcha era lenta. Gastaria alguns minutos mais até passar a barra. A brisa leve dava nos coqueiros e o mar murmurava lá embaixo a sua linguagem difícil e constante.

Achou que teria tempo de ler o seu artigo até que o veleiro se aproximasse, e mergulhou os olhos na folha. Todavia, quando começou a leitura, o velho Souza não agüentou mais que poucas linhas. Pareceu-lhe repentinamente estúpida a pretensão daquele sujeito de explicar a dor. Mas não por ser a dor particularmente, como concluiu em seguida. Naquele instante pareceu-lhe que lhe causariam repugnância iguais explicações científicas sobre assuntos daquela natureza, como o amor ou a própria vida, por exemplo. Os músculos relaxados, aquela paz imensa que parecia haver ali, a beleza da paisagem, tudo contribuía para colocar o velho comerciante num estado de espírito inédito para ele. Sentia emoções novas e, tão-sòmente com os elementos que os olhos lhe revelavam, julgava-se capaz de chegar a perceber mais facilmente a essência das coisas que antes permaneciam ainda confusas, mesmo depois das explicações lidas. O certo, portanto, era que elas não careciam de explicações. A própria auréola de mistério que as envolvia, antes acrescentava-lhes uma significação mais profunda. Que os cientistas se interessassem em explicar o mistério, era com eles. Lutavam para fazer mais digna e bela a vida, e isto não podia ser censurado. Mas, era uma tarefa para cientistas. A ele, pobre homem comum, não era dado mais que utilizar-se dos benefícios que porventura colocassem ao seu alcance. Na sua ignorância, ao invés de estar uma limitação, estava, isto sim, a chave para perceber a beleza, a

única maneira de considerar como simples e belas, ainda que cheias de mistérios, as coisas mais complexas que, explicadas, perderiam a significação. Isto tudo pensava o velho Souza, e a sucessão de pensamentos o fatigava muito. Relaxou-se na cadeira e procurou não pensar. Agora, queria apenas ver o veleiro passar, sentir profundamente a beleza daquela manhã de sol. Isto era importante. Que coisa era para os médicos o coração, a não ser um assunto sem beleza, difícil e árido? Para ele, entretanto, o coração... — seus pensamentos foram subitamente interrompidos por uma dor aguda naquele órgão, e ele mexeu-se na cadeira, assustado, a mão sobre o peito, parando depois com uma expressão de dilatada surpresa no rosto, enquanto sentia fortes pontadas no ponto exato onde sua mão apertava, numa contração, a carne do seio esquerdo. Tão súbitamente como vieram, as pontadas cessaram. Mas uma dor velada persistiu ainda naquele lugar e, em seguida, uma forte quentura alastrou-se pelo peito.

O barco avançava velozmente agora, impulsionado por uma brisa mais forte, chegando a ostentar na proa longos bigodes de espuma. Arfando levemente, os olhos semicerrados, o comerciante ainda viu a imponência do barco, as velas claras abertas, e aquilo lhe pareceu mais belo do que tudo que já achara belo daquela varanda. Aturdido, quis reagir, abrir mais os olhos, entender o que se passava, porém, aos poucos, a paisagem foi perdendo as cores e os contornos se apagando, até tudo fundir-se completamente numa massa compacta e negra. Já então a cabeça do velho Souza tinha caído para trás, repousando no espaldar da cadeira, definitivamente.

In: *Revista Mapa*. Salvador (BA): 1958, nº 3.

Flávio Costa (Salvador, BA, 1928 — Rio de Janeiro, RJ, 1977).

Obras: *Além das torres do Kremlin* (1958); *A China está mais perto* (1974).

## À ESPERA DO TORNADO

Gláucia Lemos

Um dia ainda escreverei a história de uma mulher que tinha um homem que a amava. Todos os dias a mulher mourejava, e, ao fim da semana, punha-se a esperar o retorno do homem porque um tornado o levara.

Era uma tarde de fortes ventos. A ventania apossou-se da cidade e, em seu rodameio, arrebatou os galhos das árvores, os telhados das casas, os cães que passavam e a areia do chão. Subiram os grãos até lonjuras no espaço, arranhando as faces e os braços de todos os passantes. E arrastou também todos os homens que estavam apaixonados.

O homem que amava a mulher - e amava-a tanto! - ao sentir-se alçado ao olho do tornado, murmurou-lhe uma mensagem de esperança: *Espere por mim, minha amada, que um dia voltarei!*

Só os homens que não amavam ninguém foram poupados. Eles tinham pés de chumbo e um vazio no peito que jamais se inflara por amor a alguém. Esses foram poupados. Por isso, todas as mulheres permaneceram abandonadas. Solitárias e vazias, resolveram

partir a buscar onde estivessem os seus homens, levados pelos ventos. Todas elas partiram.

Sáíram a andar em procissão pelas estradas, deixando, por toda parte onde passavam, o rastro dos seus olhos espalhado pelo pó dos caminhos e pelos pedregulhos das trilhas, pelos frutos vermelhos dos cafezais e pelas flores sem manchas das plantações de algodão, e pelo verde das folhas dos milharais, que vestiam as espigas.

Os olhos das que tinham olhos verdes desbotaram. Tornaram-se apagados, porque o verde-esperança que os coloria ficava impregnando as folhas da mataria por onde eles enveredavam procurando pelos homens.

E os olhos negros das que tinham nascido com negrume nos olhos, tornaram-se cinzentos e mortiços, pois tanta era a ansiedade com que rasgavam as sombras, que as noites se tingiram de mais densa escuridão.

E elas iam, e elas foram e se foram e nunca mais voltaram. Foram-se a apelar que um tornado as levasse também, para talvez o reencontro com eles. Perdidas que se sentiam. Só a mulher que trabalhava todos os dias, e ao fim da semana esperava o seu homem, só ela não partia.

Aos sábados, sentava-se na cadeira vermelha ao lado da janela e escutava o vento que nunca mais chegou forte. Vinha, não mais que numa brisa melancólica e pirracenta, a insinuar-se pelo vão da janela mal-fechada e mal-aberta, repetindo, sussurrando aos ouvidos dela, a promessa que o homem que a amava lhe soprara, lá do alto do olho do tornado: *Espera por mim, minha amada, que um dia voltarei.*

Até que a noite semeasse pelo espaço a areia prateada, e os sons dos violões noctívagos, distantes, parecessem mais próximos porque o silêncio voluteava em tudo como um suspiro de Deus, a mulher esperava. Assim no sábado, assim no domingo, ela sozinha ao lado da janela, nem bem aberta nem bem fechada, aguardando o milagre do tornado que lhe levara o homem como maldição, e como bênção, o restituiria. Acreditava, como uma bênção, ele o restituiria.

Quando morria a noite do domingo, a mulher amarrava as suas dores, e na manhã seguinte, lá ia para o trabalho da semana, a sorrir e a cantar e a dançar, porque suas dores estavam bem amarradas e ninguém as podia perceber, violando a sacralidade do seu segredo. Só ao nascer do outro sábado a mulher que perdera o homem que a amava abria o seu espelho e se descobria: não tinha mais sorrisos para sorrir, não sabia mais canções para cantar, não conhecia mais os passos com que dançara a semana inteira. Retornava à janela e esperava. Esperava o milagre dos ventos. *Espera por mim, minha amada, que um dia voltarei.*

Todos os sábados e todos os domingos, ou quando a ventania enraivece com maior furor os galhos das amendoeiras ao expirar do sol, eu penso em um conto que pudesse narrar a história da mulher que tinha um homem que a amava, e um tornado o levou. Não sei se um dia saberei como escrevê-lo.

Inédito.

Gláucia Lemos (Salvador, BA, 1930 —).

Obras, entre outras: *Era uma vez uma rosa que virou mulher* (1979); *A metade da maçã* (1988); *A garota do bugre* (1998).

## SORRISO DE VITRINE

Guido Guerra

A lua vinha surgindo cor de prata, o homem lembrou a canção e sorriu: mas não se atreveu a cantarolá-la — era desafinado como não tinha dois. Recordou a mulher e a jóia que viu na vitrine. Lá nela, pensou baixinho, bem lhe iria se pudesse comprá-la. Mas não podia, eis tudo. A lua cheia dançando no céu e caindo no mar, disse com mansidão, parecia ser a poesia da noite. A frase de efeito, mas inocente em demasia, já não lhe assentava como antigamente: ia fazer cinquenta anos. Sim, meio século. Estava ficando velho para fazer versos. Ou frases de impacto. Sorriu, mas um sorriso miúdo, amarelo, nervoso.

— A escola dos meninos está atrasada — bradou a mulher à hora do almoço, o carnê na primeira prateleira da estante de poucos livros. — Há dois meses que a escola manda dizer que...

— Eu sei — disse ele. — E não gostaria que fosse assim.

A mulher ficou pensativa, mexendo o cafezinho, como que esperando esfriar. Continuou ainda mais apreensiva:

— Será que os meninos vão poder fazer prova amanhã?

Santiago apertou os olhos e encolheu os ombros. Ia dizendo “sei lá”, mas se calou. Acendeu um cigarro e o tragou compulsivamente, como se fosse o primeiro e o último, e, antes que chegasse ao meio, cuidou de amassá-lo no cinzeiro, com raiva. A mulher, a quem nunca permitira — exigência que estabelecera desde o noivado e agora seria tarde —, olhou-o com ternura, embora nada pudesse fazer por ele nem por ela nem pelos meninos. E o acompanhou até a porta, o que, há muito, não acontecia. E lhe ofereceu os lábios entreabertos para o suave toque das breves despedidas, ultimamente esquecidas. E jogou o paletó no ombro — marrom tão surrado, mas não tinha muitos: alternava-o com o branco, o azul-marinho e o amarelo-ouro, que caíra de moda, mas continuava a usá-lo.

À porta, o velho fusca, velhíssimo, já não lhe contava os pontos de ferrugem. Deitou o paletó no banco traseiro — seria uma pena se vincasse, a mulher caprichara tanto, tanto, e lembrou as mãos dela, que foram tão finas, agora calosas, as unhas partidas de arear panelas e pratos, e uma marca de queimadura perto do pulso, sorte que o relógio ia disfarçando-a, mas à noite, sem nada no braço, podia vê-la nitidamente. Uma sensação de culpa, de remorso, de bater no peito e repetir “*mea culpa, mea máxima culpa*”, que o sono vencia logo, às vezes com pesadelo, mas ...acelerou o carro. Pelo retrovisor, viu que o bigode estava mais cheio, quase branco, se não lhe restassem uns fios negros, sobras de juventude. Trinta anos de banco, pensou em voz alta — a mulher já o surpreendera a falar sozinho e, surpreendendo-o, balançou a cabeça como se pensasse mal dele. Não ,não estava doído, quase protestou. Mas não. Apenas sorriu.

— O diretor geral na linha — informou a secretária, uma baixinha magra, de cabelos curtos, cuja tonalidade variava de semana para semana, oscilando entre o ruivo e o castanho, o preto era menos freqüente, mas acontecia de ser também. — Linha A.

Santiago gelou. Um friozinho na espinha. Apertou o nó da gravata como se o homem estivesse à sua frente. E, parado, a observá-lo, os olhos penetrantes, apesar dos óculos de grau, imaginou. Naquele

velho carro, tão apertado, fora buscar o Geral — assim o tratava na ausência, sem prenome nem sobrenome, apenas impessoalmente — de pernas tão compridas e largo ao meio. E deparou com um olhar de censura, a princípio silenciosa, depois não. Perguntou:

— É nisso aí que visita nossos clientes?

— Sim — respondeu Santiago. — Ainda não pude comprar um melhor.

Não se queixou do banco nem do salário. Menos ainda da comissão congelada e da ameaça de cortes. Abriu a porta e bateu-lhe na cara o mormaço que vinha de dentro e estava na rua. Meio-dia, verão da Bahia, o Geral ensopou um lenço de suor e continuou porejando, o rosto largo e vermelho, enfezado. Sim, enfezadíssimo. E espremeu-se no banco do carona. Santiago, apesar do calor, não tirou o paletó e nem convinha tirá-lo diante de um superior tão carrancudo que metia até medo. Entalou-se com o silêncio do outro.

— Linha A — repetiu a secretária.

De repente, bateu-lhe uma saudade: dr. Miguel — assim o chamavam, ali e em toda parte. Apenas dr. Miguel, como se não tivessem sobrenome. Nem apelido caseiro, carinhoso. Aliás, alcunha não lhe assentaria, tão circunspecto, em geral gentil, mas formal. Imagine-se quem se atreveria a tratá-lo por Miguelzinho, dar-lhe um tapinha na barriga. Aquela voz grave, metálica, ia se impondo à medida que avançava, percorrendo departamentos. E, na impossibilidade de gravar nome por nome, a todos chamando de “meu filho”, mas logo substituindo aquele cordial tratamento por cerimonioso senhor, sobretudo se o caso requeria uma reprimenda — polida, porém enérgica.

Também, é de reconhecer-se, o banco tinha muito degrau por subir, na difícil e escorregadia escada do sucesso, costumava filosofar. Um dia, sorria dr. Miguel, os correntistas não teriam nomes nem sobrenomes, mas números e cifrões, como na Suíça. Isso custaria a acontecer, demandaria anos: teria tempo para a longa espera?, perguntava-se, os cabelos já grisalhos e um aperto no coração. Na parede, o mapa das agências, talvez duas dezenas, no máximo: uma na

Cidade Alta, a matriz na Cidade Baixa, as outras no interior — Feira de Santana, Itabuna, Ilhéus, Juazeiro, sabe-se lá mais onde.

A vida do banco passava pela mesa do dr. Miguel, não raro pelo telefone à sua direita. ( Suave, a cada chamada, a secretária, de voz aveludada, repetia o clichê “quem desejaria?”. Se estava na sala do dr. Miguel, ele indicava, com um aceno de cabeça, se estava ou não. Ela decidia qual a melhor explicação — se comunicava uma reunião de emergência ou se ainda não retornara do almoço). E vinha também pelo telex. Agora, havia fax, computadores, tudo instantâneo, respostas imediatas. Ali na parede, ao alto, pálido como uma lembrança vaga, dr. Miguel não reconheceria seu banco — assim que o chamavam, assim possessivamente.

Santiago não esquecia que, ao tempo do dr. Miguel, um simples empréstimo arrastava-se vagarosamente: ia de carteira em carteira, dependia de pareceres, do relatório do gerente proponente, enfim do perfil da firma correntista, da avaliação dos bens a hipotecar, o que requeria perícia exaustiva, inclusive se o avalista já fora à hasta pública, se tinha bens penhorados ou se era uma garantia mesmo, se bem que dr. Miguel se reservasse a última palavra. Nem Santiago sabia quantas agências teria o banco agora, em que bairro não havia sequer uma, pelo menos um posto de atendimento. Em todas, numa moldura metálica, dr. Miguel pendia da parede.

— Cumpriremos todos os sonhos que ele imaginou — disse o Geral, erguendo os braços e cerrando os punhos no ar. — Exatamente todos!

Depois o silêncio pesado — o corpo do dr. Miguel descia à sepultura, alguns soluços contidos e lenços brancos acenando adeus. Pouco importa referir que se finou lá no banco, na sala sempre fechada, sem socorro nem testemunhas. O ar-condicionado ligado, o telefone desligado como se atendesse a uma ligação urgentíssima. A secretária, com a voz aveludada, o chamou duas vezes e, ao tocá-lo, sentiu-lhe a gelidez — o espelho mostrou-lhe seu espanto. Ali na parede, dr. Miguel ainda vive. Esmacido, antigo, quase imortal.

Numa cinzenta tarde de abril, Santiago foi enterrá-lo e surpreendeu-se a chorar também, como se fosse um dos seus, parente, aderente, alguém próximo. À beira do túmulo, em memória tão merecida, jurou o Geral, o banco logo se expandiria, se estenderia às principais capitais, talvez ao mundo. E a cada agência guardaria o registro de sua passagem e permanência — o retrato pendendo da parede. Ali ele viveria.

— Linha A — insistiu a telefonista.

Santiago ensaiou seu melhor sorriso e impostou a voz, pois seria desejável que o maioral lhe sentisse a firme serenidade. Bem que resistira à implantação do sistema *on line*. Temia pelo seu prestígio, a perda do controle de informações e de poder, inclusive da sala privativa, que agora era dos computadores, pelos quais, de onde estivesse, o Geral acessaria a vida da agência na telinha, depósitos e aplicações, sobretudo a produtividade do gerente, ele também ali no monitor, acompanhado, analisado, julgado. E restou-lhe ao canto um *aquário*, uma sala de vidro, e ali estava exposto, visível, quase palpável.

— Às ordens, doutor — desmanchou-se ao telefone.

Ainda não era ele. Era a secretária, de voz aveludada, tão sensual. Esquecera que o Geral não esperava gerente na linha: recomendável que fosse esperado. Mas não muito logo ouviria aquela voz grave, metálica, pausada. E breve. Uma ordem fria, seca, distante, só isso:

— Responda também pela carteira do Sandoval.

Olhou na direção do colega, estava lívido uma correspondência tremendo nas mãos.

— Foi transferido? — perguntou.

— Demitido — respondeu asperamente. — Hoje foi ele, amanhã pode ser você.

No banco, sabia, o próximo seria ele, critério de idade, não tinha o que discutir. Semana passada, vira um colega de sua idade e condição demitido chorando feito menino. As notícias de enxugamento iam passeando de mesa em mesa em compasso de desesperança. Não

havia dúvida, seria o próximo. Sim, o próximo. Lembrou a canção de sua juventude: a lua vinha surgindo cor de prata. E a jóia que sua mulher nunca usaria. Sim , nunca. Entrou no restaurante, pediu o cardápio e se esqueceu do mundo. Pois já não sonhava os sonhos mais lindos.

In: *Vila Nova da Rainha Doida*. Rio de Janeiro: Record, 1998, 188 p.

Guido Guerra (Santa Luz, BA, 1943 —).

Obras, entre outras: *As aparições do dr. Salu na Terra de Santa Cruz* (1973); *Lili Passeata* (1978); *O último salão grená* (1992).

## **VENTO VENTANIA VENDAVAL**

Helena Parente Cunha

A noite de festa era no dia de nossa festa. Vinte e cinco anos de formatura. O grande salão do Clube Central entre luzes e flores e risos e frisos e frases. Interjeições e pontos de exclamação. Vinte e cinco anos antes, não podíamos saber em que depois nos tornaríamos agora. E os rostos? Sabíamos aqueles que haviam caminhado juntos ao longo das translações da terra ao redor do sol. E os outros rostos que se perderam das nossas rotas e dos movimentos de rotação? No reencontro da festa, acaso saberíamos quem eram os rostos de quem seguiu caminhos cada qual o seu? Alegres, tínhamos obrigação de estar muito alegres. A festa e seu inevitável, irrecusável, inelutável compromisso com a alegria. Nossas famílias, nossos amigos, nossos convidados. Nós e nós. Nos esforçávamos para fazer de conta que éramos os mesmos alegres moços e moças, à espera de um começo esplendoroso e de um futuro não menos glorioso, nisso havíamos confiado com a inocência de nossos jovens risos. Havíamos acreditado nos louros e nas vitórias, nós, professores de matemática, a disciplina mais respeitável. A noite, mais que o dia, era de festa. Os risos, maiores que os

sorrisos. As músicas, maiores que a música. As falas, menores que o silêncio atrás dos risos. E os rostos? Escondidos enquanto se mostravam. A mesma Orquestra Tabajara de vinte e cinco anos antes iniciava o mesmo repertório, Beatles, Roberto Carlos, Jovem Guarda, Elvis Presley, Rolling Stones.

Na pista de dança, entre risos e rosas e frisos e frases, o primeiro par, na alegria de estar alegre. O inesperado mais que o de repente. Duas mulheres, duas cabeças de um branco sem fronteiras, dois abraços roliços, na grossura dos corpos sem altura. Dançavam iguais no rosto gasto e maquiado igual em tons de festa e no igualmente gasto passo irmão. Como se fossem as donas da festa, nem precisaram se apossar da noite, as reverberações já lhes pertenciam. Dançavam. Rodavam. Rotações em torno de um eixo que se movia mas não caía. Roliças depressa, elas, mas sem pressa. Aquela insólita figuração, ousadia ou afronta? Não sabíamos quem eram nem quem fossem e procurávamos fazer de conta que não existiam nem havia. Mas elas eram e fossem e havia. Giravam no salão, rodavam em volta do eixo delas e nelas, rodavam em volta dos dias idos e dos sóis passados, quantas vezes translações, quantos milhares de milhas e de vezes? E nós? Nossas rotas, rotações, retornávamos ao mesmo ponto de onde havíamos partido, vinte e cinco anos antes. Ou não? Queríamos comemorar ou resgatar o quê? A esperança do que seríamos e não fomos? Quem havíamos sido na rotação dos dias e do sol em volta de um eixo distante de nossa galáxia? Retornávamos ao mesmo equinócio ou qual? Sobreviventes de tempestades e ciclones, quem eram aquelas duas que roliças rolavam em volta de nós? Comodidade, mas auto-defesa, não queríamos ver nem saber. Sobretudo precisávamos fazer de conta que não sentíamos qualquer tipo de constrangimento nem gastura. A demonstração do escondidamente óbvio. Quem eram tais as duas que exibiam a evidência insuspeitada por nós vinte e cinco anos antes, no baile de formatura? O tempo roliço rolava sobre as duas cabeças cobertas do branco assumido, liberto do laquê. E do medo do vento que poderia desmanchar o penteado.

Pouco a pouco, os pares mais desinibidos começaram a disputar o próprio espaço nos recém-conquistados domínios das duas dançarinas que cruzavam a pista e comiam croquetes de camarão com a desenvoltura de verdadeiras donas da festa e da noite e do ritmo, intrepidamente passando da seca nostalgia do iê-iê-iê para a umidade romântica de alguma balada de Lennon. Tão senhoras de si, tão alheias ao que se passava em volta delas, as duas não sentiam vexame nem pesar por revelarem, em meio à alegria alegre de estarmos alegres, a vertigem do despenhadeiro, os destroços dos vendavais. Sustentadas nos dois braços roliços, elas tinham certeza de que não cairiam. E nós, à beira de nos precipitarmos? Tacitamente, nos recusávamos às evidências. O óbvio se expunha enquanto se escondia e gritava em silêncio estrangulado. Rosto diante do rosto, buscávamos os rastros de nossas rotas coincidentes ou divergentes. Os rostos estavam ali. E nós? Restos de ritos rotos, intimamente sabíamos por que temíamos. Ainda éramos jovens e belos e ainda tínhamos um futuro pela frente. Ou não? Aquela era a nossa festa, reencontro de vidas e rostos separados no tempo e nas rugas que fazíamos de conta não haver. Fazíamos questão de repetir incessantemente, você está a mesma coisa, você não mudou nada, você está ótimo(a), você parece que tem vinte anos. Nós nos esforçávamos para acreditar que realmente acreditávamos no que dizíamos. As duas nos forçavam a reconhecer desfiladeiros de íngremes descidas. Nossos risos se queriam mais altos que a orquestra e as falas e o espocar da champanhe. O tempo roliço já havia rolado muitas rotações e translações em volta das duas cabeças. E as nossas cabeças? Eu gosto de pintar meus cabelos de cor clara, mas não é para esconder cabelos brancos, não preciso, nem eu, gosto desta cor porque é chique, eu também, não tenho um fio de cabelo branco e você? E ele? E ela? Este vento está despenteando meu cabelo. É mesmo, rosto em frente ao rosto, nossos risos abafando a orquestra, ríamos porque precisávamos estar todos muito alegres, daquela alegria que queríamos igual à da festa de formatura, nem parece que o tempo passou, hein? Eu ensino na escola italiana, eu dou aula no

primeiro grau, eu fiz pós-graduação em Paris, eu deixei de lecionar quando as minhas crianças eram pequenas, nós temos que fazer greve por causa dos baixos salários, eu trabalho na universidade federal, eu prefiro o segundo grau, eu acabo de chegar de um congresso em Cuba, agora que meus filhos cresceram, vou fazer um concurso, mas este vento incômodo, não é mesmo? Nós nos formáramos, fazia vinte e cinco anos. Formados cada qual numa fôrma que não sabíamos exatamente como se formara. E, no entanto, éramos nós, ali, dentro do que fôramos formados por livre escolha, mas não por livre contorno de nossa própria mão, cada qual.

Aquelas duas (avós de quem, bisavós com certeza) pairavam em cima das crateras de antigas erupções. As duas se haviam apoderado definitivamente da pista, da orquestra, do salão iluminado e dos croquetes de camarão. Alegria descomprometida de quem já havia pago todos os tributos e não devia mais nada a ninguém. E nós? Que dívida nos arrastava para a alegria alegre daquela comemoração? As duas nada mais tinham a comemorar, na dança, gorda, pesadamente leve, sem nenhuma obrigação a cumprir, sem nenhum ritual a desempenhar. Dançavam, uma agarrada na outra, em mútua sustentação. E as duas eram uma, recíprocas, na seca nostalgia de ritmos saltitantes ou na umidade compassada de passos românticos. E nós? Não nos aproximávamos da bandeja de croquetes de camarão, eu detesto camarão e você? E você? E ela? E eles? Eu abomino, tu tens horror, ele não pode nem sentir o cheiro. Se o garçom insistia, já disse que não, obrigado(a), nosso gesto, às vezes pouco delicado, mas sempre muito incisivo, por favor, garçom, mande fechar aquela janela, esta corrente de ar, este vento frio.

No dia de festa, a noite era o dia da festa. Transposição das rupturas e dos declives. Seu filho se casou? Minha filha se divorciou. Que maravilha, você já tem dois netinhos. Nem parece que você já é vovô. Ela está a mesma coisa. Ele tem uma carinha de menino, não é? Nós não mudamos nada. Que lindeza, que gracinha, quantos aninhos tem sua netinha? Faz parte do conceito de festa, fazer de conta que

abismos não há nem muito menos feridas. Também fazíamos de conta que as duas mulheres velhíssimas não nos incomodavam. Por que incomodariam? Elas apenas dançavam e comiam croquetes de camarão. Croquetes que nenhum de nós queria comer, talvez por alguma secreta solidariedade às duas criaturas ou por necessidade de nos ampararmos mutuamente, num invisível abraço de compaixão. Quem eram as duas mulheres, quem fossem, impossível quem serão. De alguma forma nós invejávamos aquela alegria liberta e livre de apenas dançar, sem nenhuma necessidade de dissimulações nem mesmo vergonha de ostentar com tanto desembaraço os sulcos e os precipícios. Não podíamos nos esquivar. Elas estavam ali e nelas nós estávamos, porque nelas nós estávamos, porque nelas nós estaríamos. Procelas e vendavais, nós sabíamos mais que suspeitávamos. O abismo rondava através de nós olharmos a liberdade daquela dança que nos assustava por medo de algo que sabíamos e fazíamos questão de ignorar, mas que crescia ali, durante nossos olhos em pânico.

Não, nós não queríamos dançar mais, não comíamos canapés de caviar nem coxinha de galinha. As luzes e as flores se extinguíam nos extintos risos e sorrisos e frisos e frases. Eu derramei vinho na minha blusa, você derramou champanhe na sua camisa, eles derramaram refrigerante na toalha, o vento derrubou meu copo. Sob o tempo roliço, rolavam cabeças muitas no precipício. Nossas rotas rompidas e rotas, quantos sóis eram passados, quantos sóis passariam sob e sobre nossas cabeças de cabelos pintados, temerosas das ventanias?

Em pleno silêncio mais alto que a respiração de nossas bocas emudecidas, ansiosamente de repente, começamos a repetir uns para os outros, sim, daqui a vinte e cinco anos teremos um novo encontro neste mesmíssimo salão onde estamos e onde estivemos há vinte e cinco anos, no baile de formatura. Não é mesmo? Claro. Nosso próximo encontro. É verdade. Sim. É daqui a vinte e cinco anos. Pois é. E numa tentativa desesperada para nos convencermos de não haver engodo nem mentira, repetíamos também que estaríamos todos e todas mais jovens e mais fortes e mais belos que nunca, todos, estaríamos

todos(as) ali, sem faltar nenhum(a), como se nenhum(a) de nós pudesse morrer ou adoecer. E a fatalidade nos perseguindo, atrás das duas criaturas dançantes, que não podiam ter estado no baile de formatura vinte e cinco anos antes e certamente não estariam no próximo encontro, vinte e cinco anos mais tarde, porque no próximo encontro nós seríamos elas duas, embora sem a certeza de estarmos livres da hipocrisia de parecermos alegres e jovens e belos, sem precisarmos fingir que aquela noite de festa seria mais esplendorosa que a da formatura, cinquenta anos antes. No júbilo do nosso jubileu, quem reconhecerá o rosto de quem, sob os cabelos sem pintura nem laquê? E sem medo da ventania desmanchando penteados?

Elas incomensuravelmente duas, espelho uma da outra e a outra sendo a mesma dela mesma, ao se duplicarem, se multiplicavam e se espalhavam em nós. O cada vez mais óbvio se mostrava mais, enquanto mais se escondia e mais gritava, em cortante silêncio mais.

Elas inarredavelmente duas, descido que haviam a perigosa escarpa e ultrapassado os limites todos e as demarcações, cada vez mais se assenhoreavam de nossas cabeças e de nossos rostos sem rosto, imóveis, mudos, duros, morridos. Rodavam e rolavam, infinitamente duas, na concretude daquele eterno momento interplanetário, em volta roliça delas mesmas e dos croquetes mesmos de camarão e do eixo concreto do universo em movimento mesmo. Transcendentes a todo vento, ventania, vendaval.

In: *Vento Ventania Vendaval*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1998, 136 p.

Helena Parente Cunha (Salvador, BA, 1929 —).

Obras, entre outras: *Corpo no cerco* (1978); *Os provisórios* (1980); *Mulher no espelho* (1982).

## FÜR ELISE

Hélio Pólvora

Música bonita, um pouco triste. Pena que acabe logo. Sonhadora, Leda passa em revista o seu repertório de Ernesto Nazaré, Pixinguinha, Chiquinha Gonzaga e outros românticos brasileiros. De nenhum deles. Será estrangeira? Dr. Max tem gosto apurado, e além do seu nome (inglês? alemão?), o cabelo louro, o rosto corado e a estatura acima da média indicam o estrangeiro, ou pelo menos descendente de estrangeiros.

Onde terá nascido? Se não veio da Europa, ainda pequeno, talvez seja gaúcho. Ou catarinense. Em qualquer dos casos, filho de colonos alemães. Sadios alemães que empunham copázios de cerveja, vestem calças verdes com suspensórios, cantam em coro nos bares apinhados e tocam violino no culto dominical. Pessoa educada, fina, o dr. Max. Tem um jeito de cumprimentar que mais parece reverência. Ah, ah, ah. Como se eu fosse a dama formosa do baile, a mais requisitada, decotadíssima, e ele, um oficial prussiano ou austríaco, de encurtado bigode louro e uniforme impecável.

Sentada à porta do seu quarto, que deixou aberta para recolher brisa, Leda cozinha a sopa de legumes para o marido comer com pão e um pedaço de frango, quando chegar do trabalho. Por enquanto

são cinco horas, talvez cinco e meia. A pensão na Praia de Botafogo está calma, os hóspedes ainda não voltaram da rua. O que fazem, como ganham a vida? Leda gostaria de saber. As pessoas são misteriosas, escondem o jogo. Por trás da fachada da fisionomia e das frases formais, muitas interrogações. Em geral, caladas, discretas, às vezes abatidas e distantes. As conversas ocasionais se limitam a um bom-dia, a um boa-noite, a um comentário sobre um filme, o crime da semana, o tempo e a saúde. Na entrada principal, no corredor, na sala de jantar, no pátio e nos fundos da pensão, que é ladeado por duas fileiras de quartos e um banheiro coletivo, as pessoas se entreolham, mastigam cumprimentos.

Dr. Max, que não saiu, repete o disco da canção curta e triste. A valsinha não dura mais de um minuto. Bobagem um compositor de tanta inspiração não desenvolver o tema. De repente, um susto: Leda sai do devaneio e, num salto de gato, empurra o fogareiro a álcool, tenta reduzir as labaredas azuladas que sobem acima do nível. Empurra-o pelo chão de ladrilhos, consegue abafar o fogo e fica exausta, ofegante. Pudera, ela teve asma em criança, de vez em quando, no inverno, ainda lhe vem uma crise forte. A sopa derramou-se, o caldo solta os últimos chiados na calçada, enquanto se espalha. Asfixiada, Leda sente lágrimas em formação correrem para os olhos, a custo reprime o choro.

Um vulto aparece à sombra, na porta da sala de jantar. É Isaura, a dona da pensão.

— Limpe tudo — recomenda em voz dura.

— Sim senhora.

— E não esqueça de dar descarga no vaso.

— Eu não deixo o vaso sujo — Leda protesta.

A mulher tem cara chupada de pessoa biliosa, e olhos miúdos que parecem verrumas. Olha mais uma vez o chão sujo e se afasta com um resmungo de desgosto. É sua hora de relaxar. Retira-se para o quarto, liga um ventilador e se estira na cama, braços abertos, palmas abertas para cima, olhos fechados, pernas separadas.

Leda se lembra de tê-la visto assim, sem querer, logo que chegou à pensão. Habituada à intimidade da vida no interior, em cidade

pequena, onde as pessoas encontram a porta aberta e vão entrando, depois de um oi de casa, sentam-se à mesa ou na beira de camas, como se fossem da família, Leda entrou no quarto de d. Isaura e viu-a daquele jeito, solta na cama, como se levitasse no mais alto astral. A mulher irritou-se e Leda, que queria pedir-lhe uma informação ou um objeto emprestado, esqueceu o que era. Saiu do quarto de costas, rubra de vergonha, repetindo desculpas.

A música faz uma pequena pausa e recomeça, suave, meiga, uma carícia no rosto, um toque de dedos ou de lábios quentes, lábios carnudos que afloram a pele. Notas simples, mas que ferem o quase silêncio da pensão com um convite ao esquecimento, ao sonho. À espera de que o fogareiro esfrie, para voltar e descascar legumes, Leda fecha os olhos rasgados de chinesa e imagina a neve a cair. Cai em flocos leves, paira no ar, como se fossem mechas de algodão, os pinheiros continuam estáticos, o ar que se respira tem um toque de frio, a vida é bela e calma, a casa à distância parece ilustração de contos de fadas. Um trenó (ou carruagem?) se aproxima, guiado por um esbelto rapaz envolvido em pesado casaco de pele de raposa prateada.

Leda ouve a voz áspera do marido no corredor. Hoje ele largou o trabalho mais cedo, será que a fêria vale a pena? Recolhe o fogareiro e vai descascar e cortar os legumes na pia, a um canto do quarto. Está de costas quando André entra.

— Hoje você veio mais cedo.

— É.

O marido, que dirige um loteação alugado a um empresário português, linha Praça XV-Leblon, joga-se na cama, arranca os sapatos com duas sacudidelas fortes dos pés e põe as mãos de dedos engatados atrás da nuca. Olha para o teto.

— Quanto fez hoje?

Ele não responde logo. Tem o rosto tenso, a barba de três dias não consegue disfarçar a vermelhidão das faces.

Leda vira-se e, com uma batata na mão e a faca na outra, amacia a voz:

- O dia foi ruim, André?  
— Ruim ? Bote ruindade nisso.  
— Quanto ?  
Ele faz cálculos penosos.  
— Doze.  
— Só doze cruzeiros?  
— E ainda se dê por feliz.  
— É muito pouco.

A faca raspa com força as cenouras. André começa a cochilar. Por que ele não chega e vai logo tomar banho, trocar a roupa imunda? Assim não há lençol que dure. Rot, rot, rot, faz a faca raspando cenoura. O piano recomeça. Escorre lento do quarto do dr. Max, insinua doçuras, sussurros, está no limiar de um segredo que não chega a revelar. A música acaba, chia a agulha nos sulcos espiralados do final do disco. Dr. Max suspende o braço da vitrola. Um dos estudantes cearenses sai do banheiro trazendo saboneteira e toalha. Teria usado o vaso? E se usou, deu descarga direito? Leda não ouviu barulho de descarga. A faca decepa um gomo de chuchu. Agora, dr. Max toca um fox-trot da era do jazz.

\* \* \*

Vieram do interior dois meses atrás. Ela deixou as duas crianças com a mãe. Leda se entenece ao pensar nelas, dá uma dor no peito que só pode ser saudade, uma dor funda e teimosa. A mais velha, Francisca, se parece com ela, menos no cabelo, que saiu ao cabelo curto e crespo do pai, herança do sangue africano. Tímida, Francisca olha de lado, como se procurasse formigas no chão. Igualzinha a ela, Leda, num retrato antigo tirado no pátio da casa dos pais, aos quatro anos de idade. Vamos, menina, levante esta cabeça, olhe as pessoas na cara. Sorria. Ânimo, ouviu? Daqui a pouco André começa a ganhar mais, a gente manda buscar vocês. A outra, Lourival, é um menino quieto e forte, também não se parece muito com o pai. Gosta de ler, é bom aluno.

André ressona. Já comeu o prato fundo de sopa com torradas e peito de frango, e tomou banho. Está de pijama. Amanhã ele vai fazer a barba. Eu exijo. Desleixo, o pessoal da pensão olha essas coisas. E depois, um motorista de lotação bem barbeado, de roupa limpa, inspira mais confiança. Praça XV-Leblon, uma estirada pelas pistas à beira-mar, até Botafogo, e depois entrando pela Voluntários rumo ao Largo dos Leões, à Lagoa, rumo à Gávea. O retorno é via Ipanema e Copacabana. Trabalho cansativo e arriscado, os motoristas correm para fazer mais viagens, pegar mais passageiros, dobrar a fêria. O português da garagem tem a parte do leão. Por ser o dono do carro e fornecer gasolina, fica no bem-bom o dia inteiro, não arrisca a vida no trânsito, não se arrisca a atropelar ninguém e leva quase a fêria toda. Uma injustiça. Apesar da revolta, André não cata pedras, no sonho, para atirar no português e nos colegas fominhas. As pedras luzem em suas mãos ásperas. Esmeraldas, rubis, diamantes. Ele está num garimpo de Mato Grosso, acabou de descobrir um veio de ouro. Pepitas de montão. Acorda agoniado, vai beber um copo d'água de moringa. Um dia ele larga aquela vida, vai para Mato Grosso cavar ouro, faiscar, garimpar. André boceja, tem vontade de sentar-se na porta do quarto junto da mulher, abraçá-la e garantir dias melhores. Está doido, André? Levar para o garimpo aquela mulher fina e bonita? E os dois filhos? André coça a cabeça atrás da orelha e volta para a cama. O sono custa a recomeçar.

Na porta do quarto, por onde entra uma brisa de outono, Leda abraça os joelhos, baixa o queixo e tenta trautear a valsa triste do disco de dr. Max. Tan-tantan-tan... Não é assim. Cerra novamente os olhos e, como por milagre, um trecho da melodia começa a fluir dentro dela. É uma gota de água que pulsa em indistinta nascente, se parte em duas, as duas incham e se multiplicam, tantan, tantan, a água agora escorre clara e fria sobre pedras polidas, o regato murmura, uma truta salta e desaparece, nas margens os bosques se deixam varar pelos raios da lua cheia que navega, imperturbável, entre nuvens. Tan, tantantan, as mãos do pianista adejam como pássaros no teclado de marfim — mas

quando a corrente principia a engrossar, quando as águas se encrespam e se encorpam para formar um rio, a melodia diminui de ardor, volta a pingar como réstias de luar, bolhas, pingos, gotas que retornam à nascente vaga, vagarosas, quase diáfanas, à deriva.

Dr. Max fecha a porta do quarto, sai e cumprimenta Leda tirando o chapéu. Um gesto cavalheiresco que raramente se vê. Engraçado, ele usa chapéu. Aonde irá a esta hora? A um cinema? A uma casa de rameiras argentinas e francesas da rua Alice?

\* \* \*

O dia demora a passar. Servir café com leite, aipim cozido e pão a André, acompanhá-lo à porta, despedir-se com um beijo rápido — às vezes nem isso. Voltar, varrer o quarto, refazer a cama, depois pensar no almoço. O que cozinhar? Não têm dinheiro para comer fora, em restaurante, nem sentar à mesa grande da pensão com os outros hóspedes. Alugaram apenas o quarto e Leda se arranja como pode. Latas de sardinha e de salsichas, comidas semiprocessadas que ela aquece no fogareiro a álcool, ovos fritos ou duros, arroz e feijão.

— A senhora não custa a tocar fogo na casa...

Da porta da sala, ou passeando para vistoriar o banheiro coletivo, que encontra sempre sujo ou de piso molhado pelos hóspedes dos fundos, d. Isaura implica com o fogareiro.

— Uhm. Não sei como a senhora agüenta.

Uma ocasião, parou junto e perguntou:

— Não tem medo de queimar os dedos, de chamuscar a blusa? A cara meio esverdeada, de quem sofre do fígado ou da vesícula, se torce numa careta mais maliciosa do que propriamente amistosa.

— É, jeito não lhe falta.

Observa as mãos longas e finas de Leda, de unhas tratadas, o vestido simples mas escolhido com gosto e bem passado, o cabelo escovado. Mulher asseada, arrumada. O exame desce a outras partes do corpo. Cintura esbelta, coxas longas e bem fornidas, busto médio e

bem modulado. Um conjunto harmonioso. Os olhos de d. Isaura ficam mais turvos, o sorriso murcha. Harmonioso e jovem, o aspecto dessa sujeita que veio dos matos e não tem onde cair morta.

— Estão na pior, ahn?

Leda finge que não ouviu. Precisa da dona da pensão, quer ser amável para evitar-lhe as cóleras bruscas e constantes — mas não consegue manter conversa sem se rebaixar. O bom senso aconselha fingimentos, palavras favoráveis da boca para fora, acordos temporários. E no entanto dentro dela reage um demônio — um sentimento de mal-estar insuportável, a incapacidade de ser hipócrita, a certeza de estar diante de uma megera, de uma bruaca, de uma feiticeira malvada.

— Eu perguntei se estão na pior.

A voz de d. Isaura trai um princípio de ira. Daqui a pouco ela explode, fala no banheiro molhado, que ela própria acabou de secar, dá a entender, com muxoxos e rabanadas, que a culpada é Leda, ou que o marido dela, chofer de lotação, não costuma dar descarga na latrina. De rosto no chão, ruborizada, Leda se ocupa do fogareiro, não quer e não pode responder.

D. Isaura se afasta depois de resmungar algo. Entra no banheiro e recomeçam os gritos de hábito, os muxoxos, os insultos. Gente suja, mal-educados, será que foram criados em chiqueiro de porcos? Ela não está mais disposta a lavar as porcarias de ninguém. Imundos.

Dr. Max entra. Vem de calção e busto nu. Sorri para Leda e inclina a cabeça. Um cavalheiro. Um atleta bem proporcionado.

A tarde é a parte do dia mais suportável. Após o almoço, Leda lava e enxuga os pratos e os talheres, limpa o fogareiro e arruma a mesa, se está disposta. Se indisposta, deixa para mais adiante, o que é sempre pior, porque o trabalho se acumula. André vem almoçar quando o movimento de passageiros enfraquece, mas nos dias em que os lotações trafegam cheios, não tem tempo nem para um sanduíche e uma cerveja em qualquer botequim. Leda sente falta da casa comprida de cômodos amplos e do quintal com árvores e cisterna que deixou longe. O movimento é quase nenhum na rua de sua casa, o sol

brilha sempre forte, e no entanto os vizinhos são alegres, se procuram, se cumprimentam, trocam visitas. Naquela pensão do Rio de Janeiro ela tem vontade de estourar, lhe dá um calor por dentro, uma sufocação, desejo de abrir a janela, se debruçar no peitoril, desejo de ficar nua, só de calcinha, e andar à vontade pela casa, ou de sair correndo feito uma doida. Casa? Sim, um quarto também é uma casa, e não existe trabalho pior que o trabalho caseiro. A dona de casa passa o dia inteiro repetindo o mesmo serviço, os mesmos gestos. Lava os mesmos pratos e panelas, estraga as unhas e se queima no fogão. Um trabalho que ninguém reconhece. Rotina, nenhuma criatividade. As chamadas prendas domésticas não engrandecem quem as tem. Eta vida péssima. O que vai ser do futuro? O que vem pela frente? Precisam se arrumar, pelo menos garantir dinheiro que dê para o aluguel de um apartamento. Pode ser fora da Zona Sul, Leda gostou do Méier, contanto que ela saia dali, mande no que é seu.

Cochila na cadeira, acorda sobressaltada com a cabeça a tombar no peito, os cabelos soltos. Os meninos não estariam dando trabalho? A mãe está velha e cansada. Filhos criados, trabalhos dobrados. Um ditado muito certo, ela está sacrificando a mãe que criou os filhos e agora cuida de netos. O André... Ela andava pelas ruas, bonita, fresca, recendendo ao sabonete do banho e ao perfume, os comerciantes vinham à porta, queriam vê-la passar e pareciam comunicar-se entre si por telepatia. Um deles chamou-a uma vez, e depois do prólogo das perguntas sobre a saúde do pai e da mãe, enrubescou e disse-lhe:

— Leda, não case.

— Mas meu senhor...

— O André não merece você.

Ela baixou os olhos, constrangida. O comerciante tocou-lhe o ombro com a mão, inclinando-se para segredar:

— Ele é chofer de praça. E tem mulher que lhe dá o sustento.

— É mentira do povo.

— É verdade do povo. Eu mesmo já vi. Mulher dama, com casa montada para quem quiser ir. É só pagar.

— Isso é uma infâmia desse povo.

Casou para sair da casa dos pais. Valeu a mudança?

A tarde se escoia, Leda mede o tempo pelo avanço da banda de sol no pátio. Dr. Max liga a vitrola. Novamente a música meiga espalha o seu murmúrio de água a escorrer sobre folhas caídas, sobre seixos lisos. O corpo de Leda se distende, uma sensação de paz lhe corre nas veias, nos membros, se concentra nas entranhas sob forma de espasmos lânguidos. Ela se levanta, atravessa o pátio, a porta do quarto do dr. Max está semicerrada. Tan...tantan-tantan-tantan, tantan-tantan, tantan-tantan. As notas pingam. São pingos de chuva que embalam um berço invisível e adormecem uma criança grande. Dr. Max percebe a sombra de Leda projetada pelo sol e abre a porta por completo.

— Não quer entrar?

— A música é tão doce...

— É o Für Elise. Conhece?

— Só de ouvir o senhor tocar na vitrola.

Dr. Max ri, passa a polpa do dedo no bigode louro.

— É de Beethoven. Ludwig van Beethoven.

— Eu bem que imaginei.

Ele entra para repetir o disco, volta e insiste:

— Entre um pouco.

— Não precisa. Estou bem aqui.

— Beethoven escreveu esta composição para uma mocinha.

— Devia estar apaixonado.

— Não sei. Talvez ele pensasse em outra. Elisa era menina.

Ele escreveu o Für Elise no álbum dela.

— Ah.

Ficam ouvindo em silêncio. Pena que a melodia termine logo. Pena ou felicidade ? Porque Leda, de repente, tem vergonha, evita olhar o dr. Max, seus olhos amendoados de chinesa se tornam esquivos e errantes.

— Muito obrigada, dr. Max. Eu já vou.

— Cedo assim ? Não quer ouvir outra vez?

Ela não responde e se afasta. O disco fica a girar na vitrola, o braço com a agulha roda no mesmo sulco. Parado à porta, dr. Max vê a *chinesinha* cruzar o pátio sem olhar para trás, entrar no seu quarto e fechar a porta.

Dr. Max retira da vitrola o disco Victor selo vermelho e escolhe outro numa pequena pilha ao pé da cama.

\* \* \*

Leda não entrou no quarto do dr. Max (claro, não ficava bem...) mas da porta viu alguma coisa. Roupas emboladas no chão e no espaldar de cadeiras, poeira, discos e livros desarrumados. A cama, a um canto, desfeita. Ela ri. Homem é assim mesmo: chega, vai tirando a roupa e largando por aí. Um horror. Se ela entrasse, pegava logo em tudo, desempoeirando, alisando, dobrando. O quarto ficaria um brinco. Coitado do dr. Max, solteiro, longe da família.

O que Leda recorda mais, além da vitrola preta a girar o disco de selo vermelho, é um cartaz pregado na parede. Um bosque lindo, lindo de morrer. Árvores quase iguais, enfileiradas, a alameda coberta de folhas outonais ferrugentas e amarelas, uma tranquilidade, uma paz de fim de mundo e de fim de tudo. Seria bom andar por ali, devagar, pisando nas folhas, respirando o frio gostoso que faz cócegas nas mãos e no nariz. Tudo muito civilizado, muito limpo, as paisagens daqui são agrestes, hostis, agressivas, o sol bate forte, inunda de luz os remansos e recessos, um bosque igual àquele na parede do dr. Max só mesmo em cartão postal ou em ilustração de contos de fadas.

Tan...tantan-tantan. Beethoven ficou surdo de tato levar sopapos do pai nos ouvidos. Como um surdo consegue compor ao piano? Não ouve as notas e portanto tem dificuldade para associá-las em combinações harmoniosas. Mas não, ele as ouvia dentro de si, conhecia a fundo as teclas, os sons e misturas de sons e ritmos que eram capazes de produzir. A música dele brotava toda dentro dele, o piano era apenas o intermediário de uma expressão pessoal indefinível e insuspeitada até para ele próprio.

Für Elise. O disco de selo vermelho, com o desenho de um megafone e um cão sentado perto da boca, a ouvir com expressão concentrada, gira na vitrola em 78 rpm. Dr. Max, calado, alisa o bigode, os olhos azuis riem, já se viu olhos rirem? Pois os olhos de dr. Max estão sempre sorridentes. Ela parada à porta, não quer entrar? A tarde se adianta na marcha da réstia larga de sol no pátio, quem molhou o piso do banheiro, quem foi o imundo que sentou no vaso e não deu descarga? Eu não fui, a senhora não me olhe assim, todo mundo nega e eu aqui me acabando, limpando as porcarias dos outros. O disco gira, a agulha fere uma estria e desencadeia notas que são pingos de chuva, flocos de neve, gotas de água límpida sobre seixos lisos.

— Beethoven sofreu muito — diz dr. Max.

— Todo o artista é triste e esquisito.

— Era corpulento, sangüíneo, arrebatado. E de altíssima sensibilidade.

Dr. Max levanta-se, vai buscar uma publicação com o retrato do compositor. Um homem de cara retorcida, enfezada, cabelos em desalinho, suíças espessas, as mãos no teclado de um piano. Parece mais um carniceiro. Quem diria?

— Está vendo? Com tanta energia, com tanto amor a dar, ele viveu solitário e esquecido.

— Não amou ninguém?

— Amou perdidamente uma mulher.

— Coitado.

— Teve de reprimir a paixão, o amor que sentia, jogar as emoções na música — diz dr. Max.

— Por isso o Für Elise é tão bonito — Leda arrisca.

— O Für Elise, as sonatas, algumas sinfonias.

— Por que fez esta música tão curta?

— Para desabafar logo, para não sofrer mais ainda.

Dr. Max alisa o bigode com o dedo e se aproxima de Leda. A mão de unhas manicuradas, macia como a de mulher tratada, pousa no braço dela. De leve. O pouso de um pássaro.

— Amar sem ser amado, que martírio — suspira dr. Max.

Leda sente o braço formigar, quer retirar a mão mas é invadida pela inércia. Na parede, a larga vereda no bosque parece não ter fim, um convite ao passeio. Talvez conduza a uma fonte, a um lago sereno cercado de montes nevados, a uma cabana com um rolo de fumaça saindo pela chaminé e toda cercada de flores.

— Dr. Max, eu...

— Me chame de Max.

— Quer repetir o Für Elise?

— A tarde inteira, a noite toda, se você quiser.

Ele retira a mão e Leda se ergue da cadeira.

— Espere.

— Não posso.

— Logo agora que repeti o disco?

— Estou atrasada.

Leda recua pelo pátio. Os estudantes cearenses, que são irmãos, saem do banheiro com toalhas e saboneteiras. D. Isaura briga na sala com o amante dez anos mais moço e que vive à sua custa. Ruído de pratos quebrados. Daqui a pouco André chega cansado e taciturno, as faces ardendo, um punhado de cédulas amarfanhadas no bolso. O piano solta os últimos harpejos, que são pingos de neve, e agora ouve-se apenas o arranhar da agulha no último sulco do disco selo vermelho. Aquilo dá uma agonia em Leda. Ela sente o impulso de correr até lá, parar a vitrola, proteger o seu Für Elise.

In: *Revista da Academia de Letras da Bahia*, nº 43, mar. 1998. Salvador: ALB, 1998.

Hélio Pólvora (Itabuna, BA, 1928 — ).

Obras, entre outras: *O grito da perdiz* (1973); *Mar de Azov* (1986); *O rei dos surubins e outros contos* (2000).

## **ARMADO CAVALHEIRO O AUDAZ MOTOQUEIRO**

Herberto Sales

Diante do espelho, o garotão louro: os compridos e escorridos cabelos louros, repartidos no meio, encaixilhando a face nazarena, o louro bigode descaído em pontas sobre a barba loura que orlava o queixo. Não estava seguro de que Jesus Cristo era louro, ou moreno, os cabelos, nesse caso, castanhos, em vez de louros; ou, quem sabe, talvez fosse negro, não propriamente um negro de aramado cabelo black-power, como o Black Zezé da PUC, em cuja carapinha fora vista desfilando uma barata tamanho médio; não um negro como o Black Zezé, negro mesmo, mas, talvez, um negro abrandado em egípcio, cor de formiga, os cabelos domesticados a golpes de convincente escova repressora; talvez fosse hindu, os negros cabelos lisos desabando orelhas abaixo, num rosto cor de azeitona. Japonês é que não era possível; nem chinês. Era difícil imaginar Jesus Cristo com a cara do Professor Okinawa, o nissei que viera de EDUSP dar aquele curso na PUC, ainda por cima, de óculos; também não se podia pensar em Jesus Cristo com cara de chinês, mesmo que esse chinês fosse o grande Mao, eventualmente provido dos atributos capilares do nazareno.

Todavia, o Padre Avaristo, em sua missa das 18:30, depois do lanche de *bambúrguer* com chope, que habitualmente tomava antes de subir ao altar, pregava e repregava a favor da sermonal necessidade de multiplicar a face de Cristo na juventude — sem discriminação de raça, ou melhor, de cor, já que a palavra *raça* tinha conotações reacionárias e elitistas, que repugnavam aos verdadeiros democratas.

Depois, com acompanhamento de guitarras elétricas, pelo conjunto Os Nazarenos do Leblon, todos cantavam, num solidário embalo de participação, o *rock*-balada “Estou com Cristo e não abro”, de Raul Roberto José e José Roberto Raul, vencedores do I Festival Universitário Católico da Participação (FUCAPA). Todo o mundo cantando:

*Cristo é igual a mim,  
Igual a todos os homens,  
Porque Cristo não é Deus,  
Cristo é humano,  
Cristo é meu amigo,  
Cristo é meu camaradinha.  
Essa história de Cristo-Deus  
É papo pra ladainha.*

O garotão louro, diante do espelho: lembrando-se dessas coisas, nelas pensando, e pensando sobretudo em si mesmo — seu mais importante assunto. Estava com 19 anos, cara; idade pra ninguém botar defeito. O pai, o Coroa, pai legal, paizinho brasileiro bom, da geração que não pegara na juventude o Brasil progressista, mas que pegando como pai a força total do progresso brasileiro, resolvera (a geração dele) ir à forra, na base do profícuo raciocínio do que tudo que eu não tive, meu filho vai ter: — o pai, o Coroa, paizinho brasileiro legal, pra frente, participante, fizera com ele uma combinação, numa boa; se ele, o garotão louro, superasse a dependência da maconha, ganharia de presente (já tinha um automóvel) uma Honda 1.000 Goldwing, que em matéria de velocidade só perdia para o vento.

Combinação feita, combinação cumprida.

O garotão louro superara a dependência da maconha, daquele fumo de todo dia. Agora, só estava puxando fumo uma vez por semana, aos sábados, numa boa. O paizinho brasileiro legal, Coroa tipo careca-cabeludo, espanador grisalho na nuca, também cumpriu a sua parte, que pai era para essas coisas, o diálogo, o filho como companheiro e não como filho, tudo ao contrário de como os pais repressores, do tempo do chicote, faziam. Enfim, o Coroa também cumpriu a sua parte: deu de presente ao garotão louro a Honda 1.000 Golwing, no dia dos incrementados 19 anos.

O garotão chamou a patota para ver. E ouviu as abalizadas opiniões.

— Legal!

— Um barato!

— Pô!

— Eu me amarro nessa máquina!

— Legal!

— Legal!

— Legal!

— ...al!

— ...al!

— ...al!

Diante do espelho, o garotão louro: boas lembranças, grandes lembranças, tudo legal. Sacudiu a cabeça, espanando o ar com a seda dos cabelos desfeitos. Precisava amarrar os cabelos, por causa do capacete. Tentou um rabicho igual ao dos lutadores japoneses de sumô. No Equador havia uns índios que também usavam rabicho; vira numa foto, num daqueles papos coloridos de reportagem turística, com que o turismo excursionista vai tomando o dinheiro dos trouxas. Por fim, decidiu-se pela tira de cetim vermelho, entretelado, com que prendeu, na base do índio apache de filme de bague-bague, os cabelos nada índios. Vestiu o *blue jeans*, compradas na importadora Teen Ager,

de Ipanema, a melhor importadora de mercadorias importadas via contrabando da Zona Franca de Manaus. Calçou as botas: vermelhas, meio cano, bacanérrimas. Vestiu sobre a camiseta de malha (com a inscrição *I want you*) a jaqueta de couro: preta, como aquela do Marlon Brando em *O Selvagem*, filme que vira na TV, no programa Repri-ses Emocionantes da Madrugada. Mirou-se e remirou-se no espelho: era uma impressionante e aguerrida figura, como se tivesse acabado de se armar cavaleiro. Aguerrida? Talvez apenas uma insolente figura polêmica, todavia de igual teor medievalesco. Armado cavaleiro! Pegou o capacete, passou pela cozinha para tomar um cafezinho saído. Mamãe estava na copa, acabara de voltar do *cooper* na praia, *shortzi-nho* lá em cima. Quando viu o filho:

— Estás lindo de morrer, garotão!

— *Ciao*, mama.

— *Ciao*, lindão.

Na garagem, cobriu-se com o elmo do capacete de *fiber glass*, vermelho e preto, viseira transparente. (De resto, o capacete era a única coisa que ele tinha na cabeça). Ligou o motor da moto: ronco forte, ascendente, descendente, no vai-e-vem das aceleradas; ronco que encheu a garagem de um ruído maravilhosamente ruidoso, prodígio obtido mediante a eficiente supressão do silencioso da descarga. Pensando bem, o melhor da moto era o ronco. Montou no ronco, deu uma rabeada, subiu a rampa da garagem, deu uma volta na rua, acelerando e acelerando, segundo as normas do espetáculo: todo o mundo tinha de vir para a janela ver o garotão louro montado no ronco, castigando o ronco. Na calçada as pessoas se voltaram para vê-lo, nas janelas algumas cabeças espiavam curiosas. Agora, sim! Ronco de motoca precisava de platéia. O elmo do capacete de *fiber glass*, viseira transparente, chumaços de cabelos louros debruando na nuca o capacete vermelho e negro: parecia mesmo um cavaleiro, cavalgando seu corcel de roncões. Blusão de couro negro; botas vermelhas, meio cano, escorando as pernas embainhadas nos *jeans* tinindo de justas. Armado cavaleiro, sim.

E, armado cavaleiro, entrou na liça do asfalto o audaz motoqueiro. Tráfego pesado. Que importava? Ia tirando tudo de letra. O ronco se insinuava entre os carros, como o vento numa fresta. E lá vai, lá vai. Tira aqui um fino, outro fino lá adiante, sorri de sua própria perícia, satisfeito. Vê que nos outros carros há caras irritadas, sucedendo-se na tela de um cinema imaginário, buzinas enfileiradas protestando. E lá vai ele, cavalgando impávido o grande ronco. E sorrindo. De repente, vê o ônibus. Que diabo queria aquele ônibus? Aquele ônibus não estava no programa. No ônibus, o motorista vê a motoca desembestada, roncando e roncando, vindo. Que diabo queria aquele motoqueiro? Quando saíra de casa, de manhã, não pensara em nenhum motoqueiro, e muito menos num motoqueiro que quisesse brincar de correr com ele no asfalto. E então, epa! Que coisa... Para se livrar de um caminhão, o ônibus fechou a motoca, que para se livrar do ônibus fechou um poste. A motoca voou para um lado, o motoqueiro voou para outro. Aliás, voou bem para cima do poste; e contra o poste se chocou, sólido, findo.

Paz à sua alma.

In: *Os Melhores Contos de Herberto Sales* / seleção Judith Grossmann. São Paulo: Global, v. 7, 1984, 157 p.

Herberto Sales (Andaraí, BA, 1917 — Rio de Janeiro, RJ, 1999).

Obras, entre outras: *Cascalho* (1944); *Histórias ordinárias* (1966); *A prostituta* (1996).

## O RABO DA SEREIA

Ildásio Tavares

Quando me lembro dessas coisas chego a me arrepiar, não sei se de medo, de emoção, não sei bem por que essas coisas são assim mesmo, tudo vem misturado, confuso, paixão não é brinquedo, paixão embaralha tudo, faz a gente dizer que pau é pedra e que pedra é pau, faz a gente andar de quatro no fio de uma navalha, pastar sentindo-se um rei.

Quando me lembro dessas coisas, me vem também uma sensação esquisita que não se expressa bem, em querer ter de novo o que não existe mais, em querer rodar o sol ao contrário, detê-lo, reconstruir no vazio um lugar, um tempo, e depois soltar o sol para o tempo correr regendo outros caminhos.

Nostalgia? Saudade? Não sei. Pode-se fazer alguma coisa com o que não existe mais quando não existe mais. Pode-se chorar as coisas que terminaram, que morreram enfim. Mas nada pode ser feito com as coisas que não existem mais, existindo. As coisas que permanecem inacabadas dentro de nós. As coisas que poderiam ter sido.

É tudo muito complicado. É tudo muito difícil. Difícil até de contar. Sim porque certas pessoas têm uma memória minuciosa, guardam tudo muito bem guardado, e são incapazes de remexer o tempo perdido e ordená-lo numa seqüência que, se não tiver sido a natural, pelo menos é lógica. E no meu caso não há nada que se aproxime da lógica.

Digamos que eu conheci Elena num desses bares aí, numa dessas boates, talvez numa sala de aula, vejam que loucura, ou na praia. Sinceramente, o sentimento forte e intenso permaneceu afivelado ao meu coração. Os quandos e ondes se esgarçam de tal modo que chegam a me fazer pensar que não houve nada, que isso nunca existiu, que nunca houve Elena, que tudo não passa de uma fantasia esquizofrênica, um sonho, na melhor das hipóteses.

Contudo, a intensidade maior de minha paixão está esbravejando que sim, pois, mais que haver, mais que ter, mais que amar, eu existi com Elena, lado a lado, mas num corpo só, desembestado numa calma imensa, cego numa cegueira iluminada, surdo num silêncio preenhe de multissignificações.

Eu existi com Elena, Elena existiu dentro de mim.

Entretanto, se me fogem os quandos, os ondes e os comos, também retenho num minúsculo frasco de essência perfumada um momento de olhos sobre mim, um primeiro laivo intrigante de significado polivalente, quando beijei Elena na boca, num lugar penumbroso qualquer, e sei que então ela era menina, menina Elena com dois pequeninos cones rijos, seios que no aperto incomodaram meu peito, que em se premir contra o dela a fez gemer baixinho. Isso sim, isso me marcou até mais tarde, num quando qualquer, ou melhor, nos quandos a beijava de igual forma. Ela sempre gemia do mesmo modo e mais tarde arriscou num tênue fio de voz, meus seios, meus seios. Eu desprendi meus lábios dos seus e afastei o corpo nesse primeiro quando em que ela falou, e fiz-lhe as carícias mais leves no róseo de mamilos que se intumesciam. Deste primeiro quando, até os outros de nosso reencontro, isso se transformou num ritual em que,

com suavidade, eu abri a sua blusa. Lá estavam os cones perfeitos que jamais cresceram para arredondar-se. Lá estavam os róseos dos mamilos que do leve acarinhar com ponta do dedo, docemente, eu os sorvia na boca, e rolando-os entre língua e dentes, provocava-lhe gemidos e sussurros mais profundos, sinais de um prazer manso, terno, delicado, suave.

Uma vez, disso eu me lembro, lemos juntos um conto e eu lhe disse, você é Duília. Ela sorriu seu sorriso na penumbra, morno, e seus olhos derramaram dengo. Então, ela não mais vestia a farda de colegial, sim, foi bem no meio de nosso reencontro.

Não sei, fico procurando esses pontos de referência, mas os acontecimentos sempre se ordenam no desfilar do sentimento, da sensação, tato, olfato, vista, nunca em um sensato decorrer do tempo. Não houve um tempo de Elena. Houve apenas Elena, sua maciez, seu cheiro bom de ervas campestres, seu rosto de aurora, seus olhos de gato. Tudo isso dentro de mim, não numa parte qualquer, mas no todo de mim, cabeça, tronco, membros e espírito.

Lembro-me bem, muito bem mesmo, do primeiro quando impetuoso, em que passei das carícias aos contatos de sexos que se atraíam mutuamente, imã e agulha, feltro e aço. Lembro-me bem que foi inevitável, querido, desejado, um ardor de vontade, uma secura de rio que anseia pela água realentadora, uma sofreguidão de ferro em brasa que se quer lingote, uma gulodice de criança ávida por um chocolate. Não sei se doeu, nunca lhe perguntei, nem ela jamais me disse. Notei apenas que olhava, depois, curiosa, o filete de sangue que lhe escorria pela coxa semi-aberta. Ela ainda passou a ponta do indicador no minúsculo riacho e desenhou um coração líquido. Sim, e eu ansiosamente quis tocar o coração e escrever com aquela seiva amada nossas duas iniciais. Consegui apenas rabiscar um *E* e ela afastou minha mão gentilmente e deixou o *E* escorrer lentamente até se transformar numa diminuta mancha, quando tudo se coagulou. Ela sorria, ela sorria sim, sorria o mais intrigante e leve dos sorrisos. Calma. E depois aninhou a cabeça em meu ombro, enlaçou suavemente o meu

pescoço e beijou meu peito. Lembro sim, lembro da surpresa que tive quando ela mordeu um dos pêlos do meu peito e, subitamente, o arrancou com os dentes. Lembro sim, lembro do susto e do grito que dei, e de sua risada, suas pupilas brincando nos olhos, os dois traços azuis dançando e ela abafando o riso com a mão. Lembro de minha cara apalermada e de que ela, inclinando-se sobre mim, chupou meu peito com gula, bem no lugar de onde tinha arrancado o cabelo, e depois passou a mão com maciez no lugar vermelho até que a roncha se desfez. Lembro também que esse tempo todo, antes, durante, depois e depois, ela não pronunciou sequer uma palavra.

Ela falava pouco. Tanto no tempo do encontro como no do reencontro. Seu corpo, seus braços, seus cabelos, seus olhos falavam tudo, num tom de penumbra que eu queria, contudo não sabia interpretar. Bastava-me com esses momentos de intensa emoção. E quando eu lhe perguntava alguma coisa ela me abraçava e me acariciava, ou me beijava num crescendo de intensidade até morder meus lábios e um filete de sangue deles escorrer. Nessas vezes desses beijos que me deixavam tonto, ela também fazia desenhos com indicador no meu queixo, ou no lado do meu rosto. Esses desenhos, quando eu ia para o espelho, ela sempre apagava com uma risada leve. Nunca soube como era nenhum deles. O único que ficou, permaneceu, durou, insistiu em minha memória foi o coração na coxa, resultado do primeiro impulso.

O primeiro impulso. O primeiro salto. A primeira surtida. A primeira invasão. Doce invasão adentro o vértice morno de Elena. Quantos anos tinha ela? Doze? Quinze? Não sei. Sei que era menina e seus seios nada mais eram que dois minúsculos cones aflorando rigidez em seu peito. E que seus gemidos, durante, nada mais eram que murmúrios mornos na penumbra.

Sim, na investida inicial em riste ela gritou um grito morno, abafado, sem a surpresa que, pelo menos no instante, temi instaurar nos traços azuis de seus olhos. Nem grito mesmo, sei lá, foi como um bocejo, um arfar redondo com lábios bem abertos. Instantaneamente com o rasgo, o arquejar mais que grito. Como se eu, entrando nela,

expulsasse todo o ar que dentro tinha de uma só vez num hausto mais de alívio que de dor.

Acho, por isso, por essas intrigantes minudências, que o fiar do tempo tornou-se irrelevante. Não me perguntem a que horas nos encontrávamos. Qualquer hora. E nessas horas quaisquer sempre estávamos na penumbra apenas iluminada pelos traços azuis de seus olhos.

Hoje, depois que não a tive mais, melhor dizer que não mais nela existi, nela me fiz, hoje, esses retalhos de paixão permanecem como pontos de luz no escuro, pontos de luz vibrantes e sonoros no meu silêncio particular. Sim, hoje eu habito o silêncio, eu moro na escuridão, alimentando-me desses frangalhos de existir a dois, sendo apenas um.

Acho que estão me entendendo melhor. Quem de vocês não teve uma paixão? Mas uma paixão mesmo, paixão de rastejar em pedregulho, de beber vinagre por vinho e vinho por vinagre, paixão de corroer as células.

Eu existi em Elena. E ela em mim? Não tenho certezas neste vendaval de hoje. Neste vendaval escuro e silencioso. No reencontro tive certezas. Se eu contar, verão que não minto. No reencontro senti que ela existia em mim. No entanto, existia em relances de encantamento, em fímbrias de loucura, em laivos de intensidade, em rasgos de vulcão. Inteira?

Não sei nem quero questionar. Queria apenas paz. Paz que não consigo, pois vivo de luzes irrequietas de uma paixão. No escuro seco que se instaurou em mim, desde o último quandonde penumbroso, quase escuro, ou talvez tão incandescente que me escureceu.

Nesse dia, vivemos esse dia todo. Eu sei que havia um lugar nosso, muito meu, muito nosso e que Elena não era mais menina, mas ainda era menina. Esse lugar, esse onde era compartilhado de alguma maneira. Não me perguntem como, nem quando, nem exatamente onde, vez que isso tudo aconteceu, mas sem a menor relevância, entendem. A relevância era eu e Elena, a relevância era ela e eu. Nós. Brincando de ser apenas um, em algum leito cheiroso e manso de brancura plena.

Nesse dia, vivemos nosso dia cheio em vinte e quatro horas, uns tantos minutos e segundos. Vejam, cheguei a precisar uma fração de tempo, lembrar-me também, e o digo agora, que é dessas frações de tempo acima das vinte e quatro horas que se alimenta fevereiro de ano bissexto. Falando nisso agora, imaginei se aquele dia não era um dia de verão. Não, bobagem, primavera, porque era sempre primavera quando eu existia em Elena.

Nesse dia fizemos coisas triviais, como levantar bem cedo para ver o sol nascer, caminhar na beira da praia de pés descalços sobre o espumear das ondas, ir à feira livre para pegar legumes bem frescos, frutas também, e sim, e aquele quarto de cabrito tenro e picante que comemos no almoço. E também ouvimos Debussy, *Prelude à l'Après-midi d'un Faune*, vejam só, lembro-me até da música, sim, claro, e do cálido cochilo a que chegamos, ouvindo o flautear do prelúdio, um nos braços do outro.

O momento supremo do amor, nesse dia, foi inigualável. Acordamos ambos com um doce torpor no corpo e nos enlanguescemos um para o outro como dois répteis, não, os dois não, e não era réptil que eu quis dizer, gatos, gatos sim, mas Elena muito mais que eu, pois, para mim, o ato sagrado do amor ainda era causa de afoiteza. Afoiteza que ela amansava com felinidade sonsa, num fingir que não é insinuar que sim, num jogo de gato, de gata matreira com seus traços azuis brincando nos olhos.

Esse dia foi inteiro.

Ouço falar por aí, deve ser moda, numa crise dos quarenta, vejam só! E desse quando, lembrei agora, não sei, os pensamentos cruzam velozes em minha cabeça, como estrelas vadias, sim eu tinha quarenta anos quando conheci Elena, a pasta debaixo do braço, a cabeça tímida um pouco inclinada para a esquerda. Sim, eu estava no meu Alfa- Romeo vermelho. Ou foi na piscina do clube, Elena com aquele biquini sumário, as nádegas apontando de fora como duas papoulas, como dois hemisférios de um mundo de encanto.

Sim, verdade, eu tinha quarenta anos e a minha crise foi Elena. Ah sinto vontade de rir, agora, de rir muito, de tocar piano,

como eu tocava para ela, para ela Elena, ela derreada no meu ombro, penteando minhas costas com seu cabelo, e sinto vontade de rir. Não, não existe essa tal crise dos quarenta, como pode existir se eu desper-tei para o lado maior da vida justamente nessa idade? Quando Elena se meigava toda para o meu lado, às vezes me chamava de meu gatão maduro, coisas dela, coisas de sua sinuosa sensualidade.

Não sei se foi muito tempo depois, não sei, ou se foi durante mesmo, que conheci Gabriel, seu primo. Primo distante, garoto forte, forte propriamente não, espadaúdo, louro de olhos castanhos, surfista. Surfista? Não, não, isso são os garotos de agora, não é? Basquete? Vôlei? Não sei, podia até ser futebol. Futebol. Devia ser isso, ele jogava num time de um esporte desses, ou de todos, sei lá. Capoeirista. É como eu estava dizendo, são essas estrelas errantes, meus tensos pensamentos cruzando-se no território oblíquo de minha cabeça.

Não importa, na realidade, o quando de quando conheci Gabriel. Ele era um menino bom, Elena me dizia que ele era repetente, no ginásio. Não, no científico. Também essas coisas não existem mais, hoje está tudo embolado, tem sétima série, oitava, nona, décima. Já não entendo mais esse ensino, mas acho que Gabriel era repe-tente de alguma série de algum ginásio que era o mesmo em que Elena estudava, e que era campeão.

Não importa mesmo, basta esse fato. Campeão. Elena me dizia que as colegas dela todas eram gamadas por Gabi, Gabriel, que ele tinha torcida particular, que quando ele fazia uma cesta as meni-nas todas se assanhavam, só faltava a arquibancada vir abaixo. Não, realmente, ele era um campeão, me mostrou as medalhas, as taças no dia em que ele me visitou pela segunda vez, quer dizer, no dia em que fomos à casa dele, foi até engraçado, Elena me apresentou como seu professor de Matemática, e fomos lá em cima num sótãozinho onde ele guardava as faixas, não as taças enfileiradas, como giganti-nhos velozes, as medalhas num armariozinho de vidro.

Elena era a única que não se empolgava com Gabi. Tinha admiração por ele como desportista, até brincou uma vez dizendo que ele só perdia matérias no Ginásio Santa Brígida.

Na quadra não perdia nunca. Gabriel, 19 anos, um metro e oitenta e cinco de altura.

É, eu só fui ver as taças e medalhas porque Elena estava curiosa, eu pessoalmente nunca fui muito de esportes. No meu tempo de ginásio, ah, desse tempo eu me lembro bem, Colégio Ipiranga, minha farda verde. Eu, desajeitado com a bola, o pessoal ‘vamos, passe logo’ e eu chutando para lugar nenhum. Futebol me aborrece, não sei como existem pessoas que faltam ao trabalho para ver jogos do Brasil. E, só dando risada desses tacanhos que ficam espiando vinte e dois analfabetos correndo atrás de uma bola.

Mas não interessa, é, essas divagações esportivas só me aborrecem, se bem que eu era muito bom, bem, bom talvez seja exagero, eu era bom no pingue-pongue, minha mãe comprou uma raquete de espuma que ninguém tinha para mim, e o Professor Soares me ensinou a jogar, pegando na raquete à inglesa, batendo dos dois lados, batendo até o saque do adversário, lembro bem, Professor Soares me incentivando “vã, bata, isso, boa bola”.

Terminei gostando de xadrez. Também eu usava óculos desde os nove anos, miopia forte. No campo, não via a bola direito e naquele tempo era raro um garoto de óculos, ficavam me pondo apelidos, Intelectual, Professor Pardal — não, isso é mais de agora, dessas revistinhas. Elena era que gostava de revistinhas, mas eram de outro tipo, um dia ela me apareceu com uma revista erótica, erótica não, pornográfica, isso sim. Aliás, essa foi a única vez que tivemos uma rusga, uma rusguinha leve, o rosto dela se ensombreceu, ela me disse o que é que tem, nós fazemos quase isso tudo na cama, e eu tentando explicar que conosco era diferente, era amor puro, amor mesmo, e que aquela revista obscena era outra conversa. Sei não, ela se aborreceu e me disse que não ia deixar de ler aquelas revistas por causa de meus preconceitos. Foi preconceito que ela falou? Deve ter sido outra palavra, birra, implicância, caretice, essa não, essa é mais recente.

Ensombrecida, ela me mostrou uma posição na revista que nunca tínhamos feito, eu lhe expliquei que gostava de ver seu rosto

inundado de prazer, mas ela tanto falou, tanto insistiu que um dia a fizemos e ela gostou muito, muito mesmo, me disse que se sentia um bichinho nas minhas mãos, me chamou de gato, depois disse que tinha visto os cachorros na rua.

É claro que eu fazia tudo que ela sonhava, dava-lhe tudo que ela sonhava ter, antes que ela pedisse, e aliás ela nunca me pedia nada, a tal posição fui eu mesmo quem sugeri, quando ela se ensombreceu naquele dia. E ela ainda relutou, disse que eu não gostava, que não queria que eu fizesse uma coisa só para satisfazer a vontade dela. Elena era assim, quando eu pressentia um desejo seu, e lhe oferecia algo que eu sabia que ela ia gostar, trancava o rosto, dizia que não queria, que tinha falado que gostava por falar e eu insistindo, tome minha filhinha, tome, minha pérola. Pérola. Nesse dia ela deu risada em minha cara. Pérola? Só se for pérola de pimenta-malagueta, tem pérola assim? Depois, notando que eu tinha ficado magoado, ela, Elena, me acariciava com suas mãos pequenas, me chamava de meu tolinho, meu tolinho sonhador, isso porque um dia eu tinha lhe ensinado a sonhar acordado de tardinha, esperando a estrela-d'alva, estrela que ela nunca acreditou que fosse o planeta Vênus. Afrodite. Sim. Afrodite, um dia eu a chamei por esse nome e ela quis saber quem era e quando eu disse que era Vênus, a deusa do amor, ela respondeu, inocentemente, o planeta? Planeta ou estrela? Pisca ou não pisca? E o pisca-pisca de seu Alfa? Tem?

Engraçado, como consegui me lembrar desses detalhes, desses pormenores tão sem significação.

É, paixão não é brincadeira, deixa um homem cego, surdo e mudo, faz-nos comer gato por lebre, lebre por gato, faz a gente beirar a insânia, enxergar felicidade, mastigar esperança, pastar um beijo.

Foi tudo assim, muito esparsos e vago, não sei como consegui me lembrar de tanta coisa, com tantas minúcias, porque tudo era mesmo muito engraçado, muito tênue.

Nem me lembro de quando Elena sumiu. Sim, um dia ela sumiu. Não mais estava no ginásio, na piscina, na praia, no cinema,

no parque. Não estava mais em mim, não sei como. Juro foi num dia qualquer, numa data qualquer, ontem, anteontem, há dez anos. Só me lembro bem, bem mesmo, nitidamente como numa fotografia da última vez. Ela estava afobada, estranha, apressada, foi um amor assim, rápido, esgarçado, e foi do jeito que ela preferia, depois de ter lido a tal revista. Nesse dia ela estava como louca para ir embora e só eram quatro horas, falou que tinha uma prova no colégio, e que Gabriel, sim, isso mesmo, que Gabriel tinha lhe pedido para dar cola a ele, ela sabia tudo, era prova de História, e ele não sabia nada, não sei, naquele dia eu desconfiei daquela pressa toda e ela só tinha vindo porque eu insisti tanto no telefone, ela até estava com uma voz agressiva no telefone, sei lá, naquele dia eu entrevi alguma coisa definida em Elena. Era uma coisa definida, mas eu não sabia bem o que era, sabia e não sabia, era como se eu entrevisse uma carta na manga de um jogador que era o melhor jogador do mundo, campeão, mas os campeões jogam limpo, não é? Foi ilusão minha, atrapalhação, alguma coisa que nós por acaso entrevemos e que pode até mudar nossa opinião sobre uma pessoa, mas é preferível não, é preferível não, por que instalar a dúvida numa certeza total, numa verdade maior por causa de algo meramente entrevisto num relance, como se um grande peixe saltasse fugaz e velocissimamente de uma bacia de água límpida, de água serena e límpida onde eu podia ver o fundo e até poderia ver um minúsculo peixinho, se ele saltasse brincalhão, não é?

O Rabo da Sereia. In: *O Amor É um Pássaro Selvagem*. Rio de Janeiro: Imago; Salvador (BA): Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2000. (Coleção Bahia: Prosa e Poesia).

Ildásio Tavares (Gongogi, BA, 1940 —).  
Obras, entre outras: *Somente um canto* (1968); *O canto do homem cotidiano* (1977); *A ninfa* (1993).

## O SENTINELA

James Amado

Esta é a historia do rosto de Anita, de com ele se recobriu para sempre de uma expressão tristonha. Não era assim ao tempo que ela vivia em Estância. O rio passava no fundo do quintal, ruidoso sobre as pedras do Sequeiro, Anita tinha dezessete anos. Gorducha de corpo, de rosto e de mãos, dois olhos redondos pareciam riscados sobre o nariz chato, o que lhe dava um ar engraçado. Também seus movimentos pareciam cheios de alegria, surpreendentemente ágeis na figura baixota.

A casa vivia sempre fechada. O pai saía de manhã para o armazém, batia a porta da rua que se abria novamente apenas para deixá-lo entrar à hora do almoço e da janta. A mãe vivia do quarto para a cozinha, evitava a sala e suas janelas que davam para a rua. Todo mundo sabia que o marido “botara casa” para uma rapariga vinda de Aracaju, ela era uma mulher desprezada, trancada naquela casa com sua vergonha e sua humilhação. Quando o marido passou a responder com pancadas e gritos aos seus rogos magoados ela deixou de ir à missa das seis aos domingos e não mais se mostrou a ninguém, como o animal doente que deixa o rebanho para morrer sozinho no mato. A

casa onde o sol não penetrava ganhou um cheiro de coisa mofada, de moradia esquecida, o mesmo jeito que a mulher tinha: deixara de lutar, apenas resistia em silêncio. E o silêncio da casa também parecia cheio de mofo, pesado.

Anita era sua companheira, mas nos últimos tempos nem reparava muito nela, ensimesmada naquele silêncio que comandava a lentidão dos seus gestos tardos nos afazeres da cozinha. Quando o marido chegava para jantar ela se recolhia ao quarto, Anita era quem servia à mesa. Mas se ele estava bêbado, o que não era raro, erguia-se durante a refeição, abria a porta da camarinha sem janelas, sem uma palavra apontava a cadeira do outro lado da mesa. A mulher obedecia, em silêncio. Ele voltava a comer, seu corpo grande dominava com ruído o ambiente, os braços grossos e peludos se moviam com energia. Os olhinhos estreitos e vivos evitavam a mulher. Mas eram irresistivelmente atraídos para ela e pareciam não poder suportar-lhe o ar de mártir, aquela expressão de sofrimento sem remédio causava no marido uma irritação que aumentava a cada instante. Ela o sentia e, de repente, tentava levantar-se, voltar ao quarto. Do outro lado da mesa ele se erguia bruscamente, caminhava até ela, cedia ao impulso incontrolável e, engrolando insultos com a boca cheia, punha-se a bater-lhe. Anita vinha correndo da cozinha. Segu-rava-lhe os braços até que a mãe, aos recuos, caía de joelhos diante do nicho no fundo da sala. O pai desvencilhava-se com um safanão e saía batendo a porta.

Embora tomando o partido da mãe, Anita se sentia atraída pelo pai, apesar de condenar-lhe o procedimento. Ele era uma criatura estranha àquele ambiente de penumbra e de silêncio, de submissão ao sofrimento e ao pranto. Grandalhão, ruidoso, mesmo quando queria se mostrar manso sua voz era poderosa e penetrante. Para Anita ele era também uma criatura de mistério, cheia de um fascínio terrível: ela sabia onde era a rua da “sujeita”, a casa pintada de verde-garrafa com janelas azuis, na ponta da cidadezinha. Quando ia à feira, aos sábados, fazia um rodeio para não passar por ali.

Anita temia o pai mas era-lhe impossível não se sentir atraída por aquela vitalidade esfuziante, aquele rosto largo como o seu, tinto de sol, violento como a voz e os punhos. Tinha amor pela mãe mas era um sentimento superado pela piedade que antes a afastava dela. Todas as oportunidades para escapar da casa ela as aproveitava sem vacilações. Era uma alegria sentir na pele das costas o sol da tarde à beira do rio, lavando roupa lado a lado com as outras moças da rua, filhas das vizinhas. Contavam histórias, repetiam-se os mexericos, havia um momento em que as mulheres se distraíam e as moças falavam dos rapazes do comércio e riam nervosamente levando à boca a mão coberta de espuma. Os olhos redondos de Anita faiscavam, aquilo também era mistério, novo e bom. De manhãzinha quase corria pela rua, banhada de um sol leve, até à padaria da esquina. Ficava segurando o pão ainda quente mais seus olhos se baixavam, pela primeira vez cheios de timidez, quando o caixeiro a fitava. E a alegria lhe borbulhava no corpo inteiro. À noite, quando a mãe se trancava no quarto e o pai havia saído, ela se levantava sem ruído, ia até a cozinha, abria a porta do quintal, ficava espiando o mistério do rio correndo no escuro sobre as pedras do sequeiro, a neblina leitosa se espalhando pelo pasto molhado do estábulo da outra margem, ouvindo aquele silêncio feito das múltiplas vozes da noite. E de repente ele vinha, um vulto esquivo saído da touceira alta do capim, entrevisto junto ao tronco da mangueira, duas mãos puxavam-na para fora, para fazer dela coisa ou ser daquela escuridão azul molhada de carvalho. Resistia, grudava-se à porta da cozinha mas saboreava cada toque das mãos ávidas, o calor da respiração agitada subia-lhe pelo pescoço eriçando-lhe os pelos dos braços, buscando-lhe a boca, tentando derrubá-la sobre a grama. Terminava por libertar-se, de repente assustada, mas ficava longo tempo sem dormir, os olhos redondos fitos nas telhas, sem ver.

Às vezes Anita sentia que sua mãe a buscava na sua maneira muda de pedir como se tivesse sempre lágrimas nos olhos. E sentia raiva de si mesma, daquela vontade de afastar-se da mulher envelhecida no sofrimento. Muitas vezes ficava ao lado dela, penteava-lhe os

cabelos longos e finos, acariciava o rosto tombado em seu colo. Mas erguia-se bruscamente, num gesto parecido aos do pai, quando sentia que uma lágrima lhe molhava a mão gorducha. Então sentia temores, julgava-se má.

Um dia bateram à porta. Era perto de seu aniversário e ela contava receber o presente que o caixeiro da padaria lhe anunciara uma semana antes. Era o vizinho, comerciante como seu pai. Anita apontou a cozinha quando ele perguntou por sua mãe, ouviu boquiaberta a notícia de que o pai se mudara para Lagarto, levando a outra mulher. Não atinou de momento com a significação exata do fato nem lhe ocorreram as conseqüências que dele adviriam. Cerrou a porta atrás da figura do homem, sem ouvir-lhe as declarações de préstimos. Da porta da cozinha contemplou a mãe, de pé ao lado do fogão, mexendo com gesto maquinal a panela do cozido. Mas naquela tarde não foi enxaguar a roupa que deixara na véspera coarando no capim da beira do rio. Deitou-se no mesmo quarto da mãe, na parte da cama deixada vazia pelo pai. Estava cansada, cheia de uma fadiga que nunca sentira, dormiu um sono profundo que foi bruscamente cortado pelos gritos terríveis.

Acordou sobressaltada, aquele rugido selvagem fê-la correr para a sala em busca da proteção da mãe. E entreparou de golpe à entrada da cozinha, seus olhos redondos cheios de terror: do chão coberto de toscos ladrilhos de barros uma chama se erguia furiosa, lambia o piso de um lado para o outro, numa dança desatinada, dela vinham aqueles gritos terríveis. Anita procurou benzer-se mas seus braços tinham perdido os movimentos. A assombração, porém, sem fazer caso dela, disparou pela porta do quintal, o vento fresco da noite atíçou o fogaréu, a labareda se alteou, precipitou-se para as águas invisíveis do rio e mergulhou nelas. Mas deixou na grama da margem o que restava do corpo da mãe.

Não havia na cidade um asilo de alienados, padre João trançou Anita na sala dos fundos da igreja, os gritos da moça, incessantes, encheram por vários dias a praça da Matriz. Quando ela se acalmou o

padre providenciou a viagem para a Bahia. Escreveu à Madre Superiora do Convento da Lapa, em Salvador, explicando-lhe a situação do atual desamparo da moça. Elogiava-lhe as qualidades, “tão ajuizada nem parecia ter dezessete anos”.

As janelas eram altas, inacessíveis, aberturas quadradas nos muros de quase um metro de espessura. Negras barras de ferro, entrecruzadas, mantinham distante o mundo lá de fora, deixavam ver apenas um pedaço de céu.

Anita despertava sempre um pouco antes da voz suave do pequeno sino da capela. Um silêncio profundo, imposto pelo escuro e pelas paredes pesadas, dominavam o convento. No dormitório estreito e comprido, as duas fileiras de camas pareciam vazias dos corpos das noviças. A barra do dia rasgava o primeiro clarão no céu e Anita, imóvel em sua cama, saboreava aquele nascimento da luz, lento e certo, silencioso e tranqüilo. Seu olhar se voltava para o dormitório tão fracamente iluminado na antemã que deixava entrever apenas a alvura dos mosquiteiros de filó, envolvendo os leitos das noviças, como neblina sobre o rio. Finalmente o sino se fazia ouvir, logo a freira surgia à porta e o seu dia começava.

Era de paz, de incrível paz depois de tudo o que vivera. Do instante em que pronunciava, ajoelhada ao lado da cama, as palavras da prece até quando o sono a tomava após o sinal de silêncio, seu dia era de tranqüilidade. A princípio aquele ambiente de calma, sem a menor violência, por que tanto ansiara no mais íntimo do ser, parecia-lhe quase absurdo. Receava continuamente que algo surgisse de repente para quebrar aquela tranqüilidade. Buscava com todas as suas forças cumprir à risca os ensinamentos, realizar cuidadosa e atentamente seus deveres para que a conservassem ali. Passara noites e noites acordada, quando a irmã responsável pelo dormitório considerara a necessidade de removê-la para uma cela individual, pois seus pesadelos interferiam com o sono das outras noviças. Várias vezes despertara com o ruído de seus próprios gritos, para ver o rosto macerado da freira debruçada sobre ela, impondo-lhe silêncio.

Concentrava-se nas tarefas tão inabituais com todo o empenho, disputando com ânsia que buscava esconder um lugar naquela casa de calma e de silêncio. E completou seu aprendizado da impessoalidade. Seu rosto rechonchudo perdeu, com a falta de sol, o rosado das faces, os cabelos crespos Anita aprendeu a penteá-los lisamente, presos num coque que a touca de noviça escondia. O uniforme simples, sem enfeites, liso como um camisolão de menino, repetia sua figura nas duas dezenas de outras noviças. Com elas, numa fileira de sapatos pretos e rosário de contas de vidro, tomava pelos longos corredores revestidos a meio de velhos azulejos azuis, na mesma ordem inabalável penetrava na capela para as horas de missa e meditação, ou na sala de costura, para os trabalhos de confecção de roupas para os pobres, na cozinha. Docilmente habituara-se a ter a cabeça baixa, os olhos voltados para o chão, a voz, se falar devia, baixa e mansa, os gestos lentos, determinados de antemão, breves e poucos. Toda ela se envolvia naquele recolhimento, contente de ali somente se poder exibir a renúncia, a total abdicação às coisas do mundo, que temia. Os olhos eram para não ver, o corpo para não sentir, breve chama votiva o coração, sem brisa que de repente a fizesse agitar-se e fremir.

À noite, no dormitório comprido, deixava-se ficar acordada depois do sinal de silêncio. As camas das outras noviças desapareciam na escuridão, uma luz débil descia num foco difuso das janelas altas. Anita erguia os olhos, além dos pesados barrotes que se cruzavam no vão rasgado do muro espesso, adivinhava apenas o aguçado branco das estrelas. A noite chegava até ela, tranqüila noite de verão quando o céu parece mais calmo e mais próximo. Um sono sem sonhos tomava seu corpo.

Um grupo de noviças deveria, em breve, prestar seu voto perpétuo. Anita estava entre elas, fora escolhida pelo dom que revelara, desde o início de sua vida no convento, de alcançar o estado de graça sem necessidade de orações. Ajoelhada no chão frio da capela, a cabeça curvada sobre o peito, as mãos unidas, seus sentidos pareciam turbar-se rapidamente, o cheiro de incenso e as vozes do coro tornavam-se distantes, na meia-luz da nave alta as figuras dos altares se

misturavam. Anita sentia que suas pernas iam ceder mas de repente tomava conhecimento de um silêncio como nunca sentira, o êxtase fazia-a leve, erguia-a no ar, seus dedos perdiam as contas do rosário e ela ficava assim, longamente, longe de tudo, no rosto um ar beatífico de suprema paz. A Madre Superiora considerava aquela noviça uma criatura predestinada.

Uma leve agitação percorreu naqueles dias o convento, as candidatas ao voto perpétuo sentiam-nos nos deveres especiais que cumpriam e que as diferenciavam já das outras noviças, nos olhares que estas lhes lançavam, sabendo-as preferidas, senhoras da sorte de logo estarem confirmadas no serviço de Deus. Em todo o convento, que de hábito se movia naqueles passos macios, com destino certo, nos gestos de prece e de trabalho, onde nada acontecia sem ter sido previsto, sem que fosse repetição exata do dia anterior – andava agora um ligeiro ar de preparativo de festa, um brilho novo podia ser surpreendido às vezes no olhar mortiço das freiras. Aquele grupo de seis noviças deslocou de repente para si o eixo do movimento uniforme de comunidade, o grande dia do convento iria ser revivido em breve, no ritual que consagraria definitivamente a Deus os seres já maduros para o seu serviço, treinados na compunção e na impessoalidade do claustro.

Anita sentiu, como as outras, que seu coração se animava. A novidade das práticas preparatórias, mesmo as de martírio, de mortificações do corpo, lhe eram agradáveis, por novas. Um dia, no ensaio do coro, a Madre Superiora que supervisionava pessoalmente os serviços, encarou-a, fazendo-a confundir-se, ao notar seu inusitado entusiasmo. Mas a freira sorriu-lhe, benevolente, ante aquele sinal para ela seguro de que as jovens se alegravam à aproximação do grande dia.

Aquele dia foi para Anita o mais estranho de sua vida. Jejuara durante a véspera, dedicara a noite à meditação, deitada em sua cama num dos extremos do dormitório das noviças, que ocupava pela última vez, pois no dia seguinte passaria a uma cela individual, na outra ala do convento que dava para um quartel. Desde que se levantou e vestiu o uniforme engomado caprichosamente, e formou, longe

das outras noviças, com o pequeno grupo das que iam fazer seu juramento, ela se sentiu só. Ao seguir, cabisbaixa, orando alto no mesmo cantochão das demais, sua voz lhe parecia vir de longe. Uma leve toniteira tomou-a, fazendo-a vacilar, quando atravessou o átrio, cantando o hino especial do dia. Mas logo que se ajoelhara na capela o cheiro do incenso e as vozes suaves do coro transportaram-na àquele estado de graça em que tudo se dissolvia à sua frente. No transe conhecido mas que estranhamente não tinha o encantamento das outras vezes, cumpriu todo o longo rito medieval que ensaiara exaustivamente. Quando as sombras se espalharam pelo pátio e ela, já em seu novo hábito negro, se encaminhava para sua cela, dançava-lhe ante os olhos aquele brilho das luzes vermelhas dos círios, o vozear musical no bojo da capela, a riqueza dos trajes sacerdotais, vago murmúrio de confessor-nário, palavras recitadas em latim, mãos postas contra o peito, e os passos lentos, cadenciados, de procissão.

A pequena cela individual foi o complemento do seu dia, de um transe que continuava ainda. Uma cama simples, como no dormitório das noviças, um armário tosco, a pequena mesa com a moringa. Se ficasse de pé com os braços estendidos, na posição habitual do exercício de mortificação, poderia quase tocar as paredes que fechavam a pequena cela. No alto da parede dos fundos a mesma janela, abertura quebrada no muro espesso, na qual grossas barras de ferro se cruzavam.

Anita percorreu com os olhos a sua cela. Agora estava sozinha, aquela seria a sua morada para todo o sempre. Assim o ouvira, dias antes, da boca da Madre Superiora, assim o jurara aos pés do altar. A porta do convento, da pesada madeira, jamais se abriria para a freira em clausura perpétua, Anita, a moça ferida da tragédia do mundo, trocara definitivamente seu nome pelo de irmã Maria da Conceição, serva de Deus. Seu corpo, que o hábito escondia, somente cruzaria a rua depois de morto.

Durante todo o seu longo noviciado ela aguardara com uma ansiedade difícil de conter aquele momento de sua confirmação. Imaginara aquela cela de freira em todos os seus detalhes. A pequena mesa

com a moringa, o armário de madeira sem polimento eram, nas conversas das noviças, os selos do casamento com Deus, símbolos palpáveis da renúncia definitivamente à vida além das paredes largas do convento. Sua primeira noite de freira ela a sonhara com a garantia de paz para a alma.

Após a agitação interior que lhe provocara aquele dia, a cela tranqüila não lhe trouxe o repouso. Algo a perturbava. Estava só, buscou com a vista as fileiras de camas das noviças, pela primeira vez desde que chegara ao convento não as via. De repente tomou consciência desse fato, a mão correu para o crucifixo de prata que trazia ao peito e seus dedos tocaram o metal, sentiram-lhe o frio.

Anita apagou a vela, deitou-se. Também a cama era estranha, no colchão de capim novo, a palha seca estalejava sob seu corpo. Seus olhos voltaram-se para a janela, no alto, atrás da cama. O céu estava claro, devia haver uma lua andando nele. Mas sua luz não entrava na cela, a porta fechada parecia negra como as paredes que, na escuridão, nasciam de cada lado da cama. Anita ficou imóvel, receosa de que se estendesse os braços tocaria os muros da cela. Seus sentidos estavam inteiramente dispersos de repente, apesar do cansaço que sentia tomar-lhe o corpo. E atentos àquele silêncio que a fazia bruscamente mais sozinha ainda, como somente se sentira nas noites de seu quartinho na casa perdida no tempo, quando ficava sem poder dormir, esperando que os passos de seu pai viessem pela madrugada, acordando as pedras da rua e a porta rangesse nos gozos atestando que ele chegara.

É um rumor de passos que efetivamente lhe chega agora. Vem da rua lá embaixo, penetra debilmente pela janela sem vidros, cai no escuro da cela. Anita estremece, não quer ouvi-los. Sabe que não são os mesmos. Range contra o medo que tenta apoderar-se dela, ali há um quartel, são os passos de um soldado, sem dúvida. Agora aproximam-se, pesados, tão diferentes do andar macio das irmãs, Anita não quer ouvi-los mas é impossível evitá-lo: aproximam-se sempre mais em sua cadência medida, quase sob a janela, parecem soar

sobre as tábuas largas do chão da cela, fazendo-as ceder sob o seu peso. Anita espera que a porta se abra, mas os passos vão se afastando lentamente, no mesmo ritmo, até quase desaparecer.

Deve ser o sentinela do quartel, pensa, ele faz sua ronda. Agora deve voltar, lá vêm os passos, longe, um vago rumor que corta o silêncio da noite a intervalos que parecem longos. Por que a puseram nesta cela, sozinha, neste lado do edifício, com esta janela que deixa, apesar da espessura da parede e das barras de ferro que a protegem, penetrar os ruídos lá de fora? Por que no silêncio e na treva, esses passos que não a deixam dormir?

Vêm se aproximando, inexoravelmente, repetem-se mais amiúde, mais fortes. É alguém, lá fora, o sentinela do quartel, uma figura de uniforme com botões de metal, o rapaz da padaria queria sentar praça, está bem perto, soam sob a janela, ali, na escuridão azulada um vulto ao lado do tronco da mangueira, correndo contra o fundo de neblina clara que desce sobre o rio, passos ligeiros se aproximando, furtivamente. Mas vão se afastando, são pesados e fortes, os de seu pai eram também assim mas não tinham firmeza, ele bebia sempre, é o sentinela do quartel e ninguém mais, os passos do rapaz da padaria eram pálidos e leves sobre a grama do quintal, como os de um ladrão. Agora estão longe, quase desapareceram, se ela limpar o suor da fronte e fechar os olhos poderá dormir seu sono manso da freira.

Mas sabe que vão voltar, é a ronda que ele faz, é o sentinela, sua obrigação é marchar lentamente de uma ponta a outra do quartel. Calça sem dúvida reúnas de couro cru como os soldados que ela via na feira, terá pés enormes como os negros carroceiros, e mãos grandes, de dedos fortes, presas a punhos largos e peludos. São passos firmes, duros, iguais, os de seu pai eram trôpegos, chocavam-se no escuro contra as cadeiras da sala, o corpo caía pesadamente sobre a cama. Resmungava coisas que ela não ouvia e se perdiam no ressonar poderoso, ritmado, forte como os passos que agora estão de novo sob a janela, querem transpor a parede, arrebentar as barras de ferro da janela, arrastá-la consigo, puxá-la para a beira do rio, para o capim

pirixi lambido pelo rio e o barulho nas pedras do sequeiro, ela resistia mas queria ir, sentia o orvalho nas faces, ar da noite, bafio de respiração tocando-lhe o pescoço, a nuca, procurando a boca e as folhas agudas do capim molhando suas pernas, os pêlos dos braços se eriçando, o mistério da noite revelado de repente como se ela fosse uma de suas coisas, mangueira embalando os ramos à brisa leve, peixes fugindo entre pedras no fundo do rio. Corria para casa, o coração pequenino, não tivesse a mãe despertado...

Junto ao leito simples da cela escura, a freira ajoelha o corpo trêmulo, suas mãos se unem no peito, da boca ressequida saem apressadas as palavras da prece. Sua respiração é opressa, as palavras se atropelam umas às outras, despidas de significado a não ser o da ânsia que assim as conforma. E enquanto Anita espera que as paredes da pequena cela tombem sobre ela, sobre a pele macerada de seu rosto rechonchudo se instala aquele toque de infinita tristeza que confirma o seu voto perpétuo. Lá fora um sentinela faz sua ronda e uma lua de prata anda no céu.

In: *Histórias da Bahia*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963, 318 p.

James Amado (Ilhéus, BA, 1922 —).

Obras: *Chamado do mar* (1949); *Gregório de Matos* (editoração — 7 vols.).

## MORTE NO TRAPÉZIO

João Carlos Teixeira Gomes

Aos onze anos de idade, Marcelinho Perestrelo tinha dois sonhos na vida: jogar futebol e voar nos trapézios do Circo Fanchetti com o famoso anão Quincas Rotundo, considerado um fenômeno na sua especialidade. Marcelinho Perestrelo não poderia realizar nenhum dos seus dois sonhos, porque tivera paralisia aos quatro anos de idade, tão violenta que lhe atingira as duas pernas. Na verdade, não tinha pernas, mas dois frágeis cambitos arqueados.

No colégio, com uma sensibilidade precoce que o levava a escrever pequenos poemas de amor para as meninas de saias curtas, que ele adorava secretamente, Marcelinho levava horas seguidas acompanhando, enlevado, as partidas do campeonato interno disputado pelos colegas. Todos se entregavam a intermináveis controvérsias sobre o andamento dos jogos e a atuação dos juizes, atentamente acompanhados por Marcelinho, que, ao ouvi-los, afundava numa crescente depressão em sua cadeira de rodas.

Essa tristeza ele tentava neutralizar quando ia aos domingos ao circo, acalentado pela idéia de ver Quincas Rotundo em suas

acrobacias no ar, saltando de um lado para o outro, as barras aladas, como um pequenino pássaro elástico e planador. O grande toldo amarelo, varrido pelos ventos fortes que sopravam das entranhas dos dias ásperos, sacudia como se fosse derrubar o circo ao chão. Nos trapézios, porém, Quincas Rotundo exibia suas artes para uma platéia boqui-aberta e que, abstraindo o mundo, só tinha olhos e pensamentos para ele. Atirando-se no espaço com perícia numa igualada, hábil, fantástica, era mesmo um pássaro voando entre balizas.

Quincas Rotundo, 27 anos e mulato, não era um nome mágico apenas para crianças. Desde que o circo se instalara na periferia da cidade, sua fama, logo comentada, começou a provocar afluência aos espetáculos, sobretudo depois que exibiram *flashbes* das suas evoluções nos informativos locais de TV. Bem na entrada, em letras cuidadosamente pintadas e sobre as quais, à noite, piscavam, intermitentes, lâmpadas azuis, vermelhas e amarelas, o circo destacava a sua grande atração: QUINCAS ROTUNDO, O ANÃO VOADOR!

Sem dúvida, o único anão voador do mundo. E não estaria longe da verdade quem afirmasse tratar-se de um fenômeno. Ali, um equívoco genético armara um dos seus caprichos: muito baixo, com uma protuberância a crescer-lhe nas costas, tronco desproporcional para os braços curtos e pernas arqueadas, Quincas Rotundo logo chamava a atenção pelo impacto que causava a sua figura disforme. Que transformação, porém, quando subia nos trapézios! No ar, contrariava as mais elementares leis da aerodinâmica: a conformação do seu corpo deveria inviabilizar-lhe a agilidade e a leveza dos movimentos. Somente lá em cima, porém, sentia-se feliz e realizado, em plenitude. Na verdade, detestava o chão, onde era ridicularizado e sofria o vexame diário de todas as humilhações e apelidos aviltantes. Solto no espaço, revelava a mágica habilidade que maravilhava não apenas os freqüentadores do circo, mas, unanimemente, os seus próprios colegas de profissão, incapazes de entender o porquê de tanta destreza. Afinal, nos seus setenta centímetros de altura, feio e disforme, Quincas Rotundo era sobretudo um milagre

da natureza quando se alçava ao grande vão do circo encimado pelo toldo espesso e amarelado, que ele chegava a roçar nas suas imprevisíveis evoluções.

Naquele dia, o circo estava mais cheio do que de costume pela seqüência dos feriados que fizeram a direção incluir, no programa, números novos e mais variados. Nenhum, porém, que pudesse superar em audácia e beleza o vôo lépido de Quincas Rotundo junto das lonas, onde parecia flutuar, numa coreografia de braços e pernas que, por vezes, semelhavam grandes asas distendidas.

Quem visse o anão andar entendia menos ainda as razões da sua maestria. Desengonçado, mal se equilibrando nas pernas tocas e pequenas com ritmo inseguro, que buscava equilíbrio no contraponto dos braços curtos, Rotundo era objeto de risos e escárnio entre os seus próprios colegas. Com o passar dos anos, o anão aprendeu a domar a revolta contra as humilhações, pois, quando mais reagia, arreganhando os dentes como um macaco ferido e dando murros no ar, mais se intensificavam os apupos, que o faziam sofrer intensamente. Apenas nos trapézios o respeitavam, numa espécie de veneração coletiva, tributo ao seu imenso talento. E não era para menos, porque, nesses momentos, Quincas Rotundo era o mais perfeito acrobata que a cidade já vira, varando o espaço com tamanha leveza que seus gestos desenhavam, no ar, evoluções de finura e requintada elegância.

O próprio anão se transfigurava nas barras. Cada exibição tinha, para ele, o significado de uma disputa. Com obstinado esforço, buscava superar-se e provocar mais admiração, se isto fosse ainda possível. Dir-se-ia que o solo não era o seu habitat e que, por um desses obscuros designios, fora ele talhado para deslocar-se no ar, como um ágil habitante do espaço que tanto amava.

No alto, olhando a platéia boquiaberta lá embaixo a oscilar como um caleidoscópio expressionista, uma enorme tela de Pollock em que as cores, os traços e as formas se misturavam celereamente, o pequenino Rotundo esquecia-se da própria vida, como se,

acima da arraia miúda e da língua maldizente dos homens, pudesse realizar somente no espaço o seu ideal de felicidade e de pacificação interior.

Já de natureza arredia, o anão era visto cada vez menos nos momentos de descanso. Solitário numa barraca existente nos fundos do circo, aproveitava as folgas para ler e ouvir música: seu aspecto desagradável encobria uma sensibilidade extremamente receptiva a todas as coisas delicadas e belas, o que lhe tornava ainda mais angustiante a deformidade física. A reclusão que escolhera, porém, tinha também um motivo que o anão guardava como um segredo: Quincas Rotundo estava apaixonado por uma colega chegada há pouco, a bailarina Morgana, de qualidades artísticas discutíveis mas de uma luminosa e envolvente beleza, com dois obstáculos para os sonhos de amor do feio Quincas: descendente de alemães e italianos, Morgana era uma exuberante loura de quase dois metros de altura – e, além de tudo, casada.

A convicção de estar vivendo um caso de amor impossível, condenando-o a uma crescente amargura, acentuou no anão a tendência para o isolamento. Todos, porém, puderam sentir que ele se tornava cada vez mais arrojado, empolgando a platéia com evoluções nunca vistas, que contribuíam para aumentar-lhe a fama de mestre nos trapézios. Quincas Rotundo buscava superar-se menos porque desejasse novas glórias pessoais, mas sobretudo como uma forma de chamar a atenção da sua amada –que, salvo discretos cumprimentos ocasionais, risos dissimulados quando ele passava e palmas sinceras durante suas exhibições, praticamente desconhecia, no dia-a-dia do circo, a existência do anão, fato que o arrasava.

\* \* \*

Marcelinho Perestrelo, lá embaixo, perdido no meio da platéia, acompanhava Rotundo, naquele dia, com uma admiração próxima do êxtase. Quando via o anão voar de um trapézio para outro,

planando sobre o abismo como uma ave que flutuasse impulsionada por bruscos ventos favoráveis, o garoto se esquecia da sua condição de paraplégico e se imaginava nos trapézios, em companhia dele, os dois compondo uma dupla famosa. Marcelinho lia sobre grandes circos tudo o que lhe caía ao alcance dos olhos ávidos, projetando-se contra aqueles cenários de encantos e magia através de fantasias que não tinham fim. Entre Rotundo e Marcelinho formara-se uma corrente espontânea de simpatia e afeição: se o garoto não tirava os olhos do seu ídolo, este, que já sabia da admiração do pequeno fã, ao qual o ligava a solidariedade natural dos deformados, buscava sempre efeitos especiais que o encantassem. Mas Quincas Rotundo, naquele dia como nos demais, estava mais interessado em mostrar o seu valor para Morgana, que, terminado o seu espetáculo, o admirava lá embaixo, num canto isolado do picadeiro cheio de palhaços estridentes e desengonçados.

Quem viu, não esqueceu jamais aquela fantástica seqüência de pulos, evoluções, impulsos, acrobacias, contorsões, saltos duplos e triplos, arremetidas, cambalhotas artísticas entre os trapézios oscilantes, projeções que arrancavam gritos cada vez mais frenéticos de admiração e também de temor, pois, dispensando as redes de proteção, Rotundo se entregava à sua arte com desenvoltura até ali não conhecida e que assustava o próprio dono do circo, seu patrão, o avaro Ganimedes que o encarava como precioso investimento. Ninguém saberia dizer mais se ali, naquelas elevações sustentadas pelos altos e possantes mastros embandeirados, presas aos quais resfolegavam como seres vivos as lonas amarelas, estava em evoluções propriamente um ser humano ou simplesmente um maravilhoso pássaro liberto, de grandes asas a balançar de um lado para o outro, a subir e a descer em oscilações tão repentinas que a todos pareciam temerárias, como se o anão tivesse perdido a consciência da sua natureza de homem e se julgasse realmente um pássaro arrebatado, gaivota a planar sofregamente sobre a amplitude dos mares.

De lá de cima, Quincas Rotundo, embora visse a platéia como uma trepidante sucessão de imagens, pôde, alegre, distinguir o olhar maravilhado de Marcelinho e, mais feliz ainda, a expressão estupefata de Morgana. De súbito, o pensamento de Rotundo coincidiu com o de Marcelinho num ponto: os dois poderiam estar ali em cima formando uma dupla, ele levaria o pequeno em seus braços possantes, faria daquele ser indefeso e sofrido um parceiro não apenas de traumas mas também da alegria de voar, oscilar, equilibrar-se, planar, subir e descer, deslocar-se para a direita e para a esquerda, segurar com firmeza os trapézios escorregadios, balançar entre as imensas lonas amarelas. No delírio dos rodopios incessantes, das circunvoluções que já não tinham limites, também passou a imaginar que a sua adorada Morgana ali estaria com eles, constituindo um formidável trio, que se tornaria famoso em todo o mundo. E mais se esforçou para superar-se, ele, Marcelinho e Morgana unidos num só ato de amor e de amizade, os sofridos tendo afinal o direito à felicidade que a deformação física negava, em meio ao gozo cruel dos homens cá embaixo, sórdidos habitantes de um mundo injusto e violento...

E ninguém soube explicar o acontecido: de súbito, como se todo um encanto se quebrasse repentinamente, o anão, ao pensar que nunca teria o amor da bela Morgana, que jamais poderia extravasar o sentimento que o sufocava sem correr o risco de zombaria e afronta de todo o circo, ferido eilhado no seu sofrimento, estremeceu, perdeu o domínio de si mesmo e não alcançou o trapézio da esquerda: estarcidos, todos viram que ele despencaria como um bloco pesado de alvenaria, mas o ágil Rotundo conseguiu, numa última contorsão magistral, girar sobre o próprio corpo para reequilibrar-se no ar. Parecia, ó espantos, que aquele homem baixo, corpulento e disforme era agora um verdadeiro deus do espaço, de pernas longas, braços possantes e corpo perfeito, a aproximar-se resolutamente do trapézio que lhe faltara...

... Mas Quincas Rotundo desabou como um corpo que tomba, um avião despencado, um pássaro baleado em pleno vôo. E, sem a

rede de proteção, foi estatelar-se com estrondo bem próximo ao aterrorizado Marcelinho, inerte em sua cadeira de rodas quase atingida pelo impacto, para horror da platéia e particularmente da bela Morgana, que desmaiou levando nas retinas a imagem de Quincas Rotundo a flutuar, como um pássaro maravilhoso, entre os espaços balizados pelas altas lonas amarelas que ele nunca mais veria.

In: *O Telefone dos Mortos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, 238 p.

João Carlos Teixeira Gomes (Salvador, BA, 1936 —).

Obras, entre outras: *Ciclo imaginário* (1975); *A esfinge contemplada* (1988); *Glauber Rocha, esse vulcão* (1992).

## O SANTO QUE NÃO ACREDITAVA EM DEUS

João Ubaldo Ribeiro

Temos várias espécies de peixe neste mundo, havendo o peixe que come lama, o peixe que come baratas do molhado, o peixe que vive tomando sopa fazendo chupações na água, o peixe que, quando vê a fêmea grávida pondo ovos, não pode se conter e com agitação do rabo lava a água de esporras a torto e a direito ficando a água leitosa, temos o peixe que persegue os metais brilhantes, umas cavalas que pulam para fora bem como tainhas, umas corvinas quase que atômicas, temos por exemplo o niquim, conhecido por todas as orlas do Recôncavo, o qual peixe não somente fuma cigarros e cigarrilhas, preferindo a tálvis e o continental sem filtro, hoje em falta, mas também ferreia pior do que uma arraia a pessoa que futuca suas partes, rendendo febre e calafrios, porventura caganeiras, mormente frios e tantas coisas, temos os peixes tiburones e cações, que nunca podem parar de nadar para não morrer afogados.

É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pegue, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha. Entremeados, podemos ferrar o

baiacu e o barriga-me-dói, o qual o primeiro é venenoso e o segundo causa bostas soltas e cólicas. De uma ponte igual a essa, que já foi bastante melhor, podemos esperar também peixes de mais de palmo, porém menos de dois, que por aqui passam, dependendo do que diz o rei dos peixes, dependendo de uma coisa e outra. Um budião, um cabeçudo, um frade, um barbeiro. Pode ser um robalo ou uma agulha ou ainda uma moréia, isto dificilmente. O bom da pesca do peixe miúdo é quando estão mordendo verdadeiramente e sentamos na rampa ou então vamos esfriando as virilhas nestas águas de agosto e ficamos satisfeitos com aquela expedição e nada mais desejamos da vida.

Ou quando estamos como assim nesta canoa, porém nada mordendo, somente carrapatos. Nesses peixes miúdos de moqueca, esquecia eu de mencionar o carrapato, que não aparece muito a não ser em certas épocas, devendo ter recebido o nome de carrapato justamente por ser uma completa infernação, como os carrapatos do ar. Notadamente porque esse peixe carrapato tem a boca mais do que descomunal para o tamanho, de modo que botamos um anzol para peixes mais fundos, digamos um vermelho, um olho-de-boi, um peixe-tapa, uma coisa decente, quando que me vem lá de baixo, parecendo uma borboletinha pendurada na ponta da linha, um carrapato. Revolta a pessoa.

E estou eu colocando uma linha de náilon que me veio de Salvador por intermédio de Luiz Cuiúba, que me traz essa linha verde e grossa, com dois chumbos de cunha e anzóis presos por uma espécie de rosca de arame, linha esta que não me dá confiança, agora se vendo que é especializada em carrapatos. Mas temos uma vazante despreocupada, vem aí setembro com suas arraias no céu e, com esses dois punhados de camarão miúdo que Sete Ratos me deu, eu amarro a canoa nos restos da torre de petróleo e solto a linha pelos bordos, que não vou me dar ao desfrute de rodar essa linha esquisita por cima da cabeça como é o certo, pode ser que alguém me veja. Daqui diviso os fundos da Matriz e uns meninos como formiguinhas escorregando nas areias descarregadas pelos saveiros, mas o barulho deles chega a mim depois da vista e assim os gritos deles parecem uns

rabos compridos. Temos uma carteira quase cheia de cigarros; uma moringa, fresca, fresca; meia quartinha de batida de limão; estamos sem cueca; a água, se não fosse a correnteza da vazante, era mesmo um espelho; não falta nada e então botamos o chapéu um pouco em cima do nariz, ajeitamos o corpo na popa, enrolamos a linha no tornozelo e quedamos, pensando na vida.

Nisso começa o carrapato, que no princípio tive na conta de baiacus ladrões. Quem está com dois anzóis dos grandes, pegou isca de graça a mulher já mariscou a comida do meio-dia pode ser imaginado que não vai dar importância a beliscão leve na linha. Nem leve nem pesado. Se quiser ferrar, ferre, se não quiser não ferre. Isso toda vez eu penso, como todo mundo que tem juízo, mas não tem esse santo que consiga ficar com aqueles puxavantes no apeedor sem se mexer e tomar uma providência. Estamos sabendo: é um desgraçado de um baiacu. Se for, havendo ele dado todo esse trabalho, procuraremos arrancar o anzol que o miserável engole e estropia e trataremos de coçar a barriga dele e, quando inchar, dar-lhe um pipoco, pisando com o calcanhar. Mas como de fato não é um baiacu, mas um carrapato subdesenvolvido, um carrapatinho de merda, com mais boca do que qualquer outra coisa, boca essa assoberbando um belo anzol preparado pelo menos para um dentão, não se pode fazer nada. Um carrapato desses a pessoa come com uma exclusiva dentada com muito espaço de sobra, se valesse a pena gastar fogo com um infeliz desses. Vem aí, carrapato na poça d'água do fundo da canoa e, dessa hora em diante, um carrapato por segundo mordendo o anzol, uma azucrinação completa. Foi ficando aquela pilha de carrapatinhos no fundo da canoa e eu pensei que então não era eu quem ia aparecer com eles em casa, porque com certeza iam perguntar se eu tinha catado as costas de um jegue velho e nem gato ia querer comer aquilo. Pode ser que essa linha de Cuiúba tenha especialidade mesmo em carrapato, pode ser qualquer coisa, mas chega a falta de vergonha ficar ali fisingando esses carrapatos, de maneira que só podemos abrir essa quartinha, retirar o anzol da água, verificar se vale a pena remar até o pesqueiro de Paparrão nesta soalheira, pensar que pressa é

essa que o mundo não vai acabar, e ficar mamando na quartinha, viva a fruta limão, que é curativa.

Nisto que o silêncio e, pelo lado, eu sinto que tem alguma coisa em pé pelas biribas da torre velha e eu não tinha visto nada antes, não podendo também ser da aguardente, pois que muito mal tomei dois goles. Ele estava segurando uma biriba coberta de ostras com a mão direita, em pé numa escora, com as calças arregaçadas, um chapéu velho e um suspensório por cima da camisa.

— Ai égua! — disse eu. — Veio nadando e está enxuto?

— Eu não vim nadando — disse ele. — Muito peixe?

— Carrapato miúdo.

— Olhe ali — disse ele, mostrando um rebrilho na água mais para o lado da Ilha do Medo. — Peixe.

Ora, uma manta de azeiteiras vem vindo bendodela, costeando o perau. É conhecida porque quebra a água numa porção de pedacinhos pela flor e aquilo a muitas lâminas, bordejando e brilhando. Mas dessas azeiteiras, como as peixas chamadas solteiras, não se pode esperar que mordam anzol, nem mesmo morram de bomba.

— Azeiteira — disse eu. — Só mesmo uma bela rede. E mais canoa e mais braço.

— Mas eles ficam pulando — disse ele, que tinha um sorriso entusiasmado, possivelmente porque era difícil não perceber que a água em cima como que era o aço de um espelho, só que aço mole como o do termômetro, e então cada peixe que subia era um orador. Aí eu disse, meu compadre, se vosmecê botar um anzol e uma dessas meninas gordurentas morde esse tal anzol, eu dou uma festa para você no hotel — ainda que mal pergunte, como é a sua graça?

Assim levamos um certo tempo, porque ele se encabulou, me afirmando que não apreciava mentir, razão por que preferia não se apresentar, mas eu disse que não botava na minha canoa aquele de quem não sabia o nome e então ficasse ali o resto da manhã, a tarde e a noite pendurado nas biribas, esperando Deus dar bom tempo. Mas que coisa interessante, disse ele dando um suspiro, isso que você falou.

— É o seguinte — disse ele, dando outro suspiro. — É porque eu sou Deus.

Ora, ora me veja-me. Mas foi o que ele disse e os carrapatinhos, que já gostam de fazer corrote-corrote com a garganta quando a gente tira a linha da água, ficaram muitíssimos assanhados.

— É mais o seguinte — continuou ele, com a expressão de quem está um pouco enfadado. — Está vendo aqui? Não tem nada. Está vendo alguma coisa aqui? Nada! Muito bem, daqui eu vou tirar uma porção de linhas e jogar no meio dessas azeiteiras. E dito e feito, mais ligeiro que o trovão, botou os braços para cima e tome tudo quanto foi tipo de linha saindo pelos dedos dele, pareciam um arco-íris. Ele aí ficou todo monarca, olhando para mim com a cara de quem eu não sou nem principiante em peixe e pesca. Mas o que aconteceu? Aconteceu que, na mesma hora, cada um dos anzóis que ele botou foi mordido por um carrapato e, quando ele puxou, foi aquela carrapatada no meio da canoa. Eu fiz: quá-quá-quá, não está vendo tu que temos somente carrapatos? Carrapato, carrapato, disse eu, está vendo a cara do besta? Ele, porém, se retou.

— Não se abra, não — disse ele — que eu mando o peixe lhe dar porrada.

— Porrada dada, porrada respostada — disse eu.

Para que eu disse isto, amigo, porque me saiu um mero que não tinha mais medida, saiu esse mero de junto assim da biritaba, dando um pulo como somente cavacos dão e me passou uma rabanada na cara que minha cara ficou vermelha dois dias depois disto.

— Onde saiu essa, sai mais uma grossa! — disse ele dando risada e o mero ficou a umas três braças da canoa, mostrando as gengivas com uma cara de puxa-saco.

— Não procure presepada, não — disse ele. — Senão eu mando dar um banho na sua cara.

— Mande seu banho — disse eu, que às vezes penso que não tenho inteligência.

Pois não é que ele mandou esse banho, tendo saído uma onda da parte da Ponta de Nossa Senhora, curvando como uma alface aborrecida a ponta da coroa, a qual onda deu tamanha porrada na canoa que ficemos flutuando no ar vários momentos.

— Então? — disse ele. — Eu sou Deus e estou aqui para tomar um par de providências, sabe vosmecê onde fica a feira de Maragogipe?

— Qual é feira de Maragogipe nem feira de Gogiperama — disse eu, muito mais do que emputecido, e fui caindo de pau no elemento, nisso que ele se vira num verdadeiro azougue e me desce mais que quatrocentos sopapos bem metidos, equivalentemente a um catavento endoi-dado e, cada vez que eu levantava, nessa cada vez eu tomava uma porrada encaixada. Terminou nós caindo das nuvens, não sei qual com mais poeira em torno da garupa. Ele, no meio da queda, me deu uns dois tabefes e me disse: está convertido, convencido, inteirado, percebido, assimilado, esclarecido, explicado, destrinchado, compreendido, filho da puta? E eu disse sim senhor, Deus é mais. Pare de falar em mim, sacaneta, disse ele, senão lhe quebro todo na porrada. Reze aí um padre-nosso antes que eu me aborreça, disse ele. Cale essa matraca, disse ele.

Então eu fui me convencendo, mesmo porque ele não estava com essas paciências todas, embora se estivesse vendo que ele era boa pessoa. Esclareceu que, se quisesse, podia nadar em cima do mar, mas era por demais escandaloso esse comportamento, podendo chamar a atenção. Que qualquer coisa que ele resolvesse fazer ele fazia e que eu não me fizesse de besta e que, se ele quisesse, transformava aqueles carrapatos todos em lindos robalos frescos. No que eu me queixei que dali para Maragogipe era um bom pedaço e que era mais fácil um boto aparecer para puxar a gente do que a gente conseguir chegar lá antes que a feira acabasse e aí ele mete dois dedos dentro da água e a canoa sai parecendo uma lancha da Marinha, cismando por cima dos rasos e empinando a proa como se fosse coisa, homem ora. Achei falta de educação não oferecer um pouco do da quartinha, mas ele disse que não estava com vontade de beber.

Nisso vamos chegando muito rapidamente a Maragogipe e Deus puxa a poita desparramando muitos carrapos pelos lados e fazendo a alegria dos siris que por ali pastejam e sai como que nem um peixe-voador. No meio do caminho, ele passa bastante desencalmado e salva duas almas com um toque só, uma coisa de repelada como somente quem tem muita prática consegue fazer, vem com a experiência. Porque ele nem estava olhando para essas duas almas, mas na passagem deu um toque na orelha de cada uma e as duas saíram voando ali mesmo, igual aos Martins depois do orgulho. Mas aí ele ficou sem saber para onde ia, na beira da feira, e então eu cheguei perto dele.

— Tem um rapaz aqui — disse Deus, coçando a gaforinha meio sem jeito — que eu preciso ver.

Mas por que vosmecê não faz um milagre e não acha logo essa pessoa? — perguntei eu, usando o vosmecê, porque não ia chamar Deus de você, mas também não queria passar por besta se ele não fosse.

— Não suporto fazer milagre — disse ele. — Não sou mágico. E, em vez de me ajudar, porque é que fica aí falando besteira?

Nessa hora eu quase ia me aborrecendo, mas uma coisa fez que eu não mandasse ele para algum lugar, por falar dessa maneira sem educação. É que, sendo ele Deus, a pessoa tem de respeitar. Muito: três coisas, duas além dessa. A segunda é que pensei que ele, sendo carpina por profissão, não estava acostumado a finuras, o carpina no geral não alimenta muita conversa nem gosta de relambórios. A terceira coisa é que, justamente por essa profissão e acho que pela extração dele mesmo, ele era bastante desenvolvidozinho, aliás, bem dizendo, um pau de homem enormíssimo, e quem era que estava esquecendo aquela chuva de sopapos e de repente ele me amaldiçoa feito a figueira e eu saio por aí de perna peca no mínimo, então vamos tratar ele bem, quem se incomoda com essas bobagens? Indaguei com grande gentileza como é que eu ia ajudar que ele achasse essa bendita dessa criatura que ele estava procurando logo na feira de Maragogipe,

no meio dos cajus e das rapaduras, que ele me desculpasse, mas que pelo menos me dissesse o nome do homem e a finalidade da procura. Ele me olhou assim na cara, fez até quase que um sorriso e me explicou que ia contar tudo a mim, porque sentia que eu era um homem direito, embora mais cachaceiro do que pescador. Em outro caso, ele podia pedir segredo, mas em meu caso ele sabia que não adiantava e não queria me obrigar a fazer promessa vã. Que então, se eu quisesse, que contasse a todo mundo, que ninguém ia acreditar de qualquer jeito, de forma que tanto faz como tanto fez. E que escutasse tudo direito e entendesse de uma vez logo tudo, para ele não ter de repetir e não se aborrecer. Mas Deus, ah, você não sabe de nada, meu amigo, a situação de Deus não está boa. Você imagine como já é difícil ser santo, imagine ser Deus. Depois que eu fiz tudo isto aqui, todo mundo quer que eu resolva os problemas todos, mas a questão é que eu já ensinei como é que resolve e quem tem de resolver é vocês senão, se fosse para eu resolver, que graça tinha? É homens ou não são? Se fosse para ser anjo, eu tinha feito todo mundo logo anjo, em vez de procurar tanta chateação com vocês, que eu entrego tudo de mão beijada e vocês aprontam a pior melanja. Mas, não: fiz homem, fiz mulher, fiz menino, entreguei o destino: está aqui, vão em frente, tudo com liberdade. Aí fica formada por vocês mesmos a pior das situações, com todo mundo passando fome sem necessidade e cada qual mais ordinário do que o outro, e aí o culpado sou eu? Inclusive, toda hora ainda tenho de suportar ouvir conselhos: se eu fosse Deus, eu fazia isto, se eu fosse Deus eu fazia aquilo. Deus não existe porque essa injustiça e essa outra e eu planejava isso tudo muito melhor e por aí vai. Agora, você veja que quem fala assim é um pessoal que não acerta nem a resolver um problema de uma tabela de campeonato, eu sei porque estou cansado de escutar rezas de futebol, costume mandar desligar o canal, só em certos casos não. Todo dia eu digo: chega, não me meto mais. Mas fico com pena, vou passando a mão pela cabeça, pai é pai, essas coisas. Agora, milagre só em último caso. Tinha graça eu sair fazendo milagre, aliás tem muitos que me arrependo por causa da

propaganda besta que fazem, porque senão eu armava logo um milagre grande e todo mundo virava anjo e ia para o céu, mas eu não vou dar essa moleza, está todo mundo querendo moleza. A dar essa moleza, eu vou e descreio logo tudo e pronto e ninguém fica criado, ninguém tem alma, pensamento nem vontade, fico só eu sozinho por aí no meio das estrelas me distraíndo, aliás tenho sentido muita falta. É porque eu não posso me aporrinhar assim, tenho que ter paciência. Senão, disse ele, senão... e fez uma menção que ia dar um murro com uma mão na palma da outra e eu aqui só torcendo para que ele não desse, porque, se ele desse, o mínimo que ia suceder era a refinaria de Mataripe pipocar pelos ares, mas felizmente ele não deu, graças a Deus.

Então, explicou Deus, eu vivo procurando um santo aqui, um santo ali, parecendo até que sou eu, é vocês, mas tudo bem. Agora, é preciso que você me entenda: o santo é o que faz alguma coisa pelos outros, porque somente fazendo pelos outros é que se faz por si, ao contrário do que se pensa muito por aí. Graças a mim que de vez em quando aparece um santo, porque senão eu ia pensar que tinha errado nos cálculos todos. Fazer por si é o seguinte: é não me envergonhar de ter feito vocês igual a mim, é só o que eu peço, é pouco, é ou não é? Então quem colabora para arrumar essa situação eu tenho em grande apreço. Agora, sem milagre. Esse negócio de emergência, uma correçãozinha que a gente dá. Esse pessoal não entende que, toda vez que eu faço um milagre, tem de reajustar tudo, é uma trabalhadeira que não acaba, a pessoa se afadiga. Buliu aqui, tem de bulir ali, é um inferno, com perdão da má palavra. O santo anda difícilimo. Quando eu acho um, boto as mãos para o céu.

Tendo eu perguntado como é que ele botava as mãos para o céu e tendo ele respondido que eu não entendia nada de Santíssima Trindade e calasse minha boca, esclareceu que estava procurando um certo Quinca, conhecido como Das Mulas, que por ali trabalhava. Mas como esse Quinca, perguntei, não pode ser o mesmo Quinca! Pois esse Quinca era chamado Das Mulas justamente por viver entre burros e mulas e antigamente podendo ter sido um rapaz rico, mas

havendo dado tudo aos outros e passando o tempo causando perturbação, ensinando besteiras e fazendo questão de dar uma mão a todos que ele dizia que eram boas pessoas, sendo estas boas pessoas dele todas desqualificadas. Porém ninguém fazia nada com ele porque o povo gostava muito dele e, quando ele falava, todo mundo escutava. Além de tudo, gastava tudo com os outros e vivia dando risadas e tomava poucos banhos e era um homem desaforado e bebia bastante cana, se bem que só nas horas que escolhia, nunca em outras. E, para terminar, todo mundo sabia que ele não acreditava em Deus, inclusive brigava bastante com o padre Manuel, que é uma pessoa distintíssima e sempre releva.

— Eu sei — respondeu Deus. — Isto é mais uma dificuldade.

E, de fato, fomos vendo que a vida de Deus e dos santos é muito dificultosa desde aí, porque tivemos de catar toda a feira atrás desse Quinca e sempre onde a gente passava ele já tinha passado. Ele foi encontrado numa barraca, falando coisas que a mulher de Lóide, aquela outra santa, fingia que achava besteira, mas estava se convencendo e então eu vi aquilo ia acabar dando problema. Olha aí, mostrei eu, ele ali causando divergência. É isso mesmo, disse Deus com olhar de grande satisfação, certa feita eu também disse que tinha vindo separar homem e mulher. Não quero nem saber, me apresente.

E então tivemos um belo dia, porque depois da apresentação parece que Quinca já tinha tomado algumas e fomos comer um sarapatel, tudo na maior camaradagem, porque estava se vendo que Quinca tinha gostado de Deus e Deus tinha gostado dele, de maneira que ficaram logo muitíssimo amigos e foi uma conversa animada que até às vezes eu ficava meio de fora, eles tinham muita coisa a palesstrar. Nisso tome sarapatel até as três e todo mundo já de barriga altamente estufada, quando que Quinca me resolve tomar uma saideira com Deus e essa saideira é nada mais nada menos do que na casa de Adalberto, a qual tem mulheres putas. Nessa hora, minha obrigação, porque estou vendo que Deus está muito distraído e possa ser que não

esteja acostumado com essas aguardentes de Santo Amaro que ele tomou mais de uma vintena, é alertar. Chamei assim Deus para o canto da barraca enquanto Quinca urinava e disse olhe, você é novo por aqui, pelo menos só conhecíamos de missa, de maneira que essa Adalberta, não sei se você sabe, é cafetina, não deve ficar bem, não tenho nada com isso, mas não custa um amigo avisar. Ora, rapaz, você tem medo de mulher, disse Deus, que estava mais do que felicíssimo e, se não fosse Deus, eu até achava que era um pouco do efeito da bebida. Mas, se é ele que fala assim, não sou eu que fala assado, vá ver que temos lá alguma rapariga chamada Madalena, resolvi seguir e não perguntar mais nada.

Pois tomaram mais e fizeram muito grande sucesso com as mulheres e era uma risadaria, uma coisa mesmo desproporcionada, havendo mesmo um serviço de molho pardo depois das seis, que a fome apertou de novo, e bastantes músicas. Cada refrão que Quinca mandava, cada refrão Deus repicava, estava uma farra lindíssima, porém sem maldade, e Deus sabia mais sambas de roda que qualquer pessoa, leu mãos, recitou, contou passagens, imitou passarinho com perfeição, tirou versos. Ficou logo estimadíssimo. Eu, que estava de reboque bebendo de graça e já tinha aprendido que era melhor ficar calado, pude ver com o rabo do olho que ele estava fazendo uns milagres disfarçados, a mim ele não engana. As mulheres todas parece que melhoraram de beleza, o ambiente ficou de uma grande leveza, a cerveja parecia que tinha saído do congelador porém sem empedrar e, certeza eu tenho mas não posso provar, pelo menos umas duas blenorragias ele deve de ter curado, só pelo olhar de simpatia que ele dava. E tivemos assim belas trocas de palavras e já era mais do que onze quando Quinca convidou Deus para ver as mulas e foram vendo mulas que parecia que Deus, antes de fazer o mundo, tinha sido tropeiro. E só essa tropica e essa não empaca e essa não empaca, essa tem a andadura rija, essa pisa pesado, essa está velha, um congresso de muleiros, essa é que é a verdadeira.

É assim que vemos a injustiça, porque, a estas alturas, eu já estou sabendo que Deus veio chamar Quinca para santo e que dava um trabalho mais do que lascado, só o que ele teve de estudar sobre mulas e decorar de sambas de roda deve ter sido uma esfrega. Mas eu já estava esperando que, de uma hora para outra, Deus desse o recado para esse Quinca das Mulas. Como de fato, numa hora que a conversa parou e Quinca estava só estalando a língua da cachaça e olhando para o espaço, Deus, como quem não quer nada, puxou a prosa de que era Deus e tal e coisa.

Ah, para quê? Para Quinca dizer que não acreditava em Deus. E para Deus, no começo com muita paciência, dizer que era Deus mesmo e que provava. Fez uns dois milagres só de efeito, mas Quinca disse que era truque e que, acima de tudo, o homem era homem e, se precisasse de milagre, não era homem. Deus, por uma questão de honestidade, embora o coração pedisse contra nessa hora, concordou. Então ande logo por cima da água e não me abuse, disse Quinca. E eu só preocupado com a falta de paciência de Deus, porque, se ele se aborresse, eu queria pelo menos estar em Valença, não aqui nesta hora. Mas ele só patati-patatá, que porque ser santo era ótimo, que tinha sacrifícios mas também tinha recompensas, que deixasse daquela besteira de Deus não existir, só faltou prometer dez por cento. Mas Quinca negaceava e a coisa foi ficando preta e os dois foram andando para fora, num particular e, de repente, se desentenderam. Eu, que fiquei sentado longe, só ouvia os gritos, meio dispersados pelo vento.

— Você tem que ser santo, seu desgraçado! — gritava Deus.

— Faz-se de besta! — dizia Quinca.

E só quebrando porrada, pelo barulho, e eu achando que, se Deus não ganhasse na conversa, pelo menos ganhava na porrada, eu já conhecia. Mas não era coisa fácil. De volta de meia-noite e meia até umas quatro, só se ouvia aquele cacete: deixe de ser burro, infeliz! Cale essa boca, mentiroso! E por aí ia. Eu só sei que, umas cinco horas mais ou menos, com Gerdásia do mercado trazendo um mingau do que ela ia vender na praça e fazendo a caridade de dar um pouco para

mim e para Deus, por sinal que ele toma mingau que ele toma mingau como se fosse acabar amanhã e não tivesse mais tempo, os dois resolveram apertar a mão, porém não resolveram mais nada: nem Deus desistia de chamar Quinca para o cargo de santo, nem Quinca queria aceitar o cargo.

— Muito bem — disse Deus, depois de uma porção de vezes que todo mundo dizia que já ia, mas enganchava num resto de conversa e regressava. — Eu volto aqui outra vez.

— Voltar, pode voltar, terá comida e bebida — disse Quinca.  
— Mas não vai me convencer!

— Rapaz, deixe de ser que nem suas mulas!

— Posso ser mula, mas não tenho cara de jegue!

E aí mais pau, mas, quando o dia já estava moço, aí por umas seis ou sete horas da manhã, estamos Deus e eu navegando de volta para Itaparica, nenhum dos dois falando nada, ele porque fracassou na missão e eu porque não gosto de ver um amigo derrotado. Mas, na hora que nós vamos passando pelas encostas do Forte, quase nos esquecendo da vida pela beleza, ele me olhou com grande simpatia e disse: fracasso nada, rapaz. Não falei nada, disse eu. Mas senti, disse ele. Se incomode não, disse ele, nem toda pesca rende peixe. E então ficou azul, esvoaçou, subiu nos ares e desapareceu no céu.

In: *Já Podeis da Pátria Filhos*. 2ª ed. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, 200 p.

João Ubaldo Ribeiro (Itaparica, BA, 1941 —).

Obras, entre outras: *Sargento Getúlio* (1971); *Viva o povo brasileiro* (1984); *O sorriso do lagarto* (1989).

## **DE COMO O MULATO PORCIÚNCULA DESCARREGOU SEU DEFUNTO**

Jorge Amado

O Gringo aportara ali há muitos anos, era calado e loiro, nunca vi ninguém gostar tanto de cachaça. Dizer que emborcava a branquinha como se fosse água não é vantagem, pois isso todos nós fazíamos, Deus seja louvado!, mas ele podia passar dois dias e duas noites mamando garrafas e não se alterava. Não dava para falador, não puxava briga, não cantava canções de outros tempos, não vinha recordar seus desgostos passados. Caladão era, caladão ficava, só os olhos azuis se apertavam, cada vez mais miúdos, uma brasa vermelha dentro de cada vista, queimando o azul.

Contavam muitas histórias sobre ele, algumas tão bem amarradas que dava gosto escutar. Tudo por ouvir dizer, porém, pois da boca do Gringo nada de certo se sabia, boca trancada, não se abrindo nem nos dias de festa gorda, quando as pernas ficavam como chumbo de tanta cachaça acumulada nos pés. Nem mesmo Mercedes, cujo fraco pelo Gringo não era segredo para nenhum de nós, curiosa como ela só, jamais conseguira arrancar sequer um dado preciso sobre a tal mulher que o Gringo matara em sua terra e sobre o homem por ele

perseguido anos a fio, por lugares sem conta, até lhe enfiar a faca no bucho. Quando ela perguntava, nos dias de cachaça maior que o respeito, o Gringo ficava olhando ninguém sabe o quê, com seus olhos miúdos, olhos azuis, agora rubros, apertadinhos, e articulava um som como grunhido, de duvidosa significação. Essa história da mulher com dezessete facadas nas partes baixas, nunca consegui saber como veio parar ali, entupida de minúcias, e mais o caso do moço patrício dele, perseguido de porto em porto, até o Gringo lhe enfiar a faca, a própria com que matara a mulher com as dezessete facadas, todas nas partes baixas. Não sei mesmo, pois se ele carregava esses mortos consigo nunca quis se aliviar da carga nem quando, de tão bêbado, fechava os olhos e as brasas vermelhas caíam no chão, bem nos pés da gente. E olhem que morto é carga pesada, já vi muito homem valente largar seu fardo até em mão de desconhecido quando a cabeça aperta. Quanto mais dois defuntos, mulher e homem, de faca no bucho... O Gringo nunca arriou os dele, por isso tinha as costas curvadas, do peso, sem dúvida. Não pedia ajuda mas por ali contavam com minudência e era até uma história bem engraçada, com seus pedaços para rir e seus pedaços para chorar, como deve ser uma boa história.

Mas não é nenhum caso do Gringo que quero contar agora, isso fica para outra vez, mesmo porque exige tempo, não é com uma cachacinha besta — sem querer ofender os presentes — que se pode falar do Gringo e desenrolar o novelo de sua vida, desfazer as meadas do seu mistério. Fica para outra vez, se Oxalá permitir. Não hão de faltar ocasião nem pinga, os alambiques estão trabalhando dia e noite para quê?

O Gringo só entra aqui como quem diz de passagem, pois veio, naquela noite de chuva, nos recordar estarmos nas vésperas de Natal. Coisas lá da terra dele, onde Natal é festa de arromba, mas não aqui, nada a comparar-se com as festas de São João, começando nas de Santo Antônio e emendando nas de São Pedro, ou com as águas de Oxalá, a festa do Bonfim, as obrigações de Xangô, meu pai, sem falar na Conceição da Praia (aquilo é que é festa!). Porque festa aqui não falta nem a gente precisa ir pedir de empréstimo a forasteiro nenhum.

Ora, o Gringo lembrou o Natal mesmo na hora em que Porciúncula, aquele mulato da história do cachorro cego esmoler, mudou de lugar e sentou-se no caixão de querosene, cobrindo o copo com a palma da mão para defender a sua cachacinha da voracidade das moscas. Mosca não bebe cachaça? Os distintos me desculpem mas só dizem essa bobagem porque não conheceram as moscas da venda de Alonso. Eram umas viciadas, doidas por uma pinga, metiam-se copo adentro, provavam sua gotinha e saíam voando, zunindo como besouro. Não havia jeito de convencer Alonso, espanhol cabeçudo, de dar fim às desgraçadas. Ele dizia, e não deixava de ter razão, que comprara a venda com as moscas, não ia agora desfazer-se delas com prejuízo, só porque gostavam de provar um bom parati. Não era motivo suficiente, disso gostavam também seus fregueses e não ia despedi-los.

Não sei se o mulato Porciúncula trocou de lugar para ficar mais perto da luz da placa de querosene ou se já levava a intenção de contar a história de Teresa Batista e de sua aposta. Naquela noite, como eu já expliquei, faltara luz em todo aquele pedaço de cais e Alonso acendera a placa resmungando. Vontade ele tinha de nos botar para fora, mas não podia. Estava chovendo, uma dessas chuvinhas cabronas que molham mais do que água benta, penetram na carne e nos ossos. Alonso era um espanhol educado, aprendera muita educação num hotel onde fora moço de recados. Por isso acendeu a placa e ficou fazendo suas contas com um toco de lápis. A gente disso e daquilo, xingava as moscas, pulava de assunto, matando o tempo como podia. Até quando Porciúncula mudou de lugar e o Gringo grunhiu aquela besteira sobre Natal, qualquer coisa sobre neve e árvores iluminadas. Porciúncula não ia deixar escapar uma ocasião daquelas. Enxotou as moscas, engoliu a cachaça, anunciou com uma voz macia:

— Foi numa noite de Natal que Teresa Batista ganhou a aposta e começou vida nova.

— Que aposta? — Se a intenção de Mercedes era animar Porciúncula com a pergunta, nem precisava abrir a boca. Porciúncula não era de precisar de esporão, nem se fazia de rogado. Alonso largou

o toco de lápis, encheu os copos novamente, as moscas zuniam, convencidas de que eram besouro — umas bêbedas! — Porciúncula emborcou a branquinha, temperou a garganta, começou sua história. Esse Porciúncula era o mulato mais bem falante que eu conheci, o que é muito dizer. Tão cheio de letras, tão da maciota, que não se sabendo de seus particulares podia se pensar ter ele alisado banco de escola, quando outra escola não lhe dera o velho Ventura senão a rua e a beira do cais. Era um sabiá para contar e se ele amolecer na minha boca, a culpa não é nem do acontecido nem do mulato Porciúncula.

Porciúncula esperou um pouco até Mercedes se acomodar no chão, apoiada nas pernas do Gringo, para melhor ouvir. Aí explicou que Teresa Batista só apareceu no cais depois do enterro da irmã, umas semanas depois, o tempo da notícia chegar onde elas viviam, seu tanto longe. Veio para saber direito do acontecido e ficou. Parecia com a irmã mas era uma parecença só de cara, de fora, não de dentro, pois aquele jeito de Maria do Véu nenhuma outra teve, nem nunca terá. Foi por isso que Teresa ficou toda vida Teresa Batista, com o nome com que nasceu, sem ninguém achar necessário mudar. Enquanto isso, quem, algum dia, se lembrou de chamar Maria do Véu de Maria Batista?

Mercedes, perguntadeira, quis saber quem era, afinal, essa tal Maria e por que do Véu.

Era Maria Batista, irmã de Teresa, explicou Porciúncula, com paciência. E contou que apenas Maria do Véu. Por causa daquela mania de não perder casamento, de olho arregalado para os vestidos de noiva. Essa Maria do Véu foi muito falada na beira do cais. Era uma boniteza e Porciúncula, todo cheio de letras, dizia que ela semelhava uma aparição vinda do mar, à noite, quando rondava no porto. Ficara tão do cais, como se ali tivesse nascido, quando, em vez disso, veio foi do interior, vestida de mulambos e ainda com a lembrança das pancadas. Porque o velho Batista, seu pai, não era de pilhérias e quando soube do acontecido, que o filho do coronel Barbosa tinha tirado os três da bichinha, ainda verdinhos que nem araçá, virou fera, agarrou

o cajado e deu nela de tirar bicho. Depois botou ela pela porta afora, não queria mulher-dama em sua casa. Lugar de mulher-dama é em rua de canto, lugar de perdida é em rua de perdição. Assim dizia o velho, baixando o porrete na menina, cheio de raiva, ainda mais de dor, de ver a filha de quinze anos, bonita como sereia, já sem os três, sem outra serventia senão para puta. Foi assim que Maria Batista virou Maria do Véu e terminou vindo pra capital pois lá na terra dela, um fim de mundo, não havia outro futuro na carreira de meretriz. Quando chegou, andou batendo a cabeça de um lado pra outro, terminou aportando na Ladeira de São Miguel, tão menina ainda que Tibéria, dona do castelo onde ela arriou a trouxa, perguntou se ela pensava que ali era escola primária.

Muitos dos particulares do acontecido antes e depois, Porciúncula soube da boca de Tibéria, pessoa do maior respeito e a melhor dona de casa de rapariga que já teve na Bahia. Não é por ser ela minha comadre que louvo sua conduta, ela não precisa disso, quem não conhece Tibéria e não respeita seus predicados? Gente boa está ali, mulher de uma só palavra, coração de doce de coco, ajudando meio mundo. No castelo de Tibéria é tudo uma família só, não é cada um por si e Deus por todos, nada disso. É tudo na harmonia, é tudo uma família unida. Porciúncula era muito do coração de Tibéria, pessoa da casa, sempre enrabichado por uma das meninas, sempre pronto a consertar um cano de água, a mudar as lâmpadas queimadas, a tapar as goteiras do telhado, a botar pra fora, com um pontapé na bunda, qualquer ousado metido a besta que faltasse ao respeito. Pois foi Tibéria quem lhe contou tudo, tim-tim por tim-tim, e assim ele pôde desenvolver sua história do começo até ao fim sem tropeçar em nenhum pedaço. Ele se interessou tanto porque, mal batucou os olhos em Maria, ficou perdido por ela, num xodó desses sem remédio.

Maria, assim que chegou, ficou logo sendo a caçula da casa, nem tinha ainda dezesseis anos, muito mimada por Tibéria e pelas mais velhas, que a tratavam como filha, enchendo a bichinha de denegos. Até uma boneca lhe deram para substituir a bruxa de pano com

que ela brincava de noivado e casamento. Maria do Véu fazia a vida pelo cais, gostava de espiar o mar, coisa de gente do interior. Apenas a noite ameaçava e já ela, fosse luar ou chovesse, chuva fina ou temporal, andava pelas bordas do mar, esperando freguesia. Tibéria ralhava com ela, se rindo: por que Maria não ficava no castelo, bem do seu, vestida com sua bata florada, esperando os ricos, doidos por menina novinha assim como ela? Podia até arranjar um protetor rico, um velho que se embeicasse, e aí seria a boa vida, regalada, sem precisar dormir com um e com outro, à razão de dois ou três por noite. No castelo mesmo, sem ir mais longe, tinha o exemplo de Lúcia, visitada uma vez por semana pelo desembargador Maia, que lhe dava de um tudo. Até um emprego de porteiro arranjava para o folgado do Bercelino, xodó de Lúcia. Tibéria se admirava também de Maria não corresponder a Porciúncula, o mulato se roendo de paixão pela menina, ela dormindo com uns e com outros, menos com ele. Com ele andava de mãos dadas por Mont Serrat, olhando o mar, ou bem ia ao lado dele, num dengue de namorada, quando a gente saía para uma peixada num saveiro, em uma noite de lua. Contando ao mulato os casamentos que tinham assistido, a beleza do vestido de noiva, o comprimento do véu. Mas, na hora de deitar pra fazer o que é bom, nessa hora ela dava boa-noite, deixava Porciúncula sem jeito, abobalhado.

Assim mesmo Porciúncula contou naquela noite de chuva, quando o Gringo recordou o Natal. Por isso eu gosto de caso narrado por ele: o mulato nem pra se beneficiar torce o acontecido. Bem podia dizer que tinha comido ela, e muitas vezes até. Era isso que todo mundo pensava, tanto eles tinham sido vistos juntos na beira do cais. Podia ter-se gabado, mas, em vez disso, contou mesmo como tinha sido e pra muitos de nós não foi surpresa. Maria deitava com um e com outro, se animava na hora, não era que não gostasse. Mas depois de terminado, terminado estava, nem queria conversa. Gostar mesmo, desse gostar sem fim, de xodó doente, de sofrer por não ver, etc. e tal, ah! Ela nunca gostou de nenhum. A não ser que tivesse gostado do mulato Porciúncula mas, então, por que nunca dormiu com ele? Ficava

com ele sentada na areia, metendo os pés dentro d'água, brincando com as ondas, espiando o fim do mar que ninguém consegue enxergar. Quem já viu o fim do mar? Algum dos distintos? Desculpem, mas não creio.

Quem estava enrabichado era mesmo o mulato Porciúncula, não passava noite sem procurar Maria na beira do mar, espiando seu requebrar, nela querendo naufragar. Assim mesmo ele contou, nada escondeu, e ainda então o xodó lhe doía, amolecia sua voz. Por isso de estar enrabichado que nem um cachorro sem dono, farejava tudo que era notícia de Maria do Véu e Tibéria andou lhe soprando umas coisas no ouvido. Foi assim que ele foi desfiando o enredo, botando os andaimes da história de Maria até o caso do enterro.

Quando o filho do coronel Batista, moço estudante bem apessoado, tirou os tampos de Maria, nas férias, ela não tinha completado os quinze anos mas já botara corpo e peito de mulher. Mulher só de vista, por dentro menina ainda, brincando o dia todo com uma bruxa de pano, dessas de 200 réis na feira. Arranjava retalho de fazenda, cosia para a bruxa vestidos de noiva, com véu e tudo. Dia de casamento na igreja daquele fim de mundo, e lá estava Maria espiando, de olho grudado no vestido da noiva. Só pensava no bom que era vestir um vestido assim, todo branco, com véu arrastando e flores na testa. Fazia vestidos para a bruxa, conversava com ela e todos os dias arranjava-lhe um casamento só para vê-la de véu e grinalda. Com todos os bichos do terreiro casou a bruxa, sobretudo com a galinha velha e cega que era ótima para noivo porque não saía fugindo, ficava acocorada na sua cegueira obediente. Ora, quando o filho do coronel Barbosa disse a Maria: “Você já está boa pra casar, menina. Quer casar comigo?”, ela respondeu que sim, se ele desse um véu bonito. Coitadinha, nem pensou que o moço estava falando língua de doutor, e casar, na língua dele elevada, era comer-lhe os três na beira do rio. Por isso Maria aceitou assanhada e ficou esperando até hoje o vestido de noiva, o véu, a grinalda. Em vez, ganhou uma surra do velho Batista e, quando o caso se soube, o nome de Maria do Véu. Mas não perdeu a mania.

Expulsa de casa, não havia casamento que ela não fosse espiar, agora escondida na igreja, que meretriz não tem direito a se misturar em casamento. Quando o moço Barbosa, o mesmo que lhe tinha feito o favor, se casou com a filha do coronel Boaventura, casamentão falado!, ela lá estava para ver a noiva tão linda, uma fidalga, vestido igual nunca se vira, feito no Rio, rabo de meio quilômetro, véu tapando a cara, todo bordado, coisa de assombrar. Foi então que Maria arribou para esse cais e aportou no castelo de Tibéria.

Diversão para ela não era cinema, nem cabaré, dança, botequim com cachaça, passeio de barco. Era só casamento para espiar o vestido da noiva. Cortava retratos de revistas, noivas de véu, anúncios de lojas com vestidos de casar. Tudo pregado na parede de seu quarto, em cima da cama. Com novos retalhos, vestia de noiva a nova boneca, presente de Tibéria e das outras: “Um dia há de chegar e eu visto um vestido desses.” Riam dela, puxavam pilhérias, diziam dichotes, ela não mudava.

Por esse tempo, o mulato Porciúncula abusou de esperar. Cansado de bancar besta, andando de dedo agarrado, ouvindo conversa na beira do mar. Todo homem tem seu orgulho, ele viu que era sem jeito, era muito esperar, não estava para morrer de xodó que é a morte pior de todas. Se voltou para Carolina, mulatona de peso que vivia lhe arrastando a asa. De Maria do Véu se curou com umas cachaças e com as risadas de Carolina. Nunca mais quis conversa.

Naquele pedaço, Porciúncula pediu mais cachaça, no que foi atendido. Alonso dava a vida por um caso bem contado e o caso estava chegando quase ao fim. O fim foi naquela gripe de uns anos atrás que baqueou meio mundo. Maria do Véu caiu com febre, era fraquinha, não durou quatro dias. Porciúncula só soube da notícia com ela já morta. Ele andava arredio, negócio de umas perseguições que lhe fizeram por causa de um tal Gomes, barraqueiro em Água dos Meninos, doido por um jogo de bisca. Ora, cortar baralho com Porciúncula era jogar dinheiro fora. Mas ele jogou porque quis, fez mal em se queixar depois.

Estava Porciúncula deixando amainar o temporal quando o recado de Tibéria o alcançou, pedindo pressa, Maria estava chamando de urgência. Quando ele chegou, ela tinha morrido na horinha mesmo. Tibéria explicou o pedido feito na agonia da morte. Ela queria ser enterrada de vestido de noiva, com véu e grinalda. O noivo, dissera, era o mulato Porciúncula, estavam pra se casar.

Era um pedido mais doido mas era pedido de morto, não tinha remédio senão satisfazer. Porciúncula perguntou como ia arranjar um vestido de noiva, compra custosa e o comércio, de noite, fechado. Achava difícil, mas não foi. Pois não é que o mulherio todo, do castelo e da rua, cambada de bruacas, tudo puta velha cansada da vida, não era que estavam virando costureiras, cosendo vestido de véu e grinalda? Num instante se juntou dinheiro pra comprar flores, pano arranjaram, renda não sei onde, arranjaram sapato, meia de seda, luva branca, até luva branca! Uma cosia um pedaço; outra pregava uma fita.

Porciúncula disse que nunca viu vestido de noiva igual àquêle, de tão bonito e de luxo, e ele sabia o que estava dizendo pois nos tempos do seu xodó com Maria andou espiando muito casamento, já vivia até enjoado de tanto ver vestido de noiva.

Depois vestiram Maria, o rabo do vestido saía da cama, rolava no chão. Tibéria veio com um buquê e pôs nas mãos de Maria. Noiva tão linda nunca houvera, tão serena e doce, tão feliz na hora de casar.

Agora, junto da cama, sentou-se Porciúncula, era o noivo, tomou da mão de Maria. Clarice, uma que tinha sido casada e o marido a largara com três filhos para criar, tirou, chorando, a aliança do dedo, recordação dos bons tempos, entregou ao mulato. Porciúncula, devagarinho, colocou-a no dedo da morta, e olhou o seu rosto. Maria do Véu estava sorrindo. Antes não sei, naquela hora estava sorrindo, assim contou Porciúncula garantindo ademais que não estava bêbado naquele dia, nem tinha tocado em cachaça. Tirou os olhos do rosto tão lindo, espiou pra Tibéria. E jura que viu, viu de verdade, Tibéria virada

em padre, envergando aquelas vestimentas todas de abençoar casamento, com coroa e tudo, um padre gordo, com jeito de santo. Alonso encheu os copos novamente, nós embarcamos.

Por aí parou, o mulato Porciúncula, não houve jeito de lhe arrancar nem mais uma palavra da história. Já tinha descarregado em cima de nós seu defunto, tinha se aliviado do fardo. Mercedes quis ainda saber se o caixão tinha sido branco, de donzela, ou preto, de pescador. Porciúncula somente suspendeu os ombros e enxotou as moscas. Sobre Teresa Batista, a aposta que ela ganhou e a vida começada, nada disse. Também ninguém perguntou. Por isso não posso contar, não sou de falar do que não conheço bem conhecido. o que posso fazer é contar a história do Gringo, pois essa conheço como todo mundo no cais. Se bem não seja história para cachaça medida como esta, com o perdão dos distintos. É história para cachaça comprida, de noite de chuva, ou melhor para uma viagem de saveiro, em noite de lua. Ainda assim, se quiserem, posso contar, não vejo inconveniente.

In: *O Moderno Conto da Região do Cacau*. Organização Telmo Padilha. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1978, 271 p.

Jorge Amado (Itabuna, BA, 1912 — Salvador, BA, 2001).

Obras, entre outras: *Terras do sem fim* (1943); *Gabriela, cravo e canela* (1958); *Dona Flor e seus dois maridos* (1966).

## A NOIVA

Jorge Medauar

Era qualquer coisa que estava lhe embaraçando a alma. Os sentimentos começavam embaralhar. Como uma mesa de jantar com pratos e talheres desarrumados. Uma sala de visita com móveis fora do lugar. Uma casa de marimbondos fervilhando na cabeça. Valha-me Deus!

Por muito tempo tentou ordenar os pensamentos. Queria raspar da cabeça aqueles fios treliçados como cipós, que se emaranhavam como um feixe de cobras emboladas nelas mesmas. Já não estava podendo separar as coisas. Um pensamento entrava por dentro do outro, esquentando-lhe os miolos. Uma zorra, sô! Estava a ponto de ficar tantã, maluquecer, o juízo abalado. E será que já não estava com os miolos sacudidos?

Apertou as têmporas. Pressionou os dedos, sacudindo a cabeça de um lado para o outro. Fungou fundo e tornou a pegar o retrato de Raimunda. Êita, que o casamento já estava acertado para daqui uma semana. A casa a bem dizer já estava pronta, cortina de madapolão nas janelas, os trens da cozinha nos lugares, o cômodo de dormir com espelho grande mode Raimunda se pentear, guarda-roupa,

imagem de Nosso Bom Jesus da Lapa, copos de vidro, um porrão e uma quartinha para água fresca da fonte, acolá na franja da serra. E era hoje que cevava Raimunda? Home, qual! Quem podia dizer que não se criaram juntos. Raimunda sempre do seu lado, os irmãos também – dois mais para cima da idade de Raimunda, dois mais para baixo, ela era do meio. Sempre adulada pela mãe, dengada pelo pai e pelos irmãos. Juntos vadiaram pelos pastos, perseguiram animais na roça, pescaram no riacho, armaram arapucas, caçaram passarinho no bodoque. Ela sempre no meio dos irmãos, ajudando a subir nas goiabeiras, a pular cerca de arame. E não foi juntos que aprenderam o beabá da cartilha, o dois-e-dois da tabuada? Oxente! Assim cresceram. E ele mesmo muitas vezes fora confundido como filho da família de Raimunda, tanto andava misturado com os meninos. E foi desde muito tempo que tinha aquela ponta de espinho por ela. Por isso nunca deixara que outros rapazes, no baticum dos cateretês, nos desafios de viola, nas festas de São João, no Carnaval ou nos folguedos de Natal se aproximassem para tomar liberdades, dizer-lhe um verso ou arrastá-la, para o remeleixo de um maxixe ou de um coco. Adonde! Nunca. Estava sempre ali, os olhos acesos, na atenção de uma verdadeira tocaia. Mas o espinho se enterrou fundo, mesmo, foi no dia em que Raimunda fora tomar banho no riacho, numa tarde de calor. Fora sozinha até a beira onde tinha o calombo de uma pedra. Do lado da pedra deixara as alpercatas. Tirara a fita larga do cabelo, depois deixara cair o vestido nos pés. E só de anágua, fora entrando lentamente na água fresca, empinando os peitos ainda miúdos, que se alvoroçavam à medida que o frio da água lhe subia o corpo. Ele estivera tangendo os carneiros. Mas quando vira Raimunda, quis correr desabalado para também mergulhar no riacho, naquele trecho fundo, onde as águas viravam um poço, a água era quase morna e batia nos ombros. Mas estancara. Quede o respeito, homem? Mas aí o fogo subiu. Foi quando, escorrendo, ela saiu do riacho com a anágua branca transparente, colada ao corpo cor de jenipapo. Ele se escondera por detrás da paineira que se abria numa sombra fria. Ali muitas vezes ficara com ela,

sem dizer palavra, um talo de capim entre os dentes, espiando o verde da campina, o sol que escorria pela paineira, passando pelos vãos das folhas. Lembrava-se da algazarra dos periquitos, dos pássaros que passavam pela paineira, revoando aos bandos. No tempo das cigarras, as bichinhas estouravam de tanto cantar. Era um chiado alongado, um zizi que entrava pelos ouvidos e parecia nunca mais sair. Dali de onde estava, o coração aos arrancos, não tivera como evitar: vira a escura caranguejeira entre as coxas, saliente e redonda, menor que uma fruta do conde. O coração quase escapole pela boca. Uma labareda de fogo acendeu-lhe o corpo. A boca secara. E um tremor foi subindo pelas pernas, que já não sustentavam o corpo, bambas como perna de terneiro recém-parido. Sentou-se. Só queria uma cuia água para aquietar o calor, amansar aquele fogo que latejava nas veias. Os carneiros mansos, indiferentes, mastigando seu capim, berrando de quando em quando. Mais para diante, o vento balançava as folhas do pé de jenipapo e da jaqueira, que se enchia de maritacas que azucrinavam o silêncio.

Quanto tempo ali ficara, disfarçando para não tornar a ver Raimunda, nunca soubera. Mas ficara-lhe aquela visão de sonho. Dali foi o caminho para o namoro, o consentimento dos pais e dos irmãos, que faziam gosto naquele casamento. Foi o irmão mais velho de Raimunda que dissera, alisando os bigodes, que desciam finos pelos cantos da boca, que aquele casamento já estava destinado. Raimunda desde menina já era vossa, dissera. E arrematara: “Esse casamento é quase de irmã com irmão”. Todo mundo riu. E assim chegaram aos enxovais, à casa pronta, ao dia marcado, padrinhos escolhidos, e tal e tal.

Agora estava ele de novo com aquele retrato de Raimunda na mão, conferindo seus traços, assuntando suas sobrancelhas, a conformação da cabeça, os olhos, o arredondado do queixo. Avalie, home, de Deus! Tudo aquilo, mas tudim sem tirar nem pôr, era igualzinho aos irmãos, principalmente o mais maior. Fora num repente, num relance que notara a semelhança. Parecença igual não tinha não. Até mesmo o tom da voz, o modo de andar, o reto dos ombros, os ossos apontados pra riba, a cor da pele — tudo tal qual. Já não queria falar

nem do pai da mãe, que filho sempre acaba puxando qualquer coisa. Mas em Raimunda estava estampada a presença do irmão, sim senhor! A mesma comissura dos lábios, rentes, apertados, feito boca de traíra. A comparação era a que fazia o povo, nesses casos: cara de um, focinho do outro.

Toda essa comparação brotara no dia em que roçara a boca no rosto de Raimunda ficara meio assim, maliciando porque ele se afastara, num átimo perdera o entusiasmo, ficara olhando para ela como atoleimado, um lesa que estivesse em sua frente. Perguntara: que foi? Estava sentindo alguma coisa? Nada não, dissera. Mas os olhos estavam vendo a boca do irmão mais velho naquela boca, o queixo naquele queixo. Além do mais, ainda por cima, os traços da mãe, do pai, dos outros irmãos.

Tudo aquilo embaralhou. Como diabo podia dormir com Raimunda, se Raimunda tinha tudo daqueles meninos, daquele pai que era velho, daquela mãe que tinha a pele mais amassada que jeni-papo murcho? Um sentimento de dor, um gosto de amargo lhe veio à boca. Saíra sem dizer nada, tivera uma noite de cão. No outro dia, tornou a ver Raimunda. Espiava para ela e via o irmão. Falava com ela e ouvia a voz do irmão. E agora com aquele retrato na mão, que é que ele via? O irmão de Raimunda. Até mesmo uma penugem de bigode por cima do lábio, descendo pelos cantos da boca. Um tormento. Por mais que recuasse os pensamentos, fosse para longe, procurando a mesma Raimunda que vira no riacho, a mesma Raimunda trincando nos dentes alvos um talo de capim, debaixo da paineira — o que via era a figura dos irmãos se misturando nas sobranceiras, nos olhos, na boca. Aquilo embolando na cabeça, embolando, a poucos dias do casamento. Foi aí que apertou o retrato com ódio, sacudiu-o no chão, pisou, esparramando vidro. A cabeça parecia inchada. Jogou-se na cama, fechou os olhos. E tentou mais uma vez arrumar os pensamentos. Mas qual. As lembranças vinham atrapalhadas, descosidas. E tudo o que ele queria, naquele esforço, Deus no Céu, era a Raimunda que muitas vezes colhera araçás com ele, a mesma que vira

saindo molhada do riacho. Por que diabo não conseguia vê-la pura, inteira, sem os retalhos dos irmãos?

— Raimunda, Raimunda!

O grito saíra como um desespero. Com pouco mais, o irmão mais velho de Raimunda viera com o fifó na mão, alumando o escuro da noite, para ver o que tinha acontecido.

Espiando, sem dizer nada, as feições do irmão mais velho de Raimunda, avivadas pela luz amarela do fifó, sentiu que havia perdido a noiva. Para sempre.

In: *Viventes de Água Preta*, Bahia. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1996, 148 p. (Coleção Literatura Regional Brasileira).

Jorge Medauar (Uruçuca, BA, 1918 — São Paulo, SP, 2003).

Obras, entre outras: *Chuva sobre a tua semente* (1945); *Água Preta* (1958); *Viventes de Água Preta* (1996).

## **O MISTERIOSO CASO DA VIDA E DA MORTE DO COMENDADOR BOREL**

Luís Henrique Dias Tavares

As singularidades do Comendador Borel só começaram depois que ele ficou viúvo. Era então um homem sobre os setenta. Mas não havia quem localizasse sua verdadeira idade, bem distribuída na excelente aparência física, saúde e vigor, um homem com antepassados franceses e portugueses, branco e alto, olhos azuis e nariz muito fino quase sem peso sobre os lábios carnudos. Um homem espigado e bonito. Tinha um andar quase marcial, pesos seguros iguais, mas harmonizados, como se fosse iniciar uma dança.

Nascera praticamente rico, herdeiro direto da casa de grosso trato que o bisavô português inaugurou na cidade do Salvador em 1845, o ano dos diamantes de Lençóis e de escravos novos a três contos de réis. É verdade que a recebera do pai algo comprometida pelos maus negócios do início do século, mas soubera aproveitar as oportunidades que se abriram com a primeira guerra mundial e ocupara o espaço deixado pelas firmas alemãs batidas pelos azares do conflito na Europa. Ganhara assim a representação de companhias de navegação francesas, inglesas e norte-americanas, e linhas de exportação de fumo, cacau, café, couros

e mamona, para Baltimore, New York, Londres, Havre e Amsterdam. Essas iniciativas fizeram-no mais rico, tanto que foi um dos poucos exportadores da Bahia que atravessou bem os desastres de 1929 e 1932.

O título de Comendador de São Mamede de Sortes também fora herança. Para ser exato, o avô comprara no bispado de Bragança, mas o pai o usara e ele o incorporara tranqüilamente ao seu comprido nome: José Manuel Pessanha Machado e Machado dos Santos Borel. Com o tempo, e o agradável som do seu dinheiro, reduzira-o a Comendador Borel, esse Borel sobrenome da família do antepassado francês que ficara em Portugal ao final da ocupação napoleônica e se tornara rico comerciante no Porto e no vale do Douro. Dizia-se que os olhos e o nariz do Comendador eram Borel, mas que a estatura alta e o talento para o comércio vinham dos Pessanha Machado e Machado, família de vinhateiros em Lamego.

Além do talento para o comércio, o Comendador tivera o de se casar com a filha única do barão do Guaí, que morreu deixando-lhe uma fazenda de piaçava em Maragogipe, dois engenhos no Iguape, uma usina de açúcar em Terra Nova e dez sobrados na cidade do Salvador. Além de tudo, dona Marieta revelara-se esposa exemplar e mãe dedicada, jamais tiveram atritos, a não ser as pequenas rugas entre marido e mulher. E mesmo quando aconteceu o genro, que dona Marieta considerara um pouco tisonado para casar com a sua filha, ele fora hábil e conduzira Alicinha ao altar sem perder o mínimo de respeito da sociedade de famílias ricas que residiam no Corredor da Vitória.

Por tudo isso, as singularidades do viúvo ficaram mais acentuadas aos olhos de todos os que o conheciam no alto comércio da Cidade Baixa e nas missas solenes na igreja da Vitória. A começar da alegria. De repente, antes um homem composto, o Comendador tornou-se alegre, muito alegre, como se bebesse, mas não havia nada de álcool, era só alegria, muita alegria. Todos notaram. Um fim de novembro, com o sol descendo sobre a ilha de Itaparica, amigos da diretoria da Associação Comercial pararam a conversa sobre a guerra na Europa, e olharam-no com espanto e reprovação.

— Comendador, observou o senhor José Alberto Shaw da Mota e Silva, do ramo dos couros: — Tem uma semana que dona Marieta morreu...

— Sim, sei, e quanto lamento!

— Mas, então, insistiu o senhor Mota e Silva, por que a alegria?

O Comendador executou uma espécie de pirueta — na sala da diretoria da Associação Comercial! — e riu:

— Não sei o que tenho. Mas sinto-me leve, leve.

Contudo, se recompôs e se entregou à questão que os reunia naquela tarde: o oferta das fardas de general ao coronel Renato Onofre Pinto Aleixo, que fora promovido pelo Presidente Getúlio Vargas e em seguida nomeado Comandante da 6<sup>a</sup>. Região Militar. Muito inteligente, o jurista Orlando Gomes ali se encontrava em atenção ao convite do presidente da Associação Comercial. E explicava:

— A oferta dessas fardas será o mínimo que a Bahia poderá fazer em reconhecimento ao que o coronel representa para o nosso presente e futuro.

O Comendador passou-lhe levemente a mão no topete engomado, um orgulho particular do doutor Orlando. E logo fechou:

— Não precisam discutir. Eu contribuo com o máximo para a compra das fardas.

Eram três singularidades consecutivas, de modo que o presidente da Associação Comercial tossiu, sinal para que se colocasse ordem e respeito onde poderia haver alguma precipitação.

— Vamos aceitar a oferta do Comendador, mas decidiremos de forma que seja a Associação Comercial a única instituição doadora das fardas.

Todos concordaram, e foram mais ou menos solenes ao se despedirem do Comendador. De sua parte, tornando-se novamente alegre, o Comendador deu-lhes contagioso boa noite e se dirigiu para o carro com o seu andar marcial, conquanto dançarino.

— O Comendador não está bem, comentou o doutor Orlando Gomes.

— Deve ser a falta de dona Marieta, adiantou o senhor José Alberto Shaw da Mota e Silva.

— Sim, essa morte o perturbou, disse o presidente da Associação Comercial. E acrescentou: — Vou falar com o genro.

Quando falou com o genro do Comendador, Alberto Castro Faria, segunda pessoa da firma Borel de Navegação e Comércio, escutou um homem assustado.

— Não sabemos o que se passa com o Comendador. Doutor Artur, Alicinha e eu estamos preocupados, mas não sabemos o que fazer. Ele sempre mandou...

— Talvez seja indicada uma consulta com o doutor Mario Leal, sugeriu o presidente da Associação Comercial.

— Com o doutor Mario Leal!, pulou o genro. Médico de maluco? Nem pensar.

— Sim, meu caro Alberto, você enxerga longe. E se ele conversar com o Arcebispo? Ao que sei, o Comendador dá-se muito bem com Dom Augusto.

— É verdade, dão-se bem. Por aí... É, vou ver como sugiro essa conversa.

Ficaram nisso. Mas a boa disposição dos amigos para a interferência no que já então chamavam as singularidades do Comendador, desapareceu ao surgirem duas novidades. A primeira foi o estivador Honório, de quem o Comendador se fez amigo. Agora em todo fim de tarde o estivador aparecia no escritório de Borel de Navegação e Comércio. Honório era um preto jovem e forte, muito conhecido por ser bom jogador de capoeira e batedor de atabaques, no candomblé Axé Opô Afonjá.

— Ah, Honório, alegrava-se o Comendador. É só o tempo dessa última assinatura e sairemos.

Assinava, muito rápido, com bela letra redonda, e descia as escadas do prédio da Rua Portugal em companhia do estivador. Os empregados de Borel se olhavam e se indagavam o que poderia haver capaz de aproximar e fazer amigos um homem educado e rico e um estivador.

— Mandingas..., imaginou o 1º escriturário da firma, o senhor Marinho, que tinha trinta anos de casa e algumas regalias.

Atento ao que se passava no escritório, o genro apareceu na sala mal iluminada, mas não estava menos curioso que os outros para saber o que existia entre o sogro e o estivador Honório. Mais estranho, no entanto, foi o que se seguiu: o contrato de uma governanta para a mansão do Comendador. Certa noite de dezembro, Alicinha e ele voltavam de uma visita — moravam em palacete, cinco mansões após a do Comendador — e viram quando u'a mulher elegantíssima entrava na mansão de cinco quartos, três salões, varanda coberta, terraço, jardins e quintal, que chegara ao Comendador também por herança, pois era a mansão Borel desde o primeiro Borel da Bahia, o senhor Joaquim José Pessanha Machado e Machado dos Santos Borel.

Alicinha não se conteve. Foi logo ao telefone e ligou para o pai. Mas quem atendeu foi alguém de voz feminina e estrangeirada.

— Meu pai não está? Indagou Alicinha.

— Oui, ma file, sim que está.

Pouco depois Alicinha escutou o riso do pai e a sua inconfundível voz de homem educado.

— Algum problema, minha filha?

— Não, pai, tudo bem. Mas quem é essa mulher que eu vi entrando aí?

O pai riu gostosamente:

— É a minha governanta.

— Mas, pai, o senhor não nos disse nada!

— Não precisava, filha. É só para dar ordem a essa casa enorme.

Alicinha quis mais:

— E quem é, pai? De onde veio? Como foi que o senhor a conheceu?

— É só a senhora Suzanne Massarat, Alicinha. E basta, que vou dormir. Depois eu lhe apresento a ela.

Dito o que, desligou.

Tomada de grave pressentimento, Alicinha virou-se para o marido:

— Ela vai casar com papai...

— Não me parece, acomodou Alberto Castro Faria. Afinal, seu pai completa setenta em junho... E você ouviu ele dizer que se trata apenas de uma governanta.

Seria?

Na manhã do outro dia, Alicinha correu à mansão Borel, mas só encontrou o jardineiro Manuel.

— Papai?, indagou.

— Já saiu.

— Tão cedo!

— A menina sabe que o Comendador sempre foi madrugador.

— E essa tal de governanta, Manuel. Quem é?

— Não sei de nada, desconversou Manuel, agora acertando um pé de dália.

— E o pessoal da casa? Insistiu Alicinha.

— Só tem eu, disse Manuel. E assim mesmo, por poucos dias. O senhor seu pai deu-me uma casa em Arembépe, e é para onde eu vou viver os meus últimos dias. Pescando.

— E Flora? Perguntou Alicinha.

— Ganhou casa em Nazaré das Farinhas e foi para lá viver com as duas irmãs.

— Mas, que é isso? E eu não soube de nada!

— O senhor Comendador comunicou que vai vender a casa e viajar.

Alicinha ainda chegou em casa a tempo de pegar Alberto sentado ao lado do motorista.

— Alberto! Alicinha quase gritou. Venha aqui ligeiro.

Alberto Castro Faria saiu do carro.

— Que é isso, Alicinha? Você me gritou uma ordem!

— Você sabia que papai vai vender a casa e viajar?

Sinceramente surpreso, Alberto Castro Faria esqueceu o grito.

— Foi o que eu escutei de Manuel. E tem mais: ele despediu toda a criadagem. Olhe, Alberto, trate de saber tudo e venha logo me contar.

Era fácil ordenar... Mas, como se dirigir ao sogro, e logo numa situação como aquela! Ele ia e vinha, no escritório de Borel de Navegação e Comércio, andando de sua sala para a do Comendador e a do pessoal, mas não encontrou a menor possibilidade para indagar ao Comendador assunto de economia própria. Até chegou a fazer duas tentativas. Entretanto, em ambas encontrou o Comendador empenhado em contas e contas, e tão concentrado que não o escutou. Ao chegar em casa, estava abatido.

— Não consegui, Alicinha.

— Como não conseguiu? Indagou Alicinha.

— Não consegui. Seu pai estava muito ocupado e não me ouviu. Ou não quis ouvir. Falei com ele duas vezes, e foi como se falasse com a parede.

Enquanto isso, a senhora Suzanne Massarat inaugurava-se a maior atração às cinco da tarde na Confeitaria Chile. Um deslumbramento! Podia-se supor que já passara dos quarenta, mas a elegância — a elegância! — no vestir e no andar, a maneira requintada com que se dirigia aos garçons e pedia o seu sorvete de goiaba (o preferido), tomando-o em seguida às colherinhas, essas coisas, sim, eram as que interessavam. Ninguém limpava os cantos da boca como a senhora Suzanne! Por isso, com razão, todos os habituais das cinco na Confeitaria ficaram imediatamente curiosos para conhecê-la. Coube então a dona Maria Gordilho Ávila de Albuquerque Castelo Branco e Alves tomar a iniciativa de indagar ao garçom Severino quem era aquela senhora tão elegante e super educada.

— É a governanta da mansão Borel, informou Severino.

— Governanta! Admirou-se dona Maria. Até agora não sabia que o Comendador tem governanta.

— Foi como ela se apresentou, disse Severino. É francesa.

— Francesa?

— Chama-se madame Suzanne Massarat, concluiu o eficiente e amável Severino.

Conquanto fosse educada e muito discreta, dona Maria não pode segurar essas informações e as transmitiu a quantos conhecia — e dona Maria conhecia toda a sociedade baiana. Não foi, todavia, dona Maria Gordilho Ávila de Albuquerque Castelo Branco e Alves quem se aproximou e sentou na mesa da governanta do Comendador; foi o jovem médico e jornalista de *A Tarde*, Giovani Guimarães. Na terceira 5 da tarde em que madame Suzanne apareceu na Confeitaria Chile, Giovani ergueu-se de sua mesa e se apresentou com o sorriso de encanto que achinesava os seus olhos.

— Sou Giovani Guimarães, prezada senhora. Posso sentar-me?

— Oui, mon garçon, se faz favor.

Encantadora! Foi a conclusão de Giovani. Daí por diante, passaram a conversar sobre a guerra na Europa. Ela era do Vosges e sofria horrivelmente com a situação na França ocupada pelos boches, esses horríveis boches! — tema do qual variaram para literatura, a música e os jogos de azar.

— Não aconselho o Tabaris, madame Suzanne, mas o cassino do Palace Hotel é muito bom e apresenta excelentes shows. Na semana passada tivemos Beatriz Costa e Oscarito. Ótimo!

Por aí ficaram apalavrados para uma ida ao cassino do Palace Hotel. Em seguida, porém, ao jovem médico e jornalista Giovani Guimarães, dona Maria e amigas enviaram mensagens cordiais pelo garçon Severino, e não demorou para formarem com madame Suzanne u'a mesa de cultura e elegância. Dona Maria e as amigas desejavam saber principalmente de onde vinham os vestidos, os lenços, os sapatos de madame Suzanne.

— Tout français, ma chérie! Disse-lhes a governanta do Comendador.

Lagrimou um pouco ao se referir a Paris, ah, a doce Paris!, de onde garantiu conseguira escapar pouco antes da ocupação

pelos alemães, mas disfarçou todas as perguntas sobre o Comendador Borel, preferindo falar dos vinhos e queijos franceses, dos quais sentia falta, não obstante a beleza e o encanto da Bahia. Rendidas às seduções, todas as senhoras convidaram-na para as reuniões sociais que promoviam no Bahiano e no Iate Clube, suas residências abertas para uma senhora que vestia seda francesa e pisava com sapatos italianos.

Quanto ao Comendador, reuniu todos os funcionários da Borel de Navegação e Comércio, e com a mão no ombro do genro, despediu-se.

— A partir de hoje, deixo os negócios, que passam para o meu genro, nosso querido Alberto.

Havia perguntas e perguntas, mas, quem as faria? Além do mais o Comendador era a imagem da alegria e da felicidade, e até pareceu-lhes muito singular que se afastasse assim da casa de exportação e importação fundada pelo bisavô.

— Mandingas..., sussurrou o senhor Marinho.

Mais surpreso que os funcionários da Borel, porque não fora previamente comunicado de nada, Alberto Castro Faria recebeu naquele mesmo dia todos os papéis que o autorizavam chefiar a Borel de Navegação e Comércio, e ainda mais a certidão da propriedade da mansão da Vitória, agora deixada para Albertinho, o neto homem, que todavia devia preservar o nome Borel.

— E o senhor? Ousou indagar Alberto Castro Faria.

— Comprei um apartamento no Edifício Aliança. É espaçoso e o prédio está muito bem localizado, ali na Piedade. Vou ter o jardim, o Gabinete Português de Leitura, o Instituto Histórico, e pronto! Não quero mais saber de negócios.

Foi tudo isso um terremoto para Alicinha. Pois então o seu pai tomava todas aquelas decisões sozinho! Foi procurá-lo onde ele marcou: no Gabinete Português de Leitura.

— Papai! O senhor resolve tudo sem nos falar, queixou-se. O Comendador beijou carinhosamente sua única filha.

— Vocês agora ainda estão ricos. O Alberto vai ter uma retirada maior todos os meses, e eu descanso de uma vida de 55 anos de trabalho, pois saiba, minha filha, que eu comecei no Borel aos 15.

— Mas não é isso, papai. É o senhor! Afinal, com a morte da mamãe o senhor tem apenas nós, ao Alberto e aos seus netos, que o adoram. Nós queremos cuidar do senhor.

— Não precisa, cortou o Comendador. Estou bem em tudo, e para cuidar do apartamento, basta a senhora Suzanne. Não se aborça. Viva sua vida.

Foi como uma despedida. Alicinha ainda tinha muitas coisas para indagar, mas considerou impróprio insistir numa conversa que se realizava na sala do Presidente do Gabinete Português de Leitura.

— Papai...

— Se precisar, minha filha, eu lhe chamo.

Não precisou. Alguns dias após, fria madrugada de abril de 1941, o telefone chamou no palacete Castro Faria. Telefone, àquela hora, não era coisa boa! Foi Alberto Castro Faria quem atendeu. Do outro lado da linha, uma voz feminina e estrangeira comunicou:

— Monsieur Le Commandeur est mort.

— Como?

— Il est mort.

— Mas, morto, como, minha senhora?

— Dormindo, responderam-lhe, já agora em português muito claro. Mas já entreguei tudo à Casa Bom Descanso e o corpo já está no Campo Santo.

— No Campo Santo! A esta hora?

— Obedeci às instruções do Comendador. O enterro é as 9.

— Nove horas! Agora são cinco da manhã, não vai dar tempo para os convites, para nada.

— O Comendador deixou tudo escrito. Quer enterro discreto.

Alberto Castro Faria colocou o fone no gancho e virou-se para Alicinha:

— Sinto muito, Alicinha, mas seu pai morreu.

Já em prantos, Alicinha perguntava:

— Morreu? Mas morreu como?

— Não tive detalhes. A senhora Suzanne disse apenas que morreu dormindo.

— E ela não nos chamou?

— Chamou agora. Disse que obedeceu as instruções que o seu pai deixou escritas. E tem mais: o corpo já está no Campo Santo e o enterro é as nove horas. Não temos tempo a perder.

Não tinham tempo a perder. Tudo muito às pressas, vestiram-se, chamaram a copeira Ermelinda e avisaram que iam para o Campo Santo, o Comendador morrera, ela devia telefonar para os parentes e amigos, esses e esses, e saíram para a garagem. Chovia fino, frio desagradável de manhã chuvosa. Porque não estavam, contudo, longe do Campo Santo, Alberto Castro Faria conduziu o carro para o seu destino em cinco minutos. Ao alcançarem a igreja, viram o padre Tolentino e Dom José Melchior Lasso de la Veja, da Casa Bom Descanso. Havia outro corpo na igreja, mas era evidente que o caixão enorme e envernizado de preto era o que acolhia o corpo do Comendador. Estava cercado de velas acesas. Todavia fechado.

Don José adiantou-se logo que os viu.

— Meus pêsames, dona Alicinha e seu Alberto. Graças a Deus, o Comendador nem soube da morte. Estava dormindo, e dormindo morreu, foi o que me disse a senhora Suzanne.

Alicinha correu para o caixão, mas foi somente para confirmar o que já enxergara: a tampa estava parafusada.

— Não posso ver o papai?

Dom José Melchior Lasso de la Veja mirou um ponto distante e esclareceu:

— Obedeci ordens escritas do Comendador. Ele foi previdente em tudo. Comprou-me este caixão no mesmo dia da morte de dona Marieta e pediu-me que tomasse conta de tudo quando de seu passamento. Entrego agora à senhora e ao senhor Alberto o atestado

de óbito e peço que me desculpem por alguns minutos. Preciso ir em casa, mas volto.

Apertou-lhe a mão e saiu.

— Coitado do papai, chorou Alicinha. Não suportou viver sem a mamãe! E eu, Alberto, eu agora sou órfã.

— Estou aqui, Alicinha. E tem os meninos, não se esqueça.

— E o papai? Coitado do papai!

— Seu pai viveu o que tinha de viver, é a vontade de Deus.

— Uma vida de trabalho, Alberto. Você bem sabe que foi uma vida de trabalho.

— Todos sabem, Alicinha, consolou Alberto Castro Faria.

Chegavam então os primeiros parentes, todos eles Campos Fortes, a família de dona Marieta. Borel, mesmo, só no Porto ou na França. O lado baiano fora pequeno e terminava com o Comendador.

Os Campos Fortes chegavam ensonados e contristados.

— Mas, como foi isso, Alicinha? Indagou o primo Teódulo Campos Fortes., juiz aposentado e dono de fazendas de gado na região de Feira de Santana.

— Não sei, não sei, chorou Alicinha.

— Morreu de repente. Como sabe, ele tinha problemas cardíacos, acrescentou Alberto Castro Faria.

Abria e mostrava o atestado de óbito, onde se lia a causa morte: enfarte do miocárdio. E disse:

— Foi don Lasso de la Veja quem cuidou do enterro. Nós só fomos avisados às cinco da manhã, mal deu tempo de nos vestirmos. Vocês desculpem se foi Ermelinda quem telefonou.

— Ele ainda estava tão forte, comentou o primo Teódulo Campos Fortes.

— E bonito! Elogiou a prima Maria da Conceição.

E assim, mais ou menos assim, foram as perguntas ao lado do caixão.

— A senhora Suzanne devia estar aqui, Alberto, estranhou Alicinha.

— Deixá-la, Alicinha. Ela perdeu a noite.

— Mas devia estar aqui, chorou Alicinha.

As 8h45min o padre Tolentino rezou a missa de corpo presente. Era padre conhecido pela rapidez de suas missas, todas elas abreviadas no latim e nas genuflexões. Mas aquela lhes pareceu ainda mais corrida. Concluída, Alberto Castro Faria se adiantou, pegou na alça do caixão, o primo Teódulo o acompanhou, em breve formaram oito pessoas na caridosa tarefa. Mas, como pesava o senhor Comendador! Levaram-no, porém, os oito, sem se revezarem, até o mausoléu da família Borel, um dos mais destacados no Campo Santo, lado esquerdo da entrada do cemitério.

Alicinha e Alberto receberam os pêsames.

— Poucas pessoas, comentou Alicinha depois que se viram sós. Olhavam o anjo de mármore com as asas abertas.

— Foi a hora, Alicinha. Nem saiu convite nos jornais, acordou Alberto Castro Faria.

— Mas faremos uma bela missa de sétimo dia, Alberto.

— Sim, com certeza, Alicinha.

— Na Vitória, e padre Sadoc como celebrante.

— Sim, Alicinha. É o que faremos.

Publicados os convites para a missa de sétimo dia do Comendador José Manuel Pessanha Machado e Machado dos Santos Borel — convites da firma Borel de Navegação e Comércio, da família Borel (França e Portugal), da família Campos Fortes, da Associação Comercial, da Santa Casa de Misericórdia, do Gabinete Português de Leitura — a igreja da Vitória encheu com os parentes, amigos e autoridades, em saliência o Comandante da 6ª: Região Militar, general Renato Onofre Pinto Aleixo que inaugurava uma das fardas ofertadas pela Associação Comercial da Bahia.

Bom orador sacro, padre Sadoc modulou a voz sentida e foi muito feliz ao desenvolver uma frase latina que significava o reconhecimento da vida útil do Comendador. Sim, ele trabalhara tanto que nem perceberam os parentes e amigos que um dia ele iria lhes faltar.

— Trabalhou cinqüenta e cinco anos no comércio e não teve tempo para ser justamente celebrado em vida, orou o piedoso padre Sadoc.

Foi a frase da oração mais repetida depois; alguns a acentuaram nos pêsames.

— Não o conheci, mas sei que foi um caráter, disse a Alicinha o general Renato Onofre Pinto Aleixo.

— Obrigado, obrigado, ia dizendo Alicinha. Isto é o que nos reconforta.

Na saída da igreja, conferiu a nave vazia e falou para o marido:

— Nada da senhora Suzanne!

Alberto Castro Faria ponderou:

— Parece-me que aqui estive, mais ao fundo, ao lado do doutor Giovanni Guimarães. Você não viu, porque ela não entrou na fila para os pêsames. Era uma elegante senhora de preto.

— Ora! Expressou-se Alicinha, e não foi dar pêsames, logo ela a governanta do papai!

— Sentimentos, Alicinha. Quem sabe?

Houve então o testamento do Comendador Borel.

Naquele mesmo dia sétimo, conforme marcara por telefone, depois do jantar, com os meninos já recolhidos, compareceu no palacete Castro Faria o doutor tabelião Guilherme Marback. Vinham com ele um funcionário do Cartório e enorme livro encadernado em couro. O funcionário tinha o dedo marcando a página que devia ler.

— Alicinha, Alberto, iniciou o discreto doutor Guilherme Marback. Venho cumprir a última vontade do Comendador Borel. Ele procurou-me um dia depois da morte de dona Marieta e pediu-me para registrar o testamento que ele próprio preparara. Fiz apenas pequenos acertos, só para ordená-lo nos termos da legislação. Vamos escutá-lo.

Era uma peça enxuta e direta, no estilo objetivo que fora um dos segredos do sucesso comercial do Comendador. Estava tudo direitinho, contemplando a filha, os netos e o genro, mas não esquecendo as

instituições de caridade a que pertencera e às quais jamais se negara. Um dos codicilos se referia a madame Suzanne Massarat, nascida em Thoan-les-Vosges em 1891, filha de Marie Bouquet Massarat e Jean Angeau Massarat. O Comendador deixava-lhe o apartamento do Edifício Aliança e uma pensão vitalícia equivalente às retiradas mensais que ele tinha em Borel de Navegação e Comércio.

Algo tímido, Alberto Castro Faria comentou:

— Formou-se uma situação curiosa. Passo agora a empregado da ex-governanta do meu sogro, uma senhora que não conhecemos pessoalmente, nem Alicinha, nem eu.

— Um absurdo! Explodiu Alicinha.

— Mas é a vontade do Comendador, observou, mansamente, o doutor Guilherme Marback.

— Papai estava louco, coitado, chorou Alicinha. Com a morte da mamãe, ele perdeu a razão, e nós não vimos nada, como foi isso, Alberto?

— Vimos só que ele ficou diferente, Alicinha, observou Alberto Castro Faria. E indagou: — Não podemos contestar essa parte do testamento doutor Marback?

O sereno tabelião meditou alguns instantes, depois opinou:

— Será recurso legal. Mas não aconselho.

— Não aconselha? Espantaram-se Alicinha e Alberto Castro Faria.

— Não aconselho por causa da repercussão...

— Ah!

— Pensem no que suscitará de comentários nesta Bahia vocês contestarem o testamento do Comendador.

— Considerando por aí..., disse o genro.

— Terminará atingindo a firma, alfinetou o doutor Guilherme Marback.

— É possível, concordou Alberto Castro Faria.

— O melhor é aceitarem tudo como ele dispôs, concluiu o tabelião.

— O senhor tem razão. É o que faremos, não é, Alicinha?

— Não sei, Alberto. Essas coisas de homem eu não sei, mas sinto que não está certo ficarmos com a carga de uma pessoa que não é da família. Nem a conhecemos!

— Mas o senhor seu pai a conhecia, lembrou o doutor Guilherme Marback.

E se ele, doutor Marback, que era amigo de casa, já maliciava sobre um túmulo há pouco fechado, que não diriam os outros, os muitos, a Bahia inteira? Alicinha caiu em prantos:

— Papai! Papai!

Formou-se pesado silêncio, sob o qual o doutor Guilherme Marback se despediu e foi-se embora com o livro de Testamentos e o seu mudo funcionário.

— Faça as contas, Alberto, disse Alicinha. Ela deve estar com cinquenta anos, e escuto dizerem que é saudável e bonita. Vai viver muito, Alberto!

— Já vi tudo, Alicinha. Mas vou aceitar como se fosse o meu sogro aposentado. Além do mais, ele nos deixou ricos. Vai dar tudo certo.

— Você é quem sabe, Alberto.

Dito o que, a vida continuou.

Após três meses de nojo, a senhora Suzanne retornou ao sorvete das 5 na Confeitaria Chile. Voltou em grande estilo, vestido de seda preto chapéu e véu discretíssimos. Aos poucos, porém, aliviou o luto e retornou às reuniões com as senhoras do Bahiano e do Iate Clube. Já agora não era apenas a governanta do Comendador Borel. Passara à condição de herdeira, com retiradas mensais em Borel de Navegação e Comércio, pagas diretamente à conta que abrira no Banco Econômico da Bahia.

Aos hábitos antigos, acrescentou somente o cassino do Palace Hotel nas noites de sexta, madrugadas de sábado. Ia sempre em companhia do doutor Giovani Guimarães, também morador do Edifício Aliança. E, para maior comodidade, chamava o motorista e o carro que datavam do tempo do Comendador.

Ela tinha boas recordações de Monte Carlo, em cujo famoso Cassino fora muitas vezes. Sabendo-a, assim, uma civilizada, o senhor Arthur Matos, organizador dos shows do Palace Hotel, passou a consultá-la a respeito de artistas a serem contratados, e foi mesmo por indicação da senhora Suzanne que acertou uma temporada do cantor francês Jean Sablon. Entretanto, ela jogava pouco, arriscando somente na roleta. Uma noite de setembro, algo por insistência e palpite do doutor Giovani, jogou no mesmo número 27. Perdeu as três primeiras rodadas, depois começou a ganhar. E ganhava e ganhava, as fichas se acumulando sobre o pano.

— Vou parar, disse ao jovem médico.

— Não senhora, dona Suzanne. Agora é acompanhar a sorte

Impecável no seu smoking, o croupier Balbino procurava com os olhos algum possível sinal do senhor Mota, dono do cassino. Já havia então algum nervosismo, muitos jogadores deixavam os outros jogos e faziam um círculo em torno da senhora Suzanne.

Ela se inclinou para o doutor Giovani:

— Já não acho graça nisso, doutor. Vamos parar.

A luz do grande salão piscou duas vezes, diminuiu, era sinal para o show, naquela noite se apresentava a cantora e dançarina Virginia Lane.

— Jogue mais uma vez, dona Suzanne, disse Giovani. Depois do show, vamos embora.

Ela manteve as fichas no 27. O croupier Balbino acionou a roleta, a paleta bateu e bateu. E parou no 27.

— É a sorte, dona Suzanne! Disseram várias vezes.

Ela fez um gesto lento, como se fosse se levantar e desistisse. Depois, dobrou-se sobre a mesa: Todos olharam com espanto a sua imobilidade. Jornalista, mas igualmente médico, o doutor Giovani segurou-a sob os braços, e em seguida, muito em seguida, deu com a mão para o senhor Arthur Matos.

— Que foi, Giovani? Indagou o senhor Arthur.

— Ela morreu, senhor Arthur. Vamos tirá-la daqui.

A luz apagou. Virginia Lane pulou no pequeno palco e as pessoas se afastaram delicadamente à passagem do pequeno cortejo. Entraram na sala do senhor Mota. Então...

In: *Revista da Academia de Letras da Bahia*.. Salvador: ALB, nº 38, mar. 1992, 324 p.

Luís Henrique Dias Tavares (Nazaré das Farinhas, BA, 1926 — ).

Obras, entre outras: *Moça sozinha na sala* (1961); *O senhor capitão/ A heróica morte do combativo guerreiro* (1967); *Sete cães derrubados* (2000).

## **O PASSEIO DE MARIA (MULHER DEITADA NA PRAIA)**

Maria da Conceição Paranhos

À Gerana Damulakis

Retirou o último cigarro da cigarreira de prata e o último fósforo da caixa de fósforos Moça. O sol já começava a esquentar a pele, e era bom pensar que amava e que ao voltar para casa o seu marido estaria dormindo tranqüilamente, confiado na sua inconsciência do amor – como ocorre aos homens - ao ressonar pesada e indefesamente, impedindo qualquer pensamento agressivo de sua parte. Apalpou o ventre: tumescia. Os pelinhos começavam a dispersar-se. Toda ela se esgarçava. Obscuramente contara com isso em determinado momento de sua vida. Mas esse determinado nunca se plantara a seus pés, sólido. Agora traiçoeiramente viera sem que pudesse interferir. Mesmo, desejar. Cumpria-se cegamente mulher. Talvez sempre desejasse exatamente isto, para que enfim pudesse ingressar no mundo pacífico das casas de família, luz de abajur alisando maciamente os rostos, barulho de talheres e cheiro de comida vindos da cozinha limpa. Agora, estava nesse mundo, movendo-se desajeitadamente, como nos sonhos que antes tivera – quando, por exemplo, calçava sapatos para atravessar uma rua literalmente molhada, e eles

se descalçavam independentes e cheios de ânimo. Ela, trôpega e vegetal recomeçando a inútil tarefa, vagarosa, inconsistente.

O sol amarelava seu ventre túmido, sentia-o mover-se sem que pudesse estancar. Os objetos sempre a possuíram, pensava, sempre ordenaram-lhe e ordenaram-lhe por si mesmos. Até seu corpo não obedecia nunca. O seu marido não se mostrava orgulhoso, como geralmente acontece com maridos prestes a serem pais. Observava-a temeroso e distante, mais silente desde a notícia, às vezes assaltado por um sorriso claro, logo contido. Ao lado dela pedras redondas arroteavam crianças entre quatro e cinco anos, acompanhadas das babás.

Eram belas. Fez um esforço para imaginar como seria o seu filho. Nada. Apurou-se mais, pensando. Impossível. Um filho. Aposando-se sorrateiro do seu ventre, muda, demarcadamente presente. Sentia, agora, o corpo mais leve, como se não se tratasse do seu corpo: um corpo anônimo cumprido o plano da humanidade, deslocado dela. O indivíduo que era sobressaltou-se. Em nada participava dessas determinações. Como as mulheres eram dóceis. Cumpriam rigidamente um ritual anterior, estupidamente satisfeitas, como se a sua condição fora singular e primeira. Se houve uma primeira mulher, nem ela poderia sentir-se assim, concluiu.

Subitamente ficou passiva, doce, acariciou-se. Ela e seu ventre anônimo não tinham mistério, e isso era belo. A praia estava quase vazia naquela hora matinal, apenas crianças e babás pontilhavam dinâmicas a paisagem ingênua, subterrânea. Sentiu-se agudamente desfalcada, macerada, singular. Levava unicamente a si para esses passeios ao sol, para respirar o ar puro da manhã, para criar um momento de solidão e cumplicidade para seu ser esquecido, para dourar seu corpo jovem, embelecer, contar-se íntimas estórias. Augusto não suportaria. Isso nunca. Assim como o filho, ele precisava dela, mas daquela mulher doce e redonda que os sustentava. O filho não precisava dela, tornou a pensar mais detalhadamente. Precisava de um ventre que florescesse, ventre qualquer, sem mitologias. O marido, se a ouvisse, diria:

— Você pensa demais, querida, descanse.

— E como não pensar?

— Todas as pessoas têm de cumprir-se como seres naturais, ao ritmo cósmico.

O ritmo cósmico, o ritmo cósmico, repetiu-se. Augusto sempre falava bonito, equilibrado, seguro. Sem pretensões ele era aquele homem concreto, belo, terno, irascível. Você o ama tanto que se torna impossível existir junto dele, não é? Viver era outra coisa. Vivía. E Augusto continuava, apesar disso, longínquo e cheio de segredos — exatamente porque o amava. Para outros talvez fosse mais próximo, espantou-se pensando. E diverso. De ocupada em amar, você existe fora de si, cuidando da casa, feminina, circular, detalhista como as mulheres sabem.

Seriam umas sete horas e o sol já estava bem forte, no Verão. Agora a maioria das mulheres começa a palmilhar o longo dia inconsciente com passos apressados. O longo dia feminino. De nada desconfiam.

Não, não era revolta o que sentia ao cumprir-se como “ser natural”, como diria Augusto. Sentia-se soltamente existindo, presa a um interminável cansaço entre a poeira de um móvel e a água a gotejar da torneira, e o enorme momento que a separava de Augusto criava uma vida parada e opaca à sua volta. Ao pensar no cheiro pacífico dos lençóis ao chegar em casa, estremeceu. Amava esse cheiro e mil pequenas coisas de sua vida com ele. Ele substituíra seu desejo. Sim. Sim, SIM, concluiu, sentindo o ventre doer muito. E com ele, morreria ou se estiolava o seu próprio e oculto existir. Você não pode se revoltar, pois voltará sempre ao círculo dos braços de Guga, onde mineralmente se esquece. Voltando ao seu olhar cálido você respira e sufoca aquele indivíduo que habita a mulher amada. Oh, Guga, por que terá de ser assim?/ Por que o seu amor mo rouba? Um dia falara-lhe sobre isso, muito no começo, cautelosa para não magoá-lo.

— Você precisa ocupar-se mais do que gosta, querida. Não pense que exijo de você nenhuma renúncia. Ao contrário. Nossa

convivência deverá ajudar-nos, a cada um, a conseguirmos o que queremos. Seria um absurdo você parar.

— Mas não parei, não é nada disso.

— Você deve ter sua vida independente e apenas sua, assim como tenho a minha.

— Com você é assim?

— É. E a amo completamente.

Que prodígio. Ele a aprisionava exatamente pelo amor e não se dava conta desse radical seqüestro. Afinal, raptando-a mais, fizera-lhe um filho. O ventre moveu-se, doendo percutidamente. Voltaria agora para casa, e o cheiro dos lençóis a faria sorrir, envolveria seu corpo pesado.

O que revelaria o tempo a seu ser, além? Sabia que sendo essa a sua forma de amor, continuaria mineralmente amado. Como, então, revoltar-se? Tendo, antes, escolhido? Possível que se desatasse, algum dia, do seu corpo vagaroso, a luz que a deixasse existir. Mas nesse momento a sua vida se desmoronaria sem milagre ou redenção. E onde encontrar a fórmula de paz para a infinidade de oposições, para o tumulto? Sei, o ser humano é desesperado, triste, só, você sabe disso. O amor é a única trégua. Mas alguém tem sempre de desistir, desistir-se, definitivamente tem de. E o seu amor não esperava nenhum sacrifício de Augusto, mesmo porque os homens não sabem resistir a isso, não conseguem nutrir a duplicidade, talvez mesmo a ignorem. Amar e saber é uma difícil tarefa. Você tem de escolher, entende? Tem de.

Mas eu escolhi o amor, pensava, vendo-o escrever à sua mesa de trabalho, pálido da vigília. Mas eu escolhi o amor, pensava, olhando para seu próprio corpo, recém-saído do hospital, o ventre ainda dilatado, de onde viera com uma criança rósea e bela. Agora ouvia o seu chorinho morno e alfazemado justamente com o murmúrio dos avós e tios. Virou a face para o espelho ao lado, na banquinha de cabeceira cheia de rosas vermelhas, que Augusto fizera colocar no quarto, para esperá-la. Mas eu escolhi o amor, pensava, revendo o corredor do hospital e sentindo ainda o cheiro do éter no ar. Guga estava no auge da

felicidade, constatou, olhando novamente para o outro lado, onde o vislumbrava a escrever no gabinete.

Augusto vive tão independente, acrescentou-se, enquanto o bebê chorava de fome. A sua mãe trouxe-o ao seu regaço, e ela olhou aquele rostinho mínimo, inconsciente, espantosamente livre dela, apesar de tudo provar o contrário. Sugava o leite do seu peito, estranhando a ela.

Não. NÃO. Dela, dela, dela, percebeu.

Suavemente devolveu aquele fardinho à avó e seu rosto distendeu-se ao ritmo cósmico.

In: *Doutor Augusto Partiu (Contos, Relatos & Sonhos)*. São Paulo: GRD, 1995, 140 p.

Maria da Conceição Paranhos (Salvador, BA, 1944 —).

Obras, entre outras: *Chão circular* (1969); *Doutor Augusto partiu* (1995); *As esporas do tempo* (1996).

## **PÉS QUENTES NAS NOITES FRIAS**

Mayrant Gallo

Qualquer pessoa que passe por este prédio pensa logo que há algo de errado nele, que sua fachada é suspeita, e que aí dentro, no saguão, por trás do balcão de mármore, o porteiro sabe muito mais do que seus olhos vivos na verdade revelam.

Neste prédio, freqüentemente se vê de pé em sua larga calçada, parada, as mãos nervosas e os joelhos atentos perscrutando um lado e outro da rua movimentada, algum jovem de rosto novo, que sofre. O que ela quer? Quem ela espera? De manhã cedo, aqui em frente, em silêncio, conseguirá chorar sem chamar sobre si a chama dos olhos alheios?

Não acredito.

Há mais ou menos uns cinco anos, quando passei rumo ao trabalho, avistei aqui uma garota que não tinha mais que vinte anos. Chorava. Parecia um sorvete derretendo na mão de uma criança. Sua blusa molhada no peito tinha gosto de guardanapo manchado com calda de morango.

Parei e tentei conversar com ela. Mas ela me deu as costas, entrou no prédio e se dirigiu à escada. O elevador funcionava, mas

mesmo assim ela foi pela escada. Fui atrás. No escuro me deparei com ela sentada no quinto degrau. A cabeça mergulhada no mar dos joelhos. As lágrimas pingavam no vácuo entre seus pés afastados. Se lhe tocasse, minha mão a magoaria. Como se fosse ácido puro ou ferro quente ou desentupidor de pia granulada e azul. O humano já era bicho pra ela ou, como acabei de dizer, algum líquido corrosivo.

Me sentei ao seu lado, no mesmo degrau. Quando ela ergueu o rosto e abriu os olhos, eu a olhava. Não se assustou. Estava por demais sólida para vibrar. Era uma árvore morta. Num sopro todas as suas folhas haviam caído e apodrecido no chão. Ficava o tronco nu, de galhos finos que de noite, no escuro, a assustavam. Ela dormia com o rosto coberto, os olhos vendados, para não se ver, não doer, não sangrar.

Seus lábios pronunciaram alguma coisa que não consegui entender. Um lamento talvez. Até os insetos o despejam. Então levantei o braço e já ia passá-lo em volta de seus ombros, quando ela se levantou e voltou à calçada. Ao contato com o ar sufocante do dia suas lágrimas secaram.

Fiquei na calçada, à espera. Algo me dizia que ela voltaria. Mais cedo ou mais tarde, com novas lágrimas. Ao vê-la me esqueci de mim, de meu trabalho, minha sobrevivência, meus livros, meus poemas. A arte não dissolve as verdades que envolvem lágrimas.

A garota de fato retornou, pouco depois. E se sentou no mesmo degrau, ao meu lado. Novamente mergulhou a cabeça nos joelhos. Seus braços alvos tremiam. O ruído do elevador subindo passou à nossa esquerda, veloz, cheio. E passos no saguão denunciaram alguém que entrava. Ela esticou a cabeça exultante e olhou: era uma mulher. A reação de seu rosto, fechando-se, toldando-se de sombras, me fez ter certeza de que ela esperava um homem. Um homem. Esperava um homem desde a infância, quando percebeu que o pai era bonito e que sentia falta dele durante o dia e à noite, na cama, sozinha, temerosa das sombras. As mesmas sombras que agora em seu rosto lhe doíam como feridas abertas.

— Posso te ajudar? — perguntei.

— Não, não pode.

Não desisti:

— Posso sim.

— Claro, vá embora.

— Mas meu calor vai ficar no degrau, e não posso ir sem ele...

Ela não pareceu se surpreender com minha fala de efeito.

Retrucou:

— Servirá pra que eu me deite, pra longa espera...

— Qual?

— Da morte.

— Você quer mesmo morrer?

Ela hesitou um instante. As mãos relaxaram.

— Não, não quero.

— Então me deixe te ajudar.

Seus olhos me fuzilaram, de lado, irônicos, num fogo único.

— Como homem, amante, irmão, amigo, pai ou intruso?

— seus dentes luziam, numa careta sarcástica.

— Apenas como alguém movido pela piedade — falei firme.

Ela levantou o rosto e me olhou pela terceira vez em quinze minutos, e percebi que agora era diferente, que seus olhos não eram os mesmos de antes. Havia mudado, sucumbido, se atenuado em segundos do rancor e do medo.

Foram esses olhos novos e suplicantes que levei comigo entre o tráfego de carros feéricos e pedestres sonolentos. Ela estava grávida e não tinha dinheiro para abortar a criança. Nem queria tê-la, criá-la, vê-la crescer e se tornar parte de si e do pai que faltara ao encontro com o dinheiro do aborto. Eu tinha o dinheiro e uma vida. Falei isso. E lhe disse também que ela era livre para escolher.

— É.

— Não posso.

— Por quê?

— Não é seu filho.

— Se deixá-lo morrer, não será de ninguém.

— Nem mesmo meu...

— Nem mesmo seu.

Ela entornava o café e olhava as notas que eu tinha posto à sua frente, na mesa. Ao lado das notas eu tinha aberto um álbum de retratos, com fotos minhas em várias etapas de minha vida. Suas mãos se refugiavam na xícara quente, no vapor que subia.

— Não posso — voltou a dizer.

— Por que não? É só um gesto.

— Como eu te pagaria?

— Com a vida.

— Minha... vida...?

— É.

— Que vida?

— Esta — e pus o dedo em seu peito, no tecido úmido do sorvete derretido que era sua vida. Ela pôs a mão na blusa e conheceu sua própria umidade. Depois fechou os olhos e aspirou o vapor do café.

— Não — disse e balançou a cabeça.

— Deixe que sua mão decida — sugeri, mais uma vez sombrio e misterioso.

— Minha mão não sou eu.

— Não, não é.

— Ela não pensa.

— Por isso mesmo, eis o jogo.

— A vida na mão?

— Sim. Agora?

— Sempre.

Ela hesitou um pouco e afinal pegou o álbum. Foi vendo cada foto. Não havia fascínio em seus olhos. Em compensação, também não havia repúdio.

Pelas fotos sabia que eu era só. Que preparava a máquina e depois corria, nem sempre saía por inteiro nas fotos.

Que muitas vezes me faltava a metade, um terço, alguma parte relevante.

Que eu era um pedaço e precisava ser completo. Naquele apartamento, naquela mesa, naquela xícara, durante o almoço e o jantar não mais sozinho. Por lábios e língua, pés quentes nas noites frias.

(...)

In: *Pés Quentes nas Noites Frias*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, FUNCEB, EGBA, 1999, 155 p. (Coleção Selo Editorial Letras da Bahia, v. 49).

Mayrant Gallo (Salvador, BA, 1962 — ).

Obra, entre outras: *O ritual no jardim* (1993); *Pés quentes nas noites frias* (1999); *Dia sim sempre* (2000).

## O PECADO VIAJA DE TREM

Nelson Gallo

Pelos campos desertos e silenciosos onde, de raro em raro, o pio de um pássaro e uma árvore a erguer-se dentre os mirrados arbustos quebravam, aquele, o grave e majestoso silêncio, esta, a desolação da paisagem sempre igual, sob a pálida luz das estrelas o trem avançava, furando o silêncio, o frio e a escuridão da noite...

O telegrafista já havia consultado o relógio de pulso umas vinte vezes e acabara de consultá-lo nesse instante quando o colega apareceu.

— Mas agora, hein!... Pensei até que você não viesse...

— Ah, eu não quero é isso! Não já cheguei?...

Durval levantou-se, vestiu o paletó cáqui e pôs o boné à cabeça.

— O M-6 está entre Pedreiras e Cajuí, com uma roda quebrada... o noturno...

Humberto respondia, “sim”, “sim”, a tudo o que o outro dizia, mas parecia não estar prestando atenção. Depois impacientou-se:

— Já sei. Vá embora, deixe tudo comigo... estou ciente...

— Antes do S-4 chegar eu estarei de volta.

— Sim... — retrucou Humberto com ironia.

Durval já estava na porta quando se lembrou. Meteu a mão no bolso.

— O dinheiro, ia-me esquecendo.

Entregou ao colega duas notas de cinquenta cruzeiros. Sem uma palavra o outro pegou-as e fê-las desaparecer no bolso.

Durante alguns instantes ouviu-se apenas o som do manipulador. Uma locomotiva apitou ali perto. Depois silêncio. Sentado num caixão, junto à porta, o guarda-freio dormitava entre uma e outra fumaça do cachimbo.

— O homem é o bicho mais besta do mundo — falou Humberto.

O outro sentado no caixão, levantou a cabeça, tornou-se atento. O telegrafista não prosseguiu e o velho sorriu: uma careta na face sulcada de rugas. Tirou o cachimbo da boca. Cuspiu. E confirmou:

— É o bicho mais besta que Deus fez.

Humberto indicou um ponto além da porta iluminada, pela qual o colega saíra: uma sombra imprecisa no negrume da noite.

— Enxodado pela Detinha. — Fez uma pausa. — Coitado. — Outra pausa. — Eu também já fui tarado pela mulher. Mas estou curado. Há pouco tempo. Antes mesmo desta noite...

Falava mais para si mesmo, quase ignorando a presença do velho. Depois tirou do bolso as células de Durval e atirou-as na mesa.

— O preço da traição! — exclamou. — Nunca recebi dinheiro para tirar o serviço de um colega, mas esta é uma ocasião especial... Bem, talvez que uma cachaça ajuda a noite correr, passar mais depressa...

Ao ouvir a palavra mágica, “cachaça”, o guarda-freio levantou-se. Recebeu uma das cédulas e permaneceu esperando.

— Qualquer, qualquer veneno serve. Pura. Nada de mistura.

Agora estava olhando fixadamente para a porta. Súbito, o som da orquestra que aos sábados animava os bailes do Cabaré Imperial chegou até ele, através da rua Direita, da Praça da Matriz, do Paço Municipal, da cadeia e do cinema da cidade, um quilômetro além.

— “Mulheres e cachaça” — pensou. — “Estou mesmo me afundando.”

Nas rodas boêmias da cidade corria um ditado:

— “Mulé de meu amigo pra mim é home.”

E ele infringira o código. Mas, não era a traição ao colega — a mulher, afinal, era de todo mundo — o que o enojava. Ódio de si mesmo, era o que sentia — algo imperdoável. Teria virado o rosto se alguém lhe pusesse defronte do espelho.

Antes, somente as trevas. Mas a noite agora, ia-se tornando mais clara. Durval avançava. Apressado, pisando sem olhar o chão, anelante, o desejo espicaçando-o. Deu uma ou duas topadas, esteve a ponto de cair, mas não parou. Afastara-se das ruas principais e o caminho que escolhera, principalmente à noite, não era dos melhores. Seria uma tragédia se Detinha, cansada de esperá-lo, tivesse ido dormir com outro. Ser o primeiro e o último — era a sua obsessão. Há quinze dias, desde que ela decidira viajar, que ele não pensava em outra coisa.

A distância era de pouco mais de um quilômetro, mas ele ofegava, suave. As estrelas olhavam-no com pálida piedade mas não se decidiam a iluminar-lhe melhor a estrada. Penumbra. Noite fria, em contraste com o coração do homem, que escaldava.

A casa era uma das últimas, na rua da Areia. Onde o caminho se bifurcava, parou. O primeiro grande pensamento daquele mês, talvez daquele ano, penetrou-lhe o cérebro, iluminou-o durante uma fração de tempo e morreu. Morreu porque não foi ao coração. O verdadeiro, o único caminho era à direita: o lar, a esposa e os filhos. Mas foi somente o cérebro que falou. O coração desceu-lhe aos pés e conduziu-o pelo caminho errado. “É a última vez” — defendia-se o homem, lutando contra o cérebro acusador.

Aos sábados, àquela hora, todas as mulheres da rua da Areia se encontravam no Imperial, no Trianon ou no bar e restaurante Nordeste. A rua do pecado estava silenciosa e vazia. Mas Detinha prometera esperá-lo...

Parou defronte à casa. Mirou-lhe a porta e janelas. Como se as visse pela primeira vez. Indeciso, agora que chegara. A radiola do Trianon, como uma sombra, estava ali na rua. Ouviu-a perfeitamente. “*Lá no meu pé de serra...*” Ouviu também passos. E vozes. Uma risada. Tudo na entrada da rua.

Bateu. Bateu. Bateu. Cessaram os passos e as vozes. Abriu-se uma porta, além. Bateu. Continuou batendo. Os seus dedos contra a madeira gritavam dolorosamente, angustiadamente: “abra! Abra!” Mas a porta continuava fechada, indiferente à sua dor, à sua paixão e ao seu desespero. Em dado momento sentiu o ridículo e o grotesco da situação: ele, um homem casado, com filhos, implorando à meretriz: “Abra a porta! Abra a porta!”

A radiola Trianon. Entre um e outro disco o silêncio: as pancadas na porta, quebrando-o. Tudo aquilo não era apenas ridículo e grotesco: era trágico.

A mulher saíra, talvez. Ou estaria a dormir nos braços de outro?

— Detinha! Detinha! Detinha!

Na janela do seu pensamento apareceu uma mulher exageradamente pintada, tirou o cigarro da boca e gritou-lhe:

— Detinha está ocupada. “Ocupada”, ouviu? E bateu-lhe a janela no rosto. A janela que nem sequer se abria. O punhal de uma gargalhada dilacerou o silêncio.

Alucinação. Estaria ficando louco?

O vento caminhou pela rua. Um pedaço de papel flutuou, fez pirueta no espaço e seguiu rolando...

— Detinha! Detinha! — batia e chamava: — Detinha!

Abriu a porta, estremunhada, friorenta, apenas de camisa, os cabelos em desalinho.

— Pensei que você não viesse mais... — Bocejou.

Ele abraçou-a. Beijou-a. Apertou-a e mordeu-a no ombro, no pescoço...

— Tenha modos... — A voz era levemente rouca.

Possuiu-a ali mesmo no corredor. Tremendo. Como se as  
sezões que tivera em criança voltassem a atacá-lo.

Mas o quarto era tépido e acolhedor. Fumava.

— Não posso crer que você vá embora.

— Ainda duvida? Amanhã, no trem das cinco...

— Cinco e dezoito — corrigiu-a. Olhou o relógio. — Hoje,  
então. — Uma pausa. — Se ao menos esse diabo desse aumento  
viesse logo!...

— Não adianta mais falar nisso. Eu não ficaria de maneira  
alguma. Estou até aqui — pôs a mão na garganta.

— Aqueles primeiros tempos! Lembra-se?

— Naquela época eu era Detinha, uma tola, hoje nem sei  
mais quem sou.

Ele segurou-lhe as mãos, tentando o impossível: fazê-la en-  
ternecer-se com a recordação dos tempos idos.

— Mas foi gostoso! Foi maravilhoso! Você mesma disse,  
certa vez.

Na época, não morava na rua da Areia, mas perto do Aviá-  
rio, na casa que ele alugara para ela. Estavam sentados juntos, mas a  
mulher só tinha olhos e ouvidos para o rapaz moreno e de cabelos  
negros, revoltos e brilhantes, que dedilhava o violão: Humberto. E dis-  
sera realmente algo parecido. Pensando em Humberto. Vendo sòmen-  
te Humberto.

No silêncio que se seguiu, só a radiola do Trianon estava  
presente.

— Sabe, eu acho que não vou ficar muito tempo na Bahia.  
Tive notícias de minha família. Minha irmã casou-se e foi morar no  
Rio. E em São Paulo eu tenho um irmão...

Agora conversavam amistosamente, como nos primeiros dias  
da união, quando tudo corria bem. Em dado momento segurou-lhe o  
pulso.

— Está ouvindo? — Uma pausa. — Eu gosto tanto desse  
baião! — Cantarolou: “ai, ai! Ai, ai! Rosinha ficou lá em Propriá”.

Conhecia a cidade. Era de Penedo, do outro lado do rio, mas residira algum tempo em Própria e a sua adolescência fora uma viagem constante rio acima, rio abaixo. O São Francisco não era apenas um velho conhecido. Era um amigo, quase um parente, e relembrava-o com as mesmas saudades e o mesmo enternecimento que sentia pelo pai, enérgico, trabalhador; a mãe, gorda, bondosa, sempre sorridente, e os irmãos, cinco ao todo. Laura, a irmã, namorava Pedrinho, motorista de ônibus da linha Penedo-Maceió. Casaram-se... Os pensamentos tomavam este, aquele rumo...

— A filha de Aurélio Pimentel na rua da Areia!... Este mundo! — Pausa. — Mas eu tenho de sair disto. Tenho de arranjar um trabalho, qualquer coisa...

Quando o homem a olhou as lágrimas desciam, grossas, abundantes...

— Você ainda há de ser muito feliz. É jovem, bonita, inteligente. Muito bonita mesmo.

Beijou-a. Acarinhou-a. Puxou-a contra si. E o desejo de possuí-la reacendeu-se

O cigarro era, entre outras coisas, a sobremesa do seu desejo satisfeito. Acendeu um para si, outro para ela. Atirava a fumaça em direção do telhado e ficava vendo-a dissolver-se, desaparecer.

— Parece que foi ontem que você chegou. Um ano! O tempo passa depressa. — Chupou o cigarro. A fumaça foi subindo... subindo... — Um ano!

— Um ano! — ela suspirou.

— Mas aqueles primeiros meses foram realmente gostosos, inesquecíveis.

Gastara todas as economias de quatro anos. A casa que pretendia consertar, onde morava com a esposa e os filhos, continuava ameaçando desabar. Depois fizera dívidas. A família passara necessidade. Isso não lembrava.

— Você foi, realmente, a primeira mulher que amei. Agora vai embora e depois não sei o que fazer, o que será da minha vida.

Falava. Falava...

Subitamente a mulher tornou-se atenta.

— “Mas eu fui o primeiro e o último” — ele dissera.

A vitória! A glória de ser o primeiro e o último que naquela cidade gozara dos favores da jovem bonita e atraente, empolgou-o. Não podia impedir que se fosse, mas aquilo, pelo menos, conseguira: ser o primeiro e o último.

— Sabe, eu ganhei-a numa aposta. Você descera do trem e estava ali na estação quando eu a vi. Não sei por que senti um choque! “Que morena! — disse a mim mesmo. Humberto, que estava junto, assobiou. “Alto lá!” — falei. E tirei a caixa de fósforo do bolso. A melhor das três — foi o que combinamos. Eu estava com uma sorte danada. “Dois” — pediu Humberto. Pensei: “Três”. E ganhei. Entramos na segunda partida. Ele queria “um”, mas não tinha nada na mão. Pensei, calculei “Zero”, foi o que pedi — e ganhei novamente.

Detinha sentou-se na cama, num gesto brusco.

— Ah, então foi assim?... Disputada com pauzinhos de fósforo como se eu fosse uma garrafa de cerveja ou um copo de cachaça! — Levantou-se de uma vez. — Você me enoja. Você e todos os outros. Nesta cidade não existem dois homens. Apenas um. Com uma única exceção, todos os outros são porcos! Porcos! — gritou histericamente. — E eu sou pior do que tudo porque sou a lama onde todos vocês se espojam. Ah, se eu pudesse gritar, num dia de feira, o povo todo reunido ali no largo, o que sei dos homens desta terra!...

— Você nem parece aquela que no sábado dançava no Imperial... se rebolando toda...

— Eu gosto de me divertir, sim. Tenho só dezenove anos, não sou nenhuma velha. Mas isto!... — Olhou, com nojo, para todo o quarto.

— E a exceção, de que falou, o único homem que existe nesta terra sou eu?... — sorria zombeteiro.

— Você!... — E o olhar, o jeito da boca, diziam tudo.

— Quem, então? Humberto, talvez... — arriscou.

— Ele, sim! — falava com veemência. — Quem mais poderia ser?

— Você o ama? — A pergunta era velha, de muitos meses, mas sòmente agora a formulava.

— Amor! Amor! — Havia um fingido desprezo na voz.

Por que fora o outro a ganhar, quando era a Humberto que amava? Por que? Por que só o conhecera um mês depois, quando Durval o levara na casa onde viviam, para que a visse, vangloriando-se, talvez, de possuí-la? Agora, que sabia, não se conformava à certeza de que alguns palitos de fósforo lhe tinham traçado o destino.

Durval também pensava. Esta não fora a despedida que ele imaginara. Tudo errado.

— Detinha, você está sendo injusta comigo. Ninguém a quer tanto como eu a quero. E depois que você for embora não sei o que será da minha vida. Às vezes chego a pensar que gosto mais de você do que dos meus próprios filhos.

— Gosta tanto que permitiu que eu viesse parar aqui. Isso depois de todos aqueles meses em que fui sòmente sua.

— Detinha, você nunca poderia compreender... Mas agora eu sei quando errei. Quando... quando... (o dinheiro acabara, já havia contraído dívidas) quando não me era possível tê-la apenas para mim, não tive a coragem de mandá-la embora, para Salvador ou para a casa dos seus pais. Isso. Isso é o que eu deveria ter feito. Mas não podia conformar em perdê-la, em nunca mais vê-la. Era uma coisa superior às minhas fôrças.

— Mas não lhe doeu saber que eu era da cidade inteira.

Sentiu a punhalada e estremeceu.

Sentira, sim, noite e dia pensara naquilo, mas, que fazer? Pensara até em matá-la e suicidar-se, em seguida. Tudo que fizera, porém, fora tornar-se insensível à dor. E a sua tragédia era que a paixão que o escravizava à mulher nunca arrefecera.

— Perdoe-me, Detinha. Perdoe-me...

Escondeu o rosto entre as mãos e chorou. Chorou como nunca o fizera em toda a sua vida. Depois pensou em partir, naquela mesma hora, mas não teve a coragem de deixá-la e enfrentar a fria solidão da noite. Ficou.

Acordaram de madrugada, quando o noturno apitou. Era quase um milagre quando aquele trem passava no horário: quatro e dezesseis.

Detinha dirigiu-se ao quintal, fez descer a lata do fundo do poço, uma, duas vezes, encheu uma lata maior e derramou-a sobre o próprio corpo: como se a água a pudesse limpar, também, de todos os pecados.

Durval ficara no quarto, vestindo-se.

Despediram-se na porta, com um beijo frio: mais frio do que a água do poço e a neblina da madrugada.

Renato, o garoto, chegou, algum tempo depois. Vestia jaquetão de casimira marron e trazia à cabeça um ensebado chapéu de feltro. Ao chegar defronte à casa atirou longe o cigarro. Empurrou a porta e foi diretamente ao quarto.

— Ué, ainda nem se vestiu? Vai sempre viajar?

Ela estava sentada na cama, a toalha felpuda ao redor do corpo, olhando os vidros de perfume na penteadeira. Pensando.

— Eu me visto num instante.

— E o malote? Ta arrumado?

Levantou-se. A toalha abriu-se e correu pelos seus quadris, pelas coxas, pelas pernas, e adormeceu no solo: um pequeno monte de neve no chão de tijolos.

Estava abrindo o guarda-roupa, o espelho refletindo-lhe a nudez, quando ouviu o assobio. Voltou-se.

— Puxa! Como você é bonita! A mulé mais bonita da cidade! E vai embora!...

As mãos em concha do garoto eram a forma exata dos seios pequeninos que fitavam: dois canhões em miniatura oferecendo-lhe combate.

Durval, o telegrafista, poderia orgulhar-se de ser o primeiro e o último, naquela cidade, a possuir o corpo tão cobiçado de Detinha.

Mas estaria enganado. Porque a Glória, mulher inconstante e caprichosa, aureolava os ombros franzinos de Renato, o garoto vagabundo, o qual, porém, nem disso se apercebia: apanágio dos verdadeiros heróis. Nos ombros, a Glória, na cabeça, a mala um tanto pesada da mulher. E seguiam os dois, ele na frente, o jaquetão aberto, como as asas de um pássaro, a mulher acompanhando-o.

Às seis e dez, o trem das cinco e dezoito partiu. Atrasado. Como sempre.

Ao longo da estação, carregadores, desocupados, vendedores de frutas, bolos, mingau, rolete de cana, vendedores de beiju e de pamonhas, assim como parentes ou conhecidos dos viajantes, diziam uma última palavra, davam um último abraço ou aperto de mão, nos que partiam. A locomotiva arfava. A sineta vibrou. O apito estridente do chefe da estação dominou todos os outros ruídos. O comboio começou a se movimentar. E foi seguindo...

Durval, encostado na parede da estação, tinha os braços ao longo do corpo, numa atitude de desânimo; Humberto, as mãos nos bolsos, acariciava o bilhete da mulher, recebido na tarde do dia anterior, implorando que fosse vê-la. Dos três, somente Renato, o garoto vagabundo cujo lar era a própria rua da Areia, respondia com a mão aos acenos do lenço que desaparecia ao longe.

Depois andou de lá pra cá, a fome atanzando-o. Nem cinquenta centavos nos bolsos sujos, mas orgulhoso de não ter recebido dinheiro da mulher, pelo carroto. Detinha insistira, com uma cédula nova e bonita de cinquenta cruzeiros, mas ele recusara:

— “Deixe isso pra lá” — foi o que dissera.

Perlongou a plataforma, mãos nos bolsos, o chapéu enterrado na cabeça. Afinal arriscou:

— Seu Durval, me arranje uma gaita pru café.

— Moleque vagabundo! Vai trabalhar! — e fez menção de lhe dar um piparote.

O garoto esquivou-se, num pulo, mas viu-se preso pelo pulso. Humberto o tinha seguro.

— Um café? É mesmo do que eu estou precisando. Vamos. Eu pago.

Sob os primeiros raios de sol que iluminavam a cidade adormecida, dirigiam-se ao botequim do preto Zezão, onde o café era forte e gostoso, e o cuscus de milho, de primeira.

— Mas a Detinha viajou mesmo, hein, seu Humberto?

— Sim... viajou.

— Sabe, ela gostava um bocado do sinhô. Onte, quando mandou eu levá o bilhete, ela estava chorando...

— Mulheres como a Detinha não gostam de ninguém.

Considerou o dito, a face juvenil mostrando sinais de aprovação.

— O sinhô é qui ta certo.

Esperaram que uma locomotiva passasse — a sua respiração fazendo estremecer o chão — atravessaram a linha e seguiram.

O trem apitou ao longe. Um grito saudoso, prolongado...

In: *Histórias da Babia*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963, 318 p.

Nelson Gallo (Salvador, BA, 1912 — Salvador, BA, 2001)

Obras, entre outras: *Babia antiga* (1916); *O pecado viaja de trem* (1962); *O segredo da imagem de ouro* (1969).

## O PATRIARCA

Noênio Spínola

Meus senhores e minhas senhoras... — berrou inesperadamente o funcionário como se iniciasse um discurso. Os que estavam à sua volta moveram a cabeça ligeiramente espantados, e quando se certificaram de que não era nada, de que era apenas um acidente provocado por “um tipo como aquele”, voltaram a cravar os olhos no palanque sempre bem guarnecido por quatro soldadinhos. Está bem — disse o Grande. Quer mesmo começar um discurso? O funcionário sorriu, seu rosto inteiro sorriu sem entretanto esconder a leve tristeza do lado da boca e dos olhos: tudo pela simples razão de que se chamava João Branco de Oliveira e era um patriota, mesmo quando pudesse dizer que era muitas coisas mais. Eu sei — disse em seguida o Grande. O senhor é um patriota e está acabado. O funcionário moveu as mãos num gesto vago: mas não é nada... — retrucou ele batendo cordialmente nas costas do outro. O Grande agradeceu satisfeito como um animal doméstico aquela forma de agrado.

— Isso não é nada, repetiu João Branco. Por que é que o povo não está cantando? Os que estavam próximos e eram obrigados,

por isso, a ouvir a conversa dos dois, sorriam uns para os outros como se se conhecessem desde um largo tempo para o gozo em comum daquelas palavras. Houve um silêncio e quando todos já tinham se esquecido dos dois, fez uma reverência meio oriental e disse que era um tal Nestor, tinha sido batizado Néstor mas só o pai fazia questão cerrada de dizer assim “Néstor, Néstor é um predestinado...” portanto, podiam tratá-lo como os demais, os vizinhos e os do *Armazém Nestor*, seu pequeno negócio.

— O senhor é um negociante? Perguntou o Grande.

— Desde mil novecentos e trinta, respondeu o sujeitinho deixando transparecer que aquela informação era bastante precisa, toda cheia de fatos que podia alinhar como uma cartilha. Tenho filhos e minha mulher é Aurora. “Muito bem”, exclamou João Branco. Nestor sorriu satisfeito ruminando que não sabia bem como explicar sua presença ali, afinal de contas era um estranho etc. etc. O funcionário disse eu vos absolvo e ele agradeceu voltando logo à carga: sou um predestinado? Os senhores acham que eu sou um predestinado? Era um triste labor ver os dias e as noites até tarde, sabendo como tudo acontece.

— Acho que ele quer entristecer a gente — interrompeu o Grande, pondo-se logo à espera da sentença que o funcionário devia proferir. O negociante, um tipo todo abotoado dentro do paletó de casimira naquela noite de espesso calor. Ele curvou a cabeça e disse “perdoem, cavalheiros...” como um sacristão. Meu clube é dos Dragões de Papel Prateado. No carnaval desfila ruidosamente, os dragões vão adiante como se estivessem vivos e terminassem por devorar os passistas. Eles fazem parte do ritual. É preciso explicar tudo isso? Como se fossem de verdade: seis dragões sanguinários, então minhas filhinhas chegam amedrontadas especialmente para perguntar se são de brinquedo, claro que são de brinquedo eu digo, e eles vão-se embora com as bocas imensas e aqueles olhos de vidro como se não tivessem feito nada.

Ele não desiste — tornou a dizer o Grande. Ele quer entristecer a gente. Para que entristecer a gente? O funcionário João Branco

preferiu a sentença com ar superior: deixe ele continuar a história. Nestor beijou os sapatos do funcionário e sorriu agradecido. Achar que devo chorar sobre as pedras da cidade? — perguntou. — Eu não nasci aqui. Eu sou um pequeno sertão... João Branco balançou as mãos como quem diz “ora, ora” e o sujeitinho cravou os olhos no palanque armado, em torno de que continuavam os quatro sentinelas. Vou ser sacrificado ali? — perguntou ele meio em pânico. O funcionário e o Grande seguraram-no pelos braços para impedir que fugisse e João Branco explicou: deixe de tolice; ainda não é nenhum monte das oliveiras. Nestor pouco a pouco foi recuperando a calma, ainda quando conservasse as coisas e ninguém poderia mais enganá-lo. Enganar para quê? — perguntou João Branco, compreensivo. “De fato... — murmurou ele. — Podem soltar os meus braços”. O Grande relutou um pouco, mas diante do olhar insistente do homenzinho terminou por aceder também.

— Ele é um Jagunço? — perguntou Nestor apontando o Grande a João Branco. Este sorriu e não quis responder, disse que não precisava responder, conheciam-se havia muito tempo e outras coisas mais, de forma que saíam juntos pela cidade mas só como dois meros conhecidos que podiam dizer um ao outro dúzia de coisas razoáveis. “Saio com ele pela rua, só isso”.

— É verdade? — perguntou Nestor com um grande interesse. — Falam de problemas domésticos? Falam de fruteiras com doce e outras coisas assim?

— Minha casa tem umas cortinas muito bonitas — explicou João Branco olhando vagamente para o céu. Depois tornou a falar sério: é uma pena que isso seja verdade. Não falo com ele de fruteiras e outras coisas assim. Saio somente passeando.

O pequeno homem Nestor balançou a cabeça cada vez mais pesaroso. Depois tirou um folheto amarrotado do bolso e o mostrou a João Branco. “Eu pensava distribuir isso entre os da assembléia”, disse: — alimento penosamente as minhas crias.

— É tudo? — perguntou o funcionário.

— É tudo... respondeu ele — Não é um grande problema?

O Grande deu de ombros com desprezo depois de também alcançar e ler as inscrições do papiro. O que é que ele quer? — perguntou, apontando o negociante a João Branco. Não se sabe — disse este. O negociante assobiou muito despreocupado, de repente resolvia aparecer assim, enfiou as mãos nos bolsos e assobiou um trecho da ópera “O País já vai à guerra”. Levo alimentação para as minhas crias e de vez em quando assisto um jogo de futebol — disse ele. — Sou portanto um sujeito feliz.

— Perdão — disse João Branco — o senhor está confundindo muito as coisas.

O negociante repôs o ar triste e murmurou “é mesmo...” e disse que tudo aquilo fazia parte de um plano global, um grande, um enorme plano. Quando o pai morreu chamou-o junto a si para dizer “é um predestinado, Néstor” e dizer que dele nasceriam os que iriam formar um forte e belicoso tronco e povoar vasta parte da terra. Era apenas um velho, e quando morreu deixou meia dúzia de relíquias, uns retratos em moldura da família e os óculos com finíssimos aros de ouro. Ninguém vai acreditar, morreu e acabou-se, os olhos vão-se enchendo de água apesar de tudo e as crias chegam e perguntam o que é — o que é que o senhor tem? Nada — respondeu. E também diz “é Natal” — ou diz simplesmente “é uma época natalina” e as lojas vão ficando muito cheias para comprar presentes. As crias devem crescer fortes e robustas como em todos os anúncios de tônicos infantis, todo o mundo sabe disso muito bem. Olha bem para elas e murmura “sim sim” e depois fecha os olhos para pensar em como vai ser tudo na segunda-feira.

— É uma longa história — disse João Branco interrompendo-o. Eu também sou um pequeno funcionário, acordo aborrecido e imagino se tivesse as crias.

— O Grande rosou qualquer coisa, insatisfeito. Por que ele se irrita? — perguntou Nestor. O funcionário deu de ombros: é assim mesmo.

— Tudo faz parte de um plano? — voltou a perguntar Nestor. Ficaram calados como se ruminando a pergunta mas ela passou por alto, não ruminavam nada exceto seus próprios vultos que o tempo alongava como em espelhos de parques de diversão, e podiam mesmo sorrir diante de si; só não sorriam por uma questão de hábito. Enquanto isso ia ficando cada vez mais tarde e a Assembléia começava a se dissolver. Alguns chicotes estalaram e o rebanho se acomodou novamente, zumbindo, zumbindo. João Branco reclamou: não se diz multidão de bezouros. Pouco me importa — tornou a falar o Grande. Vou fazer um discurso: patrícios, patrícios! a cidade está muito cheia de retirantes; decepai-os e atirai seus corpos ao mar para gáudio do governador e de sua Exma. mulher. E então tudo há de cheirar novamente a flores como antes do aumento da população, como no princípio... — Chame os guardas, disse um sujeito piedoso e João Branco não viu outra alternativa além de escapar do local puxando os dois amigos. “Passada essa pequena confusão que geramos aí — disse ele com um ar de gramático — espero que V.Ex.<sup>a</sup> continue a falar”.

— Ah, sim, a falar — exclamou o negociante. Muito pobre, muito pobre. Néstor ou Nestor, que quereis de mim?

— As crias virão depois perguntando “o que foi que fizeram com o senhor paizinho” não é verdade? — perguntou o Grande. Pode continuar. Gosto de ouvir o senhor falando dos bonequinhos, mas tome cuidado que esse clima não vai durar muito.

Nestor balançou a cabeça olhando para o fundo dos olhos do Grande que reagiu se recolhendo. Tu me entendes, filho de Deus. Deu uns saltos nervosos, como se fizesse frio e precisasse se aquecer, estalou os dedos, depois riu, riu muito até se cansar e aparecer com o peito ofegante dos que chegam de larguíssima corrida. “Vamos arrumar adiante essas câmaras de TV para os políticos falarem” explicaram dois sujeitos procurando com isto abrir caminho entre a massa. Lá vão eles, mostrou João Branco, e acompanhou com o olhar de pessoa comum os tipos de óculos escuros ainda que fosse de noite. Não tem importância — explicou João Branco — é uma fantasia. Quando

os mascarados desapareceram no meio da multidão Nestor falava pela primeira vez em doce Rosinha e podia falar só consigo mesmo durante horas se o funcionário não o interrompesse pedindo certas explicações. Claro que é minha mulher, respondeu ele.

— Não disse que se chama Aurora? — tornou a perguntar João Branco.

— Oh senhor João Branco... — lamentou ele com um gesto de muito triste aborrecimento — não atrapalhe.

— Quer que o estrangule? — perguntou o Grande ao ouvido do outro. O funcionário ruminou deixe de besteira, e o Grande como que recolhesse o ímpeto, mas voltou também ao silêncio ofensivo com que escutara desde o princípio a conversa do negociante. “Falemos de Rosinha, irmãos” disse este como se de um púlpito. Doce Rosinha (ou Aurora) era o princípio e o fim de um grande, um doce amor. Durante as noites — explicou em seguida — escrevo o Romance de Todo esse Amor e quando a primeira e rósea madrugada alcança os vidrinhos da janela de nossa alcova e tudo faz dourar-se, oh, então...

— É mentira — gritou o Grande todo colérico. João Branco impôs silêncio e o negociante limpou a pequena lágrima que lhe corria pelo rosto, porque era uma criatura muito, muito sensível. Com a voz débil perguntou, apontando o Grande: por que é que ele não quer?

— Não já disse que conheço ele muito pouco? — retrucou o funcionário. O senhor pode continuar a sua história. “Oh sim, sim...” agradeceu o negociante enquanto limpava os olhos com um lenço bastante encardido, e logo voltou a iluminar os olhos onde despontava a barbicha toda irregular. Os senhores podem pensar que eu sou um filho de Mandarins, disse ele, o que parecia ser o início de uma outra narrativa cheia de lances esquisitos a respeito de suas origens. Depois como se fizesse um esforço para chegar àquela conclusão e necessitasse de sérios argumentos para convencer seus silenciosos espectadores, olhou sucessivamente para o chão, para os olhos dos outros, para o céu, ergueu os braços como um pregador e disse: ora, ora...

não me levem a sério senhores, não acreditam em mim senhores, não vão dormir pensando em mim senhores; meu pai sempre dizia “és um predestinado Néstor; és mais inteligente que Rui, tens uma grande cabeça”. Isso é tudo: eu fiquei sozinho na terra e as profecias não estão se cumprindo.

O homenzinho lamentou a saudade que tinha do velho pai e era como se seu olhar caminhasse até um horizonte muito amplo, um vasto horizonte, todo enorme, e o céu caísse para os lados como fazem todos os céus à distância nas regiões desertas; então gesticulou falando sobre como se conhece o deserto com esse único olhar e se sabe que naquela hora mortiça da tarde as cobras saem com os corpos finos entre as pedras, por sobre os lajedos, e era como se fossem todas para o horizonte. “Que foi que o senhor fez então?” perguntou o Grande. O senhor não precisa responder a todas as perguntas — disse João Branco. O negociante pigarreou. Deixe ele perguntar — disse. Ele pode perguntar. O que é que ele quer saber? Ora, eu tenho muitas coisas. É tão simples, não é? — Disse tudo num ritmo de uma mulher conversadeira depois parou para respirar e dar à voz o tom macio com que continuou se explicando: eu era novo quando meu pai chamou os filhos todos e falou “se vai se mudar daqui”. Ninguém estava preparado, a terra parecia muito grande demais e os caminhos era como se não levassem aonde diziam os tropeiros quando conversavam arranchados; houve uma nova espécie de movimento na casa: as mulheres, a avó, Doce Rosinha (nós fomos criados juntos) se oferecia esse anúncio de boca em boca: se está de mudança, como aves de arribação. É tudo muito remoto. Os cavalos relinchavam onde eu nasci, eles corriam com o passo largo dos animais inteiramente soltos no pasto. Agora só tenho lembranças, uns quadros de retratos de todos os parentes que ainda conservo na sala de visita, seus empoados rostos entre flores e as mulheres com vestidos de seda ostentando camafeus; alguns eram ricos. Tenho também velhos cartões onde as primeiras letras são graciosas iluminuras.

O negociante olhou para o céu e deu um longo suspiro, as mãos enfiadas nos bolsos, a gola do escuro paletó circundando o pescoço magro encimado por aquela pesada cabeça de orelhas em abano, meio calva, e o rosto cujos ossos apareciam ali sob a pele, imediatamente sob a pele. Ele está viajando para o Mar-alto?... — perguntou o Grande. João Branco concordou em silêncio; deixe que vá... — disse depois. O Grande tornou a insistir: e para onde vai ele?

— Só para o Mar-Alto, respondeu João Branco.

— Ah! sim... — exclamou o Grande balançando a cabeça como as pessoas que se esforçam para compreender as coisas, e de repente se sentem satisfeitos por alcançar o ponto difícil da escalada.

— O Mar-Alto é tudo?

— Pode ser, respondeu João Branco. Queria explicar que na barca que construíra o pequeno homem levaria um casal de cada um dos animais que habitassem a Terra naquela época conturbada que noticiavam os jornais, e talvez dissesse mais coisas, mas se contentava com olhar de relance as cabecinhas dos irmãos reunidos na assembléia. João Branco só voltou a falar para chamar a si o sujeitinho, perguntando-lhe ao ouvido, o que o senhor está esperando?

— Nada... — respondeu o negociante abrindo os braços.

— Vá homem, vá... — gritou João Branco empurrando-o para uma direção por onde podia escapar. O negociante resistiu. Minha mulher e minhas crias estão em casa — explicou ele, como se isso bastasse. Não basta, disse João Branco.

— Parece que ele não quer ir... — ruminou o Grande. Nós te aceitamos entre os voluntários, Nestor. Morrerás e terás um belo funeral enrolado na bandeira verde-amarela, todos cantando e dizendo de ti que fim maravilhoso que teve o Patriarca Nestor, nunca pensei...

João Branco desistiu de empurrar o sujeitinho, para a direção despovoada que avistava dali e, jogando o queixo sobre a mão, começou a se interrogar sobre aquele reduzido espécime de homem. Diagnosticou em silêncio que ele era um freqüentador de assembléias, mas por que freqüentava as assembléias com a mulher e as crias

em casa crescendo como rebentos promissores, podendo dormir e sonhar na multiplicação de seus bens? O senhor sonha? Muito difícil... — murmurou ele como se emergisse de um torpor sem contudo despertar inteiramente, não era preciso. E não vinha até ali entre os outros sobre cujas cabecinhas passavam o vento e o som dominador dos alto-falantes, era um bom brasileiro. Claro que sim, e depois? Morrerei, não? Ora bolas. Ele podia ser também um frade; fazia pouca diferença, era como se apenas mudasse de balcão. Dificilmente se entenderá o senhor, disse João Branco, quebrando o silêncio em que apenas flutuava o zumbido da assembléia entre duas orações empurradas pelos auto-falantes desde os mastros de onde apontavam as bocas redondas. O negociante esboçou um sorriso e logo, com uma certa volúpia, tragou o ar por entre os dentinhos fazendo um barulho irritante. Não é preciso... — respondeu. Faz pouco tempo eu tive medo, como se estivesse no Monte das Oliveiras. Há um Monte das Oliveiras para mim não é verdade? Pouco me importa.

— É verdadeiramente excitante — disse o Grande. Pode não ser o que todos estão esperando, mas eu não tenho nada com isso. Está bem.

— O senhor é um bom homem, não é? Perguntou João Branco. Naturalmente que eu sou um bom homem, respondeu ele. Quer que conte outra vez a minha história?

— Já chega — disse o Grande. Já se sabe de tudo.

— É ... agora resta muito pouco, acrescentou João Branco como se estivesse atribuindo uma sentença que no íntimo lhe desagradava. O senhor pode ir para o Mar-Alto.

O Armazém Nestor é bastante movimentado, disse o negociante como se estivesse acrescentando informação preciosa. Ele fica em um extremo da rua. Mordeu o beicinho e explicou: mas eles compram pequenas coisas, é um dinheiro amarrado. Os dois concordaram em silêncio e João Branco perguntou depois: o senhor tem algum plano?

Oh, a luta... — murmuraram quase a uma voz. Está tarde, disse o Grande; penso que se pode ir indo pra casa. Não vai acon-

tecer mais nada esta noite. Se acompanha o Patriarca, ele não é um Patriarca?

O homenzinho Nestor sorriu agradecido à alusão que lhe fazia o Grande e suspirando fundo concordou: bem, é verdade... eu vos levarei comigo.

— É preciso andar ligeiro, disse João Branco, e como já tivessem principiado a caminhada, fizeram os animais acelerar o passo. O ônibus levantou nuvens de pó, todo iluminado.

Lá há um alto e nobre coqueiro ao lado de minha casa — disse Nestor com um sorriso na boca e nos olhos. Lá é minha direção. Doce Rosinha aplaude. Que grande influência que ela tem na minha vida; como um astro governante... — Os três homens viajaram a cavalo durante a noite e na manhã seguinte alcançaram a colina onde vivia o Patriarca Nestor, uma casa cercada de muros brancos e baixos e de horizonte amplo, um horizonte verdadeiramente muito amplo que abarcava montes e vales e as poucas habitações isoladas entre si pelas distâncias e pelos caminhos batidos na terra. Era de estranhar que fosse ali, pensou João Branco, que também não esperava viajar para tão longe e só agora sabia que tinha se distanciado tanto na cidade, era um deserto. Que veio ele colher aqui? O negociante dava mostras visíveis de alegria por estar de volta à casa; ele diria: estamos de volta, quando abrisse a grade de madeira do pequeno muro, o primeiro sol se estendendo desde longe ante os rostos e os hálitos matinais. Todos muito tranqüilos e afáveis à espera, ele faria um pequeno discurso: receberás bem os estrangeiros e os acolherás sob o teu teto, esta a lei da minha hospitalidade.

— São estrangeiros? — perguntou Doce Rosinha à porta.

— São amigos, disse Nestor apontado João Branco e o Grande. — É uma história difícil, eu conheci eles na assembléia e falei de mim e de minha família e eles vieram ver. A mulher sorriu para os estrangeiros e lhes amostrou o interior da casa com sua doce sombra para onde se encaminharam em silêncio e com o semblante respeitoso. Agora estavam bem acolhidos, os jarros estavam enfeitados com

dálias frescas e a mesa coberta com um pano alvo de crochê feito pela avó para as bodas, e os pássaros cantavam entre as árvores banhadas pelo primeiro sol da manhã. Uns móveis antigos; são móveis antigos — explicou Nestor apontando. João Branco e o Grande concordaram em silêncio balançando a cabeça. — São lembranças de aniversário, disse ele ainda com o olhar pousado sobre as figurinhas alinhadas nas prateleiras de vidro da cristaleira, um relógio de louça prolongava a andança da pêndula sobre a peça e o *tic-tac* era claro como tudo na manhã. As crianças já foram para a escola, disse ele com um ar feliz.

O Grande abriu os braços e a boca em um largo bocejo enquanto olhava através da janela aberta no oitão as colinas que se estendiam onduladas até o horizonte, aqueles horizontes muito amplos, marcadores das distâncias para além de onde iam os tropeiros nas viagens para o Sul. Estamos a muitas léguas do povoado mais próximo? perguntou ele ao acaso. Não tem importância, disse João Branco explicando que tinham viajado toda a noite e por isso era compreensível que estivessem assim afastados das grandes colméias.

— És um refugiado? perguntou-lhe o Grande como se se preparasse para uma dissecação do outro. João Branco não teve resposta para oferecer, ele preferia se embebedar com o canto dos pássaros e a luz que chegava em caudais rompendo o ligeiro cerco das nuvens. Cobiçava quando saísse dali ter a força dos deuses para dizer: adiante, adiante, se está demorando demais neste acampamento — e então vestiria a pesada armadura frente aos soldadinhos que em seus olhos veriam brilhar o espírito feroso do guerreiro. “As colméias estão muito longe...” ruminou ele quebrando o próprio silêncio.

O quê? perguntou o Patriarca Nestor tomado de surpresa. “As colméias estão muito longe” repetiu ele voltando ao lugar. O Patriarca concordou em silêncio e depois disse “este é o meu doce lar” apontando o chão de tijolos vermelhos, o teto e as paredes como se quisesse acariciar tudo com o gesto. — Mas durmo mal as noites, ainda penso em minhas crias que devem crescer robustas, penso em Doce Rosinha e nos tempos aí, o que é que eu posso fazer?

João Branco esperou que o homem começasse a falar das dificuldades, o que seria muito justo, mas não adiantava nada escutar e pensando nisso interrompeu a conversa querendo saber quando estava pronta a Arca, algum dia ele punha a última tábua no costado mas era talvez preciso ser logo. Por que esse interesse todo? Só Deus sabe — respondia a si mesmo. Era um costume cair na órbita daquelas criaturas domadas para levar o pão à casa na entrada da noite, um desfile de patriarcas. Tu farás um esforço e passarás adiante, adiante, o que se repete com um disco quebrado em certo lugar, bem pode ser assim. Eu fico aqui hoje — disse ele. Podia ficar olhando os outros o que era bastante, rezar pela fraternidade, onde tinha escutado isso? Sempre voltava ao pensamento e achava graça, uma graça imensa, alguma coisa semelhante a dar a mão para a vidente ler e esperar a profecia. Aonde vai o mundo meu senhor? Naturalmente sou nativo daqui, é tudo fácil de delinear assim como fazem as professoras primárias nos quadros negros e os alunos viam em direção muito oposta, no fundo, não interessa, sou pessimista e a época é muito grave. “Não — disse — isso é uma brincadeira, muito burra compreendo tudo muito bem.”

João Branco tornou a perguntar: onde está a vossa Arca?

O pequeno homem Nestor apontou direções vagas e sorriu. Doce Rosinha trouxe os bules com café fumegante e pão e Nestor disse “se aproximem”. Eles puxaram as cadeiras acompanhando o dono da casa.

Doce Rosinha abaixou as pálpebras diante do olhar dos estranhos e tomou um lugar na mesa ao lado do marido; era uma forte mulher de ancas rijas e mãos pesadas, o rosto harmonioso e claro. Os pássaros cantavam a alegre manhã.

Em seguida partiremos, anunciou João Branco explicando que não podia abandonar as colméias durante muito tempo porque tudo fervilhava. O Patriarca aquiesceu com um gesto e não era preciso mais nada. Ele sorriu cordialmente para João Branco e disse está bem, está bem assim... não vai demorar muito a luta não é? — cortou o pão

em pedaços oferecendo-o aos estrangeiros iniciados no gozo da sua hospitalidade e sorriu muito tranqüilo.

Ao meio-dia, o Sol ferindo os olhos dos animais com o brilho, João Branco e o Grande se despediram do Patriarca começando a jornada de volta montados nos magros cavalos. Lá vão eles... — murmurou Nestor olhando os dois se distanciarem cada vez mais no caminho batido na terra; uma nuvem passou frente ao Sol e diminuiu a luz que feria como se para deixar o Patriarca abrir um pouco mais os olhos na silenciosa contemplação dos que partiam. Durante toda a manhã tinham falado entre gestos vivos e a ligeireza dos bons animais, como se disputassem um jogo, era preciso ser muito rápido para que não falhasse. “Então nos reuniremos” acertaram, mas o Patriarca sabia que era difícil e não insistiu, não era mesmo preciso. João Branco comentou com um sorriso curto: eu sei que o senhor vai faltar nesse amanhã... O Patriarca curvou o rosto...

In: *O Moderno Conto da Região do Cacau*. Organização Telmo Padilha. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1978, 271 p.

Noênio Spínola (Amargosa, BA, 1938 —).

Obra, entre outras: *Caras pintadas*, *Mariana adeus*; *Dante Alighieri visita a comédia paulistana* (2000).

## PECCAVI

Pedro Calmon

Irmão e Padre. A graça e paz de Jesus sejam sempre em nossos corações, amém.

Um grande desejo de confessar-me, como se à viva voz, a quem na graça do Senhor, bastante paciente de ouvir as palavras do pobre servo de Cristo e consolá-lo com a sua doce misericórdia, me leva, respeitável Irmão, a dizer-vos esta confidência terrível. Meu bom e meigo Irmão, cometi ontem um crime. O maior de todos os crimes: não perdoar.

O meu Irmão reze por essa alma. Eu conto.

Foi ontem, ao tocar as vésperas, na sacristia quase escura. Uma mulher entrou. Andava mal, cambaleando, encostando-se aos móveis, uma mantilha preta sobre os cabelos cor da noite. Caiu, primeiro, ajoelhada, ou melhor, prostrada diante do altar. Ergueu-se, e tombou num desmaio aos pés do confessorário.

Não me acerquei logo; tinha o peito oprimido, uma palpitação gelada no coração, pena e receio, ao mesmo tempo que piedade por uma grande dor e previsão de uma culpa imensa. A pecadora

extremunhou aos pés do confessor, rouquejou alguma coisa que entendi por um apelo ao santo ministero, e ficou parada, arquejando.

Lembro-me que sobrecei a estola, tomei do breviário, enrolei mecanicamente nos dedos o fio do rosário, e sem rumor, lentamente, assentei-me à escuta, onde as alparcas esbarravam na onda de umas saias de beata. Ditas as palavras sacramentais, tomei fôlego, indeciso, e ia fazer-lhe a primeira pergunta banal das confissões, quando ela desatou um soluço que correu pela igreja em eco estrangulado, e lançou-me aos ouvidos esta palavra monstruosa: Matei!

— Mataste?

— Sim, matei!... Matei!...

Senti frio o sangue nas veias, o terror na garganta, um ímpeto vencido de levantar-me, fugir daquela mulher, tão jovem, quase criança, acobreada como uma cabocla, que me dizia que matara. Mas ouvi.

Matara um oficial de milícias, natural de Trás-os-Montes, com parentes opulentos na comarca de Olinda e um tio bispo em África. Bonito homem, de grande corpo, rixento como um espadachim do Peru e maior demônio para as mulheres que Don Juan de Sevilha. Fora amante desse homem, que, uma noite de luar, na garupa do cavalo de guerra, a roubara da barraca dos seus pais. Que o amava muito, tanto — gemeu entre duas lágrimas — como a liana ama o ingazeiro: um amor eterno, cheio de doçuras, de impossibilidades, que me pareceu, como ela o disse, uma abominação desvairada, porque esse mesmo amor, assim tão grande e impetuoso, só o devem ter os fiéis para o nosso pai Jesus. Nasceu-lhe uma filha, alva como o pai, linda como os dois. No outro mês, que se seguiu ao parto, o tenente desapareceu.

Seduzido pelas graças da mulher de um toureiro de Valholid, correu atrás dela, seguindo-lhe a pista como um rafeiro, quase todas as capitânicas deste Reino. Voltou depois, com a castelhana, sós, em escândalos públicos de muitos derrços, como se entre eles não houvesse um cadáver sangrento, o do toureiro, cozido a estocadas numa

viela de S. Luiz do Maranhão. Aqui, a danada estrangeira se enamorou de um oficial do Rei, um Dom Braz, casado em angola com uma fidalga minhota. Sem dar por aquilo, o tenente para logo viu na mulher de D. Braz a presa dos seus desejos infernais. Desprezou a espanhola, para raptar a minhota: nessa mesma noite a viúva do toureiro desaparecia para as Índias com o marido da outra.

Foi o tenente com a sua nova amante, na praça de touros, que viu a cabocla abandonada, mendigando moedas aos transeuntes e a puxar pela mão a filhinha já crescida. Correu para ele:

— Antonio! Antonio!

— Quem és, que queres? Disfarçou o miserável, com a fisionomia enjoada dos felizes diante dos pedintes.

— Tua filha...

— Não tenho filhas, gritou ele, e fez um aceno para um soldado, para que prendesse aquela doida.

Foi arrastada para o cárcere, sem a filha, que ficou só, chorando no meio da praça. Soltaram-na meses depois. Procurou a filha, como uma louca, batendo de casa em casa, gritando para os passantes, indagando de todos, aos berros de choro, com a raiva nas goelas e o coração despedaçado. Ninguém lhe sabia da filha. Nunca mais a viu.

Nesse dia, de novo esbarrou com o tenente. Afastou-se dele, como se de uma cobra. Ia fugir, correr, quando o seu pulso lhe caiu no ombro. Ouviu-lhe estas palavras:

— Ainda estás bem bonita, Joana. Fui ingrato. Mas, que queres? Não me devias ter falado, junto daquela senhora que é uma grande fidalga. Agora não vás ficar mal comigo. Espero-te hoje, à hora de recolher, por detrás da Sé Velha. Sim?

Respondeu-lhe que sim, que iria, à hora de recolher.

E foi. Entraram para um sobrado, onde havia móveis de alcova, com decorações baratas, e sobre um escabelo mouro uma faca de dois gumes, em bainha de prata. Conversaram. Ele contou, rindo, um rictus meliante nos beiços, as suas aventuras, as estocadas, as amantes, os milhões da nobre minhota. No fim, quis enlaçá-la nos braços.

— Sabes de minha filha... da nossa filhinha?

Não sabia. Nem lhe importava uma filha. Para que filhos? Tinha excelente vocação para namorado, mas nenhuma para pai. Era tolo, muito tolo. Que gozassem, em muitos abraços, muita ternura... Podia estar ali até o toque da meia noite. Depois, ia à fidalga minhota, a dos milhões.

— Mas minha filha! Gemia a cabocla.

E ele: que o impacientava, que já dissera que não sabia de sua filha, que não conhecia nenhuma como sua. Tentou abraçá-la. Ela resistiu. Quis sair. Ele reteve-a. Que ficasse até o toque da meia noite, porque a minhota não o esperava senão à meia-noite.

— Covarde!

Ele riu-se.

— Desnaturado, infame!

Riu-se mais, às gargalhadas, num grande gozo.

Ela relanceou o olhar pelo quarto. Viu a faca, na bainha de prata, muito longe, no extremo do aposento. Um pensamento rápido ferrou-se no cérebro. Deixou-se abraçar, de pé, com garradice. E sorrindo — um sorriso contrafeito, fingido, que devia ser horrível — desapertava-se dele, dava uma carreirinha, tornava a deixar-se prender, a fugir de novo, novamente a abraçar.

Ele excitava-se, curvava-se muito para ela, tinha chispas nos olhos. Ela esquivava-se, mostrava o ombro nu, alargava o decote da blusa, desmanchava laços, desatracava o pano, com promessas, me-neios, numa tremenda faceirice de gesto, de cio, que comunicava nele vibrações violentas, estremecimentos, uma espuma pálida no canto dos beiços...

Chegaram até junto do escabelo. Ela encostou-se no móvel, com a mão esquerda rompendo a blusa até os seios e a mão direita a procurar a guarda do punhal. Achou-a; suavemente desalojou-o da bainha; levantou sorrateiramente o braço, abandonando-se, sem mais resistência, ao abraço do amante, e, de repente, cravou-lhe entre as espáduas, até o punho, a arma de dois gumes.

O tenente escorregou-lhe dos braços, muito hirto, sem um gemido. Quando se estendeu no chão, expirou.

Começa aqui, respeitável Irmão, uma coisa assombrosa que não entendi ontem, à noite, quando confessava a homicida. Ela disse que levou toda a noite a embalar nos braços, sentada no assoalho, o cadáver do tenente. A beijá-lo, a lavá-lo nas lágrimas escaldantes que lhe rolavam, duas a duas, pelas faces. Só o deixou, quando o último vestígio de calor fugiu da carne morta.

Vagueou pela cidade, tresvairada, muda, embrutecida pela sua dor. Ao desmaiar do sol procurou a igreja. Vinha ao consolo de Deus. Que amava ainda, como sempre amara, o seu amor louco, impossível, pagão, o homem que naquela hora repousava na terra gelada. Amava-o tanto, e tanto, que ele, de novo vivo, matá-lo-ia outra vez, com a faca de dois gumes, com um golpe entre as espáduas e apertando-o nos braços, com a boca na sua boca.

Os cabelos eriçavam-se na cabeça. A noite velava a sacristia; dois círios bruxuleavam em agonia, um pranto luminoso, com sacudimentos de soluços. Era quase fantástico.

A mulher, as mãos crispadas no confessionário, esperava a absolvição. Neguei-a, trêmulo. Que era maldita, pelo sangue que derramara. Cem vezes maldita por que se não arrependia. Que carregasse nos ombros a cruz da sua miséria, até o cimo do Calvário: a punição dos homens. Depois, a punição do céu. Só teria perdão se muito rezasse, só, face em terra, suplicando a Deus. Porque o perdão de Deus é ilimitado. Mas era uma criminosa, tão criminosa que os homens e a Igreja a condenavam sem remissão. Que se arrependesse, que imprecasse o céu...

Neste momento, um leigo arrastou os sapatos pelo pavimento. Ergui-me. O irmão veio até mim, segredando-me que uma força de arceiros estacionava na portaria, esperando uma grande criminosa que se confessava aqui. Matara D. Antonio d'Azevedo, tenente das milícias, sobrinho de um bispo. Coisa execranda!

A mulher não esperou que lhe falasse. Direita e digna, a passos iguais, dirigiu-se para a porta. Sem nada dizer pôs-se entre os soldados.

Há precisamente meia hora assisti-lhe, entre o povo, a morte serena. Foi suspensa no cânhamo e finou-se mansamente, sem um estertor. Do cadafalso viu-me. Olhou-me, com um olhar magoado e tão calmo, que nunca mais, tenha duzentos anos de idade, o esquecerei. Recusou confessar-se pela segunda vez. Antes de meter a cabeça no baraço, olhou-me ainda. Não sei o que senti, mas me parece que um grande calor revolveu-me nas entranhas uma labareda, que me abrasou; o coração, um instante, parou de bater; as pálpebras desceram-se-me, apagando o cenário, e percebi que levantava a mão direita, que cortava o ar em cruz, que abençoava, que absolvía no espaço. E quando o seu cadáver oscilou na corda, caí de joelhos. E alto, muito alto, insensatamente alto, articulei, batendo nos peitos: — Morreu uma inocente. Senhor Deus, misericórdia para ela!

Cometi ontem um crime. O pior de todos os crimes: traí a Deus boníssimo. Oxalá o arrependimento seque-me estas lágrimas, que hoje maculam o papel em que vos escrevo. Venerável irmão, rezai por alma da criminoso e mandai ao Irmão indigno o bálsamo dos vossos conselhos, da vossa sabedoria, da vossa bondade.

Colégio da Companhia, Salvador da Bahia, no mês da Virgem do ano 168...

*Leonardo, Padre*

In: *Pedras D'Armas*. Monteiro Lobato & Co., São Paulo, 1923, 194 p.

Pedro Calmon (Amargosa, BA, 1902 — Rio de Janeiro, RJ, 1985 ).  
Obras, entre outras: *Pedras d'armas* (1923); *O tesouro de Belchior* (1929); *A bala de ouro* (1947).

## CONDE

Ricardo Cruz

Sáímos do restaurante e Carla quis dirigir o carro. Vi logo que ela estava mal-humorada. Passei para o lado do carona e tentei me interessar pelas pessoas andando pela calçada. Olhar para as pessoas é mania que cultivo há muito tempo. Carla tem ciúmes dessa mania, me acusa de viver olhando para as mulheres. Pensa que vivo olhando com segundas intenções para todas as mulheres e muitas vezes a surpreendo *já olhando* para mim, perscrutando a direção do meu olhar, mal alguma mulher passa pela frente do carro. Não vejo nada de errado em se ter *segundas intenções*, só que não é verdade que olho somente para as mulheres. Sério, mesmo. Que culpa tenho eu se toda hora passam pela minha frente tipos os mais surpreendentes, e que as mulheres me surpreendam muito mais que os homens? Então vou filmando-os, mentalmente, o que também faz parte dessa mania. Com uma câmara invisível faço *closes*, planos médios, americanos, longos *travellings*, e vou cantarolando-os, investigando-os e selecionando-os segundo os mais divertidos papéis que, suponho, representam nesse grande cinema que é a vida. Ao mesmo tempo que

me divirto em silêncio, fazendo-os coincidir ou não com minha reserva imaginária de tipos inesperados. Ela não entende, mas chamo a isso de *fellinizar* o cotidiano. Quando nada, serve para ir me assegurando de que essa história que as aparências enganam é puro papo, basta olhar para as pessoas com cuidado. A aparência, o que se exige, é, na maioria das vezes, meramente encobridora do seu contrário, ou seja, daquilo que não se quer que seja visto, o que em si próprio se odeia e não se pode ou não se quer jamais mostrar para ninguém. Para um observador treinado como eu no cinema da vida, toda aparência é pura máscara. Então nunca me engano. Isto serve tanto para os homens como para as mulheres. Claro, as mulheres se valem de um monte de recursos disponíveis para elas, e dissimulam bem melhor que nós, os homens, embora jamais consigam esconder quando estão mal-humoradas, ou quando estão com ciúmes, por exemplo. As mulheres me fascinam pelo uso que fazem de suas máscaras, pelo uso preciso de todas elas, e pelo poder de nos fazer, *sempre*, acreditar nelas. Carla é uma mulher fascinante, mesmo quando está mal-humorada como hoje, o que ela jamais faz questão de dissimular. Ao menos para mim.

Acabávamos de passar por um grupo barulhento de rapazes e moças que caminhavam sobre a calçada, quando de repente um dos rapazes foi obrigado pelos outros a saltar do meio-fio para o meio da rua, o que fez Carla breicar e meter a mão na buzina. Um daqueles engraçadinhos, saltando também para o meio da rua e fingindo tourear o carro, fez uma mesura exagerada para ela, como aquelas que a gente vê nos filmes de capa e espada: tirou o chapéu e curvou-se todo, num gesto espalhafatoso. Fiz que não vi.

— Um cara acabou de me paquerar, Zeca, e você nem viu — ela disse.

— Claro que vi, não sou cego.

Ele só fez uma brincadeira, pensei em acrescentar, mas não disse nada, temendo desfazer a segura da minha resposta e aumentar ainda mais aquele seu mau humor, com excesso de explicações. Nem esse cuidado adiantou:

— Você nem está mais aí, tanto faz se alguém me paquera ou não.

Novamente aquela conversa. É provável que estivesse aí o motivo do seu mau humor. No hotel, noite passada, fizemos amor. Fazemos amor com mais frequência quando estamos viajando. E foi bom, daquela vez, como tem sido bom todas as vezes, desde que estamos juntos. Talvez sem a vibração esperada por estarmos longe dos condicionamentos domésticos. Com a maioria dos casais que conheço deve acontecer o mesmo. Quero dizer: fica um clima mais excitante quando assumimos a anônima condição de viajantes. Talvez porque temporariamente nos vejamos livres da mortalha com que a rotina costuma envolver os nossos sentidos. Depois, quartos estranhos em cujas camas pares estranhos se amaram, teriam o poder de deflagrar um monte de fantasias eróticas submersas no inconsciente de cada um. O fato é que a gente se entrega mais quando fora dos condicionamentos. Suponho que ontem ela tenha fantasiado bem mais que eu. Ou o seu desejo foi mais intenso e desinibido que o meu. Então buscou-me, provocou-me, insistiu, quase com violência, querendo transar novamente.

— Não tenho vontade — eu disse, encerrando o assunto.

— Acho que você não me ama mais.

— Claro que amo, só que agora não estou com vontade.

— Antes você não era assim, não perdia a vontade de transar tão facilmente — replicou.

— Antes também não era umas porção de coisas — respondi, mais por responder e para me ver livre de sua insistência que por intenção de ser ríspido. O resultado foi que fomos dormir estremecidos. Tudo porque eu não quis ou não pude esclarecer para ela o que significava *aquele antes também não era uma porção de coisas* que atirei ao acaso. E ninguém mais acredita no acaso, hoje em dia. Carla, pelo menos, não. Agora, no carro, ela me atirava aquela história de paquera do cara que quase beijara o chão com aquela mesura idiota.

— Quer que eu faça o quê? Que passe com o carro por cima dele? Quem está dirigindo é você — eu disse, forçando uma brincadeira, talvez só querendo quebrar o gelo.

Ela fez um muxoxo bem prolongado, sabendo o quanto aquilo me irritava. Principalmente com aquela carga de mau humor no ar, pairando entre nós. Inegável que o mau humor dela logo me contagiava.

Percebo que não é de agora que ela anda me testando com essas histórias sobre paqueras. *Antes* não era assim, e se eu por acaso lhe perguntasse algo sobre sua vida, se um outro homem já a interessou, desde quando estávamos juntos, me garantia que não, que jamais reparava em *outro homem* com essa intenção, isto é, com interesse, e que sequer se tocava se a paqueravam ou não, porque somente eu lhe interessava na vida.

— Estou cagando e andando para esses carinhas de merda e outros que não podem ver uma porra de um rabo de saia pela frente — ela disse, a voz carregada de acusações, não como *antes* costumava dizer, mas como se de algum tempo para cá ela vivesse subestimando o fato de ser *ainda* uma mulher bonita e atraente, valendo-se com mais frequência daquela que havia adotado como sua linguagem coloquial, e que sempre achei desnecessária e de muito mau gosto, mas isto eu nunca fui capaz de lhe dizer assim, de um modo discreto. **Putaqueo-pariu-é-foda-porra-vá-tomar-no-cu-caralho-se-fodeu**, também faz parte do coloquial familiar que todo mundo usa hoje em dia, é o que é mais comum de se ouvir por aí, não importando onde nem quando nem com quem se esteja, o que tão pouco sou obrigado a adotar. Muito menos a gostar, a ponto de andar repetindo a torto e direito.

Quando passávamos perto do hotel ela disse que precisava entrar para telefonar para alguém de seu trabalho. Mal-humorada ou não, querer telefonar sempre acontecia porque ela jamais se desligava totalmente do seu trabalho. Mesmo se estivéssemos de férias, como estávamos, viajando sem destino, fosse pelo litoral da Bahia, como era o caso, fosse pelo sertão nordestino (previamente, quase ao acaso,

escolhíamos num mapa cidadezinhas para visitar, demorando mais em umas que em outras, motivados e atraídos por alguma coisa interessante, como um casario antigo, igrejinhas barrocas, uma praia pouco freqüentada, uma paisagem do campo, uma festa popular esquecida, essas coisas). Quando acontecia de querer telefonar, não sossegava, demorava horas no telefone até que se inteirasse de tudo, fofocas incluídas, é claro, e terminávamos ficando no hotel, porque quando ela acabava já a velha preguiça tinha me abatido e não dava mais vontade de sair da cama. Podia acontecer que fizéssemos amor, ou que ficássemos vendo alguma bobagem na tevê, ou simplesmente resolvíamos descansar, e adiávamos qualquer outra coisa que houvéssimos planejado fazer juntos.

— Agora não estou com vontade de entrar nesse hotel — eu disse, e lhe pedi as chaves do carro, passando para o banco do motorista.

— Porra, Zeca, pra onde você vai? — A velha desconfiança misturada com o mau humor e a relutância em me entregar as chaves do carro.

— Não sei. Por aí. Talvez vá atropelar o cara que lhe paquerou. Seu olhar me fuzilou. Ela jogou as chaves no meu colo.

— Depois que atropelar o sacana, volte pra me buscar. Não quero ficar metida num quarto de hotel o resto da manhã. Dê só um tempo para que eu possa botar alguns assuntos em dia — ela respondeu, abrandando a dureza do seu rosto e até forçando um sorriso meio maroto.

Ri com mais franqueza e arranquei o carro devagarinho.

Voltei para as proximidades do restaurante onde havíamos almoçado e rodei com o carro até encontrar a turma. Uns cinco ou seis rapazes e quatro moças. Um bando de *punks* interioranos de merda, pensei. Buzinei e o rapaz que tinha feito a mesura idiota reconheceu o carro. Dessa vez ele não tirou o chapéu. Nem pulou para o meio da rua. Parei o carro bem diante dele.

— Ei, você que paquerou minha mulher! — gritei-lhe.

Ele ficou tão surpreso que nem disse nada. Os outros inquietaram-se.

— Voltei aqui para te atropelar.

— Você e mais quantos? — ele perguntou, afastando uma das garotas para o lado e pondo-se à frente dos outros rapazes. Sem dúvida confiava na vantagem de estar metido com uma turma.

— Vamos fazer um acordo — propus, abrindo a porta e saltando do carro, calmamente.

Dois dos babacas que provavelmente se deixavam liderar pelo babaca de chapéu adiantaram-se, dispostos a uma briga. Abri os braços num gesto de paz, mostrando que não estava armado e nem tinha intenção de brigar. Muito menos de atropelar ninguém.

— Não quero lhe atropelar coisa nenhuma, mas você vai se fingir de morto bem aí na calçada — eu disse e tirei da carteira cinco notas de cem reais, exibindo-as para eles. Era o quanto estava disposto a pagar pela brincadeira que tinha em mente. Os dois valentões ficaram deslumbrados, como se nunca tivessem visto tanto dinheiro na vida, e o babaca do chapéu adiantou-se. Nem negociamos muito. O mais difícil foi convencê-lo a lambuzar-se de mercuriocromo, mas os outros, de olho na grana, até me ajudaram a convencê-lo. Pediu mais vinte reais pela camisa, argumentando que só tinha aquela e que ficaria inutilizada com a brincadeira. A camisa, de malha vagabunda, com um desenho *heavy metal* horroroso não valia tanto, mas concordei em dar-lhe mais dez reais. Os outros vibraram com o novo acordo e fomos à farmácia comprar o mercuriocromo, depois voltamos para a calçada. Preparamos a cena do atropelo. Algumas pessoas pararam para olhar e explicamos que se tratava de uma brincadeira.

Quando achei que estava bom voltei para o carro, para ir buscar minha mulher no hotel. Plantaria bananeira para agradá-la. Se conseguisse abrandar um pouco aquele seu mau humor, já me daria por satisfeito. Ia arrancando o carro, uma das garotas adiantou-se e perguntou-me o nome. Olhei para os lados e vi uma placa:

## CONDE

15 KM

— Conde — eu disse. — Me chamo Conde...

— Ô, Seu Conde, precisa nos adiantar...

— Não é “Seu” Conde... por favor... é Conde... — titubeei, procurando tirar da memória um nome pomposo, mas só me ocorreram Conde d´Eu e Barão do Rio Branco, mas eu havia dito Conde. Conde dos Arcos (como é mesmo arco em francês?)... Conde ou Visconde de Taunay? Barão da Torre, porra, onde andam os condes dessa maldita História do Brasil que a gente é obrigado a decorar na escola? Olhei outra vez para os lados buscando inspiração e um restaurante próximo exibia fácil a solução: RESTAURANTE FRIGIDEIRA DE OURO. A mente continuava trabalhando com rapidez: nada de Conde d´Eu... nada disso, ao menos tinha de ser original na escolha. Conde d´Or... não, não servia, ia ficar muito na cara, pensei, sem saber muito bem por que tanta demora em não escolher logo um nome qualquer. Então, que tal d´Argent, já que não me ocorria nenhum outro?... Conde d´Argent... Por que não? Afinal estava me custando uma nota aquela brincadeira que eles mesmos haviam começado. Nada de mais que reivindicasse ser o aristocrata por ali. Eles é que não levavam o menor jeito para isso.

— Conde d´Argent, por favor — disse, enchendo minha voz.

— Conde de quê?

Sempre achei que as mulheres são muito mais pragmáticas que nós, os homens. É um outro aspecto fascinante delas. Aquela queria a grana adiantada, claro, mas não concordei. Discutimos. Por causa dela os outros imbecis insistiram por adiantar-lhe cem reais. O restante, só quando a encenação terminasse.

Voltei para buscar minha mulher, que já me esperava na porta do hotel. Fazia calor. Ela parecia impaciente e sua blusa estava molhada de suor.

— Se fosse no tempo em que os homens eram cavalheiros, Zeca, você seria fuzilado só por ter me deixado esperar tanto

tempo debaixo desse sol. — Entrou no carro e bateu a porta com força.

Continuava mal-humorada. Querendo criar um clima mais agradável entre nós, fui avisando que tinha trocado de nome:

— Não me chamo mais Zeca. De agora em diante me chamo Conde. Conde d'Argent — forcei a pronúncia -, faça o favor.

— Ah, ah. Sim, “Seu” Conde! Só me faltava essa.

— Não é “Seu” Conde.

As mulheres são todas iguais. Não entendem nada. Vão todas à merda com seu pragmatismo e tudo o mais que acham que têm melhor que nós, os homens. Claro que não fiz esse desabafo. Foi uma coisa mais interna. Ao contrário, ainda quis ser gentil e perguntei pelo telefonema que dera, como tinha sido, com quem tinha falado no seu trabalho, alguma notícia de casa e se estava tudo bem, querendo ganhar tempo e dirigindo o carro para a cena do atropelo, mas ela não queria conversa.

— Me deixar derretendo debaixo desse sol! Porra, por onde você andou esse tempo todo? — ela insistia, sem ligar a mínima para meu interesse sobre o telefonema e disposta a não me dar trégua.

— Seus telefonemas para o trabalho são sempre muito demorados e me chateiam. Com quem você *não* teve de falar dessa vez? — perguntei novamente, ironizando, já que o jogo era esse e para ganhar tempo, agora que estávamos bem mais perto dos *punks* e esperava surpreendê-la com a encenação do atropelo.

— Não me venha com ironias. Você é quem deve explicações por ter me deixado esperando.

Já dava para ver o grupo fechando círculo em volta do rapaz *atropelado*. Outros curiosos se juntavam à cena, o que vinha dar mais realismo a tudo.

— Atropelar uma pessoa de propósito não é assim tão fácil e rápido como se costuma pensar por aí — eu disse.

— Como, “Seu” Conde?

— O rapaz que lhe paquerou, não foi fácil encontrá-lo. Eu o segui, esperei até quando deu, então passei por cima dele. Fiz o que lhe disse que ia fazer.

Ela me olhou com sarcasmo e pôs a máxima incredulidade no olhar.

— *Antes*, era bem mais divertido viajar com você — ela disse, conseguindo reunir toda ironia do mundo na sua voz de repente metálica e áspera.

Freei o carro e entrei na primeira esquina que surgiu, sem ligar se era ou não contramão. Meti a ré e fiz mais uma manobra brusca. De relance, pelo canto do olho, vi que Carla agarrava-se às bordas do banco do carro, assustada. Olhei para o retrovisor e a cena do *atropelamento* lá atrás até que me pareceu bem real. O babaca que ficasse estirado no meio-fio, torrando sob aquele sol de verão, me esperando e pelo resto da grana. Foi ele quem havia começado tudo. Ele e sua turma de *punks* fingidos, interioranos e babacas. Acelerei o carro tomando a direção do hotel, sem ter a menor idéia do que faria quando chegasse, embora decidido a me meter na cama e não sair tão cedo. Provavelmente aquela não seria uma boa hora para ler nem descansar. Nem ligar o ar-condicionado. Tampouco iria desejar assistir algum programa idiota pela tevê. Nem mesmo sabia se conseguiria ficar simplesmente deitado, sem fazer *nada*, sem pensar *nada*. Sem dissimular absolutamente *nada*.

In: *Todas as Luzes do Mar*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado, EGBA, 1998, 168 p. (Coleção Editorial Selo As Letras da Bahia, v. 38).

Ricardo Cruz (Salvador, BA, 1940 —).

Obras: *Roteiro para uma tempestade* (1985); *Benditos perversos* (1990); *Todas as luzes do mar* (1998).

## O VENTO NO TAMARINDEIRO

Ruy Espinheira Filho

Otília sentia-se desfazer no silêncio. Leve, plena de doçura, pairava na paz que fluía das paredes, do teto, dos móveis, do assoalho, do mundo lá fora. Não, não havia mundo lá fora: a casa se elevara no espaço, estava acima de tudo, além, sobre nuvens que vogavam no vento brando, quase imóvel.

Então, com uma dor súbita, pensou neles. Oito, dez rostos girando num torvelinho sem fim. Fechou os olhos com força, num princípio de pânico. Tereza falava alto, estridentemente, a boca talhada em aço, cortante, implacável. E ele, aquele de olhos falsos, e João, o maior, e todos os outros se movimentando sempre, falando, gritando, gesticulando, ligando a música insuportável, desvario de imagens e sons no aparelho quase o dia todo. E a cabeça rodava, ela não podia dormir na cadeira de vime, os pés ficavam mais doloridos.

Agora, porém, não doíam. Não incomodavam nem um pouco. Estava tudo bem. Um doce torpor em lugar das dores. Um torpor que subia lentamente.

Deixou-se afundar como numa banheira tépida.

Abriu os olhos, depois da viagem sem lembranças, e limpou com a manga do vestido a saliva que escorrera pelo queixo. Nem um lenço eles lhe davam: pensavam que era porca? Pensavam, sim, como pensavam que estava doida. Pelo menos a tratavam como se fosse doida, não soubesse o que fazia. Mas sabia, e fazia o que era preciso. Os meninos ficavam gritando, uma tortura, e um dia ela seguiu um pelas bochechas. Ia dizer para ele parar com aquele inferno, que ela já estava sentindo vertigem, mas ele gritou ainda mais alto e ela não conseguiu falar. Por isso, agoniada, sacudiu bem, com força, a cara branca e suja, e as pessoas vieram correndo e Tereza pegou com raiva nas mãos dela, causando dor, e gritou também, e todos ficaram ali olhando para ela como se fosse um bicho, Jesus.

Começou a sentir falta de ar. Era sempre assim quando se agitava. Pensou então no tamarindeiro: sentada no seu galho preferido, jogava tamarindos para Carmélia apagar no avental. Usava um vestido azul desbotado muito comprido, que atrapalhava os movimentos, mas assim mesmo subia na árvore com agilidade. Carmélia é que tinha medo. Às vezes Otília chateava: ficava lá em cima chupando os tamarindos, sem jogar nenhum. Carmélia tinha que apanhar os do chão, sujos de terra e cocô de galinha. Ficavam então brigadas o dia todo e de vez em quando Carmélia chorava, as lágrimas brilhando no rosto gordo e rosado.

Carmélia chorava muito mais do que ela. Chorava à toa. Ela era difícil de chorar, só quando apanhava. Mas era um choro rápido, e não ficava marca de raiva nem de mágoa. Também as surras quase não doíam nada. Dor mesmo fora Tereza, depois. Sabia que quase tinha morrido. Estava na cara das pessoas — e nenhuma delas era Plínio. Disso ela se lembrava muito bem. Não, ele não estava ali, não sorria para ela com o seu dente de ouro e o seu bigode castanho. Não voltava mais daquela tristeza funda, daquele desamparo, os soluços ecoando infindavelmente nas paredes geladas — vestido com o terno do casamento, deitado, o rosto muito branco. E Tereza crescendo dentro dela, crescendo.

Tereza, sim. Lembrava-se. Conhecia Tereza. Um dia a escutara dizendo a uma mulher: “Mamãe já nem me reconhece mais.” Mentira. Mais uma mentira. Ela não esquecia, não poderia esquecer. Dela, Tereza, viera tudo aquilo, vieram todos eles. Tinha vontade de bater naquela boca barulhenta, incansável, impiedosa.

Quando abriu os olhos novamente, ficou preocupada por não ver Carmélia. E aquela impressão de que alguma coisa desagradável estava para acontecer. Sim, *eles*. Eles viriam, sempre vinham. Aliás, nunca se iam completamente: ficava a negrinha, cantarolando e olhando revistas que espalhava pelo chão e ia guardar correndo quando pressentia que os outros chegavam. Mas ela também não estava, não sabia por quê.

Inclinou o corpo para a frente, pressionando os braços da cadeira, fez força com as pernas e ficou de pé. Há quanto tempo não se levantava sozinha? Havia sempre alguém correndo para segurar-lhe o braço ou fazê-la sentar-se novamente. Mas agora não, estava livre e podia andar para onde quisesse.

Caminhou apoiando-se nos móveis, a princípio, depois viu que não era necessário. Os pés pareciam pesados demais, porém eram firmes. Ao atravessar a sala, sentiu uma ligeira tontura e agarrou-se à mesa. Um instante, apenas. Logo prosseguiu, alcançando o corredor.

Há muito tempo não andava por ali, onde ficavam os quartos dos outros (o seu era do outro lado, nos fundos, perto da cozinha). Tocou a porta do primeiro: fechada. Torceu a maçaneta e viu o assoalho brilhante, bem mais que o da sala, as duas camas forradas de cor-de-rosa, as mesinhas de cabeceira, as cortinas, o grande armário de três portas e muitos gavetões. Entrou, olhando tudo com atenção, procurando ver os detalhes através da névoa que sempre tinha diante de si. Percorreu o quarto arrastando os pés e, cansada, sentou-se numa das camas.

Macia. Muito mais do que a sua cadeira. Mas não tão boa, estranha, e sem onde se recostar para respirar melhor. Ali o silêncio

parecia ainda mais denso e ela sentiu que o torpor ia voltar — mas desapareceu com o gesto que fez para espantar a mosca que lhe pou-sara na testa. Muito tempo atrás — uma clareira iluminada depois de um túnel cinzento, repleto de sombras confusas — , pegava moscas e as afogava em vidros cheios de água. Depois, quando estavam bem mortas, colocava-as em fila no parapeito da varanda, ao sol, e elas ressuscitavam. Era um tempo de milagres. Lembrava-se do galo cego que Vitória, a empregada, curara, passando-lhe no olho branco e inú-til algumas ervas pisadas. No instante seguinte o galo saiu piscando, olho agora bom, luminoso. E Plínio sorrindo, com seu bigode e o den-te brilhando ao sol.

Mas não, isso já fora depois. Ainda subia no tamarindeiro (Car-mélia sempre embaixo, esperando com o avental aberto), mas a mãe já dizia que ela passara da idade daquelas brincadeiras. “Uma moça feita, que vergonha!” — espantava-se e reclamava. O pai, não, não se incomodava — e ela revia aquele rosto compreensivo, sempre um sorriso dissimulado sob os bigodes e as barbas cerradas. Estava justamente em cima do tamarindeiro, quando Plínio aparecera pela primeira vez.

Otília suspirou. Lembrou-se de que, não sabia quando, al-guém lhe dissera que o novo proprietário da casa derrubara o tama-rindeiro. Fora como se lhe houvessem amputado um braço, uma per-na. Mais ainda — algo íntimo e essencial. E ele, ele já não a acaricia-va, ficara para sempre imóvel, em sua roupa do casamento. Só de vez em quando, à noite, sorria, o dente de ouro como uma chama. Ela acordava cheia de uma intensa alegria — para mergulhar imediata-mente no desamparo da cama deserta.

Costurava. Carmélia viajara numa manhã nebulosa. As car-tas falavam do mar, que ela, Otília, nunca vira. Onde estariam aquelas cartas? Via o baú esvaziado no quintal. Tereza, áspera: “Para que a senhora quer essas porcarias?” Depois o fogo, a fumaça redemoinhando sobre os muros. Agora, pintado, o baú num canto da sala, um grande vaso de flores em cima. Ela via tudo bem, apesar daquela névoa sempre diante dos olhos. Não estava doida. Verdade que às vezes embaralhava

um pouco as coisas, esquecia acontecimentos e nomes, não acertava dizer o que queria, mas o principal e os rostos ela via bem. Sabia.

Costurava. Tereza ia para a escola e ela costurava a farda, bordava o escudo, economizava para comprar cadernos e livros. Preparava a merenda com cuidado: pão com goiabada, às vezes um tablete de chocolate. As encomendas eram muitas — vestidos, saias, blusas. Bordava toalhas, colchas. O pai e a mãe tinham sumido, não se lembrava como. Estavam ali, conversando, e depois era o escuro impenetrável. Antes disso, porém, estavam nítidos. O rosto bondoso do pai, a expressão severa da mãe. Tereza, como a neta. E a neta era muito como ela.

Um dia soube que Tereza estava namorando no jardim. “Tem que ser aqui em casa”, disse à moça. “Ele que venha falar comigo.” E ele veio, tímido, educado, e sentava-se todas as noites no sofá, escutando Tereza com atenção. Não falava quase nunca: um boa-noite na chegada, outro na saída, um muito obrigado pelo cafezinho ou pela limonada. Ela, costurando, tinha vontade de mandar Tereza calar a boca para que o rapaz pudesse dizer qualquer coisa. Mas apenas costurava.

Uma noite ele não veio. Tereza falava: um menino grande, abobalhado, criança demais. “Mas você também ainda é uma criança.” “Ora, mãe, a senhora não entende nada.” Não entendia mesmo: em menos de um ano, três namorados. E não ficava mais na sala: era no portão, onde a luz do poste morria na sombra da mangueira. Precisava chamar várias vezes para Tereza entrar.

Costurava, ouvindo — quantas vezes e há quanto tempo? — a vizinha dizer: “Você tão moça ainda, precisa sair um pouco, se distrair, arranjar um pretendente.” Nessas horas pensava na chama do dente de ouro — e pedalava com mais força na máquina. Lembra-se de Carmélia: nunca mais uma carta. Alguém dissera que ela se casara e agora morava no Sul. “Sua prima está bem, arranjou um bom partido.” Tomara — suspirava Otília, os olhos fixos no movimento rápido da agulha.

Uma tarde, Tereza na aula, sentou-se sob o tamarindeiro. As flores e folhas caídas formavam um tapete em volta do tronco. Então, num ímpeto, ergueu-se e olhou para cima: lá estava o seu galho preferido, em que tantas vezes se sentara para tirar tamarindos. Descalçou os sapatos, firmou bem o pé direito no início da bifurcação do tronco — e ouviu a voz de Tereza ecoando pela casa.

Tereza, sempre. Mais alguns namorados que, ocultos pela sombra da mangueira, não lhe deixavam rostos na memória — e um dia ela aparecera com aquele alto, forte, até bonito, mas de olhar dissimulado que desagradava à primeira vista. “Tereza, esse moço não olha a gente nos olhos.” “Ora, bobagem, mãe, que implicância!” Ela se resignava. Em todo caso, delicado. Sempre um elogio ao cafezinho, à limonada, ao almoço do domingo. Otília foi indo, indo, até que ele falou em vender a casa. Aí, resistiu. De jeito nenhum, disse, é a única coisa que me resta. Tereza com o marido: a casa muito velha, o terreno valorizado. Quando Otília viu, girava no meio do torvelinho, no apartamento sem fuga.

“Uma tristeza” — murmurou ela, sobressaltando-se com as próprias palavras, que soaram rudemente no quarto imerso em silêncio. Não sentia mais falta de ar, apenas o peso nos pés. Fitou por algum tempo o armário, que tomava toda a parede à sua esquerda. Com esforço, os músculos dormentes, ergueu-se e caminhou até ele. Não conseguia sequer mover os gavetões, mas a primeira porta obedeceu suavemente. Havia algumas caixas amontoadas, uma sacola e uma pequena boneca de plástico, que Otília apanhou com as mãos trêmulas.

Sentou-se de novo na cama, o coração pulsando forte em todo o corpo. Outra vez a falta de ar, uma tontura. A boneca a fitava com o seu rosto duro. “Dorme, neném...” cantarolou com voz rouca. “Pobrezinha”, disse. Pobrezinha, por tanto tempo encostada nos cantos, escoraçada. Então às vezes vinha aquela raiva. Cuspia no chão, nos móveis, em quem passasse por perto. Se pudesse, enfiaria as unhas naquelas caras todas. “Pobrezinha”, soluçou. Tão só na cadeira. Por que Plínio não vinha, ficava o tempo inteiro imóvel na roupa do casamento?

Não: além, depois daquele túnel cheio de sons e formas confusas, ele sorria. Mas estava preso lá, não podia vir, ela é que teria de ir até ele.

Ouvia nitidamente o chamado do vento no tamarindeiro. Tereza a segurava ali, forte, ao mesmo tempo uma e muitas pessoas enchendo a casa, cercanda-a por todos os lados, impedindo qualquer movimento. Porém... Ah, lá estava o chamado, soando, soando. Não, ela não era tão fraca como pensavam. Caminhou até a cadeira. Doíam os joelhos, sobreveio outra tontura, mas as mãos, mesmo atrapalhando-se com a boneca, firmaram-se no espaldar, ergueram-na acima da cortina de cinzas. Então ela estava de pé, no alto, sem névoa, diante do azul. Ouviu gritos, passos apressados, percebeu que mãos pesadas tentavam segurá-la. Mas já era tarde: ágil, saltou e subiu até alcançar o seu galho preferido. Embaixo, com o avental aberto, Carmélia esperava os tamarindos.

In: *O Vento no Tamarindeiro*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981, 112 p. (Coleção Edições do Pasquim; v.97).

Ruy Espinheira Filho (Salvador, BA, 1942 — ).

Obras, entre outras: *Julgado do vento* (1979); *Ângelo Sobral desce aos infernos* (1986); *Poesia reunida e inéditos* (1998).

## **UMA MULHER SEM NENHUMA IMPORTÂNCIA**

Sonia Coutinho

Ela estava casada há muito tempo. Na verdade, faria 18 anos de casada na próxima semana. Sem dúvida, uma vida e, meia hora antes, enquanto experimentava a blusa que pretendia comprar, diante do espelho, reparou que sob seu queixo, à luz implacável da cabine da loja, havia uma dupla ruga desprendendo a pele e tornando imprecisa a linha até recentemente nítida do pescoço. Coisas assim que vão acontecendo e não há meio de a gente impedir, mas dão uma terrível sensação de culpa, de repente, como se fosse um descuido imperdoável, passível de ser evitado no caso de ação anterior mais efetiva.

Não comprou a blusa e, pouco depois, caminhando entre a multidão que desfilava pela Avenida Copacabana, sentiu-se, de repente, uma mulher sem nenhuma importância. Ao se deter na esquina da Rua Bolívar, à espera de que o sinal mudasse, reparou que o rapaz guiando o grande automóvel vermelho, ali parado, olhava exatamente para a mocinha loura à esquerda, e não em sua direção. Foi quando, numa bofetada, soube que os sonhos dourados, os sofrimentos atrozes e os grandes projetos haviam ficado para trás.

Ela, uma mulher direita, bem penteada, unhas pintadas de rosa, o anel de pérolas e brilhantes no dedo da mão esquerda, o *chemisier* de seda, ah, como estava perdida ali no meio da multidão. Tanta gente aparecendo no mundo, eles pululavam em torno, absurdamente jovens e distantes, tudo continuava e mudava sem cessar. Tornara-se de súbito, aquela tarde, uma figura ligeiramente *demodée*, elegante e bem-educada demais, desocupada, sim professora de francês mas só por *divertissement*, razoavelmente bem casada, uma felicidade *fanée*, o marido abastado. Ah, estava muito casada, era como se há muito tempo estivesse sentindo aquele cansaço e, se ficasse doente agora, não se podia deixar de notar, haveria algo irrecuperável nesse ficar doente, mas o pior de tudo é que também isto não teria lá muita importância.

Eu tenho um passado enorme e inútil, pensou a mulher, desesperada, vergando ao peso daquela carga, seu passado imenso sobre ombros frágeis, enquanto tentava freneticamente pegar um táxi para transpor mais depressa aqueles quarteirões que a separavam de sua casa, um confortável apartamento de três quartos e dois banheiros, bem mobiliado, na quadra da praia, Posto Seis. O táxi custou a aparecer no coração nervoso de Copacabana e, quando ela saltou diante do prédio, seu passado estava agora atravessado na garganta, todo feito de dolorosas ninharias — as festinhas no Caiçaras, os namorados, a melhor amiga — seu passado, como uma imensa espinha de peixe, era preciso vomitá-lo.

O que não conseguiu fazer, depois de trancar a porta da frente e se encontrar no apartamento vazio, o mudo telefone, a televisão quebrada e o marido que não chegava. E continuou demorando, e demorava bem além da hora, assim decidiu esquentar a comida, se comesse talvez melhorasse. Acendeu o fogão, nunca tinha ninguém a quem lhe agradasse verdadeiramente telefonar, ninguém lhe telefonava, tinha um medo fodido das pessoas. Pensou: tenho um medo fodido das pessoas, a palavra fodido, para ela insólita, acariciando-lhe a língua.

Outrora — tudo, agora, estava sempre começando com a palavra outrora — na verdade gostava ainda de pensar no passado. Acreditava ter troféus de que se orgulhar — estudara muito, fizera todo o curso da Aliança Francesa e a pós-graduação de literatura, além de todo aquele esforço, quando era moça, para ter idéias próprias, namorando muito, indo a boates, tudo isso. Mas era preciso, agora, que estivesse pronunciando grandes discursos em praça pública, desse profundas lições, pois do contrário seria uma mulher inútil, que andava comprando blusas pelas ruas de Copacabana.

E o marido não chegava. Mas chegou, e assim foi pior, ele macambúzio — claro que havia sempre coisas andando mal no seu emprego, e o dinheiro não era tão farto assim, não tinham filhos mas havia a mãe dele a sustentar, embora não fossem pobres, ali estavam os aparelhos de ar condicionado, em todos os cômodos, a televisão a cores e suas jóias, para provar isso. Mas o importante é que eram inteligentes, gritou a mulher para si mesma, e tinham lido (ela o orientara) Rilke e Fernando Pessoa, outrora, não era um casal qualquer. Ah, tudo estava ficando cada vez mais outrora, e outrora era uma mas-turbação. Precisava parar de pensar, foi assim que mal olhou o marido, quando ele chegou com a cara muito fechada, não querendo comer indo deitar lá no quarto.

Comeu sozinha, sem perguntar por que ele chegara atrasado, ia comendo sem fome nenhuma, tomando uma consoladora Coca-Cola, depois fumaria um cigarro, sempre melhorava quando fumava um cigarro.

Ah, seu pai morrera, sua mãe morrera e ela não tinha irmão nenhum, nem filho nem filha, nem amigas de infância, era uma mulher terrivelmente sozinha, assim tentou justificar seu imprevisto desespero que começara aquela tarde, experimentando uma blusa. Sim, só tinha primos distantes, parentes inúteis — e a gente sempre cometia um erro, em alguma parte. O dela fora — claro, claro, claro — o de ter procurado sempre, absoluta e absurdamente, ACERTAR; o de ter lutado, a cada minuto, para que nem um milímetro de perfeição se

perdesse. Estava, agora, bem instalada, com uma *vida organizada*, mas era, certamente, uma chata, uma grande, uma terrível chata. Se nunca pudera ajudar ninguém, como, agora, ajudaria a si mesma, ou ao marido que, no quarto, na cama, suportava o tremendo tédio de continuar existindo, apesar do patrão e dos 18 anos de casamento?

Depois de comer, a mulher ficou longamente sentada na sala, com a luz apagada e fumando um cigarro atrás do outro, e começando a pensar, agora, em coisinhas deliberadamente bonitinhas, em coisinhas lindas do passado, quase sempre dava resultado, mas teve certeza, esta noite, de que não poderia nunca oferecer nada daquilo a ninguém. Como insistia em pensar que era uma mulher lida, assim ficou imaginado, a parodiar com certo pernosticismo um personagem de Sartre, que preciso era ter ido lutar na guerra civil espanhola. No seu caso específico, ter sabido, ainda por cima, descobrir exatamente onde se tratava sua guerra civil espanhola. Ah, bem que podia, ainda, torna-se uma guerrilheira! Ela que ia sempre ao cabeleireiro e à manicura, toda semana, sem suspeitar seriamente, até então, de que necessitava tornar-se uma guerrilheira; pois todo o resto era indêbito — comprar blusas, fazer unhas, dar (por puro esnobismo) suas aulas particulares de francês, descrevendo às alunas a última temporada em Paris, mesmo que tivessem sido só duas. Não, esta noite não adiantava pensar que em todos os tempos sempre houvera injustiças, tudo era absolutamente indêbito e passível de punição.

Pelo menos, pensou, com um risinho repentinamente matreiro, ela era uma mulher que, um dia, enganara o marido — só que isto já fazia sete anos. Estivera bem apaixonada, sabe, prestes a largar tudo e embarcar em navio cargueiro, jantaria com o comandante, olhariam através da escotilha o mar escuro para além do convés, enquanto ele fumava seu cachimbo e haveria um cheiro de alcatrão, como convém aos navios (embora não adivinhasse, de maneira nenhuma, como seria cheiro de alcatrão) e o ruído da espuma contra a quilha, a proa, os cordames. Mas, um dia, o rapaz desapareceu (gostava de pensar nele como sendo um iatista holandês) e ela ficou a lhe telefonar,

mesmo sabendo que ele já partira para Amsterdã. Mas, esta noite, não teria sido, de tudo, o que mais valeu a pena?

Diabo de coisa é essa, uma mulher sentir, assim de repente, que não tem mais nada de importante a esperar! E não ficar realmente infeliz, o que é pior. A infelicidade de verdade — sim, ela a conhecera — é uma coisa molhada, encharcada, sangrenta. Mas a infelicidade daquela mulher, agora, era uma coisinha seca, poeirenta. E a infelicidade que se preza nunca pode ser realmente poeirenta. Só que a dela, hoje, era poeirenta, nenhum fedor de podre, como a infelicidade que se preza.

Ah, estava tudo tão sem graça, não tinha graça nenhuma a gente ir ficando velho só que — era preciso confessar — não se podia mesmo evitar. E não tinha lição nenhuma para dar, como se acreditava, outrora, que os velhos fossem capazes de fazer. Outrora, ah, outrora, pensava-se serem os velhos depositários de mil saberes e de poderes mágicos. Agora, tudo mudava depressa demais, Copacabana era um torvelinho onde ela se sentira, hoje, uma preciosa, inútil e patética ave rara, uma mulher tão cansada e cheirosa, ah, meu Deus, estava ficando velha e não sabia de nada. Bem, podia tentar escrever um romance, pensou, num acesso de esnobismo; também lera Proust, ora. Mas faltava-lhe, certamente, a necessária paciência.

Embora fosse tão inteligente que pensou, de improviso (assim considerou), uma coisa muito *profunda*: que no seu romance não poderia haver nada verdadeiramente importante, porque o importante era impúblicável; por outro, as pessoas estavam tão cansadas de saber o importante/indizível que se esforçavam o tempo todo para esquecer e, na verdade, esse esforço para esquecer tinha seu toque heróico. Era o heroísmo de uma população inteira o viver sabendo, não poder evitar e, no entanto, não falar e procurar esquecer. Claro que os verdadeiros heróis agiam de maneira diferente, procuravam saber, e cada-vez-com-maiores-detalhes; mas mantinham seu conhecimento como patrimônio privado de uns poucos, que se encontravam, às vezes, na calada da noite, e procuravam falar baixo. Espantada

com esse pensamento, dissimulando-se, a mulher pensou que estava ficando louca.

Oh, sim, mas essas coisas provavam que não era uma mulher estúpida, muito pelo contrário. Até bem inteligente, só que com uma cultura parcial, cheia de *gaps*, como dizia às alunas, apenas para mostrar que sabia também o seu inglês. Tinha de ler muito e não lia, só isso. Bem, para quê? Era como seus eventuais escritos, que enfiava na gaveta — quem é que queria saber daquelas coisas? É espantoso como as coisas que sabe uma mulher casada ficando velha vão interessando cada vez menos a todo mundo. Seus escritos não tinham, no rigor da expressão, absolutamente nenhum interesse. Eram jogos de palavras e cada vez mais reduzidos, ao ponto de, ultimamente, irem-se tornando apenas listas de palavras, palavras e mais palavras, palavras ocas, às quais adicionava palavrões, porque só assim lhe parecia filtrar um remoto eco de vida.

Puxa, as pessoas estavam era vendo cada vez mais televisão, seria fácil participar, se quisesse, dos jogos de uma comunidade; e, às vezes, ela via a novela e comentava com a vizinha, os motoristas de táxi. Havia semanas inteiras durante as quais fazia força para dizer apenas aquilo que se esperaria que uma mulher como ela — bem vestida, de meia-idade — pudesse dizer. Fazia força para não ser insólita, tanta força que já não sabia mais se era insólita mesmo ou alguém como todo mundo. Talvez fosse era exageradamente estranha, tão estranha que ninguém conseguia mais entender que sua maior estranheza era parecer igual a todo mundo. Não se tratava mais, de qualquer forma, de uma estranheza como a de antigamente, quando costumava pensar que poderia, quem sabe, fazer parte de uma confraria — só para loucos, só para raros.

Assim continuou fazendo força para se atribuir alguma importância, ali no escuro, enquanto o marido lá no quarto. Enquanto o marido lá no quarto seria bom que ele estivesse dormindo quando ela fosse deitar-se; não queria conversa e assim começou a sentir, agora, um certo prazer em estar sozinha, era como se baixasse um pouco de

umidade, um suave orvalho da noite avançada sobre a poeira de sua infelicidade daquela tarde. Portanto, está recordando, agora, uma pequena coisa que não deixa de diverti-la — isso de ter pensado, outrora, que havia alguma superioridade em ter lido *O Lobo da Estepe*.

Ah, meu Deus, que droga se estar ficando velha e nunca se ter embarcado em navio cargueiro! Muito pior, ainda, estar perdendo qualquer vontade de viajar em navio cargueiro! Só que ainda havia muita coisa INSUSPEITADA dentro dela, claro, pensou vindicativa. Sim, era uma mulher estranha e não comum, como — equivocada e subitamente, esta tarde, na Avenida Copacabana, depois de tomar um sorvete Kibon e experimentar uma blusa, depois de olhar avidamente blusas em tudo que era vitrina. Só que ninguém estava sabendo, mas ela era estranha como o diabo. Tinha horas, até, pensou cheia de consolação, que desconfiava nem ser uma mulher direito! Devia ser uma andrógina, só que não explorava a coisa direito. Era andrógina e, além disso, tinha pesadelos incríveis, fálcos pra burro, cobras, aranhas, oásis com um azul lago uterino no meio.

Tem, tem importância, gritou para si mesma, silenciosamente. Só que eu não disponho de uma grande imaginação, é isso, não consigo valorizar devidamente as coisas de minha vida. E como lhe pareceu, por um momento, ser este o seu maior pecado, assim apagou um cigarro, mas acendeu outro, de imediato, o marido tossindo lá dentro. Hoje, não se disseram duas palavras, e, no entanto, sabia que não conseguiriam mais viver um longe do outro; é engraçado como a gente descobre que, um dia, dá tudo mais ou menos no mesmo, concluiu com algum desapontamento.

Bem, não era todo mundo, claro — pensou agora, outra vez consolando-se —, que tivera um esgotamento nervoso aos 19 anos. Talvez ela fosse até esquizofrênica e nunca tivesse pensado direito no assunto; sabem lá as pessoas, em geral, o que é a verdadeira angústia? Sabem lá as pessoas, hoje em dia, o que é a verdadeira angústia? Com uma certeza repentina da absoluta utilidade e importância de se sentir angústia, com uma dessas certezas que a gente não tem, na maioria

das vezes, a respeito de coisa nenhuma desta vida, ela se sentiu tão satisfeita por um dia ter tido angústia que resolveu ir dormir.

Mas, estirada na cama, pouco depois, ao lado do marido que roncava baixinho, não estava mais tão certa de nada. Pensou, com desgosto, que nunca tivera coragem de experimentar maconha, nem LSD. E, num esforço final, provocou agora, já meio sonolenta, um fluir ininterrupto de imagens alucinatórias — labirintos de grossas e empoeiradas portas fechadas, onde estão trancados veludos ornamentados com puídos galões, espelhos partidos de douradas molduras patinadas, velhas bonecas empilhadas, jardins secretos onde florescem, carnudas demais, roxas orquídeas.

E se desistisse desse afã desesperado de colocar as coisas em ordem, se se entregasse à suprema desordem da vida? Se saísse caminhando interminavelmente pelas ruas, se faltasse ao dentista, desmarcasse aulas, não desse mais instrução nenhuma à empregada quanto ao almoço? Em vez de guerrilheira poderia virar uma espécie de andarilha, percorrendo o mundo inteiro, lendo as sortes, feito uma cigana.

No entanto, pouco antes de dormir, melancólica, porém apaziguada, já estava convencida de que era tarde demais, ela se tornara, irremediavelmente, um definitivo membro de meia-idade e desimportante da classe média próspera brasileira.

In: *Uma Certa Felicidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, 136 p.

Sonia Coutinho (Itabuna, BA, 1939 —).

Obras, entre outras: *Uma certa felicidade* (1976); *Atire em Sofia* (1989); *Os seios de Pandora* (1998).

## **JEAN LE CORSE**

Waldir Freitas Oliveira

Nunca pensei que acordaria na Córsega.

Este não é o meu quarto. Nem esta a minha cama. Aquela janela sem vidros, de madeira maciça, me é completamente estranha. Alguma cousa, no entanto, me diz que estou na Córsega. Mais precisamente, nos arredores de Ajaccio.

Abro a janela e avisto, do alto, o mar distante. Profundamente azul. Há penhascos negros enormes sobre a costa que se encurva, sinuosa, formando baías e enseadas. Não existem ondas lançando-se contra as rochas. Sei, porém, com certeza, que nunca estive na Córsega. Sinto, no entanto, que conheço esta paisagem.

Bateram, agora, à porta. Deparo-me, ao abrí-la, com uma jovem esbelta, de rosto corado, cabelos claros mal ocultos sob um toucado branco vestida, suponho, com trajes típicos dos corsos. Só que nunca os vi antes e não posso afirmar que sejam desse modo.

Trouxe-me uma bandeja de frutas — uvas, maçãs, pêras e pêssegos, uma caneca de leite, pão preto e dois tipos de queijos que não reconheço mas parecem apetitosos. Falou alguma cousa que não

entendi. Não sei que língua falam os corsos. Também não sei porque estou aqui.

A moça é bonita e me atrai. Passo a desejá-la. Mas não sei lhe dizer isso. Por mais que me esforce não consigo que me entenda uma só palavra.

Ela se foi e torno a olhar pela janela. Vejo, de novo, o mar e os penhascos. Devo ter aprendido na escola que a Córsega é uma ilha montanhosa. Só assim se explica como a vejo dessa forma. Pois sei bem que, ontem, me deitei, não muito cedo, na minha cama, em meu quarto, no prédio onde moro, na minha cidade e não descubro, por mais que deseje, saber como cheguei à Córsega.

Abro uma gaveta da mesa de cabeceira e encontro um prospecto, escrito em inglês, falando da ilha — ele me diz que por ali passaram, em outros tempos, etruscos, cartagineses, romanos, godos, vândalos, lombardos, bizantinos, sarracenos, francos e mouros. Que depois chegaram os de Pisa, os de Aragão e os Gênova. Que ela se tornou francesa em 1768, quando os Genoveva a venderam a Luís XV, Rei de França. Pergunto-me, então, como serão, hoje, os corsos, após a passagem de tanta gente.

Ando pelas ruas de Ajaccio. Ou de onde julgo que seja Ajaccio. Sinto-me um estranho. Tenho a nítida impressão de haver entrado num sonho errado. Dormi, ontem, na Bahia; e, hoje, acordei nesta ilha, depois de uma viagem da qual não me lembro, realizada em tempo e dimensão fantásticos.

Volto ao quarto e procuro nos armários a minha bagagem. Não trouxe comigo nada além da roupa que tenho sobre o corpo. Acordei com ela. Com terno, camisa e gravata, meias e sapatos. Recordo, então, ter estado, na noite passada, numa festa de aniversário, onde talvez haja abusado de bebidas fortes. Mas continuo a indagar — porque a Córsega? Dela só sei, com certeza, que aqui nasceu Napoleão Bonaparte.

De novo, a moça. Sem palavras a abraço. Ela se mostra dócil. Fazemos amor e ela me fala cousas em língua que não entendo.

Imagino que sejam as mesmas que todas as mulheres dizem na hora do prazer. Ditas, assim, porém, de modo estranho, se tornam excitantes.

Depois ela se foi e fiquei, outra vez, sozinho no quarto. Senti, então, que iria adormecer.

Frente aos meus olhos, luzes coloridas começaram a girar como cataventos endoidecidos sob o sopro das brisas vindas do oceano; misturam-se como, dentro dos copos esguios, de vidro, na infância, as cores das bolas de sorvete, quando as penetrava com colheres prateadas e compridas. Sinto-me a vagar por um país de encanto.

Acordo, agora, em meu próprio quarto, na minha própria cama, em minha própria cidade. Levanto-me, rápido, e passo a fazer, imediatamente, as malas. Irei viajar para longe. Não sei, porém, para onde.

Começo a correr, em meu carro sobre a estrada; e percebo que estou a vencer encostas de montes elevados. Prossigo a viagem e chego ao alto. Impressiona-me o que vejo do topo — montanhas monumentais de pedra, nas quais tons variados de cores vão do verde escuro e azul marinho ao branco pérola.

Há um vilarejo encravado num vale próximo. Suas casas baixas, pintadas de branco, com cobertura de telhas-vãs, me atraem. Chego até lá e não digo palavra. As pessoas me cumprimentam e finjo não entender o que falam. Limito-me a balançar a cabeça e a esboçar sorrisos. É o que posso fazer se quiser manter em segredo a minha identidade. Pensam que sou estrangeiro. Levei-os a crer nisso depois que resolvi começar a falar uma série sem nexo de palavras que a memória foi buscar no passado — no grego, no latim, no alemão, no francês, no inglês, e até no russo que, certa vez, comecei a aprender.

Trouxe comigo minhas roupas, meus livros, todo o dinheiro que possuo. Por gesto faço compreender que pretendo comprar uma casa com quintal e algumas árvores. Consigo, com algum esforço, realizar o negócio desejado.

Tive a sorte de ter encontrado uma casa mobiliada. Nela moro, sozinho, alvo da curiosidade de todos os que vivem na localidade. Sinto, então, que devo dar-lhes uma satisfação. Começo a lavar numa lasca de tronco de madeira que achei no quintal, um nome que escolhi. Gravo a fogo na madeira — **Jean le Corse**. Irei, de agora por diante, chamar-me assim. Prendo, a seguir, o letreiro na cerca da frente, ao lado do portão que dá acesso à casa.

Constitui um espanto para aquela gente saber que um estrangeiro passou a morar no povoado. Todos querem saber, porém, de onde vim. O nome gravado na madeira não os ajuda, em nada. Não sabem cousa alguma sobre a Córsega. Nem imaginam que os lá nascidos sejam chamados **corsés**. Esta é uma palavra que, por certo, nunca viram.

Ando pelas ruas do vilarejo. Todos procuram se mostrar amáveis. Me cumprimentam com sorrisos largos. Desejam muito se aproximar de mim. Não os rejeito mas os mantenho à distância. Sem mesmo saber porquê.

No quarto procuro entre os livros que trouxe, encontrar algum que me fale da Córsega. Busca inútil. Acho, contudo, entre os romances, uma edição antiga, já muito estragada, de **Os Irmãos Corsos**, de Alexandre Dumas. Passo a relê-la, mas muito pouco me diz da ilha onde nasceram seus dois principais personagens. Sinto vontade de ser corso de verdade; sem que entenda a razão dessa minha vontade.

Ao fim de uma semana reconheço que preciso de alguém que me ajude a cuidar da casa e me prepare, ao menos, duas refeições diárias.

Consigo, afinal, contratar alguém. Ela surgiu, descalça, cabelos escuros soltos, rosto moreno acobreado, trazendo sobre o corpo apenas um vestido de tecido barato. Irei comprar-lhe, logo, roupas novas e um par de sapatos.

Ontem não resisti ao desejo que me despertou desde que veio. Tomei-a nos braços. Não disse palavra. Talvez já esperasse que eu

agisse assim. Dos seus lábios ouvi, apenas, suspiros leves, depois, profundos, que deles se esgueiraram. Talvez receiasse dizer qualquer coisa que não devesse. De qualquer jeito, se acontecesse, eu fingiria não entender suas palavras. Tenho que manter o mistério que me cerca. Continuar a ser **Jean le Corse**.

O corpo da moça era igual ao de qualquer mulher no mundo. Inclusive ao da jovem de Ajaccio.

In: *Revista Exu*, nº 12. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado.

Waldir Freitas Oliveira (Salvador, BA, 1929 —).

Obras, entre outras: *A Antigüidade tardia* (1990); *História de um banco* (1993); *O príncipe de Joinville na Bahia, na ilha de Santa Helena e no golfo da Guiné (1840-1843)* (2003).

## A DERROTA

Vasconcelos Maia

Eu era o único solteiro na pensão de D.Zezé. O único solteiro, o único feliz. Vivia sozinho na minha sotéia, com meus livros, minhas cravinas, minha vitrola. Executando as obrigações funcionais, que eram suaves, a nada mais eu tinha de obedecer. Dormia o quanto me dava vontade. Às vezes ia até o meio-dia; gostava disso no inverno, quando a chuva refrescava a cidade e o vento fazia as árvores chorarem no Largo. E com os respingos frios salpicando meu rosto, o corpo todo acobertado, eu roncava no sono despreocupado, no sono solto do homem livre. No verão eu tinha veleidades esportivas: acordava às oito, pegava uma *marinetti*, ia gozar o banho de mar no Farol da Barra. Jogava peteca com minha turminha de garotas bonitas, atirava-me às ondas, estirava-me sobre a areia, dourava-me ao sol, repousando a vista sobre todos aqueles corpos femininos, seminus e elásticos, que tentam a gula como acarajés quentinhos — oh! Você pode sorrir, lhe dou licença, mas nessa época eu tinha alma de poeta, podia florear minha vida sentimentos e adjetivos amenos.

Quando a comida de D.Zezé não me agradava, eu ia ao Mercado Modelo e Maria de São Pedro regalava-me com suas moquecas divinais. Palito no lábio, charuto entre os dentes, arrotando na paz duma liberdade bem disputada, eu caminhava sem pressa para o trabalho, assinava o ponto e preparava-me para atender o expediente, muito folgado, deixando brasileiramente de fazer hoje o que poderia fazer amanhã. O dinheiro público entrava com a mesma regularidade, para que então esfalfar-me se a maioria dos meus colegas também não se interessavam, se o povo já estava conformado com o parasitismo, se pelos exemplos testemunhados, as promoções não eram feitas à base de esforço? Além disso meu ordenado bastava-me, sobrava até. Eu não tinha mãe para sustentar, irmã solteira para casar e sobretudo, mulher a que me escravizar, para que então tentar ganhar mais com biscates exaustivos?

Depois da tarde agradável passada na repartição, entre bate-papos sobre mulher alheia, política e futebol, entre cafêzinhos, telefonemas íntimos e um despacho já de bolor, na esquina do Palácio do Governo, entre amigos, punha-me a apreciar o que de mais encantador havia na Bahia – as bem nutridas madames da sociedade, tão belas em suas carnaduras tão frescas, as esbeltas *mademoiselles*, tão lindas em sua Quitéria adolescente, emocionando-me com os flertes de umas e outras – e quantas aventuras capitosas não nasceram ali?

Se algum amigo do peito alvitrava um sarapatel na feira das Sete Portas, um vatapá no restaurante de Pixita ou um chope nalgum Ita atracado no porto, prontamente eu concordava, sem a preocupação de ter de prevenir em casa, pois ninguém dependia de mim, ninguém esperava-me para jantar, a ninguém eu dava satisfações. Depois íamos a um dos cinemas da cidade, a Amaralina, se fazia noite de lua, ou simplesmente ficávamos a conversar num dos bancos da Praça da Sé, olhando do alto da montanha, a Baía de Todos os Santos estirada lá embaixo, o porto dormindo, a Península de Itapagipe ouriçada de luzes, o Forte de S. Marcelo rodeado de barcos, saveiros de velas arriadas, com suas lanternas vermelhas no tope dos mastros, atulhando a

enseadazinha do Marcelo. Se era sábado, escolhia uma festa, esbaldava-me em cerveja, dançava até a madrugada. Se me apetecesse dormia fora de casa. Caso contrário, voltava, recolhia-me à pensão: tinha de subir três escadas puxadas, é verdade, mas vencidas estas, sabia que nenhuma esposa ranzinza me esperava com lamentações, não havia xingamento nem briga, nenhuma intrometida, protegida por lei, teria o direito de chamar-me à responsabilidade. Lá em cima, aguardava-me uma cama macia, de alvos lençóis, de colchão fofo, uma cama principalmente estreita, de solteiro, onde eu me atirava mesmo vestido e ressonava até saciar o sono.

Eu era o único solteiro na pensão de D.Zezé. Era o único feliz. Os meus companheiros de morada, todos casados, como você pode calcular, tinham-me uma inveja doida. Suas mulheres, por sua vez, odiavam-me cordialmente. E apelidaram-me entre si, de ‘ovelha tresmalhada’, ‘mau exemplo’, etc., tendo havido um acordo tácito para amarrar-me. E tentavam-me, lançavam-me iscas, era de regalar qualquer sujeito de bom humor. E eu me regalava com a inefável solicitude que elas empregavam para botar-me no “bom caminho”. E todas tinham sempre a visitá-las uma prima ou sobrinha, muito prendada, muito trabalhadora, muito meiga, que não era noiva, não tinha namorado nem sequer era dessas que se debocham pelos clubes de dança. Com tais atributos, tão raros hoje em dia, eram-me apresentadas. Finamente educado como eu era, não as desacreditava. Nem as evitava. Com o meu arzinho sonso, com o meu sorriso mais polido, davalhes fé. Nem uma só valia um terço das qualidades enumeradas. Todas eram como as senhoritas que comumente conhecemos, virgens só o eram no frágil ponto dos preconceitos. E se alguma me agradava, eu fazia como os ratões sabidos que comem o bom queijo sem cair na ratoeira, deixando a casca para outro menos hábil e mais doméstico.

Assim eu passava a vida, o único solteiro da pensão de D.Zezé, alegre, saudável, livre. Meu fígado era uma maravilha, sempre moço, enquanto os dos meus companheiros envelheciam pelo excesso de trabalho ou perseguição dos consortes. E andava sempre com dinheiro

no bolso enquanto eles nunca possuíam o suficiente para as despesas embora cavassem muito e pedissem aumento com freqüência.

E justamente foi o meu estado financeiro... mas não precipitemos os acontecimentos. Como todo ser humano, sou também masoquista, gosto de magoar, de repisar sofrimentos e humilhações, de contar pausadamente a minha derrota.

Eu não era rico, meu pai não me deixara herança. Tampouco ganhava como um deputado. Mas um ótimo pistolão, um ilustre senador, em quem eu nem tivera coragem de votar, casado com a prima duma amiga íntima dum tio postigo de minha mãe, arranjara-me sem concurso um lugar muito bom, federal, onde não se trabalhava demais, que me elevava a uma posição distinta e principalmente remunerada com prodigalidade — se formos contar certas comidinhas cujos despachos passavam por minha carteira. Sendo solteiro, o dinheiro me bastava, sobrava até, apesar das farras hebdomadárias com que me presenteava, dos duques de linho irlandês e dos perfumes franceses, que eu me dava ao luxo de usar. E esta folgança financeira aliada à fina educação que naquele tempo eu podia ostentar, causou o meu fracasso. Todos os moradores da pensão de D.Zezé, inclusive, aproveitavam-se desta minha última fraqueza para gozarem da segunda. Sempre que eu estava no quarto passava por acaso uma senhora, que por outro acaso, vendo a porta aberta, entrava, atraída por minhas cravinas ou curiosa pelo último disco comprado. Menos aptas para admirarem Bach ou Stravinsky, pasmavam ante meus vasos de cravinas; flores de tonalidades fascinantes e duma opulência realmente de encher os olhos, já que, floricultor apaixonado eu as cultivava com sapiência, fazendo os mais extravagantes enxertos. Depois de embebedarem-se com sua perfumosa formosura, perguntavam se podiam ser-me úteis em alguma coisa — coitado (lamentavam-me), sozinho numa pensão, sem uma esposa para cuidar-me! Já envaidecido pelos elogios às minhas flores acabava sensibilizando-me com esta outra prova de afeto, às vezes demonstrado mais praticamente, muito conjugalmente. Então aparecia um frasco vazio trazido

por terceiro acaso e eu caía em mim sobre a verdadeira causa da visita. Não podia negar, é claro, eu era um perfeito cavalheiro. E lá se iam para os toaletes das madames algumas preciosas gotas do meu *made in Paris* legítimo. As mulheres geralmente contentavam-se em se aposar do meu perfume, em parte, já que atestavam certo gosto artístico. Uma ou outra, quando eu facilitava, exigia um colar ou uma pulseira... isto porém tinha sua razão de ser.

Os homens é que eram sórdidos, não usavam a delicadeza como o faziam suas esposas. Abusavam de forma diferente, diferente e torpe. Dois deles não eram demasiado exigentes, nem usavam argumentos chocantes. O Dr. Evaristo Rocha, professor contratado, capacidade em Latim, só fazia questão de minhas camisas quando tinha de botar discurso em 2 de Julho e sua cuidadosa esposa lembrava a improficiência dos seus colarinhos puídos. O segundo, Mário T. Oliveira, empregado numa papelaria há dez anos, só me exigia o *smoking* uma ou duas vezes por ano, pois sua digna consorte adorava *reveillons*. Sempre mo devolvia escovado, passado a ferro — o que não deixava de ser uma compensação. Ambos correspondiam, portanto à minha gentileza. Os outros, todavia, eram duma rudeza agreste, não pediam transitoriamente lenços ou sapatos, brilhantina ou enfeite de gravata. Agrediam-me com prosaicas exigências de dinheiro emprestado. Se pedissem mil cruzeiros, daí para cima, eu teria razões para negá-los. Mas eram finórios neste ponto, sabiam que eu tinha vergonha de, por questão de sensibilidade e orgulho, recusar-lhes quantias pequenas. E todo o santo dia lançavam-me vales de cem, duzentos cruzeiros. A exploração chegou a tal extremo que, homem ordenado, tive de organizar um livro de conta corrente. Jamais era reembolsado, integralmente, porém eles saldavam o débito pela metade. Duas ou três vezes, forçando minha natural polidez, tentei reagir. Mas não consegui fazer valer o meu protesto. Atàvicamente sensível, temperamento bondoso, eu não podia presenciar cenas de humilhação, era incapaz de permanecer surdo aos lamentos dum ser qualquer. E sabendo disso, alguns fingiam, outros realmente sentiam-se desgraçados, choravam desamparo e infelicidade.

— Tenha paciência, Carvalho, mas sou casado, sustento família, tenho mulher para vestir, filhos que precisam de escola, sabe quanto vou pagar este mês de farmácia? E você é só do mundo, não foi besta de casar, pra que quer tanto dinheiro?

Como não ceder a tais réplicas? E se assim era, quando apenas eu contava com o ordenado e as porcentagens nas mamatas, imagine o que sucedeu quando fui sorteado na Loteria Federal! Sim, fui marcado, o azar não é como a sorte, que premia quem lhe dá no coração, rico ou pobre, feliz ou desgraçado. O azar é sujo e negro, persegue só os seres ditosos, só se contenta quando os leva à perdição. Não ganhei fortuna colossal porque não tinha o costume de comprar bilhetes inteiros. Havia adquirido apenas um décimo, assim mesmo para me livrar de um vendedor chatérrimo, e me couberam 500 mil cruzeiros. Quando conferi o número, o primeiro pensamento que me acudiu foi esconder o fato de todos, já que mudar de pensão ou mesmo de cidade não surtiria efeito. Noutra rua, noutro bairro eu encontraria os mesmos sujeitos, casados e necessitados. A diferença seria apenas de rostos. Planejei transferir o dinheiro para o Banco, deixá-lo intocado, rendendo para o futuro, pois era muito previdente. Assim procedi. Mas que desgraça conseguimos esconder ao faro de urubu dos nossos semelhantes? Não sei como souberam de tudo lá na pensão. O certo é que, numa tarde, ao voltar do trabalho, encontrei-os reunidos na sala de jantar, muito animados:

— Escondendo dos amigos, hein, sabidão, escondendo dos amigos!

— Que número foi, Carvalho?

— Sim, senhor, já vi bicho de sorte, mas como você... ta pra nascer.

— Vejam como são as coisas — ouvi dum invejoso — nós que somos casados, que rezamos por um maná desses, neça!

Súbito a mulher do Mario T. Oliveira, muito festeira, espoucou:

— Vamos comemorar!

O marido correu a vestir o meu *smoking*. Seu Fulgêncio Bernardes, bedel da Faculdade de Medicina, poeta de sucesso, disse

que a homenagem seria dada unicamente por eles; desta vez não consentiram na minha despesa para a cerveja.

Mas, por infelicidade, com fisionomias consternadas, todos constataram que estavam a zero. Por costume olhavam para mim. E foi ainda Seu Batista quem teve e idéia salvadora:

— Você nos emprestará a grana, Carvalho, e no fim do mês lhe pagaremos integral. Fazemos questão de pagar, entendeu, amigo velho? Desta vez fazemos questão, é uma estipulação de honra, e integral, integral!

Alguém lhe pagou o dinheiro? Você conseguiu receber gastos da cerveja e gasosa que desembolsei? Não? Assim se deu comigo. Divertiram-se até cair de bêbados ou de cansaço, com o meu dinheiro, com o meu *smoking*, ao som dos meus discos! Ainda assim, dou-lhe minha palavra, não me queixaria. Se tivessem parado na farra, seria razoável. Logo na manhã seguinte, todavia, recebi a primeira grande facada. Ao abrir os olhos, ainda pesado da cervejada da véspera, deparei com o Sr. Demétrio Manuel da Silva, gorducho e rosado como um anjo de Rafael, pequeno comerciante na Baixa dos Sapateiros, vigiando o meu despertar, em companhia da esposa, uma débil mas estranhamente apeteçível criaturinha que há cerca de cinco meses eu vinha... bem, isto é outra história.

— Como passou a noite, Carvalho?

Não atinei logo com aquela inesperada visita. Mesmo antes de ele atirar o bote, julguei que a mulher tinha batido com a língua nos dentes. Levantei-me pronto para tudo, apanhei a escova. Ele olhava para os lados, nervoso, vigiava a porta. Súbito jogou-se contra mim:

— Carvalho, pelo amor de Deus, preciso de sua ajuda. A situação do país está pavorosa, o fio de seda baixou cento por cento, as fábricas estão fechando em São Paulo, há falências em todo canto. Milhares de empregados estão sendo despedidos, o pânico se alastra pelo Brasil desgovernado. Meu negócio está por um nada, quase todo o meu estoque é de sedas, vou falir, Carvalho, vão requerer minha falência. Me ajude, Carvalho, me ajude pelo amor de Deus! Sou casado,

tenho mulher e filho que dependem de mim e vivem sob a guarda do meu nome honrado. Tenho um título a pagar hoje sem falta e se não o fizer, o sacador protestará. Não sei onde cavar estes cinco mil cruzeiros, todos os bancos fecharam o crédito aos pequenos negociantes, estes infames querem nos levar à ruína, querem se apossar do que é nosso. Você me conhece bem, Carvalho, sou honesto, e além disso tenho mulher doente, veja como ela está abatida, tenho ainda filho para criar...

— Mas Seu Demétrio...

— Você sabe o que é um protesto, Carvalho? Você é funcionário público, vive no mole, não pode saber o que é protesto numa duplicata. É o descrédito, é a desmoralização do negociante e, se isto se der, me suicidarei, meto uma bala na cabeça e você, unicamente você, será o responsável por minha morte, pela viuvez da minha mulher, pela orfandade de meu filho inocente...

— Ora, Seu Demétrio...

— Sim, porque está rico, tirou na loteria sem fazer força, enquanto eu me esgotei no comércio e não tenho sequer para resgatar um título. O que lhe custará emprestar-me esta quantia até que a situação melhore? Você é sozinho, Carvalho, não sabe o que é sustentar família, mulher e filho.

De repente me lembrei que Seu Demétrio Manuel da Silva, embora casado, não tinha filhos e lho disse. Ele fez uma cara de espanto:

— Então, você não sabia?

D. Estela baixou pudicamente os olhos, me sorriu um casto sorriso de cumplicidade que me gelou. Calei-me, maldizendo o governo do Brasil e toda a sua política bancária. Como deixavam subir o fio de seda, fechando o crédito aos pequenos comerciantes, justamente aos que mais precisam no momento da crise?

Enchi o cheque.

Naquela semana este foi o grande golpe. Parecia que haviam formado uma conspiração e combinado a ordem dos pedidos. Com

o tempo fui sendo regularmente assaltado pelos outros hóspedes. Waldir Sampaio Wanderley (fazia questão de conservar os “dáblius” e “ipsilones” por uma questão, dizia, de sangue azul), com sua branquidão na cera, cara de pianista, foi o segundo a sangrar-me, talvez por sua ascendência aristocrática sobre os demais. Tivera a profissão noturna de *croupier* num dos cabarés da cidade e como o jogo fora terminantemente proibido, Waldir Wanderley, com elegância e firmeza lançou-me esta outra crise brasileira, não como desculpa, não como se eu estivesse a lhe fazer favor, mas como se eu tivesse obrigação irrestrita de sustentá-lo, como se tivesse sido eu o autor do projeto de lei. Eu desconfiava que ele funcionava numa tábua clandestina montada num palacete da Vitória. De que valem, entretanto, os argumentos dum solteirão a quem o diabo enviou 500 mil cruzeiros, sem ninguém a depender dele, em face do orgulho e do puro sangue dum desempregado oficial, com esposa e três filhas internas num colégio grã-fino? E com distinção ou brutalidade, com boas ou más maneiras, todos os outros mártires casados da pensão conseguiram o seu quinhão do dinheiro lotérico. Devo ressaltar, contudo, o procedimento de Mário T. Oliveira, comerciante, e do Dr. Evaristo Rocha, professor contratado. Ainda foram os menos selváticos. O último se contentou em apossar-se de meia dúzia de camisas novas do meu sortido guarda-roupa, aquele, por engenhosa proposta de sua mulher, recebeu de presente sem que eu pudesse abrir a boca, o meu alinhadíssimo *smoking*. Eleutério Marinho, corretor de seguros, depois de tomar a seco dez mil cruzeiros emprestados para uma sociedade da qual nunca tive notícia, fez-me mensalista numa Cia. de Sorteios Prediais que depois se descobriu ser uma grossa bandalheira paulista, e forçou-me a um seguro de vida em proveito de D. Zezé, por proposta desta, o que, daí por diante me fez desconfiado com as merendas que ela me mandava ao quarto, especialmente, especialmente! O ajudante de despachante aduaneiro português naquele mês não dera sequer para pagar suas viagens de bonde, surrupiou-me outros cinco mil cruzeiros. Mi-roel Peixoto de Castro tinha realmente o seu filhinho no hospital, com

angina. Mas que culpa tinha eu do sistema governamental brasileiro não gostar de construir hospitais para o povo e ter sido ele forçado a internar o filho num estabelecimento particular (as diárias são verdadeiro roubo, Carvalho!), que culpa tinha eu de seu filho cair doente, de ele ter filho? Isto meu cérebro remordia, mas a minha boa educação, a retidão do meu caráter... Além disso Miroel chorava...

Todo o tratamento da criança correu por minha conta.

O tempo passava e com ele novos golpes se sucederam sempre com a mesma patética alegação de que eu era sozinho, solteiro, não tinha família nas costas. Seis meses depois da “grande data”, tendo adquirido uma licença de três meses para tratamento de uma gripe, e depois de curá-la em dois dias com dois chás de limão e um escalda-pé, resolvi gastar o resto do meu dinheiro numa grande farra, nalgum balneário, antes que os meus amigos o acabassem. E qual não foi o meu desapontamento e a minha raiva quando verifiquei que, da fortuna, restava-me a insignificância de mil e oito cruzeiros. Mil e oito cruzeiros numa bolada de 500 mil! Tinha sido soezmente roubado por aquela malta de parasitas casados. Então, constatando que não era vantajoso ser livre e inteligente, a fim de não continuar a ser explorado por estranhos, decidi-me a casar. Com o restante do dinheiro comprei duas alianças, noivei com a namorada de ocasião, casei sem demora, hoje sou um homem respeitável e empedernido. Atualmente, quando alguém vem pedir-me dinheiro emprestado sua choradeira não me comove:

— Você é infeliz, meu amiguinho? Você é casado, tem mulher, filhos, família sobre o lombo? É um pobre burro de carga, meu camaradinho? Então somos almas irmãs, console-se comigo.

Compreende agora por que, sendo eu um apologistas do celibato, enterrei-me no casamento? A vida é assim mesmo, cada qual deve conformar-se com sua sina. Olhe para mim: minha filosofia eufórica mofou, virei filósofo doméstico. Pode sorrir da minha tragédia; já fui alegre, livre e feliz, como você, Hoje sou um escravo de mim mesmo, ou melhor, dos meus filhos, de minha mulher, dos parentes

de minha mulher. O futuro não me oferece a menor perspectiva de paz. E o presente, com tais cadeados, não me acaricia com essa felicidade que experimentamos, quando somos sozinhos, solteiros e não temos que dar satisfação a quem quer que seja. O pistolão antigo caiu do poder mas, diplomático como ainda sou em certos momentos, antes de sua ruína total, amparei-me a outro. Fui promovido, tendo porcentagens nas comidilhas, faço ainda serviços extraordinários nas horas que poderia estar passeando ou descansando. Suo, trabalho como um jumento, ganho o triplo do que ganhava, mas nunca o dinheiro chega para as despesas, estou sempre devendo à padaria ou ao armazém, à farmácia ou ao alfaiate. Agora mesmo, atravesso uma situação desesperadora. Meu filhinho caçula adoeceu de repente, saí para chamar o médico, parei um pouco para recordar o passado – de que adianta pressa se não tenho um níquel para pagar a consulta ou aviar receita? Você que é solteiro, sozinho, não tem família para sustentar, que não gasta todo o seu ordenado, quer emprestar-me mil cruzeiros até o fim do mês?

In: *Histórias da Gente Baiana*. São Paulo: Cultrix, 1964. 191 p.

Vasconcelos Maia (Santa Inês, BA, 1923 — Salvador, BA, 1988).

Obras, entre outras: *Contos da Bahia* (1950); *O cavalo e a rosa* (1955); *Romance de Natal* (1977).

## **A NOIVA DO GOLFINHO (CONTO DE TABAROAS)**

Xavier Marques

### I

— “Havia uma linda tnhareense chamada Marina, que era também a mais singular de todas as criaturas...”

Viveu em Tinharé, nas águas alterosas do sul.

Essa ilha é formada por um alto morro sempre afligido dos ventos fortes que correm da banda de leste.

Quando os temporais conflagram o oceano, a grande ruga de terra parece muito mais longinqüa e inabitável; as suas palmeiras de longos caules vergam e rangem como as cordagens dos navios em tormenta. E se os ares abonaçam, fujam as nuvens, brilhe o sol ou paire sereno o luar, fica sempre nas costas o eterno alarido das marés, sob os gritos das procelarias que futuram novas insurreições marinhas, naufrágios, lutas e agonias de marinheiros.

Foi ali, mas em tempo já muito antigo, quando a roca de Tinharé não dardejava ainda a torre nem o lume do farol, que viveu e morreu aquela cuja história de amor tanto comovia as raparigas de sua condição.

Talvez ainda a conte alguma velha avó, como as de outrora, sob o puxado das casas de palha, lá no cimo do morro, à hora em que, num horizonte imenso, cavado e tão profundo que alucina os olhos e a alma, começam a murchar os jardins de violetas e os rosais do crepúsculo.

Era a essa hora que costumava transitar pelas praias o espectro amoroso da infeliz que esteve para noivar com o mais esquisito, o mais misterioso de todos os noivos.

Depois vinham as sombras da noite envolvendo as bordas da ilha, onde se punha a roncar o terrível gargantão, comedor de pescadores e marinheiros; nos casais do morro conchegavam-se os vizinhos, unidos pelos mesmos sonhos e terrores que desciam com as trevas: e as velhas avós, acabando de narrar o idílio trágico da malfadada, deixavam errar mais um mistério sobre as rochas ermas de Tinharé.

## II

Eis o que elas contavam.

Havia uma linda tinharensense chamada Marina, que era também a mais singular de todas as criaturas da ilha. Sua morada era antes o campo e as praias do que o palhote, onde participava do sustento de um casal de velhos. Daquela cor de leite coalhado não havia senão ela no lugar. Era delgada como um palmito e leve como uma pena: leve de corpo e de juízo. Os olhos tinha-os um nada sombrios, tirando a azul, e os cabelos, tão sutis e assedados como os fios de uma teia de aranha.

Nisso, como em tudo mais, ela se punha fora do vulgar, semelhante a uma nave estrangeira vinda pelo céu, num dia de tempestade, para espantar as aves ribeirinhas de Tinharé, que a desconhecera sempre, sempre, até a morte. De comum com as outras apenas tinha o falar, isto é, as palavras com que dizia as mil extravagâncias que lhe acudiam à mente.

Que tivesse pai ou mãe ou parente qualquer, nunca ninguém o soube. Nas ilhas aparecem às vezes desses entes solitários

como elas mesmas. A gente, contudo, mal se satisfazia com esta razão, e por muito tempo não se cogitou de outra coisa.

— Donde veio Marina?... De algum navio naufragado nos bancos de coral? De algum barco onde acaso viajava a mulher que se arrependera de a ter dado à luz? Teria sido entregue às ondas dentro de uma barquinha ou de uma condessa, como aquele inocente que passava na correnteza do rio e foi salvo por uma princesa?...

Depois ninguém mais indagou da origem de Marina. O gênio caprichoso, as excentricidades, as louquices dela fizeram esquecer esse enigma. Em vez de perguntarem de que parte e como viera à ilha, perguntavam todos com pasmo quem havia formado naquele corpo franzino de criança um coração tão poderoso para resistir e tão soberbo para desejar.

Oh! não, nunca se vira em gente humilde um desejo tão alto, nem tão pouca resignação ao seu destino. Se bem a entendiam, ela queria colher à mão os astros, como se apanham os malmequeres no vargado. Ambiciosa e cobiçada nenhuma o foi jamais como a linda criatura. Mas pobres daqueles que se enamoravam de Marina: ela não lhes dava mais esperanças do que os vaga-lumes dão luz. Se um instante os escutava, dias e semanas fugia até de vê-los. Procuravam-na, espreitavam-na e lá iam encontrá-la nas dunas da costa ou na crista de um rochedo, sozinha e pensativa, como que à espera de embarcação ou de alguém que lhe houvesse prometido entrevista.

Andava cega pelas ondas ou por alguma visão que só a ela aparecia por cima das águas.

— Que será?

E os tinharenses moços a rogar, a implorar-lhe piedade. Porque eles sofriam coitados!, sofriam constante e duríssimo desprezo, que é a maior pena de amor. Se eram bons faziam-se melhores, a fim de merecê-la. Trabalhavam dias inteiros no mato a cortar piaçaba, pelejavam na pesca e marinhagem com borrascas e calmarias. Como eram tidos por famosos indolentes, puniam-se com aturadas labutações; que assim é que eles catavam a confiança das raparigas que

apeteciam por amantes. E todas elas amaram, deram marinheiros ao mar e cultivadores às vargens. Só a caprichosa Marina se recusava à lei da tribo, querendo, pelos modos, imitar a figueira que negou um fruto a Nosso Senhor.

— É uma ovelha brigada com o rebanho...

Assim diziam as outras, não menos escandalizadas pelo contraste de sua vida, sempre ao revés dos gostos, dos sentimentos, do pensar e das maneiras comuns. Quando todas riam, ela se mostrava amuada e triste. Se um temporal sobrevinha, atordoando o morro com o estrépito das vagas, toda a gente se recolhia silenciosa; mas agora é que era ver Marina aos saltos, cantando, rebentando de alegria. Sua voz acrescentava às cantigas mais sabidas umas toadas, uns retornelos de paixão e melancolia estranhas.

— Quem te ensinou essa toada, Marina?

— Foi o mar — respondia.

No meio do canto, repentinamente, calava-se, lançava suspiros à-toa e muitas vezes acabava enxugando os olhos com a teia esparsa dos cabelos.

Assim vivia a desditosa num ansiar sem repouso, abrasada por uma sede sem aplacamento. Vela que transluzisse no horizonte fazia-a cismar como uma estrela que corresse no céu. Barco que aproasse à ilha, esperava-o a pé quedo, no porto, com o coração aos frêmitos. Sumia-se a vela; do barco desciam os costumados, os vulgares tinharenses. Marina voltava, ora triste, morta de tristeza, ora agastada, mais intratável que um bicho. Criam muitos que ela amava, que curtia uma grande paixão de homem desconhecido. A dificuldade estava em explicar-se onde vira esse homem, que ninguém nem por sombra o encontrara naquele monte de terra, cujos habitantes, sem excluir os próprios animais, andavam pisando os mesmos sítios e caminhos.

Um dia, enfim, depois de violenta marulhada, achando-se ela no topo de uma escarpa, de frente para o oceano, alguém se aproximou e pôde ouvir-lhe a súplica inaudita que dirigia às ondas ainda ressentidas da tempestade.

— Mar, ó mar dos golfinhos encantados e das sereias feitiças, que é do meu amado marinheiro, aquele que me prometeste e por quem anseio mais que as tuas ondas? Traze o meu noivo, ó mar querido, que já não tenho suspiros no peito para lhe mandar!...

Desde então, sempre que Marina desaparecia da chã do morro, era certo estar pousada em algum seixal da costa, a falar com o oceano essa língua que só assentava na loucura ou nos lábios cabalísticos de alguma bruxa. Quando subia, era mais muda que as pedras; os olhos semicerrados, fugidos com horror deste mundo, como que os vazara para não ver os pobres colhedores de piaçaba que andaram a ferir os pulsos nas palmeiras de espinho e agora desafogavam o peito em cantigas dolentes, capazes de comover os penhascos.

Enquanto eles padeciam, a visionária sonhava.

Passava dias longos dentro do seu sonho, donde só se desprendia aos primeiros uivos do temporal.

Ei-la de novo a folgar, a cantar e a dançar.

Isso fez compreender aos tinharenses que o marinheiro prometido devia chegar, como as aves da procela, num grande rugeruge de ventania e chuvas. A certeza desse amor agourento e quase fantástico teve a gente do morro uma manhã em que Marina, acordando de bom humor, contou às vizinhas:

— Sonhei que um navio tinha ferrado na costa da ilha. Era todo branco e brilhava como um navio de prata. As velas alvejavam como as roupas do coradouro ao luar. Na proa trazia duas figuras, que eram dois golfinhos de ouro, com as caudas retorcidas voltadas para o céu. Veio de bordo um moço corado e lindo, que parecia mais um príncipe do que um marinheiro, e subindo a este morro, chegou-se a mim e disse: — “Bela menina, há muito tempo que te procuro, saltando de ilha em ilha, de praia em praia, trazido pelas ondas e pelos ventos que me levavam teus suspiros e queixumes. Sabes quem sou? Sou o príncipe dos marinheiros. Aqui estou e venho buscar-te... prepara-te e segue-me, se é do teu agrado”.

E Marina, crente e feliz, pôs-se a girar como o fuso nas mãos da fiandeira.

Entretanto foram correndo as semanas e o marinheiro não chegava, nem com tormenta nem com bonança, em navio de prata ou barco de madeira. Pelas praias e grotas a ambiciosa criatura continuava a penar, a gemer e a exclamar:

— O' mar dos golfinhos encantados e das sereias feiticeiras, que é do meu amado marinheiro, aquele que me prometeste e por quem anseio mais que as tuas ondas?...

### III

Um dia, tendo descido a escarpa do morro, logo às primeiras claridades da manhã, Marina afastou-se até sumir-se, do tamanho de um pássaro, nas areias espessas do litoral. Havia passado um rebojo; aves pesadas sulcavam o céu, baixando às vezes até molhar as penas na espumarada do oceano.

As rochas marinhas, os morretes de pedra verdejavam de camadas de limo que as marés de água viva tinham criado, na conjunção da lua.

A tnhareense demorou-se horas esquecidas, mas quando apareceu não cabia em si de contente. Nas faces de leite coalhado fulgia-lhe uma luz de nácar puríssimo, o cabelo esvoaçava, os olhos dilatados e mais azuis ardiavam em febre de alegria. E ela chilrava como uma andorinha a fazer verão.

— Que viste hoje, Marina?

— Vi o meu amado.

Vira-o de fato. Depois de tanto suspirar, de tanto ansiar, de tanto gemer, o mar lhe mandara o prometido e desejado amante. Não viera em nave de prata nem esquife de madeira: ela o encontrara de súbito, encostado a um morrete verdejante, ao pé da escarpa que se abria em grutas habitadas por aves marinheiras. Belo, feiticeiro, fresco e palpitante como um peixe n'água, tinha o ar de quem dizia: “Pensavas

que eu não vinha, amor? Pois aqui estou”. Era fielmente aquele que ela trazia retratado na mente, — marinheiro e jovem, de cabelos ruivos como as barbas da lagosta, o rosto vermelho da lustrosa cor dos salmonetes, os olhos amorosos, esverdeados, profundos como abismos onde flutuavam as querenas dos seus navios de sonho. Sua voz (ele falou-lhe) era um murmúrio doce e brando, só comparável ao rumor dos mimosos búzios que ela gostava de escutar; seu sorriso (ele sorriu-lhe) deixou-a fascinada com o brilho de escamas dos alvíssimos dentes...

E agora, todas as manhãs, partia Marina do puxado da casa e lá ia esconder-se com a sua felicidade nas grutas mais silenciosas, longe, entre as eriçadas fragas da costa. Passava quase os dias inteiros nesses retiros, em colóquios misteriosos com o noivo, de quem contava maravilhas, o lindo noivo que a enchia de promessas, de carícias e lisonjas, mas que a ninguém aparecia e a quem todos viam somente pelos olhos da encantada criatura.

— Que ele era esquivo, confirmava Marina, mas havia de vir, havia de mostrar-se, e então julgariam do tesouro que as vagas lhe trouxeram.

Supunham-no algum náufrago ou mareante fugido de bordo. Pelos traços que ela dava, seria estrangeiro, vindo por altos mares, dos países desconhecidos e tão remotos que parecem lendas.

Muita moça do morro invejou a estrela da gloriosa tinharensense. Como ela, desejaram ser loucas para ter sonhos de que assim despertassem. Os moços aquietaram-se e perdoaram-lhe o orgulho e os desdêns, porque ela enfim já amava. Os velhos rogavam ao céu pela paz daquele coração que tanta piedade merecia.

Todos os dias estava o noivo para subir ao casalejo, e cada dia se malograva a expectativa dos tinharenses.

Decorreram tempos. Ninguém viu, de longe sequer, o marinheiro de Marina. As raparigas e os homens baldaram passos e tocias; nunca atinaram nem com a gruta onde se refugiavam os felizes amantes.

Já no espírito da gente nascia a suspeita de algum encantamento ou bruxaria, quando de repente se soube que Marina pedira ao casal de velhos um canto da casa de palha para morar com o adventício que viria a desposá-la.

Ela por sua vez fazia aprestos de noivado, dizendo e jurando:

— Está para breve...

De tábuas de pau louro mandou construir um leito sobre quatro toros; de macias flores de macela encheu uma colcha, que estendeu nas tábuas. A mulher que cosia rendas teceu-lhe fronhas para os travesseiros. Marina carregou a areia mais branca da praia e sessou-a numa urupema sobre o chão da camarinha, onde passou a queimar folhas aromáticas de alecrim.

Nada mais faltava para as núpcias, a não ser quem lhes deitasse a bênção.

Num domingo pela manhã foi anunciada a vinda do marinheiro.

— Companheiras, ajudem-me a enramar esta casa para que se torne digna de receber o meu amado.

Vieram do mato braçadas de folhagem fresca, ainda gotejante de orvalho, ramos de murungú que pareciam cobertos de borboletas vermelhas, cachos alvos de ingazeiro, lírios convais e regaços cheios das flores amarelas de S. João.

As moças, amigas de folgar, pregavam palmitos e canas aos portais da casa, e com os cipós floridos das trepadeiras fizeram festonadas, que pendiam das vergas do palhote. O terreiro alastrou-se de conchas e juncou-se de folhas de pitanga. A casa dos velhos parecia um bosque sagrado, todo em flor, para as núpcias de uma ninfa.

Vieram os bons cantores com as violas. Todas as suas mágoas se finaram, por não haver mais coração que disputar. Dentro de poucas horas iam conhecer o ente privilegiado que cativara e possuía o coração arisco da tinharensense.

Assim que o sol abrandou e no céu do morro, azul da cor do seu mar, começaram a desdobrar-se as nuvens róseas e douradas da tarde, Marina, com os cabelos ornados de junquinhos, saiu a correr

pelo trilho escarpado, ao encontro do marinheiro que a esperava ao pé das rochas.

Lá se demorou mais de uma longa hora. Mas com surpresa dos convivas voltou sozinha.

— Teu noivo, Marina?

— Ele aí vem, ele aí vem... Soem as violas, para que haja prazer na volta do meu amado.

As violas soltaram rasgados vivos e estridentes. Pararam. Repetiram as tocatas. E o marinheiro não chegava.

— Ele aí vem... Dancem, companheiras, para que sejam de primor as boas vindas do meu amado.

As moças rodaram como fusos. Cantaram. Sapatearam. E o marinheiro não subia.

Marina tornou a descer, mais rápida que uma andorinha no ar, com o cabelo espalhado a derramar os junquinhos de que se havia engrinaldado para as núpcias.

Desceu e sumiu-se...

Nisto as sombras caíram pesadamente, enrolando-se ao longo da praia. As chuvas do crepúsculo, de róseas fizeram-se roxas, tornaram-se pretas.

Uma vasta mancha negra fechou num capuz o horizonte do morro, e um vento irado, esmigalhando vagas e vagas contra as penhas da costa, ganhou o cimo, passou esmagando as copas das árvores, que se punham a urrar, enquanto os caules das palmeiras gemiam.

Marina não voltava.

Homens e raparigas recolheram-se ao palhote, surpreendidos por essas trevas repentinas e por essa tormenta assombrosa, em que o oceano bramia pelas bocas de milhões de feras assanhadas, que em feras se haviam transformado as ondas.

Marina continuava ausente!

Palmas e ramagens eram arrancadas do terreiro e destruídas, como se lhes tocassem as mãos de iracundos demônios. A casa como que girava num vórtice; as próprias criaturas tinham medo de

ser arrebatadas pelas refregas. Apelos, protestos furiosos articulavam-se no alarido da tempestade. O vento silvava maldições, o mar levantava clamores de vingança. Parecia que todos os gênios marinhos, peixes encantados, sereias, feiticeiras raivosas, acudiam das suas glaucas moradas para impedir a união dos amantes...

Nem Marina, nem o marinheiro!...

Só então se fez a luz sobre o mistério daquele amor desnatural...

— Pai do céu, que horror!

E ao espírito da gente surgiu, mas só então, no seu feitio verdadeiro, aquele que sob as formas enganadoras de homem tinha vindo iludir a ambição da triste e malfadada.

Noivado, se o houve, foi no seio do abismo, no leito frio do mar, donde nunca mais voltou a noiva do golfinho.

In: *A Cidade Encantada*. Bahia: Livraria Catilina, 1919. 220 p.

Xavier Marques (Itaparica, BA, 1861 — Salvador, BA, 1942).

Obras, entre outras: *Jana e Joel* (1899); *A boa madrasta* (1919); *As voltas da estrada* (1930).

## COLEÇÃO NORDESTINA

**01. Joaquim Nabuco: Abolição e a República**

Manuel Correia de Andrade  
Universidade Federal de Pernambuco  
Editora Universitária – UFPE

**02. Flor de romances trágicos**

Luís da Câmara Cascudo  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN

**03. A Ciência e os sistemas**

Pedro Américo  
Universidade Federal da Paraíba – Editora Universitária – UFPB

**04. História da minha infância**

Gilberto Amado  
Universidade Federal de Sergipe – Editora UFS

**05. Cancioneiro geral**

Martins Napoleão  
Universidade Federal do Piauí – EDUFPI

**06. Cartas literárias**

Adolfo Caminha

Universidade Federal do Ceará – Editora UFC

**07. Imagens de um tempo em movimento: Cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)**

Maria do Socorro Silva Carvalho

Universidade Federal da Bahia – EDUFBA

**08. Canais e lagoas**

Octávio Brandão

Universidade Federal de Alagoas – EDUFAL

**09. Cordéis**

Patativa do Assaré

Universidade Federal do Ceará – Editora UFC

**10. Frei Caneca: Acusação e defesa**

Socorro Ferraz (organizadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Editora Universitária – UFPE

**11. Zé Limeira: O poeta do absurdo**

Orlando Tejo

Universidade Federal da Paraíba – Editora Universitária – UFPB

**12. Gregório de Mattos: Um código setecentista inédito**

Fernando da Rocha Peres e Sílvia la Regina (organizadores)

Universidade Federal da Bahia – EDUFBA

**13. Os índios Tupi-Guarani na Pré-História, suas invasões do Brasil e o Paraguai, seu destino após o descobrimento**

Moacyr Soares Pereira

Universidade Federal de Alagoas – EDUFAL

**14. Macau**

Aurélio Pinheiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN

**15. Os portugueses no Brasil**

Felisbelo Freire

Universidade Federal de Sergipe – Editora UFS

**16. Cancioneiro geral – Volume 2**

Martins Napoleão

Universidade Federal do Piauí – EDUFPI

**17. O conto em 25 baianos**

Cyro de Mattos (organizador)

Universidade Estadual de Santa Cruz – EDITUS

**18. Antecipações**

Gilberto Freyre

Universidade de Pernambuco – EDUPE

**19. Naufrágio & prosopopea**

Afonso Luiz Piloto e Bento Teyxeyra

Universidade Federal de Pernambuco

Editora Universitária – UFPE

**20. Horto**

Auta de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN

**21. Apontamentos de folclore**

Frederico Edelweiss

Universidade Federal da Bahia – EDUFBA

**22. Maceió de outrora**

Félix Lima Júnior (organizadora: Rachel Rocha)

Universidade Federal de Alagoas – EDUFAL

**23. José Lins do Rêgo: Modernismo e Regionalismo**

José Aderaldo Castello

Universidade Federal da Paraíba – Editora Universitária – UFPB

**24. Delírio da solidão**

Jáder de Carvalho

Universidade Federal do Ceará – Editora UFC

**25. A Escrita da História na Casa de Sergipe (1913/1999)**

Itamar Freitas (organizador)

Universidade Federal de Sergipe – Editora UFS

**26. O Catolicismo no Brasil: Um campo para a pesquisa social**

Thales de Azevedo

Universidade Federal da Bahia – EDUFBA

**27. Contos**

Adolfo Caminha

Universidade Federal do Ceará – Editora UFC

**28. O Bangüê nas Alagoas: Traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional**

Manuel Diégues Júnior

Universidade Federal de Alagoas – EDUFAL

**29. Nossa Senhora dos Gurarapes**

Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

**30. História do Modernismo em Alagoas**

Moacir Medeiros de Sant'ana

Universidade Federal de Alagoas – EDUFAL

**31. Economia pernambucana no Século XVI**

Manoel Correia de Andrade (apresentação: Sylvana Brandão)

Universidade Federal de Pernambuco – Editora Universitária – UFPE

**32. O Príncipe de Joinville na Bahia, na Ilha de Santa Helena e no Golfo da Guiné**

Waldir Freitas Oliveira Amigo

Universidade Federal da Bahia – EDUFBA

**33. Dias e noites**

Tobias Barreto (organizador: Luiz Antonio Barreto)

Universidade Federal de Sergipe – Editora UFS

**34. Aves de arribação**

Antônio Sales

Universidade Federal do Ceará – Editora UFC

**35. Memórias: Antes que me esqueça**

José Américo de Almeida

Universidade Federal da Paraíba – Editora Universitária – UFPB

**36. Termos tupi na geografia de Sergipe**

Armindo Guaraná (organizadores: Francisco José Alves, Amâncio Cardoso e José Araújo Filho)

Universidade Federal de Sergipe – Editora UFS

# ANTOLOGIA PANORÂMICA DO CONTO BAIANO — SÉCULO XX —

Adonias Filho	Helena Parente Cunha
Afrânio Peixoto	Hélio Pólvora
Alberto Rabelo	Herberto Sales
Aleilton Fonseca	Ildásio Tavares
Álex Leilla	James Amado
Almachio Diniz	João Carlos Teixeira Gomes
Amélia Rodrigues	João Ubaldo Ribeiro
Antônio Torres	Jorge Amado
Aramis Ribeiro Costa	Jorge Medauar
Ariovaldo Matos	Luís Henrique Dias Tavares
Carlos Ribeiro	Maria da Conceição Paranhos
Cyro de Mattos	Mayrant Gallo
D. Martins de Oliveira	Nelson Gallo
Dias da Costa	Noênio Spínola
Elieser César	Pedro Calmon
Elvira Foeppe	Ricardo Cruz
Euclides Neto	Ruy Espinheira Filho
Flávio Costa	Sônia Coutinho
Gláucia Lemos	Waldir Freitas Oliveira
Guido Guerra	Vasconcelos Maia
	Xavier Marques

ISBN 857455060-4



9 788574 550602